

# A Jornada de Luíza



Wanda de Assumpção

©2001-2007 Wanda de Assumpção

Dedico esta história à

**Professora Jessy Mattos de Assumpção**

cuja vida de serviço e amor aos seus queridos e ao seu Deus  
me inspirou ao longo destes anos em que temos convivido  
como nora e sogra.

## *Sumário*

1. Na Escola Normal da Praça da República .....	4
2. Um Domingo Especial.....	13
3. Reviravoltas.....	22
4. Um Novo Rumo.....	42
5. Eu Sou do Meu Amado e Ele É Meu.....	65
6. Até ao Cafundó-do-judas.....	74
7. Nova Vida.....	87
8. Não Sou Teimosa!.....	99
9. A Seara do Senhor.....	115
10. Sementes de Discórdia.....	130
11. Acaso Não Há Bálsamo em Gileade?.....	151
12. Até quando, Senhor?.....	169
13. De Onde Vem o Meu Socorro.....	182
14. Aqueles Que Esperam no Senhor.....	194

*Na Escola Normal da Praça da República*

Enquanto o bonde descia com leves solavancos a rua da Liberdade, Luíza, cenhos cerrados e expressão concentrada, tentava ler as anotações do caderno que mantinha aberto sobre os joelhos. O tranco da parada no ponto seguinte fez com que seu material escolar se esparramasse pelo chão. Com um pequeno gesto de impaciência, a moça olhou para fora, fechou o caderno que lia e abaixou-se para apanhar o que havia caído ao chão.

Com seu conjunto azul-marinho de normalista realçando o corpo esbelto, Luíza chamou a atenção dos outros passageiros, acostumados à presença das mocinhas trajando o uniforme da Escola Normal da Praça. Cabelos escuros e lisos emoldurando um rosto oval fino e expressivo e uma boca fina bem desenhada completavam as feições atraentes. Um rapaz, pressuroso, abaixou-se a seu lado para ajudá-la.

-- Deixe que eu pego seu estojo. Olhe, o lápis rolou para baixo do banco de trás. Espere um pouco que vou buscá-lo.

-- Ora, não se incomode -- falou Luíza. -- Pode deixar que eu mesma pego.

-- Não custa nada -- redarguiu o rapaz, que já estava de quatro ao lado do banco de trás, passando a mão pelo chão do bonde. -- Ah, aqui está.

Luíza pegou o lápis e guardou no estojo. Percebendo que o bonde já fazia a curva na Praça João Mendes para chegar ao ponto final, ela se voltou para o rapaz, que continuava em pé ao seu lado e falou:

-- Olhe, muito obrigada...

O olhar francamente apreciador com que o rapaz a fitava fez com que um calor lhe afogueasse o rosto, suscitando sorrisos dos passageiros mais próximos. Uma senhora deu uma leve cotovelada na outra que estava a seu lado, e as duas cochicharam alguma coisa, que parecia engraçada, a julgar pelo olhar e pela risadinha que trocaram. Luíza não achou graça. Endireitou-se e, voltando-se para o rapaz, ergueu o queixo levemente, dizendo com um arzinho de desafio:

-- Você foi muito gentil. Até logo.

Com isso, desceu do bonde que acabara de encostar no ponto final. Estava na praça da Sé, diante do marco do centro da cidade de São Paulo. Era defronte àquele marco, que sustentava o grande relógio, quase na esquina em que começava a Rua Direita, que ela sempre aguardava as colegas com quem percorria todos os dias o trajeto até a escola.

Ajeitando os cadernos no braço esquerdo, ela correu os olhos pela praça circular à frente da catedral. Os raios luminosos do sol matinal se derramavam qual ouro líquido pelas folhas pontiagudas dos bastões-de-bispo que, transformadas em espadas cintilantes, pareciam erguidas em riste contra a névoa delicada que ainda pairava no ar mas que já ia batendo em retirada. Um bem-te-vi, empoleirado no galho de um frondoso manacá-da-serra, estufou bem o peito e lançou ao ar seu canto atrevido: "Bem-te-viiii! Bem-te-vii!"

Luíza voltou-se na direção do trinado e deu de cara com o moço do bonde, parado diante da escadaria da igreja, olhando em sua direção. A moça desviou rapidamente o olhar. Não queria que ele pensasse que estava interessada em continuar o início de conversa travada no bonde. Não que ele não fosse bem simpático. Mas Luíza parecia ouvir a voz de sua mãe retinindo em seus ouvidos: "Moça fina não conversa com rapazes estranhos. Ponto final." A mãe de Luíza tivera uma educação muito rígida e passava muitos dos conceitos que aprendera como mocinha às filhas, que sempre protestavam: "Mas, Mamãe, a senhora se casou com dezesseis anos! Se vivêssemos no seu tempo, já seríamos irremediavelmente solteironas."

Entretanto, apesar de sempre protestar, Luíza achava difícil contrariar a mãe. E as poucas vezes em que havia teimado, logo se arrependera. As coisas sempre acabavam provando que a mãe tinha razão. Mesmo assim, tentou espichar uma olhadela para o lado da escadaria sem voltar a cabeça. Será que o rapaz ainda estava lá?

-- Luíza!

O chamado distraiu a moça de sua intenção, e ela se voltou para cumprimentar a dona da voz.

Carmem e Antonieta desciam do bonde à sua frente, cadernos em punho, bolsa pendurada a tiracolo. A boina de Carmem estava mal presa e caída para um lado, dando-lhe um ar brejeiro, que correspondia exatamente à expressão do rosto daquela jovem de cabelos crespos e pretos, nariz afilado e uma covinha funda no rosto, ao lado da boca que curvava para cima mesmo quando ela não estava rindo.

Já Antonieta era séria. Seu uniforme era imaculado, os cadernos encapados, os cabelos presos tão firmemente que nem um fio escapava ao coque severo que, contudo, lhe conferia uma expressão clássica e bela. Sim, Antonieta era bela, talvez a mais bonita das três. Luíza admirava a amiga e até a invejava um pouquinho, para falar bem a verdade.

As duas recém-chegadas começaram a falar ao mesmo tempo, contando as últimas notícias.

-- Calma, calma. Uma de cada vez -- falou Luíza rindo, enquanto as três se punham a andar pela Rua Direita rumo à Escola Normal da praça da República.

-- Se eu não falar logo, morro! -- declarou Carmem enfaticamente. -- Sabe quem me convidou para estudarmos juntos? O Flávio!

Virando a cabeça de lado, ela ficou esperando a reação das outras. As expressões de espanto que viu aparentemente satisfizeram seu desejo de impressionar, e ela continuou andando sem nada dizer.

-- Ah, é, pensa que vai falando as coisas e ficando por isso mesmo? -- protestou Antonieta. -- Desembuxe, vamos! Como foi que isso aconteceu?

Carmem deu mais alguns passos com o nariz espetado no ar.

Luíza a alcançou e segurou-lhe o braço.

-- Vá tratanto de contar, mocinha. Se não falar, não dou mais nem um passo.

-- Tchau -- foi a resposta de Carmem, que prosseguiu caminhando rapidamente. Mas, sem conseguir se dominar mais tempo, voltou-se para as duas que estavam paradas no meio da calçada e começou a despejar toda a história.

-- Vocês nem imaginam! Eu estava saindo da biblioteca ontem, preocupada com o exame de Português, quando....

E a conversa foi indo, tão animada, que as três nem sentiram a caminhada que as levou pelo Viaduto do Chá e a rua Barão de Itapetininga até a Praça da República, onde ficava a majestosa e afamada Escola Normal.

Subindo as escadas que as levaria ao piso superior, as três entraram na classe quase junto com o professor e se ajeitaram depressa em suas carteiras, que ficavam lado a lado. Ia ser um dia bem atarefado. O professor Napoleão, que daria a primeira aula daquele dia, era muito exigente quanto à pontualidade. Nenhum aluno se atrasava quando ele dava a primeira aula.

Nesse dia, depois de fazer a chamada, ele passou aos alunos uma tarefa que os deixaria ocupados todo o período da aula.

-- Hoje vocês vão escrever uma redação. O título é: Porque desejo ser professor ou professora. Quero argumentos bem delineados, não opiniões ou impressões. Não se esqueçam de tudo o que temos falado. Gramática correta é essencial, mas a nota não será dada pela gramática, e, sim, pelo todo. Podem começar.

Houve um zum-zum-zum na classe, enquanto os alunos apanhavam o caderno de rascunho, lápis e se ocupavam com outras atividades, protelando um pouco aquele doloroso momento do encontro do lápis com o papel. Alguns fitavam o ar, outros tinham a testa enrugada de contrariedade com aquela tarefa difícil, outros coçavam a cabeça. Alguns, mais resignados, estavam começando a rabiscar alguma coisa. Só Carmem parecia feliz com as instruções do mestre. Seu lápis deslizava pela folha, formando letras redondas e uniformes, enchendo linha após linha sem esforço.

Luíza fitou a amiga, que nem se deu conta disso, depois olhou para Antonieta, que espetava o coque com o lápis, os olhos perdidos no céu azul refletido na parte superior da janelona que ficava ao lado de sua carteira. Luíza sabia que Antonieta não gostava de escrever, ao contrário de Carmem, que só tirava notas ótimas em Português. Aliás, em todas as matérias. Carmem era considerada a primeira aluna da classe. E para isso ela se esforçava, tinha de admitir Luíza. *Muito mais do que todas nós, pensou. Mas, que recurso. É tratar de fazer alguma coisa que preste para tirar nota.*

Com um suspiro resignado, Luíza pôs-se a escrever. Pelo menos a aula seguinte seria com o professor Lourenço Filho, que era sempre uma atração especial para suas alunas. Recém-formado, bonitão, ele arrancava suspiro das mocinhas. Os colegas do sexo masculino respeitavam muito o professor Lourenço, mas diziam que não conseguiam ver nada de especial nele. Obviamente, as colegas não concordavam!

No fim das aulas, as três amigas saíram juntas da escola, tagarelando animadamente como sempre, refazendo o percurso da manhã, voltando à Praça da Sé, onde tomariam o bonde que as levaria para casa. Assim que deixaram a praça e entraram na rua Barão de Itapetininga, passou por elas uma colega que nunca abria a boca durante as aulas. Só se sabia dela que tinha vindo do interior do estado e morava numa pensão perto da rua da Liberdade. Seu nome era Ana.

Os passos apressados de Ana logo deixaram as outras para trás.

-- Que menina mais antipática! -- exclamou Carmem assim que a outra se distanciou além do som de sua voz. Mesmo assim, Antonieta tentou silenciá-la:

-- Psiu, Carmiu. Não diga isso. Ela pode escutar.

-- Pois que escute! Não me importo. Nunca vi ninguém como ela. Passa pela gente de nariz para cima e não fala nada. Isso é falta de educação.

Luíza, que ouvia as amigas, abanou a cabeça indecisa:

-- Não acho que ela seja antipática. Parece mais tímida.

Carmem não se deu por vencida:

-- Isso é timidez?

-- Não estou dizendo que seja, só que pode ser -- retrucou Luíza. -- Muita gente acha que minha irmã é antipática, mas quem a conhece sabe que ela sofre com a timidez que a faz fugir das pessoas com quem gostaria de conversar.

-- A Alice é tímida? -- perguntou Carmem, arregalando os olhos com exagero.

As três caíram na risada. Conheciam Alice, a espevitada e falante irmã mais velha de Luíza.

-- Não, sua boba! -- veio a resposta. -- Estou falando da Joana.

-- Ah, bem.

-- Mudando de assunto, -- interrompeu Antonieta -- como se saíram na redação de hoje?

-- Eu inventei, de fio a pavio -- foi a resposta pronta de Luíza enquanto se abaixava para dar um piparote na barra da saia, que estava dobrada para cima.

-- Eu só falei o que sempre pensei -- contraveio Carmem. -- Não consigo me lembrar de quando não quis ser professora. Foi fácil escrever a respeito.

-- Para mim, não -- falou Luíza.

-- Você não quer ser professora? -- indagou Carmem surpresa.

-- Acho que agora, sim. Mas não quando comecei o curso. Eu sempre quis ser médica. Um dos meus irmãos estuda medicina e eu também queria. Mas Mamãe diz que isso não é trabalho para mulher. Como as minhas duas irmãs já estavam fazendo o Normal, não tive muita escolha. Mas agora já me acostumei com a idéia e gosto do curso. E, se não posso ser médica, ser professora é a melhor coisa que posso fazer.

-- É, isso mesmo -- afirmou Antonieta energicamente. -- Assim, quando algum aluno abusar sua paciência, você pode fazer picadinho dele, e depois costurar tudo de novo para ninguém notar.

-- Você sabe que sou brava -- redargüiu Luíza. -- Comigo, não vai ser preciso chegar a esse extremo. Aluno que piar, leva.

As outras duas se entreolharam e, com uma piscadela conspiratória, agarraram a cintura da amiga e saíram correndo e arrastando-a consigo.

-- Ai, "fessora"! Piu-piu-piu. O que vai fazer com a gente?

Luíza, rindo, se deixou arrastar. Os transeuntes as olhavam e abanavam a cabeça, como que dizendo: "Essas normalistas! E pensar que logo serão as professoras dos nossos filhos..." As três estavam quase sem fôlego quando chegaram ao ponto do bonde.

\* \* \*

A noite caíra sobre a cidade. Embora fosse apenas finzinho de maio, a friagem penetrava no casarão da rua Nilo, no bairro do Paraíso, após o pôr-do-sol. No grande banheiro, Luíza, Alice e Joana, as três filhas de Seu Paulo e Dona Cecília, sentadas em banquinhos de madeira, mergulhavam os pés numa bacia de água quente. Era o costumeiro "escalda-pés" que as reunia todas as noites frias. Depois que os pais e os irmãos já se haviam deitado, uma delas apanhava a grande chaleira que ficava desde a hora de jantar sobre a boca de trás do fogão de lenha, e despejava água quente na bacia usada para o banho do último bebê nascido na família, e que agora, já que a caçulinha estava com quase sete anos, ficara semi-aposentada.

A mãe lhes ensinara aquele costume. Embora fosse uma senhora muito exigente, Dona Cecília era para as filhas o ideal de beleza e sabedoria prática. Vinda de família abastada, era uma pianista de alto calibre e fora criada para ser um bibelô de salão. Entretanto, apaixonara-se por um homem trabalhador que, embora estivesse bem de vida, não podia dar-lhe o luxo a que estivera acostumada. Dona Cecília, desde que as filhas a conheciam, vivia trabalhando, criando a filharada que Deus lhe dera, mas sempre muito elegante. Mesmo os mais íntimos da casa nunca a viam de chinelo e roupão. Já se levantava vestida, de colar e brincos de pérola, vestido de seda e sapato de salto.

Ela presidia a todos os trabalhos da casa, auxiliada por Nilo, um mocinho que o marido encontrara abandonado quando pequeno, e que se apegara à família com toda a devoção de sua alma. Nilo tinha certas limitações mentais, mas muita disposição para o trabalho e uma dedicação à toda a prova pela meninada. Quanto aos sentimentos que nutria pelos pais adotivos, não deixava dúvidas: ele os venerava. Recebera o nome da rua onde fora abandonado e onde viveu até entrar para a família de Seu Paulo. Embora contasse com a ajuda de Nilo para os serviços mais pesados, Dona Cecília não se eximia de ir para o tanque, esfregar, coarar e pendurar toda a roupa que a família usava. Lençóis alvíssimos, balouçando ao vento, testemunhavam o capricho e operosidade daquela senhora elegante.

A mesma severidade que tinha para consigo ela transmitia aos filhos. Não admitia filho preguiçoso, que não cumprisse seus deveres. Na casa, cada um deles tinha uma obrigação, além dos estudos que, para os pais, era a prioridade incontestável.

Entretanto, nunca Dona Cecília exigia dos filhos mais do que eles pudessem fazer, e fazia questão de ensinar-lhes coisas práticas que lhes iriam ser muito úteis mais tarde na vida. Luíza e as irmãs eram habilidosas na cozinha e nas diversas tarefas dos cuidados da casa, atentamente supervisionadas pela mãe. A moçada toda, três filhos e quatro filhas, fazia com que a casa vivesse em perene alvoroço. Na sala de jantar, onde pesados móveis de embuia cobertos por tampos de mármore se refletiam no assoalho brilhante, dominava a longa mesa em torno da qual todos se assentavam para o almoço e o jantar ou o ajantarado das tardes de domingo. Seu Paulo, sentado à cabeceira, servia alguns dos pratos mais próximos, que Dona Cecília depois complementava e passava a cada um dos filhos e aos sempre presentes hóspedes: amigos dos filhos, pessoas relacionadas aos negócios da serraria de Seu Paulo, amigos da igreja. A mesa farta sempre abrigava mais uma ou duas pessoas, que se sentiam privilegiadas de participar não só da refeição como também do aconchego daquela família alegre e unida.

Os escalda-pés se tornaram uma tradição da família Matoso e era uma das coisas que mantinha tão unidas as irmãs. A mãe lhes ensinara aquele ritual com a idéia prática de ajudá-las na hora de entrar debaixo das cobertas e enfrentar os lençóis gelados, pois dizia que pés quentes aquecem o corpo todo e aquecer os pés antes de se deitar era muito melhor do que colocar um tijolo aquecido entre as cobertas, como era o costume de muita gente. Entretanto, o conforto que a mãe tencionara para as filhas ficava em segundo lugar com relação às conversas gostosas que elas travavam com os pés mergulhados na água quente. Quando a temperatura da água caía e a chaleira se esvaziava, era hora de ir para a cama.

Naquela noite, a conversa estava tão animada que elas nem perceberam a água ir esfriando até que arrepios de frio as obrigaram a se enxugar depressa antes de ir tiritando para a cama.

-- Gente, vamos tratar de dormir senão amanhã vai ser difícil levantar -- falou Luíza. -- E tenho de chegar mais cedo à igreja, porque estamos ensaiando um hino especial.

Alice resmungou:

-- Só você, Luíza! *Nós* não precisamos levantar mais cedo.

-- É mesmo -- concordou Joana. -- Eu bem que gostaria de ainda estar cantando no coro, mas este semestre não está dando.

Luíza voltou-se para a irmã, uma morena baixinha cujos cabelos negros estavam presos em longa trança que lhe caía pelas costas, e falou em tom de censura:

-- Não está cantando porque não quer! --

Antes que Joana pudesse protestar, Alice interveio:

-- Não amole a Joana, Luíza. Nem todo mundo precisa fazer tudo o que você faz na igreja.

-- Não estou falando que precisa. Eu faço porque quero. Mas não participar de algum trabalho só porque algum mocinho bonito não quer é besteira. Eu é que não toleraria isso. Em mim, ninguém manda!

Joana olhou para a irmã com uma expressão tão aflita que Luíza amoleceu:

-- Desculpe, maninha -- disse ela, abraçando a irmã. -- Sei que você gosta dele. Só não gosto do jeito como ele manda em você.

Agora Joana reagiu sem demora:

-- Mandar, não manda, não! Eu é que gosto de fazer o que ele quer.

Luíza deu de ombros, como que a dizer: Dá na mesma. O argumento, entretanto, parou por ali. Elas podiam ter lá suas divergências, mas quando a coisa ficava preta para alguma delas, podia contar com o apoio incondicional das outras duas. De alguma forma, contudo, Joana parecia a mais vulnerável das três e as outras duas estavam sempre preocupadas em protegê-la.

A voz rouca de sono de Nilo, no lado de fora da porta, surpreendeu as moças:

-- Vamo drumi, mininada. Amanhã tem igreja cedinho!

Baixinho, para não acordar ninguém, Luíza respondeu:

-- Já estamos indo, Nilo. Pode ir deitar. Boa noite!

-- Boa noite.

### *Um Domingo Especial*

Os primeiros raios do sol naquela manhã de domingo não pegaram todos dormindo no casarão da rua Nilo. Um rolo de fumaça azulada subia da chaminé sobre o grande fogão de lenha, onde já começava a chiar a água da enorme chaleira preta que, naquele momento, fora promovida ao buraco da frente para maior rapidez no preparo do café. No segundo buraco, o leite quase a ferver na leiteira de alumínio exalava um cheirinho delicioso . Enquanto vigiava a leiteira para evitar que o leite derramasse, Nilo ajeitava na trempe o coador de pano sobre o bule vermelho de ágata que esperava, de tampa aberta, o café escuro que logo iria enchê-lo até a boca.

Ruídos leves e abafados na sala de jantar indicavam que Dona Cecília já estava em pé, arrumando a mesa para a refeição matinal. Assim que sentisse o cheiro do café, ela iria até a cozinha com a pequena bandeja forrada por uma toalhinha de crochê, na qual já estavam arrumadas as duas xícaras de porcelana azul que ela encheria com o líquido escuro e doce e levaria ao quarto do casal para tomar junto com o marido.

Entretanto, naquele domingo, quando Luíza, que se levantara bem cedo, chegou à sala de jantar, foi encontrar Dona Cecília absorta diante da janela que dava para o nascente, a mão crispada afastando para um lado a cortina de renda, os olhos perdidos nos tons rosados que pincelavam o azul-acinzentado do céu. Lágrimas lhe escorriam livremente pelas faces, brilhando à luz que vinha de fora.

Luíza, que nunca via a mãe parada, muito menos chorando, hesitou, sem saber o que fazer. Adiantando-se devagar, colocou de leve a mão sobre o ombro da senhora.

Com um gesto desolado, Dona Cecília largou a cortina, que se fechou suavemente, enxugou as lágrimas com as costas da outra mão e deu um sorriso triste à filha.

-- Mamãe, é por causa do Mário?

A mãe assentiu com a cabeça, sem conseguir emitir som algum.

Já fazia alguns anos que o casal perdera o filho mais velho, vítima da tuberculose. Mário, um rapaz alto e moreno, cursava o último ano da Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro ao ser ceifado pela morte. A dor daquela perda havia apanhado a enérgica Dona Cecília desprevenida. Embora aparentemente se tivesse recuperado antes do marido, que ficara prostrado por bom tempo após a morte do primogênito, ela vinha ultimamente sonhando que o filho ainda estava vivo e quando acordava, a dura realidade a golpeava com a realidade brutal da perda. Sonhara com ele novamente durante a noite, e a tristeza e as saudades agora a sufocavam.

Luíza, com o coração confrangido ao ver tanta dor no rosto da mãe, abraçou-a. Dona Cecília aceitou o agrado por uns instantes, mas logo se refez e afastou-se de Luíza. Todos sabiam que ela não era dada a afagos. Luíza não tentou retê-la mais tempo. Apanhando a bandeja que estava pronta sobre a mesa, Dona Cecília dirigiu-se à cozinha. Parecia dona de si novamente. Mas Luíza não se deixou enganar. Testemunhara a dor profunda na vida da mãe, dor essa que lhe vincava o rosto ainda liso e entremeava de prata os cabelos castanhos. E agora sentia um grande peso no coração. Como gostaria de apagar o sofrimento que vira no rosto da mãe!

Entretanto, não havia nada que pudesse fazer, a não ser evitar causar-lhe outros sofrimentos. Luíza se lembrou com remorsos da sua teimosia poucos dias antes, e de como a mãe se aborrecera com ela. Havia sido realmente uma bobagem, uma vontade irresistível de, uma vez que fosse, fazer o que lhe desse na telha. Sem perguntar à mãe, pois sabia que receberia um não, Luíza mandara cortar os cabelos bem curtos, *a la garçonne*, como estava na moda entre as normalistas. Assim que sentiu o frio da nuca descoberta, Luíza sentiu também um frio no estômago, mas era tarde demais. Só lhe restava enfrentar as conseqüências da decisão impensada.

Ao chegar em casa, quis dirigir-se diretamente ao quarto e esconder-se lá, mas a mãe a chamara para ajudá-la, como era seu costume, e Luíza não tivera outro jeito senão apresentar-se, tosada como estava. A expressão no rosto da mãe foi algo que Luíza nunca esqueceria, mas o pito que a moça esperava e temia não veio. Dona Cecília apenas suspirara e dissera um "Ah, filha!" tão dolorido que cortou o coração de Luíza. Imediatamente, ela tentara abraçar a mãe e pedir perdão, mas Dona Cecília a segurara com firmeza a certa distância e, olhando bem em seus olhos, lhe dissera: -- Sabe, filha, é melhor a gente pensar bem antes de fazer alguma coisa que vai entristecer as pessoas a quem amamos do que ter de pedir perdão depois.

*Por que fui fazer essa bobagem e causar tristeza à Mamãe?* perguntou-se Luíza mais uma vez desde aquele dia. Vagamente, ela entendia que seu gesto de desafio, de rebeldia, estava de certa forma ligada ao fato de não ter podido estudar medicina. Obedecera aos pais, mas no fundo do coração havia uma ponta de tristeza, um leve ressentimento. *Se eu não fosse mulher poderia ter estudado o que quisesse*, pensara muitas vezes. E sempre que pensava isso ficava com vontade de brigar com alguém. Dessa vez, cedera ao impulso e agora tinha de arcar com as conseqüências. E a desaprovação da mãe doera mais do que ela imaginava possível. Reconhecia agora que sua teimosia fora, afinal, um gesto vazio que a deixara com um gosto azedo na boca.

Com um suspiro, Luíza dirigiu-se à cozinha para tomar um café simples antes de se aprontar. Seu devaneio levava diversos minutos e agora teria de correr para compensar o tempo perdido. Enquanto bebia em pé mesmo uma caneca de café com leite, ouviu o resto da família despertar e iniciar a perene disputa pelo banheiro.

\* \* \*

Apesar do atraso, Luíza foi a primeira a se aprontar e sair de casa naquela manhã, pois teria de chegar mais cedo à igreja. Como fazia parte do coro, ia sozinha antes dos outros, que se amontoavam no carro do pai. Às vezes, algum dos rapazes acabava se atrasando ou sobrando e indo de bonde. Eles estavam naquela idade em que preferiam subir a ladeira que os levaria ao ponto do bonde a ficar espremidos no meio das irmãs. Sentiam-se mais independentes indo por conta própria.

Dona Cecília nunca ia de manhã. Ela e Nilo ficavam em casa, cuidando do almoço que era servido assim que a família e sempre um ou mais convidados chegavam da igreja. Ao culto da noite ela nunca faltava, pois era a organista e sabia que o Rev. Dick contava com ela para a parte musical da liturgia.

Quando Luíza desceu do bonde quase na frente da igreja aquele domingo, ouviu o som de vozes cantando.

"Nossa, estou atrasada", gemeu, apertando os passos.

Chegando ao salão de ensaios, deslisou silenciosamente entre os bancos até seu lugar, começando a cantar antes mesmo de abrir o hinário. Dona Margarete, a regente, fingiu que não viu. Embora as outras coristas considerassem a regente implicante, Luíza gostava de Dona Margarete. Só não queria incorrer nas carraspanas que ela sabia tão bem passar. Bastava lembrar o que havia acontecido quando ela e Alice apareceram na classe das moças da escola dominical, cuja professora era a mesma Dona Margarete, de cabelos curtos. Luíza já se sentia mal, porque achou que Alice havia seguido seu exemplo, embora a irmã protestasse que ela é quem tinha tido a idéia primeiro. Dona Margarete dissera na frente de toda a classe que Alice e Luíza estavam ficando muito mundanas e que as outras não deviam seguir seu exemplo. Alice ficou furiosa com a professora e nunca mais voltou à classe das moças, apesar das exortações da mãe e do pai. Essa era a Alice. Luíza também se zangou com a professora e chegou a se afastar da escola dominical, mas acabou voltando. E a professora nunca mais mencionou o assunto.

Por ainda estar zangada com Dona Margarete, Alice deixou também de cantar no coro. Mas do coro Luíza não se afastou, nem quando estava zangada com a regente. Gostava de cantar, gostava de fazer parte do coro. Além do mais, gostava do convívio que os ensaios proporcionavam com outros jovens da igreja. Os ensaios da manhã de domingo eram rápidos e sempre dava um tempinho de conversar na frente do templo antes de ser formada a fila para entrar.

No culto daquela manhã, o coro iria cantar um hino tradicional, a quatro vozes. Os baixos, como de costume, erraram diversas vezes a entrada do estribilho. Dona Margarete foi paciente. Enquanto ela passava mais uma vez a parte dos baixos, os outros coristas aproveitaram para pôr em dia as novidades, mas muito baixinho. Ai de quem perturbasse a regente!

Quando Dona Margarete se deu por satisfeita e encerrou o ensaio, o grupo de mulheres se dividiu. As senhoras, algumas já mais idosas, dirigiram-se tranqüilamente ao pátio que ficava na frente da igreja. As mocinhas se aglomeraram em torno de Arcília, uma loirinha falante, cujos olhos brilhantes praticamente dançavam no rosto de comoção contida.

-- Eu vi, eu vi! Ele é lindo, um rapagão! -- exclamou ela para quem quisesse ouvir.

-- De quem ela está falando? -- perguntou Luíza à corista mais próxima.

-- Você não 'tá sabendo? -- foi a resposta. -- O Reverendo convidou um pastorzinho recém-formado para pregar hoje. E estão dizendo que ele é lindo!

-- Pastor, ein? Podem ficar com ele. De pastor, não quero nem saber.

-- Nem que ele tenha olhos azuis e cabelos loiros ondulados, Luíza? -- revidou a outra com um arzinho malicioso.

Luíza não titubeou.

-- Nem coberto de ouro da cabeça aos pés. Não tenho vocação para mulher de pastor. Credo! Pastor é sempre pobre, além de ter de agüentar todos os crentes pensando que mandam nele e na família dele...

-- Olhe aqui, Luíza. Não precisa ficar toda abespinhada -- interrompeu a amiga. -- Ninguém vai fazer você casar com pastor. Além disso -- acrescentou suspirando, -- ele provavelmente nem vai olhar para nós.

Enquanto esperava na fila que entraria pela porta da frente, Luíza, apesar de todos os protestos, não conseguiu evitar a curiosidade com relação ao visitante. Quando ouviu passos atrás de si, voltou-se e deu com o simpático pastor da igreja, um missionário americano havia muito radicado no Brasil, acompanhado de um moço alto e esbelto. A expressão séria no rosto bonito do moço denunciava certo nervosismo, e a mão direita, que segurava uma Bíblia de capa preta, ele apertava fortemente contra o peito, como que para impedi-la de tremer.

Quando os dois passaram por Luíza, os olhos distraídos do rapaz se cruzaram com os dela e se detiveram por um instante. Como se um choque a tivesse atingido, a moça sentiu uma vibração eletrizante da cabeça aos pés. Foi apenas um segundo. Luíza, entretanto, sabia que nunca esqueceria aquele olhar.

-- O nome dele é Carlos. Família do interior. Da igreja presbiteriana. -- As informações picadas iam sendo fornecidas por Arcília e passadas de boca em boca.

Luíza, ainda não refeita do choque, guardou silêncio. Arcília notou e arreliou a amiga:

-- E aí, Luíza? Ainda não quer saber de pastor?

Luíza sacudiu energicamente a cabeça, como que para pôr em ordem seus pensamentos confusos. Por isso, só pôde responder:

-- Nem coberto de ouro!

\* \* \*

Embora o culto daquela manhã não fosse mais solene do que o normal, Luíza sentiu-se tocada de maneira especial por cada um de seus atos: a leitura bíblica, as orações, os hinos e a pregação. O jovem pastor foi apresentado à congregação pelo Rev. Dick.

-- Há ocasiões na vida que muito nos emocionam, e esta é uma delas. O Rev. Carlos Augusto Alves é filho de um velho amigo e companheiro de lutas. Poderia ser meu filho. Ele foi ordenado recentemente pela igreja presbiteriana e enviado como missionário para abrir um campo nos sertões da Alta Sorocabana, onde existem pouquíssimas igrejas. Nessa missão, ele segue os passos do pai. Carlos, seja bem-vindo à nossa igreja. Que o Senhor coloque em seus lábios a mensagem que tem para os nossos corações hoje.

Quando o moço se levantou para ir ao púlpito, Luíza notou de novo seu porte elegante -- "elegante demais para quem vai ser missionário", pensou ela com certo azedume. Logo, porém, caiu em si. "Por que estou implicada com ele? Parece até que estou querendo *não* gostar dele."

Com passos firmes, o Rev. Carlos subiu os degraus do púlpito e, abrindo sua Bíblia numa passagem já marcada, ergueu os olhos e fitou a congregação.

Com voz bem modulada, ele começou saudando a igreja e convidando os presentes a acompanharem a leitura da Palavra de Deus, na carta do apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículos 1 a 11. Depois de feita a leitura, ele explicou que iria destacar o versículo 8, que dizia: "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores."

A mensagem versou sobre o amor incomparável de Deus pelos pecadores, a ponto de enviar seu Filho para morrer em lugar deles. Luíza já sabia essas coisas. Aceitara Jesus como seu Salvador e professara sua escolha diante de toda a igreja. Entretanto, a simplicidade e convicção na voz do pregador tocaram profundamente seu coração e ela sentiu-se banhada de novo pelo amor desse Deus maravilhoso. Lembrando-se de seus pensamentos irônicos a respeito do moço, obviamente ungido pelo Senhor, ela sentiu o coração arder de vergonha e arrependimento.

Quando, ao encerrar a mensagem, o pregador convidou os presentes a declararem seu amor a Deus, dedicando-lhe suas vidas para serem usadas da maneira que lhe agradasse, Luíza orou com fervor: "Senhor Deus, peço perdão pelos pensamentos horríveis que tive com relação ao teu servo. Obrigada pela mensagem de hoje. Quero realmente a tua vontade para a minha vida. Só peço que o Senhor me mostre o que deseja de mim."

O culto terminou. O Rev. Dick indicou cortesmente que o Rev. Carlos deveria sair primeiro e dirigir-se à porta da frente para cumprimentar a congregação. O pastor da igreja seguiu logo atrás. Logo que eles saíram, Dona Margarete se levantou e indicou ao corista da ponta da primeira fileira que desse início à saída do coro, que deixava o templo pela porta que ficava atrás do púlpito. Assim, os coristas não cumprimentaram os pastores, embora diversos deles tivessem ido para a frente falar com visitantes e amigos.

Enquanto tirava a toga e guardava as músicas, Luíza se perguntava se o pai convidaria o jovem pastor para almoçar com eles, como sempre fazia com pastores visitantes. Quando chegou ao pátio da frente da igreja, ela se deparou com o pai conversando animadamente com os dois pastores. Alice, Joana e os rapazes aguardavam o pai numa rodinha de amigos.

Assim que a viu chegando, Alice veio correndo ao seu encontro e, puxando-a para o lado, falou animada:

-- Será que Papai está convidando o Carlos para almoçar conosco? Que pedaço de homem! Nunca vi um pastor tão bonito assim.

-- Calma, Alice! Abaixei a voz. Ele vai ouvir o que você está dizendo.

Alice fez um muxoxo.

-- Que ouça! Assim ele já fica sabendo o que penso dele.

-- É, mas não precisa se mostrar tão assanhada.

-- Assanhada, eu?! Só porque não tenho medo de dizer que acho o moço bonito, mesmo que seja pastor?

Como resposta, Luíza tentou puxar a irmã para mais longe, mas Alice se desvencilhou de suas mãos e foi ficar junto do pai, que lhe passou o braço pelos ombros e disse algo que fez o Rev. Carlos estender a mão na direção dela.

-- Aquela Alice....

Luíza não vira Joana chegar ao seu lado, mas voltou-se quando ouviu o comentário. As duas trocaram um sorriso e Luíza, meneando a cabeça, repetiu o que a irmã dissera, concordando:

-- Aquela Alice....

Seu Paulo chegava agora junto das duas, com Alice agarrada ao seu braço.

-- Vamos embora, meninas? Mamãe deve estar estranhando a nossa demora.

Antes que alguém pudesse perguntar qualquer coisa, Alice informou:

-- O reverendo não pode almoçar conosco. Bem que Papai convidou, mas ele já tem um compromisso. Vai almoçar na casa de uns grãfinos lá da Igreja Unida. Por simples acaso, eles têm duas filhas solteiras!

-- Alice, Alice -- falou Seu Paulo, sacudindo o dedo no nariz dela com ar de brincadeira -- cuidado com essa língua afiada! Eu também tenho filhas solteiras e o convidei para almoçar conosco. O que você diria disso?

Alice não se deu por achada.

-- Eu diria que o senhor é um pai muito previdente, que não quer ficar com umas solteironas nas mãos!

Quem podia com Alice? Ele sempre tinha de dar a última palavra.

Quantas vezes Luíza admirava a desenvoltura da irmã! Gostaria de ser como ela, mais desinibida. Alice nunca se deixava intimidar. Por nada. Ao contrário, ela é que intimidava os outros. Já Luíza era diferente. Em casa e com os amigos, era brincalhona, um tanto mandona, independente e teimosa, como dissera a mãe quando ela cortara os cabelos contra a vontade de todos. Mas embora tivesse bons amigos de ambos os sexos, na escola e na igreja, demorava muito para sentir-se à vontade com pessoas estranhas. Havia horas em que essa timidez realmente a chateava. Como hoje. Por que não fora com Alice para ser apresentada ao visitante? Sentia um desejo intenso de mergulhar de novo no azul profundo daquele olhar...

De repente, dando-se conta do que estava pensando, Luíza sacudiu a cabeça com veemência e falou consigo mesma: "Você se esqueceu, sua boba? Ele é PASTOR!"

*Reviravoltas*

Era uma tarde agradável de fim de primavera. O arzinho ainda frio da manhã fora aquecido por um sol brilhante, que agora invadia a varanda da casa de Seu Paulo e Dona Cecília com algumas résteas douradas que desenhavam listas no assoalho escuro e brilhante da saleta da frente. Das moças, Luíza era a única que se encontrava em casa. As outras duas estudavam à tarde e esse revesamento permitia que sempre houvesse uma delas em casa para dar uma mãozinha à mãe nos afazeres domésticos. Alice, que era a mais velha, já se formara e terminava o curso de aperfeiçoamento. Era substituta no novo Grupo Escolar que ficava na Avenida Paulista enquanto aguardava o próximo concurso de ingresso ao magistério público. Esse era o rumo tomado por quase todas as normalistas.

Joana cursava o último ano do Normal. Era quieta, ao contrário da loquaz Alice, e ótima aluna na escola, embora as notas altas que tirava fossem resultado de um esforço imenso de sua parte.

Luíza seguia os passos das irmãs. Os pais faziam questão que todos os filhos tivessem a oportunidade de obter um diploma e não poupavam esforços para vê-los formados. Até Nilo fora obrigado a estudar uns dois anos, até ficar patente para todos que suas limitações realmente o impediam de aprender. Ele conseguia ler um pouquinho, graças à persistência de Dona Cecília em ensinar, mas além disso, não dava.

Dos rapazes, cada um escolhera uma profissão. Mário, o primogênito, estava a poucos meses da formatura como engenheiro civil quando foi atacado pela tuberculose. Luíza era pequena ainda quando o irmão adoeceu, mas tinha lembranças vivas da luta que os pais empreenderam para salvá-lo. Em vão. Mário morrera dois dias antes da data da formatura de sua turma. Nos dias sombrios que se seguiram, Luíza pensou que nunca mais alguém da família sorriria.

Aos poucos, entretanto, a vida voltou ao normal. As cenas de enfermidade e morte foram sendo empurradas do consciente imediato da família pelas necessidades prementes que precisavam ser acudidas e adquirindo os contornos arroxeados e indistintos de uma realidade e uma saudade dolorosas que iam ficando inexoravelmente para trás na vida de todos.

Dos outros rapazes, Paulino, o segundo filho, era advogado, e, tendo passado no concurso para promotor, exercia sua profissão numa cidade do interior. Silas terminava o curso de engenharia civil, apesar de os pais terem tentado demovê-lo por temerem que estivesse apenas tentando seguir os passos do irmão mais velho. Nato, o último dos homens, nasceu entre Alice e Joana, e sua saúde sempre trouxe preocupação aos pais. Talvez por isso mesmo tivesse resolvido fazer medicina.

A caçulinha da família, Alda, era bem mais nova do que os irmãos, pois nascera quando os pais já consideravam a família encerrada. De todos, era a que mais mostrava inclinação pela música, para enlevo de Dona Cecília. Além dos estudos musicais, Alda estudava no mesmo grupo Rodrigues Alves onde Alice era substituta, e ia com a irmã para a escola no período da tarde.

Sabendo que a casa geralmente ficava vazia à tarde, quando alguém bateu à porta da casa naquela tarde, Luíza foi atender. Nilo estava ocupado nos fundos e Dona Cecília saíra para visitar uma senhora da igreja que estava doente.

Na calçada, junto ao portãozinho de madeira que dividia em duas a mureta de separação entre a calçada e o jardim, encontrava-se um rapaz bem vestido que naquele momento estava voltado para a rua, olhando a briga de dois cachorros na casa da frente. Ao ouvir os passos de Luíza, ele se voltou. Luíza deu de cara com o moço do bonde. Seus olhos se arregalaram ao fitar o rosto que não parecia nada surpreso. Apenas encantado. Luíza dominou-se e, cumprimentando-o educadamente, esperou que ele dissesse o motivo de sua presença ali.

-- Boa tarde.

-- Boa tarde. Estou procurando a casa do Silas.

-- É aqui mesmo. Vou ver se ele está.

O moço a fitou com uma expressão duvidosa.

-- Mas combinamos este horário! Ele vai me dar umas aulas particulares.

Luíza hesitou, sem saber se convidava o moço para entrar ou ia primeiro averiguar se o irmão se encontrava em casa.

A casa de Seu Paulo e Dona Cecília era muito hospitaleira, pois eles recebiam os mais diversos tipos de pessoas, todos igualmente bem tratados. E os pais esperavam que os filhos seguissem seus passos. Ao mesmo tempo, Luíza sabia que não seria de bom tom receber um moço em casa, mesmo que fosse amigo de um dos irmãos, se ninguém mais estivesse por ali. Além do mais, aquele encontro parecia ser mais do que uma simples coincidência e isso a incomodava. Como é que ele a encontrara, depois de alguns meses daquele primeiro encontro?

Notando a hesitação da moça, o rapaz falou pressuroso:

-- Você se lembra de mim, não? Nós nos conhecemos no bonde. Nunca pensei em vê-la de novo. Meu nome é Sílvio. Estou aqui porque um colega do Silas mora comigo na pensão. Ele me falou que seu irmão dá aulas particulares de cálculo, e como estou meio mal de nota.... Marcamos a primeira aula para hoje.

Luíza fez um gesto afirmativo com a cabeça. A história parecia meio esfarrapada, mas ela se lembrava de ter ouvido Silas dizer algo a respeito de um futuro aluno. Ia pedindo licença para ir chamar o irmão quando o viu chegar e cumprimentar o visitante.

-- Boa tarde, Sílvio. Vamos entrando.

Sílvio puxou o trinco do portão e entrou pela calçadinha de pedra que dava para a ampla varanda da frente. Silas foi ao seu encontro, com a mão estendida, apertando a do rapaz e dando-lhe um tapinha nas costas.

-- Sílvio, esta é a minha irmã, Luíza.

Sílvio estendeu a mão para a moça, um brilho incontido no olhar.

-- É um prazer, Luíza.

Luíza tomou a mão estendida e apertou-a.

-- Igualmente. -- Voltando-se para o irmão, ela continuou, fazendo menção de entrar: -- Se me dão licença...

-- Aceita um café, Sílvio? -- perguntou Silas detendo a irmã com um gesto. Luíza entendeu e esperou.

-- Um cafezinho vai bem, obrigado.

-- Vou providenciar -- disse Luíza. -- Quer que leve ao escritório? -- perguntou ela ao irmão.

-- Sim, por favor. Vamos começar logo a aula.

O recém-chegado seguiu Silas através da saleta da entrada e da vasta sala de jantar até o pequeno cômodo onde o pai resolvia parte dos negócios da serraria.

Seu Paulo estimulava os filhos a ajudarem no sustento da casa. Por isso, Silas arrumara alguns alunos particulares nas áreas de cálculo e física. Assim, ganhava alguns cobres para suas despesas pessoais. Sílvio estava começando. Luíza se lembrava de ter ouvido comentários do irmão a respeito dele, mas como não sabia de quem se tratava, não tivera o menor interesse e não prestara atenção. E, agora que estava interessada, não conseguia se lembrar do que o irmão dissera. Teria de perguntar-lhe depois se quisesse saber. E ele iria caçoar dela por estar interessada.

Alguma coisa na vinda de Sílvio à sua casa ainda incomodava Luíza, mas sentia que a ligação do moço com o irmão a protegeria de qualquer coisa inconveniente. Falaria mais tarde com Joana para ver o que ela achava daquela estranha coincidência. *Será que era mesmo coincidência?* perguntava-se Luíza enquanto preparava a bandeja de café com o capricho que a mãe exigia. Se fosse, tudo bem. Se não fosse. . . Luíza não queria pensar nisso agora.

Quando ela entrou no escritório com a bandeja do café, Luíza viu que os dois, sentados a uma mesa que ficava ao lado da escrivaninha de Seu Paulo, estavam mergulhados em números e fórmulas. Sílvio acolheu alegremente a interrupção, largando na mesma hora o lápis. Luíza colocou a bandeja sobre a mesa e serviu duas xícaras de café, enquanto Silas pegava o prato onde ela colocara uns biscoitos de polvilho crocantes e o estendia ao visitante.

-- Que gostosura! Obrigado.

E, voltando-se para Luíza, o moço disse com uma piscadela:

-- Obrigado, Luíza, por este intervalo. Eu já estava quase sufocando de tanta fórmula que seu irmão quer me enfiar goela abaixo!

Silas, interceptando a piscadela, olhou meio desconfiado do aluno para a irmã, e Luíza corou levemente.

-- Pode deixar a bandeja aqui, Luíza. Depois eu levo.

A moça apressou-se a deixar a sala, fechando a porta atrás de si, o coração tumultuado por sentimentos conflitantes. Não gostara do olhar e do tom de voz do irmão. Teria ela feito alguma coisa inconveniente? *Nada disso*, falou consigo mesma. Silas era assim, ciumento no que dizia respeito às irmãs. Era só alguém se interessar por alguma delas, e ele já ficava de olho nos dois. *Vamos ter uma conversa muito séria, mano!* pensou ela. Mas realmente não conseguia ficar brava com seu irmão favorito. Uma risadinha escapou de sua garganta enquanto relembrava a piscadela de Sílvio. Ele realmente demonstrava quanto Luíza lhe agradava e isso a fazia sentir-se leve, bonita e especial. Tinha de arrancar de Silas mais informações a respeito do moço. Era bom saber que ele estaria vindo à sua casa todas as semanas.

Com passos lépidos, Luíza dirigiu-se ao seu quarto, onde os cadernos e livros a esperavam. Resolvendo subitamente que o quarto estava gelado demais, ela apanhou suas coisas e foi para a saleta da frente, por onde Sílvio teria inevitavelmente de passar quando saísse.

\* \* \*

Diante do espelho que ficava sobre a pia do banheiro, Luíza se examinava antes de sair para a escola. O que via a agradava. Não se achava bonita, mas os cabelos escuros e lisos emolduravam um rosto expressivo, onde se destacavam os grandes olhos castanhos, sombreados por cílios curvos, longos e sedosos. Lábios finos, bem desenhados e um nariz afilado completavam as feições que a moça contemplava naquele momento.

Satisfeita com o que via, ela se virou o quanto pôde para ver as costas, murmurando consigo mesma: "Está tudo bem. Chega de se empetecar. Você vai se atrasar."

A batida à porta do banheiro ajudou-a a apressar-se.

-- Vai demorar?

Era a voz de Silas, abafada por um bocejo.

-- Não. Já estou saindo.

Com uma última olhadela no espelho, Luíza abriu o trinco da porta e o irmão, ainda sonolento, que estava encostado contra ela, quase caiu para dentro do banheiro.

-- Arre, por que demorou tanto? -- perguntou ele meio irritado.

Luíza foi saindo sem responder. Aquele diálogo era travado todas as manhãs. Ela e Silas eram os dois primeiros a sair de casa e sempre trombavam à porta do banheiro. Ela conseguia chegar primeiro todas as vezes, pois assim que abria os olhos sentia-se totalmente desperta e pronta para enfrentar o dia. Já o irmão ficava perambulando por ali como sonâmbulo, bocejando e se espreguiçando até tomar o café forte que Nilo tinha pronto para ele quando saía do banheiro.

-- Tá aqui seu café, mocinho. Vamu vê si trata di acordá -- dizia, entregando uma canequinha de ágata ao rapaz.

Luíza foi tomar seu desjejum na cozinha -- café com leite bem quente, quase fervendo, pão com manteiga tostado na frigideira preta que ficava num buraco de trás -- pois saía antes do resto da família se levantar.

A manhã estava geladinha e a moça segurou os livros e cadernos de encontro ao peito para resguardar-se da friagem ao subir a forte ladeira que a levaria ao ponto do bonde.

Enquanto caminhava, ia repassando mentalmente os pontos principais da matéria que estudara para a prova de Sociologia que sua turma teria. Tomou o bonde, que chegou junto com ela ao ponto, e quando desceu no ponto final, defronte ao grande relógio da Praça da Sé, estava satisfeita de que havia aprendido bem o que precisava saber para a prova.

Antonieta e Carmem também já haviam chegado. As três amigas se cumprimentaram alegres e começavam a atravessar a rua quando Luíza viu a colega que viera do interior poucos passos à frente delas. A moça passara por elas sem nada dizer. Será que Carmem tinha razão e ela era uma convencida que não queria se misturar com as colegas? Entretanto, havia algo na expressão de Ana que lhe dizia que a verdade era bem diferente. Impulsivamente, Luíza chamou:

-- Alô, Ana! Espere por nós.

A outra voltou-se na mesma hora, sem parecer surpresa. Estacando, esperou que o grupinho a alcançasse.

-- Você faz sempre este caminho para chegar à Escola? -- foi Luíza perguntando quando se aproximava da colega.

-- Olá, Luíza -- falou Ana, incluindo as outras duas com um gesto -- Carmem, Antonieta. Sim, venho sempre por aqui.

-- Como é que nunca nos encontramos antes? -- foi a vez de Carmem perguntar.

-- Acho que é porque sempre venho mais cedo. Moro perto da Praça da Sé e por isso não preciso de condução. Hoje acabei me atrasando porque esqueci o trabalho que temos de entregar na primeira aula e tive de voltar ao meu quarto para apanhá-lo -- respondeu Ana, mostrando às outras a pasta onde estava o trabalho, como que para provar a veracidade do que estava dizendo.

-- É, estamos todas atrasadas. Mas se nos apressarmos....

As quatro puseram-se a caminhar juntas com passos rápidos pela Rua Direita, sem parar de conversar mesmo que o fôlego ficasse mais curto com o exercício. Quando chegaram ao Viaduto do Chá, Luíza e Carmem já haviam conseguido arrancar de Ana bastante informação sobre sua vida para que as três paulistanas sentissem que a conheciam um pouco melhor. Por sua vez, Ana já sabia que as três eram amigas desde antes de entrarem para o curso Normal, e que se encontravam todos os dias debaixo do grande relógio da Praça da Sé para caminharem juntas até a Escola Normal da Praça da República.

A timidez de Ana pareceu dissolver-se no meio das conversas e das brincadeiras das três amigas, e logo ficou acertado que, daquele dia em diante, ela faria parte do grupo, se quisesse.

Luíza, tendo a princípio achado que as amigas a repreenderiam por sua impulsividade ao convidar Ana para acompanhá-las, percebeu, feliz, que a presença de Ana agradava às outras.

-- Ana, já percebi que você é uma aluna muito aplicada. Sempre entrega todos os trabalhos antes do prazo, e é uma das primeiras a chegar -- comentou Carmem, que sempre fora a primeira da classe. Antonieta fez um gesto de acordo com a cabeça.

-- Aplicada é você, Carmem. Bem que gostaria de tirar notas como as suas.

-- É, e quem não gostaria? -- interveio Luíza com uma risada.

-- Eis aí uma verdade -- afirmou Carmem. -- Luíza tenta, tenta, e nunca consegue me passar. Mas -- acrescentou, voltando-se para Ana, -- percebi que você é ótima em Português. O Prof. Napoleão está sempre elogiando suas redações.

-- Gosto de Português. E gosto demais de ler. Tive uma professora que me ensinou a amar os livros e me inspirou a seguir o magistério. Acho fascinante ensinar alguém a ler e abrir para essa pessoa o mundo dos livros.

-- Falou a mestra! -- exclamou a irreverente Carmem. -- Já Antonieta tem outros interesses importantes no curso Normal

Com uma careta, Antonieta tentou impedir Carmem de continuar a conversa naquele rumo. Mas a outra já estava embalada e fez que não notou.

-- É, ela é louquinha pelo Prof. Lourenço!

Antonieta emburrou. Ainda não tinha nenhuma intimidade com Ana para querer falar perto dela de seus assuntos particulares. Luíza percebeu e veio em socorro da amiga.

-- Claro que é. Todas nós somos. Também, um bonitão daqueles!

As outras aderiram em coro.

-- Aqueles olhos verdes...

-- ...cabelos castanhos...

-- ...as faces rosadas...

Ante a tirada de Luíza, as outras riram.

-- Rosadas porque ele vive vermelho com os olhares melados de *certas* alunas -- caçou Carmem.

-- Olhem só quem fala -- disse Antonieta com firmeza. As amigas eram as únicas que sabiam de sua paixãozinha secreta pelo professor... e agora Ana desconfiava. Resolvendo que a melhor defesa era a ofensiva, voltou-se para Luíza:

-- E aí, Luíza, você viu o Sílvio ontem?

-- Claro! Ele foi com o Silas à igreja e depois foi almoçar em casa.

-- Assim é que é bom -- brincou Antonietinha. -- Bem debaixo do nariz de toda a família.

-- Ele não vai lá por minha causa -- protestou Luíza. -- É amigo do meu irmão.

-- Qual o quê! -- retrucou Antonietinha.

-- É verdade!

Luíza nunca havia contado a ninguém sobre o encontro no bonde. E, se contasse agora, achava que não agüentaria a caçoada das amigas. Não sabia ainda como Sílvio descobrira que Silas era seu irmão, e como havia arranjado aquelas aulas, mas estava bem certa de que coincidência é que não havia sido.

Assim, ela resolveu contar apenas uma parte da história.

-- Nós o conhecemos quando o Silas resolveu arrumar alunos particulares para ganhar uns cobres. O Sílvio era colega dele mas precisava de reforço em física e matemática, e...

-- Ainda bem que ele é mais bonito do que inteligente -- interrompeu Carmem com uma risada. -- Se não, ele nunca teria procurado o Silas.

-- Ele é inteligente -- protestou Luíza acaloradamente. -- Só porque alguém precisa se esforçar para tirar notas não é sinal de burrice.

-- Claro que não! Não precisa se alterar -- desculpou-se Carmem. -- Eu estava só provocando.

-- Eu sei. E não estou alterada -- respondeu Luíza contrafeita. Via pelos olhares trocados pelas amigas que elas não estavam convencidas. Mas resolveu que mais explicações também não as convenceriam de que não sentia nada especial com relação a Sílvio. E talvez não conseguisse convencê-las porque realmente tinha uma queda por ele.

Felizmente, Ana percebeu o constrangimento e tocou num novo assunto, que logo distraiu as outras duas. Luíza, percebendo a manobra da nova amiga, sentiu profunda apreciação pelo tato e sensibilidade da moça. Deu-lhe um aperto disfarçado na mão, que Ana retribuiu.

"Como Ana é boazinha", pensava Luíza quando chegavam à escola.  
"Gostaria de conhecê-la melhor. Ela é tão sozinha! Vou convidá-la para ir um dia lá em casa! Talvez aquela barulheira toda a ajude a matar um pouco as saudades."

\* \* \*

Embora não se considerasse apaixonada por Sílvio, Luíza tinha de admitir que a presença dele a agradava. Agradava-lhe também sentir-se alvo de suas atenções. O rapaz começou a ir esperá-la à saída da escola pelo menos uma vez por semana. Nesses dias, o casalzinho se sentava um pouco num dos bancos da praça a fim de prolongar os momentos em que estariam juntos. Depois, Sílvio a acompanhava até a Praça da Sé, onde tomava o mesmo bonde que ela, embora descesse num ponto mais adiante.

Nesses dias, Luíza sempre chegava em casa mais tarde, com os olhos brilhantes e um sorrizinho nos lábios.

-- Como está o Sílvio, Luíza? -- perguntava a sempre atenta Dona Cecília, para mostrar que não era boba. Embora não estivesse muito satisfeita com o desenrolar das coisas, esperaria até ter mais informações sobre o rapaz antes de dar sua opinião.

-- Está bem, Mamãe -- respondia Luíza, que nunca conseguia esconder nada da mãe. -- E mandou-lhe lembranças -- acrescentava por conta própria. Queria que ficasse bem claro que considerava seu relacionamento com o moço uma extensão da amizade que a família toda lhe dedicava.

Quanto aos seus sentimentos, não estava bem certa. Sentia-se bem na companhia dele, gostava de suas atenções, mas achava que devia haver algo mais. "Ora", pensava, "talvez eu esteja querendo demais, sendo uma boba romântica, como diz Mamãe."

Alice a animava a continuar o namoro. Sempre prática, ela via Sílvio como um bom partido e a irmã como uma garota de sorte.

-- A gente tem de ser prática, mana. Amor abnegado só em filme de cinema. Na vida real, amor não enche barriga. Eu pretendo esperar até arrumar alguém que esteja bem de vida.

-- Não ligue para o que ela diz, Luíza -- interveio um dia Joana, que poucas vezes discordava da irmã mais velha. -- Ela fala por falar, porque ainda não conseguiu que o Armando ligue para ela.

Alice revidou instantaneamente:

-- E o José não liga para você. E daí?

Joana voltou-lhe as costas e saiu de perto.

-- Alice, você não devia mexer com a Joana assim. Sabe como ela sofre por causa do José.

-- Então por que me provocou?

-- Você nem gosta tanto do Armando. Não fosse ele ser tão grãfino...

-- Ele nem é tão grãfino assim -- contrapôs Alice. -- Mas não se preocupe comigo, maninha. Não vou ser boba como a Joana e ficar chorando pelos cantos por alguém que não quer saber de mim.

-- Falar é fácil. A Joana não sofre porque quer.

-- Sofre porque quer, sim! -- exclamou irritada Alice. Apesar de ter um gênio muito diferente do da irmã, Joana era sua queridinha, e irritava-a não poder fazer nada para ajudá-la. -- Aquele José é um pedante, convencido! -- vociferou ela. -- Pensa que todas as moças da igreja são loucas por ele. Eu gostaria de ver alguém dar-lhe uma boa lição.

-- Uhm -- fez Luíza. -- Isso é que eu chamo de amor ao próximo.

Alice bufou:

-- Às vezes, amar o próximo significa dar-lhe um bom puxão de orelhas. É o que eu deveria fazer com a Joana. Aquela bobinha...

-- E você ainda quer que eu continue a conversar com o Sílvio! E se eu acabar gostando dele de verdade?

-- Você já gosta dele de verdade, sua boba. Só que ainda não percebeu isso!

Alice voltou-se e saiu da sala, deixando Luíza cismada com o que dissera. Será que a irmã tinha razão?

Relembrando o que sentia quando estava junto com o rapaz, Luíza percebia que, mesmo gostando bastante dele, havia algo lá no fundo do seu coração que ele nunca tocara, mesmo quando mergulhava os olhos no dela e suas mãos se estreitavam. Não sabia o que faltava, mas uma coisa ela sabia: preferia ficar solteira a vida toda a casar-se sem sentir algo mais profundo pela pessoa com quem estaria vivendo o resto de seus dias. Mesmo que essa pessoa fosse um partidão!

\* \* \*

-- Mamãe, chegou alguma carta para mim? -- indagou Luíza assim que chegou em casa.

Dona Cecília, sentada na cadeira de balanço que ficava no canto da sala de jantar, pregava botões na camisa de um dos rapazes quando Luíza chegou da escola.

-- Não, minha filha -- respondeu, erguendo os olhos da costura em tempo de ver a expressão desapontada no rosto da jovem. -- O que está acontecendo que o Sílvio quase não escreve mais? -- continuou ela, lembrando-se dos tempos em que uma carta do rapaz chegava inevitavelmente toda semana.

Luíza deixou-se cair sobre uma cadeira com ar de desânimo. Erguendo a mão num gesto impaciente, afastou os cabelos que lhe caíam sobre os olhos, sombreados agora pela decepção.

-- Não sei, Mamãe -- disse com franqueza. Dando uma risadinha forçada, ela acrescentou: -- Talvez tenha arrumado uma namorada por lá e já não esteja interessado em escrever....

-- Pensei que ele *já tivesse* uma namorada -- contrapôs a mãe.

Dona Cecília nunca aprovara o namoro, embora não tivesse nada específico contra o moço. Aquele instinto materno lhe dizia que o relacionamento dos dois estava sendo mais uma conveniência atraente do que algo profundo.

E, para ela, isso não era problema. Os moços precisavam se conhecer para descobrir o que tinham em comum. Mas a atração que os aproximara em primeiro lugar tinha de se transformar em um sentimento mais sólido, mais forte do que a simples conveniência. Era preciso haver boa vontade e sacrifícios ou não valeria a pena levar o namoro adiante. Sílvio parecia um bom moço e ela gostaria de ver as filhas bem casadas - na hora certa. E agora que ele já se formara e estava trabalhando, e Luíza também se aproximava da formatura, *era* a hora certa. Mas agora suas suspeitas pareciam confirmadas. Sílvio voltara à sua cidade natal depois de formado para trabalhar no escritório do pai. A princípio, ele escrevia sempre a Luíza, falando dos planos que tinha, embora nunca parecesse incluí-la nesses planos. E agora as cartas eram cada vez mais raras.

-- Eu também pensei, Mamãe -- disse Luíza com uma ponta de tristeza na voz, respondendo ao comentário da mãe. -- Mas não sei, não. Alguma coisa está acontecendo. Desde que voltou a Ribeirão, Sílvio tem mudado. Agora, mesmo quando escreve, não diz quase nada. Parece muito ocupado. -- Meio sem graça, procurava desculpá-lo.

-- Longe dos olhos... -- citou a mãe. Mas, ao ver o rosto aflito da filha, acrescentou depressa:

-- Filha, não fique se martirizando com isso. Você tem muita coisa interessante acontecendo em sua vida: formatura, trabalho, o curso de especialização! Deixe as coisas correrem. Pare de escrever ao Sílvio. Se ele realmente gostar de você, voltará a procurá-la. Se não, é melhor você ficar sabendo logo.

Os argumentos de Dona Cecília, temperados pela sabedoria dos anos, tinham muita lógica, mas ao coração de Luíza pareciam uma sentença de morte. Se tivesse de renunciar ao Sílvio, a vida ficava sem graça, vazia. Com quem iria sonhar quando pensasse no futuro? Estudos, trabalho, formatura -- até agora, Sílvio sempre fizera parte de tudo isso. Precisava do encanto que ele trazia, mesmo quando não estava presente. Era só pensar que, em algum lugar, havia alguém para quem ela era especial, e tudo o mais tinha outro significado. Mas, e se ele realmente não gostasse mais dela? Se tivesse arrumado outra pessoa?

Ao sair da saleta, Luíza sentiu que o olhar pensativo da mãe a acompanhava. Depois de trocar de roupa e guardar os livros no quarto, a moça se jogou sobre a cama, perdendo-se em pensamentos cujo rumo não procurou controlar. Revia o encontro no bonde, as caminhadas após as aulas, os momentos passados no jardim da escola. Tudo isso parecia tão distante agora, quase como se nunca tivesse acontecido. Daria tudo para ver Sílvio vindo ao seu encontro como antes, as mãos estendidas, os olhos brilhantes!

As lágrimas, que teimavam em cair silenciosas dos olhos, queimavam-lhe as faces e o esforço de reprimir os soluços faziam seu estômago doer. Não queria que ninguém a ouvisse chorando, mas não conseguia se conter. Virando de costas, ela deu com uma nesga muito azul do céu, emoldurada pela janela aberta. Os olhos ardentes, anuviados pelas lágrimas, mergulharam no frescor daquela visão, abrindo como que um caminho até Deus. Um gemido baixinho escapou-lhe dos lábios: -- Ai, meu Deus! O que vou fazer agora?

Luíza sempre pedira a orientação de Deus para sua vida, conforme havia aprendido com os pais e na igreja, mas não se lembrava de tê-lo feito com relação ao namoro. As coisas tinham simplesmente acontecido. É, tinha de admitir que não consultara Deus e, de certa forma, contrariara a mãe ao aceitar as atenções do rapaz. Mas agora ela queria saber se Sílvio fazia parte do plano de Deus para sua vida. E se não fizesse.... Por mais que seu coração doesse, ela não seguiria esse caminho e deixaria de alimentar os sonhos e lembranças que envolviam o rapaz.

Pensando bem, ela teve de admitir que era mais o seu orgulho do que seu coração que estava ferido. Gostava do Sílvio, claro, mas gostava mais ainda de sentir-se alvo das atenções de um moço simpático como ele e da inveja mal disfarçada das amigas. E tinha de reconhecer que esse não era um bom motivo para levar adiante o namoro.

Surpresa com o inesperado senso de alívio e liberdade que sentiu, Luíza fechou os olhos e orou: "Pai, o Senhor sabe que quero a sua vontade para a minha vida. Peço que o Senhor me guie para que, com relação ao companheiro da minha vida, eu não me deixe levar por qualquer sentimento que não seja o amor puro e verdadeiro."

Levantando-se de um salto, Luíza tirou o uniforme e pendurou-o na sua parte do guarda-roupas de três corpos que repartia com as irmãs, vestiu um vestido velhinho e foi almoçar antes de atacar o que seria sua tarefa daquele dia: encerrar a saleta da frente e a sala de jantar.

Não era um trabalho de que normalmente gostasse, mas naquele dia sentiu que o esforço físico era bem-vindo. Ademais, o brilho do assoalho quando ela terminasse de lustrá-lo e o aspecto acolhedor que a cor dourada da cera conferiria aos aposentos ajudariam a compensar o cansaço.

Dona Cecília ensinara às filhas, não só por palavras mas principalmente pelo exemplo, a importância de um trabalho bem feito. Por ser tão exigente, um elogio seu era a recompensa mais cobiçada por elas. Entretanto, o elogio só era dado por algo excepcional. A execução rotineira de uma tarefa era considerada apenas obrigação.

Naquele dia, o trabalho de Luíza arrancou um elogio inesperado da mãe. Dona Cecília, que ia passando pela porta da saleta que Luíza acabara de lustrar, parou com uma das mãos à cintura e ficou observando o trabalho da filha.

-- Está muito bonito, Luíza. Você vai ser uma boa dona de casa, pois é preciso saber fazer para poder mandar. E não ter medo de botar a mão na massa. Feliz de quem se casar com você.

A alegria que aquelas palavras fizeram brotar no coração de Luíza afogou ainda mais suas faces já coradas pelo calor do exercício físico.

-- A senhora acha mesmo, Mamãe?

-- Acho. E acho também que aquele bobo do Sílvio não sabe o que está perdendo.

Luíza surpreendeu-se surpresa com o comentário veemente da mãe. Sentindo nela uma aliada, a moça abraçou-a com cuidado para não encostar nela as mãos sujas de cera. Dona Cecília, que não era muito dada a afagos, retribuiu o gesto mas logo, meio desajeitada, afastou-se da filha, dizendo, em tom de gracejo:

-- Vamos, vamos, menina!

Mas Luíza a deteve um pouco mais, e, olhando nos olhos da mãe, falou:

-- Sabe, Mamãe, eu é que tenho sido uma boba. Namorei o Sílvio só por namorar e estou vendo que não é isso que Deus quer para mim. Só que ele ainda não me mostrou o que é. Talvez nem seja o casamento. E aí, a senhora gostaria de uma filha solteirona?

-- Não é por mim nem por seu pai que vocês se casarão -- protestou Dona Cecília, o rosto sério, a mão no ombro da filha. -- Deus sabe que só queremos o melhor para vocês. E, para nós, o melhor é um casamento como o nosso - com lutas, problemas, mas muito amor e respeito.

Comovida, Luíza voltou a cabeça e beijou a mão da mãe.

-- É o que eu também quero, Mamãe. E, se Deus quiser, ainda encontrarei alguém que me ame como Papai ama a senhora.

-- Seu pai não é nenhum santo, Luíza. Mas o amor cobre uma multidão de pecados -- retrucou Dona Cecília com um arzinho maroto que Luíza raras vezes vira a mãe fazer. -- E ainda bem. Se não, ele não me conseguiria me agüentar.

\* \* \*

A formatura da turma de professorandos da Escola Normal da Praça foi uma festa solene realizada no Teatro Municipal no final de dezembro de 1929. À longa mesa, enfeitada por lindos arranjos de flores, sentaram-se o diretor, as autoridades presentes e alguns dos professores.

Os formandos, trajando togas escuras com gola e peitilho de renda brancos, desfilarão diante dos pais orgulhosos e felizes. Houve discursos do diretor da escola, do paraninfo, do orador da turma. O orfeão cantou e então cada formando foi sendo chamado para receber o diploma.

No final da cerimônia, pais e formandos se reuniram no belíssimo saguão do teatro a fim de trocarem cumprimentos e felicitações.

Luíza, Antonieta e Carmem ficaram conhecendo a mãe e a tia de Ana, que vieram do interior para assistir à cerimônia.

Dona Dirce, a mãe, puxando Luíza para um lado, falou:

-- Quero agradecer, Luíza, todo o carinho que você tem dado à minha filha.

-- Ana tornou-se uma boa amiga nossa, Dona Dirce. Toda a minha família gosta muito dela.

-- Eu sei. Ela me contou como seus pais a acolheram em sua casa. Vocês têm sido a família dela aqui em São Paulo.

-- Então venha conhecer meus pais, Dona Dirce. E depois da festa, talvez possa ir tomar um chazinho conosco lá em casa.

-- Eu gostaria muito -- murmurou Dona Dirce enquanto acompanhava Luíza até onde estava reunida a família.

"Estranho", pensou Luíza. "Dona Dirce só não mencionou que Ana tem ido à nossa igreja quase todos os domingos ultimamente. Será que ela não está sabendo? Ou não quer tocar no assunto?"

\* \* \*

O início do ano letivo de 1930 encontrou as quatro amigas inscritas como substitutas em diversos dos grandes grupos escolares da cidade, trabalhando esporadicamente enquanto aguardavam o concurso de ingresso. Luíza e Carmem conseguiram ficar juntas no grupo da Penha. Ana arrumou vaga no grupo da rua São Joaquim, perto da pensão onde morava. E Antonieta se inscreveu no grupo Rodrigues Alves da Avenida Paulista, onde Joana, irmã de Luíza, havia arrumado uma classe para o ano inteiro - o sonho de toda substituta.

Luíza e Carmem se inscreveram também no curso de aperfeiçoamento da Escola Normal, cujo diploma lhes daria alguns pontos a mais na hora de escolher cadeira. E, nas primeiras férias de julho, Luíza aproveitou o tempo livre para fazer um curso rápido de enfermagem e primeiros socorros, que estava ligado à sua velha paixão pela medicina, agora já obscurecida pelos desafios da sala de aula.

As quatro amigas ainda se reuniam uma vez por semana, aos sábados, para trocar experiências. Seu ponto de encontro era a casa de chá do Mappin, bem defronte ao Teatro Municipal, que servia um chá à inglesa, com biscoitos, sanduíches e pãezinhos chamados "biscuits". Uma delícia.

Aquele dia de novembro, a conversa alvoroçada girava em torno do boato de um possível tresdobramentos do período de aulas, o que abriria um grande número de novas vagas no próximo concurso.

-- Vocês já pensaram se no ano que vem todas nós pudermos ingressar no magistério? -- perguntou Carmem que, confiante em suas notas altas, achava que estaria trabalhando fixo se o tresdobramento acontecesse.

-- Pode ser -- comentou Luíza sem muito entusiasmo.

-- Ora, amiga, o que há com você? -- perguntou Carmem desconfiada, enquanto as outras duas fixavam os olhos no rosto de Luíza.

-- Nada -- respondeu ela, levando aos lábios a xícara de chá fumegante. -- Claro que pretendo aproveitar essa oportunidade. Mas acho que o que gostaria mesmo de fazer é entrar para a faculdade.

-- Faculdade? Não achei que você levasse a sério a idéia de continuar estudando! -- exclamou Antonieta. -- Eu quero é casar logo, ter a minha casa...

-- E, de preferência, um maridão que já seja professor bem empregado na Escola Normal -- interrompeu Carmem em tom de caçoada. Mas a amiga não se deu por achada.

-- Podem rir, mas é o meu sonho. E não estou falando de me casar com um professor. Só quero achar alguém que me ame e me ache especial.

O rosto de Antonietinha estava sério. Ela estava abrindo o coração diante das amigas e revelando algo guardado lá dentro. De repente, as brincadeiras cessaram e todas ficaram sérias, perscrutando seus próprios corações. Bebericando o chá já meio morno em silêncio, elas mergulharam cada qual nos próprios pensamentos.

Foi Luíza quem quebrou o silêncio da mesa.

-- Acho que todas nós queremos a mesma coisa, Tonieta. Sei que *eu* quero. Pensei que iria me casar com o Sílvio. Cheguei a sonhar com isso. Mas ele simplesmente sumiu da minha vida. E se não surgir ninguém mais? Há muita mulher que fica solteira a vida toda. Tenho duas tias que nunca se casaram. Então, pode acontecer. O que estou dizendo é que não vou ficar sentada esperando que alguém surja à minha frente. Vou viver fazendo o que quero. Depois, se encontrar o meu príncipe, resolvo o que fazer.

-- Isso mesmo, Luíza -- aplaudiu Carmem energicamente. -- Eu também sempre pensei em fazer a faculdade para ser professora de Português. Não vou bobear mais. Vamos estudar juntas para o exame?

Contagiada pelo entusiasmo das amigas, até Antonieta resolveu pensar em continuar os estudos. Só Ana ficou fora daqueles planos.

-- Para mim, isso está fora de cogitação. Não tenho recursos para continuar morando aqui em São Paulo. Preciso começar a ganhar salário fixo. Quem sabe mais tarde?

-- Olhe, Ana -- disse Luíza, -- o Paulino estava falando que lá em Botucatu, onde ele é promotor, há uma boa possibilidade de lecionar em escolas rurais. A professora tem de pedir uma nomeação, mas como há pouca gente disposta a ir para a roça, é quase garantido conseguir vaga.

-- É mesmo, Luíza? -- perguntou Ana, o rosto atento, os olhos brilhando. -- Acho que eu gostaria muito desse tipo de trabalho. Afinal, fomos treinadas para isso.

-- O fato de ir morar perto de Paulino não estaria afetando o seu interesse, estaria? -- brincou Luíza. O irmão, quando estava em São Paulo durante as visitas de Ana ao casarão da rua Paraíso, sempre a tratava com atenção especial, o que parecia não desagradar à moça. Até Seu Paulo e Dona Cecília já haviam anotado.

-- Não seja boba -- retrucou Ana, corando. E não sabendo o que mais dizer, calou-se enquanto as outras três a arrelivavam carinhosamente:

-- Talvez Ana não tenha de ficar muito tempo na roça... -- falou Antonieta, olhando significativamente para as outras.

-- Eu *gosto* da roça -- interpôs Ana, a voz vibrando. -- Morei numa fazenda quando era criança.

As outras a fitaram espantadas. Era algo que Ana nunca havia mencionado. A moça continuou, os olhos perdidos no tempo:

-- Meu pai tinha uma fazenda que herdou do meu avô. Mas ele se endividou e, quando morreu, moço ainda, o credor dele tomou posse de tudo. Eu e minha mãe tivemos de ir morar na cidade com minha tia, e nunca mais voltei lá. Mas tenho saudades do silêncio da roça, do leite tirado na hora, do cheiro de capim e de mato, das fruteiras...

As amigas a ouviam de queixo caído. Paulistanas de gema, não conseguiam imaginar que alguém gostaria de morar longe do burburinho da capital, quanto mais na roça!

-- Só mesmo você, Ana! Boa sorte. Se quiser falar com Paulino, vá almoçar lá em casa amanhã, depois da igreja. Ele está fazendo um trabalho aqui em São Paulo estes dias, mas deve ir embora segunda-feira.

Dizendo isso, Luíza começou a se levantar, no que foi seguida pelas outras. Voltaram juntas à praça da Sé, onde cada uma tomaria um rumo diferente - não só na volta para casa, mas na própria vida. Ao se despedirem, a pergunta na mente de cada uma das quatro era: Onde estaremos daqui a um ano? O que o futuro nos reserva? De uma única coisa tinham certeza: sua amizade permaneceria intacta, acontecesse o que acontecesse.

Luíza chegou em casa meio esbaforida. Demorara conversando um pouco mais com Ana no ponto do bonde, e agora estava atrasada para ajudar a mãe com o jantar.

Uma voz estranha a fez estacar na varanda. Seu Paulo conversava com alguém na saleta da frente. Era uma voz grave, de timbre agradável que, de alguma forma, despertou nela algo havia muito enterrado no fundo do coração.

De repente, à mente de Luíza assomou a silhueta alta e esbelta de um moço de cabelos loiros e olhos azuis profundos. O coração estremeceu inesperadamente e ela hesitou antes de dar o próximo passo. Uma risada sonora ecoou na saleta, produzindo um eco agradável dentro dela. Alisando os cabelos com as mãos, a moça respirou fundo e girou a maçaneta da porta da frente.

*Novo Rumo*

Apanhados no meio de um acesso de hilaridade, os dois homens sentados na saleta voltaram para Luíza rostos ainda sorridentes quando ela entrou. Seu Paulo chamou-a para seu lado com um gesto e apresentou-a ao visitante.

-- Carlos, esta é a minha filha Luíza.

O moço já estava de pé. Inclinando levemente a cabeça para fitá-la nos olhos, ele estendeu a mão:

-- É um prazer, Luíza.

Luíza se viu mergulhando mais uma vez no azul profundo daquele olhar. Ao apertar a mão estendida, o coração deu um pinote em seu peito e foi parar na garganta. Assim, foi com voz estrangulada que ela respondeu:

-- O prazer é meu.

Enquanto o moço voltava a ocupar a cadeira em que estivera sentado, Luíza, dividida entre a vontade de ficar mais um pouco por ali e a necessidade de ir ajudar a mãe, foi socorrida pelo pai.

-- É melhor você ir dar uma mãozinha à sua mãe, Luíza. Temos um convidado para o jantar.

-- Sim, Papai. Com licença -- disse ela na direção de Carlos, sem saber ao certo como dirigir-se a ele.

-- Pois não, Luíza -- respondeu o jovem pastor, muito à vontade com o primeiro nome dela.

Com passos leves, rosto corado e olhos brilhantes, Luíza irrompeu cozinha a dentro onde Dona Cecília experimentava nas costas da mão o tempero da sopa que borbulhava sobre o fogão. O olhar inquiridor que lançou à filha tanto podia ser de dúvida quanto ao sabor da sopa quanto pelo brilho inusitado no olhar da moça.

-- Hummm! -- fez ela, com expressão significativa.

-- Mamãe -- foi logo dizendo Luíza, -- aquele pastor que está conversando com Papai vai jantar conosco.

-- Ah, é? -- disse a mãe, sua falta de surpresa demonstrando como estava acostumava a ter hóspedes às refeições. -- Então ponha mais um lugar à mesa.

-- Sim, senhora -- disse Luíza, e saiu pressurosa para arrumar a mesa.

Durante o jantar, Luíza se manteve calada, mas as perguntas que gostaria de fazer foram sendo respondidas aos poucos sem que ela tivesse necessidade de abrir a boca. Carlos falava com entusiasmo do trabalho que vinha fazendo desde que pregara na igreja da rua Liberdade. Era uma obra de pregação do evangelho e abertura de congregações que começava a dar frutos. Enquanto ele falava, seu rosto se animava como que iluminado por forte convicção interior. Luíza o olhava disfarçadamente, tentando não encarar. Já pudera notar que nenhuma das mãos, com as quais o moço gesticulava generosamente, trazia aliança.

Depois do jantar, Silas ofereceu-se para acompanhar o pastor até o ponto do bonde que ele tomaria para voltar à casa onde estava hospedado e assim a visita terminou.

Ao se despedir, Carlos agradeceu efusivamente a refeição, elogiando os dons culinários de Dona Cecília, deu um grande abraço em Seu Paulo, e, quando chegou diante de Luíza, estendeu mais uma vez a mão.

-- Foi um grande prazer conhecê-la, Luíza. Algum outro dia, precisa me contar um pouco sobre você. Acho que hoje só eu falei... -- Voltando-se para os outros, ele se desculpou com um gesto.

-- Que nada, Carlos -- interrompeu-o Seu Paulo. -- Ainda há muito mais que quero saber com relação ao seu trabalho. Estarei orando por você.

-- Obrigado a todos -- disse Carlos emocionado. -- É muito bom estar com irmãos que nos estimulam no trabalho da ceara do Senhor.

Saindo com Silas, ele ainda se voltou do portãozinho da rua e acenou para os que foram até a varanda para despedir-se dele.

Voltando para tirar a mesa e arrumar a sala de jantar, Luíza encontrou os pais sentados no canto favorito de Dona Cecília. Seu Paulo contava à esposa as novidades que Carlos lhe contara a respeito de sua vida particular.

-- Pobre moço -- disse ele. -- Imagine só. Ele estava noivo, de casamento marcado. A moça era de família aqui de São Paulo, muito bem de vida. Quando foi visitar a cidade onde ele mora e viu a casa de tábua que ele alugou e mobiliou, falou que não agüentaria viver assim e rompeu o noivado.

-- Hum... -- foi o único comentário de Dona Cecília, sem levantar os olhos da roupa que cerzia. Luíza continuou trabalhando devagar para poder ouvir o resto do que o pai dizia.

-- Achou que foi providencial -- continuou Seu Paulo. -- Esposa de pastor tem um papel muito importante no ministério do marido. Se ela não lhe der todo o apoio, não há como ele possa fazer o trabalho. E uma moça grãfina da capital só iria se dar bem no sertão se Deus realmente a chamasse para isso. Você não acha, Cecília? -- concluiu Seu Paulo, solicitando diretamente o comentário da esposa. Ela ainda se calou por alguns momentos, levando o marido a fitá-la com curiosidade.

-- O que acho é que essa moça nunca gostou realmente do Carlos. Como ele é muito vistoso, qualquer moça vai querer chamar a atenção dele. Mas daí a enfrentar as dificuldades de morar no sertão... Só espero que ele não se case enganado -- comentou ela.

-- Sei que os pais oram muito por ele nesse sentido -- falou Seu Paulo. -- E desconfio que foi Deus quem agiu aqui, livrando-o de um casamento que poderia trazer-lhe grandes dissabores.

-- Ele não me pareceu muito triste -- comentou Dona Cecília.

-- Talvez porque já há algum tempo estivesse sentindo que a coisa não iria para a frente.

Luíza não tinha mais motivos para deixar-se ficar por ali. A sala estava impecável, tudo guardado nos devidos lugares. Despedindo-se dos pais, foi para o quarto. Tinha de estudar para uma prova do curso de aperfeiçoamento, mas pensamentos conflitantes coriscavam por sua cabeça. "Ele é *pastor*. E missionário, ainda por cima. No cafundó-do-judas. A ex-noiva não achou que dava para agüentar, mesmo ele sendo tão simpático." E as idéias continuavam a surgir, de um lado e de outro, fazendo sua cabeça rodopiar, tornando impossível a concentração no estudo. Olhava o livro, mas tudo o que via era um rosto sorridente e um par de olhos muito azuis. "Nem sei porque estou pensando nele. Ele não se importou nem um tiquinho comigo. Também, Papai o monopolizou o tempo todo do jantar. Só que, nas duas vezes em que ele olhou para mim..." E Luíza de bom grado mergulhou de novo na sensação deliciosa que sentira. Não tinha desejado que seus olhos se desviassem dos dela, mas o tumulto em seu coração fê-la baixar o olhar à mesa e quebrar o encanto daquele contato que agora procurava reviver.

"Tinha de ser pastor", pensou ela, meio exasperada consigo mesma, desistindo de estudar e indo se aprontar para deitar. Joana, sua companheira de quarto, havia saído com uma amiga e talvez ainda se demorasse um pouco para voltar.

Deitada no escuro, Luíza revirava de um lado para outro na cama, sem conseguir pegar no sono. O quarto estava abafado. Ela levantou-se e foi abrir a grande janela que dava para o lado da casa, e portanto podia ficar aberta a noite toda sem perigo. Seus olhos foram atraídos para a grande lua cheia que derramava a luz prateada sobre a terra. Uma estranha sensação lhe apertava a garganta, uma vontade de chorar lhe confrangia o coração. Pressentia que alguma coisa muito importante estava por acontecer em sua vida, e sentiu que precisava de sabedoria divina para entender o que estava acontecendo.

De repente, as palavras de um de seus hinos favoritos lhe vieram à mente e ela começou a cantarolar baixinho:

Estás fraco e carregado, de cuidados e de dor,  
A Jesus, Refúgio eterno, vai com fé teu mal expôr.  
Teus amigos te desprezam, conta-lhe isso em oração,  
E, com Seu amor tão terno, paz terás no coração.

Diante da janela aberta, os cabelos tocados gentilmente pela brisa noturna, o rosto escondido nas mãos, Luíza orou: "Pai, não sei o que está acontecendo comigo, nem porque estou tão inquieta. Não sei nem o que pedir. Tenho medo de começar a gostar de alguém como o Carlos. Ele é tão simpático, Senhor! Mas nem sei se ele se interessaria por mim. Eu nunca quis pensar em casar com pastor. E continuo não querendo. Oh, Senhor, quanta confusão! Só uma coisa eu sei com certeza. Quero a Tua vontade para a minha vida. Por onde o Senhor quiser me levar, irei. Nem que seja ao cafundó-do-judas."

Ao pensar isso, Luíza não pôde evitar que um sorriso lhe repuxasse o canto dos lábios, antes de acrescentar: "O Senhor entende, não é?"

Deitando-se em seguida, ela se ajeitou na cama, puxou as cobertas e, invadida por grande paz, mergulhou num sono profundo e tranqüilo. Quando Joana entrou na ponta dos pés pouco depois, encontrou a irmã ressonando compassadamente.

\* \* \*

No domingo, Luíza arrumava a mesa do almoço quando Seu Paulo, lá da saleta da frente, a previniu que colocasse mais um lugar.

-- Temos visita -- disse ele.

O coração de Luíza bateu mais forte.

-- É alguém que conheço? -- perguntou, fingindo prestar atenção exagerada à disposição dos talheres ao lado de cada prato.

O pai, o nariz enterrado no jornal, pareceu não ter ouvido.

-- Papai, é alguém que conheço? -- insistiu ela.

Seu Paulo, sem erguer os olhos do que lia, respondeu:

-- Sim, minha filha. Convidei o Carlos para vir aqui. Ele deve chegar daqui a pouco.

-- Pensei que ele tivesse ido embora.

-- Vai amanhã -- informou o pai.

De novo, sentimentos conflitantes invadiram a moça. Não podia negar que uma deliciosa inquietação fazia seu coração dar uns saltos quando pensava em rever aquele que vinha ocupando seus pensamentos com frequência nesses últimos dias. Mas ele estava indo embora. E para tão longe! Que adiantava ficar pensando em alguém que logo estaria totalmente afastado?

Terminando de pôr a mesa, Luíza deu uma passada no quarto. Diante do espelho da penteadeira, ajeitou os cabelos, deu uns tapinhas no rosto para deixar a pele mais corada e, censurando-se pela vaidade, saiu para ver se a mãe precisava de ajuda na cozinha.

Como Dona Cecília estivesse com tudo sob controle e só fosse precisar dela na hora de levar a comida à mesa, Luíza foi sentar-se com o pai na sala. Naquele dia havia pouca gente para almoçar, embora Seu Paulo e Dona Cecília gostassem de reunir a família toda, pelo menos aos domingos, agora que os filhos estavam mais independentes. E Ana, convidada de Luíza, não pudera vir.

Luíza sentou-se ao lado do pai e apanhou uma seção do jornal que foi lendo enquanto ficava de olho na calçada por onde Carlos deveria chegar. Entretanto, a leitura acabou por absorvê-la, e foi com um sobressalto que ela ouviu as palmas lá de fora e o alegre cumprimento:

-- Ô de casa!

Seu Paulo levantou-se pressuroso e foi receber o convidado. Luíza os viu trocando um aperto de mão e tapinhas afáveis nas costas. Esperou que entrassem e então levantou-se para cumprimentar Carlos, que se inclinou daquele seu jeito encantador para olhá-la nos olhos. Seria impressão sua, ou o olhar dele a envolveu mais demoradamente enquanto sua mão ficava presa na dele ao se cumprimentarem? Impressão ou não, ela sentiu de novo aquela corrente elétrica percorrê-la de alto a baixo, sufocando-lhe a voz, que saiu ofegante quando ela respondeu ao "Como vai, Luíza?" dele.

-- Beemm, o...obrigada. E o senhor?

-- Não precisa me tratar com cerimônia, Luíza. Venho aqui como amigo de seu pai.

-- Es...está bem...Carlos.

Embora tivesse de se forçar, falar o nome que estivera em sua mente todos aqueles dias lhe deu estranho prazer - um elo de intimidade que não se havia permitido antes.

Carlos sentou-se à frente de Seu Paulo e os dois puseram-se a conversar animadamente. Luíza logo notou que o moço era alegre e brincalhão, e que, quando falava do trabalho que estava desenvolvendo no que ele chamava de "sertão", seus olhos brilhavam e o entusiasmo lhe enchia a voz.

Embora não participasse diretamente da conversa, ela prestava atenção, fascinada. E os olhos dele buscavam os seus tantas vezes... Parecia até que era com ela a conversa, como se ele estivesse querendo que ela participasse um pouquinho de sua vida. A sinceridade e o ardor dele eram contagiantes e Luíza viu-se inquirindo a respeito de coisas que nunca a haviam interessado antes.

-- Mas como você faz para começar um trabalho?

-- Bem -- respondeu Carlos voltando-se diretamente para ela, -- geralmente Deus me conduz a alguém que esteja aberto à mensagem do evangelho. Começo a trabalhar com essa pessoa, e, quando ela tiver tomado uma decisão, quase sempre quer que a família e os amigos também ouçam falar de Jesus. Aí começamos a fazer cultos evangelísticos na casa. É o começo de uma congregação.

-- Como o apóstolo Paulo fazia -- murmurou Luíza, pensativa.

-- É, realmente os métodos não mudaram até hoje -- comentou Seu Paulo.

-- E nem poderiam, não é, Seu Paulo? Cada pessoa que aceita a Jesus é como um pedregulho que cai na água parada. Os círculos que vão se formando, cada vez maiores, são a influência que uma vida transformada vai exercendo. E começa com os que estão mais perto. Se a família não enxergar mudança de vida, o que verão os de fora?

-- É verdade, Carlos. E isso vale para todos nós. O lugar mais difícil de viver os ensinamentos de Jesus é dentro de casa.

-- Concordo com o senhor, Seu Paulo. Mas creio, de todo o coração, que a vida em família tem um tremendo potencial de evangelização - maior do que o de qualquer organização.

-- Ê, moço, então é melhor você pensar em constituir família -- brincou Seu Paulo.

-- Tenho orado muito sobre isso, Seu Paulo -- retrucou o outro com toda a seriedade, a fronte enrugada em concentração. -- Mas, como o senhor sabe, não vai ser fácil arranjar alguém que queira me acompanhar ao sertão.

Luíza observou atentamente o rosto do moço para ver se detetava algum pesar pelo noivado rompido. O que viu, entretanto, foi uma aceitação tranqüila da realidade.

-- Talvez eu tenha de ficar solteiro, como o apóstolo Paulo -- continuou ele.

-- Bom, Deus é quem sabe, não é mesmo? -- falou Seu Paulo, levantando-se. -- Vamos entrar que o almoço já vai ser servido.

Luíza também se levantou, a contragosto. Sabia que devia ir ajudar a mãe a servir o almoço, mas não sentia o menor desejo de deixar a presença cálida daqueles olhos azuis, daquela voz grave e sonora. Sentia-se tão bem ali!

\* \* \*

Os meses de dezembro e janeiro trouxeram muita atividade gostosa à vida de Luíza. Ela e Joana foram incumbidas de cuidar da festinha de Natal do departamento infantil da igreja. Arrumaram uma peça natalina, que oferecia papéis para todas as crianças que quisessem participar. Dona Cecília ajudou a confeccionar as roupagens dos pastores e dos reis magos. Muitas vezes a sala de jantar era transformada em oficina de costura, com coroas recortadas em papelão e pintadas com purpurina, sacos de estopa transformados em roupões reais, e lençóis velhos servindo de vestes angelicais. Luíza se deliciava com os preparativos, e sabia que a festinha era muito apreciada e aguardada por todos da igreja.

Ela se lembrava de quando era uma das participantes, e como os ensaios, as músicas e principalmente as roupagens a enchiam de antecipação da grande noite da festa.

O culto especial de Natal também a ocupou bastante, pois, como cantava no coro, houve muitos ensaios extras para preparar as lindas cantigas que cantariam na igreja e também nas serenatas que fariam diante das casas de alguns membros da igreja que, doentes, não poderiam comparecer ao culto. Houve também um culto no lar dos velhinhos que visitavam todos os anos.

Assim, dezembro passou com rapidez, sem que ela realmente sentisse. Em janeiro, Seu Paulo levou a família passar um mês em Santos. Todos gostavam de praia e Seu Paulo sempre alugava a casa de um amigo, que ficava a poucos quarteirões da praia José Menino. Luíza amava o mar. Como gostava de levantar cedo, ia à praia antes dos outros, e aproveitava para dar longas voltas pela areia úmida.

Naquele janeiro, foi esse o tempo em que deixou que seus pensamentos se voltassem para Carlos. Gostava de lembrá-lo sentado na saleta, ao lado do pai, mas em sua mente os olhos dele estavam sempre voltados para ela. Tentava imaginá-lo no "sertão", mesmo sem ter a menor idéia do que "sertão" poderia ser. Imaginava um casario escuro e sem graça, construções de madeira, chão sem calçamento, poeira, carroças em vez de automóveis. Esforçava-se por pintar um quadro mental bem feio a fim de se convencer de que era um lugar para o qual jamais gostaria de ir.

Lembrava-se bem das palavras de Carlos: "Não vai ser fácil arranjar alguém que queira me acompanhar ao sertão... Talvez eu tenha de ficar solteiro." A resolução dele ficara bem clara. Seu plano de vida estava traçado. Se achasse alguém que quisesse partilhá-lo, seria muito bom. Se não... Por isso, Luíza jamais duvidou que amar Carlos significaria renunciar a tudo que considerava importante: a faculdade, a igreja grande e ativa de que participava, o conforto da cidade grande.

"Ora, menina, não seja boba", repreendia-se Luíza quando o rodopiar dos pensamentos a frustrava ao ponto de irritação. "Ele sumiu do mapa e não deu o menor sinal de gostar de você. E mesmo que gostasse, você iria querer viver como esposa de pastor? Pense bem."

Pensar, ela já pensava. O que precisava fazer era parar de pensar. Isso mesmo!

Fácil de dizer, difícil de fazer. Luíza não se cansava de conversar com Joana, que agora namorava firme o rapaz dos seus sonhos. A irmã parecia entendê-la e a ajudava a pensar sobre aquilo que tanto a confundia.

-- Ai, Joana, como é que fui me meter nessa? Sempre falei que jamais me casaria com pastor... Se fosse para eu casar, queria casar com alguém como o Sílvio, um engenheiro, homem de negócios, que vai sempre morar em cidade grande e civilizada.

A irmã a ouvia, indicando com pequenos gestos que a compreendia.

-- É, eu sei, mana. Mas acho que você sabe também que, embora quisesse casar com alguém como o Sílvio, não queria casar com o próprio.

Luíza admirou-se da perspicácia da irmã.

-- Como é que você sabe disso?

-- Pensa que sou boba? Você nunca sentiu pelo Sílvio o que está sentindo agora. Gostava da companhia dele, mas também não sentia muita falta dele quando ele estava longe.

-- É verdade -- concordou Luíza. -- Com o Sílvio, as coisas eram simples e tranqüilas. Eu me sentia dona da situação. Agora, não. Fico agitada, quero parar de pensar no Carlos e não consigo, e isso me deixa quase com raiva de tudo.

-- E orar, você já orou? -- perguntou Joana.

-- Já, claro -- respondeu Luíza, que, de fato, orara... algumas poucas vezes. -- Mas não é tão simples assim. Eu *não sei* o que Deus quer para a minha vida. Devo deixar de pensar no Carlos já que não quero me casar com pastor, ou devo aprender a querer ser esposa de pastor? Será que isso é algo que Deus está querendo de mim? Mamãe sempre diz que sou teimosa. Fui teimosa quando cortei os cabelos, fui teimosa quando namorei o Sílvio. O que não sei agora é se estaria sendo teimosa por pensar em casar com um pastor, quando eu sempre disse que não era o que queria para a minha vida, ou se estaria sendo teimosa por *não* querer casar, se é isso o que Deus quer para mim. -- Aqui Luíza deu um suspiro profundo. -- É tudo tão confuso! O que você acha? -- perguntou ela, voltando-se para a irmã.

Joana meneou lentamente a cabeça enquanto alisava a longa trança com a mão.

-- Não sei, Luíza. Bem que gostaria de poder dizer com certeza. Acho que a gente só pode seguir em frente, e pedir a Deus que nos mostre se estivermos seguindo um caminho errado para nós.

A tristeza na voz da irmã fez Luíza esquecer-se temporariamente dos seus aborrecimentos.

-- Joana, o que há? Pensei que estivesse no auge da felicidade agora que está namorando o José.

-- E estou -- falou a outra sem muita convicção. -- Mas as coisas não são tão simples assim. Mesmo estando junto com a pessoa a quem a gente ama, ainda há muita coisa por resolver.

-- Por exemplo?

-- A questão dos gênios. Gosto muito do José, você sabe disso. Mas às vezes o jeito com que ele trata a mãe e as irmãs me preocupa. Ele é meio bruto com elas, e elas o tratam como um reizinho. Você sabe que ele cresceu sem pai, e as mulheres da família o mimam até dizer chega. Será que, quando estivermos casados, ele me tratará assim também?

Luíza não respondeu, mas ficou pensativa. Joana era apaixonada por José havia tanto tempo, e, agora que estava convivendo mais com ele, tinha dúvidas. E como seria o Carlos, o verdadeiro Carlos que havia por baixo do moço amável e sorridente? Não tinha a mínima idéia.

*Chega de ser boba, Luíza,* repreendeu-se ela, assustada com o rumo que seus pensamentos estavam tomando. Você não conhece nada sobre esse rapaz, e sempre soube que seus planos de vida não incluíam casamento com pastor. Aí está a faculdade, seu trabalho, sua igreja, e outros pretendentes que estão mais de acordo com o que você quer. Pare de pensar no Carlos e trate de cuidar da vida, ou vai acabar ficando com uma paixão recolhida como a da Joana, que nem agora que está namorando o José sente-se feliz.

Com um gesto decidido, Luíza puxou a mala de baixo da cama e pôs-se a arrumá-la para a volta a São Paulo, enquanto resmungava entre dentes: -- Para mim, chega. Pode torrar no seu sertão, mocinho!

Joana apenas deu uma risadinha.

\* \* \*

Quando voltaram a São Paulo, encontraram uma pilha de correspondência que Nilo fora guardando enquanto estiveram fora. Como sempre, Seu Paulo apanhou o maço e foi separando o que lhe era endereçado e colocando o restante sobre a mesa.

-- Ora essa -- disse ele de repente, virando uma carta para olhar o nome do remetente, -- uma carta do Carlos.

Luíza olhou para o envelope que o pai segurava. Carlos. O nome que, apesar de todos os seus esforços e propósitos, não lhe saía da mente se materializava em algo concreto, em tinta e papel, em uma mensagem vinda lá do sertão. Não para ela, é claro. Mas nem por isso ela conseguiu evitar que a tocasse.

Tentando não demonstrar interesse, ela viu o pai abrir o envelope, retirar uma folha de papel coberta por letra uniforme e estilosa, e passar alguns momentos lendo o seu conteúdo. Finalmente, Seu Paulo anunciou a Dona Cecília:

-- Carlos está vindo de novo a São Paulo e desta vez terá de ficar o mês todo aqui.

O coração de Luíza deu um salto e ela sentiu-se inundada por uma alegria que mal conseguiu esconder e que levou por água abaixo suas mais firmes resoluções. Felizmente, os pais não lhe estavam prestando atenção.

-- Ah, é? -- retrucou Dona Cecília. -- Eu gostaria de convidá-lo para falar às senhoras da igreja sobre as experiências dele como missionário. Será que arranjará tempo para isso?

-- Acho que sim. E acho também que ele gostaria disso.

-- É, eu sei. Já vi que ele não precisa de muita corda para falar do trabalho -- disse a senhora, com uma risadinha.

-- O entusiasmo dele é contagiante, não é? Como é bonito ver a pessoa certa no lugar certo, fazendo o que Deus o chamou e capacitou para fazer! Não que a obra não seja bem espinhosa, mas nem isso arrefece o ardor desse moço.

-- Ele precisa arranjar uma boa esposa, isso sim. Não pode ficar lá, longe de tudo e de toda a família, sozinho.

-- Quem sabe você não poderia dar um jeito nisso, ein, Luíza? -- brincou o pai. Voltando-se para fitá-la, Seu Paulo viu logo o intenso rubor que cobriu o rosto da moça, pega de surpresa. -- Não me diga que já estava mudando de idéia quanto a ser esposa de pastor -- acrescentou ele, aumentando ainda mais o desconforto da filha.

Agora Dona Cecília também a fitava com ar desconfiado que logo se dissolveu num sorriso:

-- Nada com um belo pastor para fazer a mocinha mudar de idéia -- arreliou ela.

Luíza, percebendo que os pais lhe haviam descoberto o segredo, olhou-os com franqueza e admitiu:

-- Não mudei de idéia...ainda. Mas estou pensando sobre o caso. Não que tenha tido qualquer tipo de encorajamento. É uma coisa só minha por enquanto. E nem mesmo *eu* sei o que penso. Por isso tenho orado muito, pedindo a Deus que me esclareça.

Seu Paulo aproximou-se e, colocando as duas mãos nos ombros da filha que agora era mais alta do que ele, falou comovido:

-- Estaremos orando com você, filha. Não seria uma vida fácil, mas tenho a certeza de que você está à altura desse desafio. Se for da vontade de Deus. Desconfio um pouco de todas essas visitas do Carlos a São Paulo -- concluiu ele com uma piscadela.

-- Papai! -- exclamou Luíza, feliz e emocionada. -- O senhor acha mesmo?

-- Paulo, pare de colocar idéias na cabeça dela -- interpôs a prática Dona Cecília. -- É melhor esperar para ver o que acontece.

Voltando-se para a esposa, Seu Paulo a envolveu com o olhar terno e carinhoso que Luíza já vira tantas vezes:

-- Cecília, eu sei quando um homem está se apaixonando. Não faz tanto tempo assim que caí por você.

-- Só uns quarenta anos -- revidou a esposa.

-- Que pena. Poderia ter sido mais.

-- Só se eu me casasse com dez anos -- concluiu Dona Cecília, que se casara com dezesseis anos.

Tão entretido ficou o casal naquela conversa que nem percebeu quando Luíza saiu da sala. A moça sentiu que precisava ficar sozinha, tentar mais uma vez ordenar seus pensamentos e sentimentos. Sempre que as coisas pareciam ir se acalmando, Carlos surgia de alguma forma para tumultuar tudo. Ele invadira sua vida, sua mente, seu coração sem pedir licença. E, se não quisesse saber dela, deixaria um vazio de cuja existência ela mal suspeitava antes. Ao mesmo tempo, estava começando a entrever que, se ele quisesse, poderia preencher esse vazio de uma forma tão completa que só de pensar, Luíza era arrebatada por uma alegria estonteante.

"Ai, meu Deus, o que será de mim?" gemeu ela para si mesma, numa prece que expressava sua angústia ante um desconhecido que ela ao mesmo tempo desejava e temia.

\* \* \*

O ano escolar recomeçara cheio de atividades que ajudavam o tempo a passar. O tresdobramento que as amigas esperavam havia sido decretado e Luíza conseguira ser nomeada para o grupo da rua São Joaquim. Estava lecionando uma classe de quarto ano, um desafio grande para uma professora ainda relativamente inexperiente.

Além disso, continuava estudando durante as manhãs, no curso de aperfeiçoamento. Carmem era sua colega. Antonieta desistira antes mesmo de enfrentar o exame de admissão. Estava plenamente satisfeita em lecionar. Ana fora nomeada para uma fazenda perto de Botucatu.

Depois de um dia exaustivo em que tivera de enfrentar um aluno grandalhão, muito malcriado, Luíza saía da escola carregada dos cadernos que teria de corrigir, concentrada em não perder o bonde que a levaria para casa um pouco mais cedo, quando ouviu uma voz atrás de si.

-- Quer uma ajuda com esses cadernos?

O choque que a percorreu quase a fez derrubar no chão o que carregava. Voltando-se devagar, deparou-se com Carlos, parado ao lado do portão do grupo.

Ao ver a expressão de surpresa que ela fez, ele se aproximou sorrindo.

-- Estou indo para sua casa, e seu pai me contou que você sairia neste horário. Então, resolvi esperar e tomar o mesmo bonde.

Sem saber o que dizer, Luíza recomeçou a caminhada e ele a acompanhou.

-- Deixe-me ajudar a carregar esses cadernos -- ofereceu.

A moça sacudiu a cabeça.

-- Não precisa, obrigada. Estou acostumada...

Mas Carlos nem esperou ela terminar a frase e apanhou o pacote dos braços dela. Luíza deixou. Não ia criar caso.

Quando se puseram a andar novamente, ela conseguiu achar a voz e fazer uma pergunta para dar um toque de normalidade àquela situação anormal:

-- Quando foi que você chegou?

-- Ontem. Estive com seu pai e pedi permissão para vir buscá-la, porque queria muito falar com você.

Luíza permaneceu muda. Parecia que todo o seu mundo tremia a seus pés, que aquilo por que tanto ansiava e que tanto temia estava prestes a acontecer. E não sabia o que fazer.

Carlos caminhava a seu lado também em silêncio, dando-lhe tempo para absorver o que dissera, observando-a através de olhadelas rápidas e atentas.

Chegaram depressa ao ponto do bonde, que já vinha se aproximando. Luíza embarcou primeiro e encontrou um banco vago. Carlos acomodou-se ao seu lado. Assim que o veículo se pôs a caminho, ele voltou-se para fitá-la de frente e perguntou:

-- Podemos conversar quando chegarmos à sua casa, Luíza?

Sem conseguir olhá-lo nos olhos, ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e em seguida virou o rosto, fingindo-se muito interessada no que acontecia na rua. Carlos recostou-se contra o banco e ficou em silêncio por alguns instantes.

Quando falou de novo, começou a contar um episódio engraçado da longa viagem de trem que fizera para chegar a São Paulo. O constrangimento diminuiu e, quando Luíza caiu na risada, sumiu de todo. A partir daí, conversaram com naturalidade, a primeira conversa particular entre os dois. Enquanto desciam a forte ladeira que levava à rua Paraíso, ele voltou o assunto da escola, e foi a vez de Luíza falar do seu trabalho. Sem saber muito bem como, acabou contando o problema que tivera com o aluno malcriado aquele dia. Com admiração evidente, Carlos comentou:

-- Você deve ser uma ótima professora!

-- Ah, nem tanto. Ainda sou novata. O que sei é que gosto demais de ensinar. Mas não tolero malcriação. Ainda bem que o diretor me deu todo o apoio.

Chegando à casa, Luíza pediu licença e ia se afastando na direção do quarto quando Carlos a reteve, segurando-lhe o braço:

-- Será que podemos conversar agora?

Com o toque dele acelerando as batidas do seu coração, ela respondeu depressa:

-- Já volto. Vou só guardar minhas coisas no quarto.

"E me arrumar um pouco", concluiu ela consigo mesma. Nem imaginava com que cara estava, depois de um dia todo fora da casa, estudando, trabalhando, brigando com aluno... "É respirar um pouco. Preciso respirar um pouco."

Entretanto, alguma força a arrastava para a saleta onde o moço a esperava. Largou os cadernos sobre a penteadeira, a bolsa sobre a cama, deu uma olhada rápida no espelho, ajeitou um pouco os cabelos, enfiou melhor a blusa dentro da saia, e saiu para o corredor, tentando moderar os passos. Tão concentrada estava que nem estranhou o fato de a casa estar tão quieta. Os únicos sinais de vida eram os barulhos que vinham da cozinha.

Carlos, de pé, examinava alguns livros que estavam sobre a mesinha redonda instalada ao lado da cadeira favorita de Seu Paulo. Assim que pressentiu a presença de Luíza, voltou-se com uma expressão que a moça não conseguiu decifrar.

Convidando-a a sentar-se com um gesto, ele puxou a cadeira para ficar de frente para ela.

-- Luíza, quero que saiba que já conversei com seu pai sobre o que vou lhe dizer. Estou aqui com permissão dele.

"É sério mesmo", pensou Luíza, uma pequena inquietação penetrando sorradeira em seu coração. Não se sentia pronta para algo tão sério assim.

-- Você sabe um pouco do que aconteceu comigo. -- Luíza acenou afirmativamente com a cabeça, estimulando-o a continuar. -- Já estive noivo, mas não deu certo. Quero me casar, Luíza. Já não sou mais criança e quero acertar a minha vida. -- Ele se interrompeu com um gesto impaciente. -- Não é bem isso o que quero dizer. Falando assim, parece uma proposta prática. Mas não é. Pelo menos, não é apenas isso. Desde que a vi pela primeira vez, encantei-me com o seu jeitinho. Foi você quem me fez ver quanto a minha vida estava vazia, quanto eu precisava de alguém - alguém como você.

Ele se calou por uns instantes. Os pensamentos de Luíza corriam em todas as direções, alvoroçados. Nem que quisesse ela poderia falar alguma coisa coerente naquele momento. Por isso, limitou-se a esperar que ele prosseguisse.

-- Pensei tanto no que gostaria de lhe dizer, e agora estou todo atrapalhado. O que estou querendo dizer, Luíza, é que gostaria muito de conhecê-la melhor. Vou passar um mês aqui, e, se você consentir, gostaria de passar parte desse tempo na sua companhia.

Vendo que a moça continuava muda, ele acrescentou depressa:

-- Não precisa me responder já. Pense sobre o assunto e me diga depois.

"Bem na hora", pensou Luíza aliviada quando, erguendo os olhos, entreviu Joana entrando pela porta da frente, também carregando um pacote de cadernos. Carlos levantou-se atenciosamente para cumprimentá-la. Parecendo nada notar, Joana deixou-se desabar sobre o sofazinho, suspirando.

-- Que dia! -- comentou ela.

Como que por encanto, a casa toda, antes tão silenciosa, começou a se animar. Silas, ouvindo as vozes na saleta, veio cumprimentar Carlos, de quem se tornara amigo. A voz de Seu Paulo chegou até eles, vinda de outra parte da casa. Os ruídos da cozinha se intensificaram, misturados com as vozes de Dona Cecília e Nilo.

Aliviada com a interrupção, e vendo Carlos conversando com Silas, Luíza saiu de fininho, embora sentisse o olhar do rapaz acompanhá-la. Quando teriam a oportunidade de conversar a sós novamente? O que ela lhe diria?

Quando ele se despediu dela aquela noite, seus olhos buscaram a resposta que ela ainda não podia dar. Parada na entrada da varanda, Luíza viu-o afastar-se pela rua mal iluminada com uma sensação mista de alívio e perda. Alívio do tumulto que a simples presença do moço causava em suas emoções. Perda do calor que ele irradiava e que a tocava de maneira tão especial. Perda da sensação de estar bem - bem consigo mesma, bem com a vida.

\* \* \*

Aquela noite, ela confidenciou a uma surpresa Joana sua reação às palavras de Carlos.

-- Mas, Luíza, pensei que você estava louquinha por ele!

-- Pode até ser, Joana. Mas me assustei quando ele começou falando em casamento!

-- Ué, mas quando a gente gosta de alguém, não quer se casar?

-- Acho que sim. - Luíza parou para pensar um pouco. - Hum, claro, é nisso que também estou pensando. Mas isso teria de vir bem depois... depois de a gente ter tempo de se conhecer... Ele ainda é um completo estranho para mim!

Joana permaneceu em silêncio tanto tempo que Luíza pensou que a irmã tivesse adormecido.

-- Joana?

-- Estou pensando, Luíza.

-- Pensando o quê?

Luíza gostaria de poder ver o rosto da irmã, mas o quarto estava bem escuro.

-- Pensando em quanto medo você ainda está sentindo do que o Carlos representa.

Agora foi a vez de Luíza se calar. Percebia que a irmã tinha razão. Para falar a verdade, sentia certo medo, muito medo, dominando todas as outras emoções.

-- Tenho mesmo. Não queria ter de começar encarando como será a vida com um pastor do sertão. Queria poder primeiro namorar sem grandes preocupações, só para ver como as coisas correm.

-- É, só que nem sempre acontece tudo como a gente quer -- disse Joana com um suspiro. -- E temos de aceitar as coisas como são... ou correr o risco de ficar sem nada.

Luíza sentiu um toque da sua velha teimosia espicaçar seu coração.

-- Gosto do Carlos e quero conhecê-lo melhor, mas não tenho de deixar que ele já vá comandando as coisas. Também tenho meu modo de pensar, e não quero falar ainda em casamento. Se assim estiver bom para ele, muito que bem. Se não...

A sentença ficou suspensa no ar.

-- Se não... -- gracejou Joana -- você vai fazer do jeito que ele quer. Vai ver só -- acrescentou com voz de experiência.

A resposta de Luíza foi veemente.

-- Eu não sou você, Joana!

A irmã não se ofendeu. Em vez disso, falou baixinho:

-- Não é mesmo. Mas o amor faz coisas incríveis com a gente, Luíza. Eu mesma não me reconheço às vezes -- acrescentou com um toque de ironia na voz. E, encerrando a conversa, como se ao assunto fosse doloroso, despediu-se:

-- Boa noite, mana. Ore por mim.

Comovida, Luíza respondeu:

-- Pode deixar. Orarei por nós duas.

\* \* \*

O mês seguinte passou velozmente, e Luíza teve a oportunidade de aprofundar bastante seu conhecimento de Carlos. Descobriu que ele gostava de cinema, e principalmente de filmes de mocinho. Seus pais tinham uma grande fazenda e ele passava sempre lá as férias. Gostava de montar a cavalo, e confessou meio encabulado que às vezes galopava pelos enormes pastos imaginando-se um daqueles mocinhos. Luíza, por seu lado, gostou de ir ao cinema acompanhada pelo rapaz bonito e atencioso. Sentia-se muito especial quando estava com ele.

Carlos, a convite do Rev. Dick, pregou duas vezes na igreja de Luíza e deu uma aula na escola dominical. Como ela cantava no coro, nunca pôde sentar-se ao seu lado quando ele assistia ao culto com a família, mas Joana lhe contou que ele tinha uma bela voz de barítono. A amizade de Silas por Carlos cresceu bastante durante aquele mês, e o jovem pastor estabeleceu um lugarzinho para si no seio da família. Seu Paulo gostava de conversar com ele sobre questões teológicas. A Dona Cecília ele contava sobre a mãe e a família, de quem vivia muito saudoso. Sua mãe era professora, filha de um professor que fizera fama como educador na cidade de Tietê. A escola fundada por ele chegara até a ser visitada pelo Imperador D. Pedro II, de tão famosa que era.

Com os mais moços, ele conversava, passeava, participava um pouco de suas vidas. Era uma pessoa alegre, bem humorada e suas orações mostravam um coração entregue tranqüilamente a Deus. Fora consagrado pelos pais à obra de Deus quando nascera e jamais duvidara de que fosse essa a sua missão na vida.

Quanto mais Luíza o conhecia, mais gostava do que via. Ao mesmo tempo, sentia-se um tanto tolhida pelo acolhimento que a família toda dava ao moço. E se, depois de tudo, ela não quisesse casar-se com ele? Seus pais ficariam desapontados, com certeza. Já consideravam Carlos um filho.

"Será que estou sendo teimosa, Senhor?" perguntou ela certo dia ao orar. "Pedi que o Senhor mostrasse, e acho que está bem claro. Então, por que reluto? Gosto tanto dele, e estou vendo que ele também gosta de mim. *Todos* gostam dele. E aí fico chateada porque parece que não tenho muita escolha..."

Os pensamentos de Luíza voltaram à despedida de Carlos, alguns minutos antes. Ela o acompanhara até o portãozinho e lhe estendera a mão, que ele segurou com as duas, retendo-a enquanto a fitava longamente. Perdida naquele olhar, Luíza nem sentiu quanto tempo ficaram assim. De repente, ele abaixou a cabeça e depositou um beijo na mão que segurava, antes de soltá-la e dizer: "Boa noite, Luíza. Durma bem. Deus a abençoe", e voltar-se para ir embora. Luíza o acompanhou com o olhar e, quando ele chegou à esquina, voltou-se e acenou para ela.

Luíza sabia que estava fisgada. Aquele beijo doce e leve a fez entrever o que seria ser a amada de Carlos, sua esposa. Finalmente teve de admitir que jamais abriria mão dessa felicidade, não importa que dificuldades tivesse de enfrentar para viver ao lado dele. "É, realmente parece que não tenho escolha", murmurou consigo mesma. Nesse instante, o medo a deixou e ela sentiu uma alegria arrebatadora, uma coragem inédita, uma força incrível para combater todas as dificuldades que viessem pela frente. Contanto que Carlos estivesse ao seu lado!

\* \* \*

Quando teve de voltar ao trabalho, Carlos já levou consigo a permissão de Luíza e dos pais para escrever à moça e ir preparar as coisas para um futuro casamento, provavelmente no ano seguinte.

Seu Paulo insistia que Luíza terminasse o curso de aperfeiçoamento, mas ainda faltava um ano e meio para a formatura. Em conversas com a filha, Seu Paulo a aconselhou a respeito da vida de esposa de pastor, falando das dificuldades que certamente enfrentaria, inclusive na área financeira.

-- É por isso, minha filha, que o seu trabalho pode ajudar muito. Nunca peça a seu marido aquilo que ele não pode dar. O marido sente-se diminuído quando percebe que a esposa está insatisfeita com a vida que ele lhe pode oferecer. Carlos é um rapaz preparado, e tenho a certeza de que vai longe no seu trabalho, mas provavelmente nunca terá muito dinheiro. Se vocês se casarem, quero ajudá-lo em tudo que puder. Mas a vida de pastor é sacrificada.

-- Eu sei, Papai. Acho que era por isso que eu relutava tanto. Imaginei uma vida bem diferente para mim. Mas quero aprender a ser a esposa de quem Carlos vai precisar.

Luíza descansava bastante na confiança que tinha no pai. Se Seu Paulo achava que ela seria uma boa esposa para Carlos, quem era ela para duvidar?

Pelo menos uma vez por semana chegava uma carta de Carlos. Ele contava as novidades do trabalho, os preparativos que fazia, falava de algumas pessoas que ela iria conhecer quando fosse morar lá, mas acima de tudo falava dos sonhos que tinha para sua vida conjunta. Eram cartas ternas, carinhosas. Traziam também muitas perguntas sobre o dia a dia da moça, suas labutas nas salas de aula, tanto como aluna quanto como professora. Luíza as lia, respondia e depois ficava tentando imaginar a cidadezinha, as pessoas com quem ia conviver, a casa onde iria morar. Via-se no papel de Dona Margarete, ajudando na igreja, lecionando na escola dominical, dirigindo o trabalho das senhoras. Podia quase enxergar a casinha - de tábuas, ele já avisara - que seria deles. Não tinha importância que fosse pequena, nem que fosse de tábuas. Ela a deixaria brilhando, um brinco. Plantaria algumas roseiras na frente, penduraria cortinas brancas de renda nas janelas, enceraria o assoalho até deixá-lo brilhante e impermeável à poeira das ruas sem calçada. Ele teria o maior orgulho de levar lá alguma visita.

Como era a primeira filha a se casar, a mãe a estava ajudando a preparar um belo enxoval. Lençóis, toalhas de mesa e de banho, cobertores, panos de prato - tudo ia sendo confeccionado ou comprado pronto, e guardado nas gavetas de uma cômoda especialmente separada para isso. Muita coisa ela ia ganhando, especialmente jogos de crochê, toalhas de mesa de linho, bordadas, que seriam para as ocasiões especiais.

Joana fez questão de lhe dar um jogo de cama, enfeitado com crivo e umas violetas matizadas, verdadeira obra de arte.

Quando as saudades de Carlos apertavam, Luíza tirava um tempo para arrumar as gavetas da cômoda do enxoval, e assim sentia-se um pouco mais perto do moço.

No final do ano, Carlos foi visitá-los novamente e o noivado foi oficializado, numa cerimônia simples só em família. Dona Cecília preparou um jantar especial para os noivos e Seu Paulo deu a bênção ao jovem casal. O casamento ficaria para depois da formatura, mas não muito depois, avisou o impaciente noivo.

Dessa vez, a despedida foi mais dolorosa e mais prolongada. Noivos, eles agora tinham liberdade para ficar a sós na salinha, em longas conversas e troca de agradados.

Carlos, passando o braço pelos ombros da noiva, apertou-a contra si carinhosamente. Tomando a mão dela com a que estava livre, ele a levou aos lábios e, depois de beijá-la, encostou nela o rosto.

Luíza deixou-se ficar ali, naquele abraço gostoso. Quando estava com Carlos, sentia-se especial, como se o amor dele por ela a completasse, a tornasse mais do que apenas Luíza. Era agora a Luíza do Carlos.

Quando chegou a hora da partida, Carlos lhe pediu que se ajoelhassem e orassem juntos um pelo outro. Luíza orou primeiro, meio tímida de orar em voz alta por um pastor. Ainda não se acostumara muito bem com a idéia de que ele era seu noivo. Depois Carlos orou por ela, por ele mesmo, para que pudesse ser tudo que Luíza esperava dele, terminando com uma bênção sobre a noiva.

-- Agora entendo melhor aquele salmo que fala do óleo precioso derramado sobre a cabeça, e que desce até a orla das vestes -- disse ela quando Carlos, já em pé, a ajudava a levantar.

Carlos tomou o rosto dela nas mãos, e, pela primeira vez beijou-a nos lábios, um beijo leve como o roçar de uma flor. Voltando-se, ele saiu depressa. Quando chegou à rua, ele se virou e, dessa vez, atirou-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

Luíza ficou parada ali, o coração disparado, sacudida em todo o seu ser por uma explosão de alegria e sentimentos poderosos que nunca experimentara antes e que varreram de sua alma todo resquício de dúvida. Estava pronta para o que desse e viesse.

*Eu Sou do Meu Amado e Ele é Meu*

Um espoucar de tiros ressoou na tarde até então tranqüila de maio. A Revolução Constituinte de 32 grassava pela paulicéia, assustando os civis e criando grande confusão e medo em toda a população.

No casarão da Rua Nilo, havia dias que ficavam todos em estado de alerta. Desde o dia em que Nilo descobrira uma granada sem explodir no pomar, entre duas mexeriqueiras, a família andava sobressaltada. Quando a batalha ficava mais acirrada, Seu Paulo levava a família a esconder-se na igreja metodista da rua da Liberdade que, além de abrigar em seu vasto porão as famílias da igreja, abria suas portas para amigos e parentes dos membros que fossem ali procurar refúgio.

Luíza, com o coração sempre sobressaltado, esperava agoniada notícias de Carlos que estava servindo como capelão na frente de Itararé. As aulas haviam sido suspensas, tanto no grupo escolar quanto no curso de aperfeiçoamento. Todo mundo ficava em casa, com medo de sair às ruas. O ruído da artilharia montada no morro do Ipiranga era intermitente, mas os buracos deixados na parede do casarão eram suficientemente reais para fazer refêns de seus habitantes. Somente Nilo e Seu Paulo se aventuravam a sair, cautelosos, para suprir as necessidades mais básicas da família.

Para ajudar a passar o tempo, Luíza e Joana organizaram classes no porão da igreja, para onde foram carregadas as mesinhas redondas das salas da escola dominical. Ali as duas se encarregavam de dar aulas à criançada enérgica e desocupada, antes que as mães ficassem doidas.

Muitas eram as horas em que Dona Cecília, ao piano desafinado que havia sido encostado no porão quando a igreja comprou um mais novo, conduzia o cântico de hinos conhecidos e alguns novos, que ela começou a ensinar aos que estavam ali reunidos.

Em fins de maio, Carlos teve uma folga. As coisas estavam mais calmas naqueles dias, e Luíza estava em casa quando o noivo apareceu inesperadamente. Nilo foi avisá-la.

-- Seu Carlo tá aí, Luíza.

A moça ergueu-se da cama onde, sentada, colocava em ordem alguns objetos da cômoda do enxoval, o coração batendo com força. Fazia tanto tempo que só se comunicavam por carta! Como seria vê-lo de novo, agora já mais perto do casamento?

Carlos estava na saleta. Apesar de bronzeado, o que tornava seus cabelos mais loiros e seus olhos mais azuis, ele parecia cansado. Luíza sentiu um desejo profundo de estreitá-lo nos braços, de afagar-lhe a cabeça, de beijar as marcas das rugas recentes em seu rosto. Uma timidez renovada, entretanto, a fez entrar e estender formalmente a mão ao noivo.

Ele tomou a mão estendida, segurou-a por alguns instantes mergulhando os olhos nos dela, e então puxou-a para si num abraço apertado e saudoso. Com os lábios roçando os ouvidos da moça, ele murmurou:

-- Ai, Luíza, que saudade! Quanto pensei em você estes dias...

Luíza nem tentou responder. Para quê? Todo o seu ser irradiava a alegria que estava sentindo, o amor que, ainda um tanto acanhado, se concentrava na única expressão de carinho que ela se permitiu - a mão acariciando os cabelos dele, passando pela face, tocando os lábios.

Comovido pela ternura daquele gesto, Carlos se afastou um pouco dela para poder vê-la melhor. Puxando-a para o sofazinho, sentou-se ao seu lado e tomando-lhe as duas mãos nas suas, indagou:

-- Como estão indo as coisas para você, minha querida?

Luíza estremeceu um pouco com a intimidade que o tratamento sugeria, mas conseguiu responder com calma à pergunta:

-- Está tudo parado no momento, Carlos. As aulas estão suspensas, e ficamos o dia todo sem ter o que fazer. O meu curso já foi para o bebeléu, porque perdemos aulas demais. Assim, não haverá formatura no fim deste ano.

O moço ficou pensativo por uns instantes. Luíza esperou.

-- O que isso quer dizer? -- perguntou Carlos finalmente.

Luíza já estava pronta com a resposta.

-- Tenho pensado bastante sobre isso, e também já conversei com meus pais. Esse curso de nada vai me valer lá no sertão. Tenho pena de não terminar e não receber o diploma, mas para fazer isso teríamos de adiar o casamento mais um ano.

-- O que seus pais acham disso? -- perguntou Carlos, a expressão contida.

-- Papai acha que eu devia suspender o curso para terminar mais tarde, quando pudesse. Mamãe também acha isso. Mas, para mim, nem vale a pena.

-- Tem certeza, Luíza? Não quero que venha a se arrepender mais tarde. De qualquer jeito, no momento não faria nenhuma diferença.

-- É o que estou dizendo. Por que deixar uma coisa em aberto se vou estar morando tão longe? É melhor desistir de vez.

Carlos ainda parecia hesitar, mas a atitude de Luíza era firme e convicta. Com um sorriso que inundou o rosto cansado, ele perguntou em tom maroto:

-- Será que, por acaso, você é teimosa?

-- Eeeuuuu? Que idéia!

A resposta de Luíza, tão enfática, fez os dois caírem na risada. Ouvindo-a, Dona Cecília chegou para ver o que estava acontecendo. Carlos a cumprimentou, e explicou o motivo da hilaridade.

-- Dona Cecília, estou descobrindo um quê de teimosia em sua filha. Será que é verdade?

Dona Cecília olhou a filha por alguns momentos e depois abanou a cabeça.

-- Sempre achei que sim, Carlos. Ela é muito decidida e não gosta de ser mandada, o que pode ser bom. Mas, quando isso passa a ser teimosia...

Aproveitando a presença da mãe de Luíza, Carlos propôs um plano alternativo, que seria executado se a revolução terminasse logo.

-- Eu gostaria que pudéssemos nos casar ainda em julho, Dona Cecília. Sei que isto é meio apressado, mas para meu trabalho em Presidente Prudente, seria bem melhor.

Dona Cecília mostrou-se indecisa.

-- Bem, precisamos falar com o Paulo sobre isso. O que ele resolver, para mim está bem. Com toda esta confusão, as coisas terão de ser bem simples. Vocês não se importam?

Voltando-se para a noiva, Carlos fez outra pergunta:

-- E você, Luíza, o que diz?

Julho! Já!? De repente, foi-se toda a bravura e voltaram os antigos temores. Com uma data tão próxima, a aventura começou a adquirir contornos mais sombrios, mais estranhos.

Carlos logo notou a hesitação no rosto da noiva. Dona Cecília, sem esperar a resposta, retirou-se da sala. Carlos sentou-se de novo ao lado de Luíza e, fitando-a com toda a seriedade, falou:

-- Luíza, não quero que faça nada só por minha causa, por minha conveniência. Sei que este é um passo difícil para você. Tenho de voltar depois de amanhã para a frente, e não precisamos tocar mais nesse assunto enquanto isso. Quando eu estiver fora, você pode pensar bem as coisas, e então, quando terminar toda esta confusão, acertaremos a data.

Incrível! Se ele tivesse forçado seu ponto de vista, Luíza sabia que continuaria apavorada, e insistiria que o casamento ficasse mesmo para o final do ano. Entretanto, assim que Carlos retirou a pressão, ela pôde perceber que, com medo ou sem medo, queria mesmo casar-se com ele, começar a aventura de ser esposa, arrumar seu próprio lar, por mais simples que fosse. Respirando fundo, ela retirou a mão que ele ainda segurava, passou-a de leve pelo rosto dele, e em tom conspiratório, falou:

-- Se Papai concordar, estou mais do que disposta, Carlos. Sim, quero me casar em julho, se possível. Quando você voltar ao sertão, iremos juntos.

O rapaz envolveu-a num olhar cálido, vibrante que encheu Luíza de ânimo. Estava selado o acordo.

\* \* \*

Quando a revolução terminou no dia 9 de julho de 1932, o casamento já estava marcado para o dia 26 do mesmo mês. O vestido de noiva foi confeccionado de chamalote branco, o único tecido que Dona Cecília conseguiu encontrar para a ocasião. Por sorte, Luíza o achou lindo, lindo. A manga justa até o cotovelo, fechada por uma fileira de botõezinhos redondos, eram bufante na parte de cima, como mandava a moda. O véu, simples e fino, descia da grinalda de flores miudinhas e cobria a cauda pronunciada que era o único enfeite do vestido.

Dona Cecília ofereceu um jantar aos padrinhos e aos noivos no dia 25, mas todos se retiraram cedo a fim de descansar para o dia seguinte. Até mesmo Carlos foi embora antes das 9 horas. Eles saíam diretamente da igreja para a estação da estrada de ferro, onde tomariam o trem que os levaria primeiro a Botucatu, a fim de fazerem uma visita aos pais de Carlos.

As três irmãs aproveitaram o fato de todos terem ido descansar mais cedo para fazer, pela última vez, o ritual do lava-pés. Reunidas em torno da grande bacia, ficaram conversando até quase a meia-noite.

-- Então, Luíza, o que está pensando? Amanhã, a estas horas, você já será uma senhora casada! -- exclamou Alice, com aquele seu jeito provocante e espevitado.

-- Nem me fale -- retrucou Luíza, suspirando. Suas emoções estavam tão embrulhadas que nem conseguia saber se suspirava de terror ou de alegria.

-- Que pedaço de marido você arrumou -- continuou Alice. -- Ele é bonito demais para ser pastor. Quem me dera achar alguém assim...

-- Que nada! Você é que nunca se casaria com pastor -- interveio Joana. -- Bem que te conheço.

-- Não, mesmo! -- foi a resposta veemente. -- Mas alguém como o Carlos podia me ajudar a mudar de idéia. Se não me engano -- disse ela voltando-se para Luíza com uma expressão de ironia, -- havia mais alguém nesta família que disse que jamais se casaria com pastor. E olhe só para ela agora.

As duas irmãs estavam fitando Luíza, com um olhar ao mesmo tempo carinhoso e um tiquinho invejoso. Como é que a irmã mais nova passara a perna nas duas mais velhas? Joana pelo menos já tinha namorado. Alice, talvez por seu jeito mais despachado, acabara afastando um ou dois candidatos que haviam tido a infeliz idéia de tentar conquistá-la. Ela permanecia invicta, mas não muito satisfeita com isso.

Percebendo os sentimentos das irmãs, Luíza tentou disfarçar um pouco a própria felicidade, pretextando aborrecimento com os planos da lua-de-mel.

-- Ah, vocês viram que vamos passar por Botucatu na noite de núpcias?

Joana não disse nada, pois estivera presente quando o plano foi formulado. Alice, entretanto, ficou positivamente revoltada:

-- O quê?! Que idéia é essa?

Diante da reação da irmã, Luíza quase se arrependeu de haver mencionado o plano. Tentou desfazer a impressão.

-- Ora, não é nada do outro mundo. É que vamos estar passando por Botucatu no meio da noite, e o Carlos sugeriu que descêssemos lá até o próximo trem, que sai às quatro da tarde, para eu conhecer a família dele.

-- Conhecer a família? No meio da lua-de-mel? -- O tom de Alice era horrorizado.

-- Eles estão passando por uma situação financeira muito difícil -- disse Luíza, sentindo necessidade de defender a nova família que ainda nem conhecia. -- A mãe do Carlos não pode vir para o casamento. Só o pai dele, que vai chegar amanhã cedo. Então o Carlos sugeriu esse plano. Papai e Mamãe acharam muito bom.

-- E você disse amém -- disse Alice meneando a cabeça.

Joana, que até então ouvira em silêncio o diálogo, interveio:

-- Disse amém, e está certa. A gente tem de aprender a ceder muita coisa para viver feliz.

Alice fez um muxoxo.

-- E a mana aqui começou cedo. Nem se casou ainda....

-- Papai me deu uns conselhos muito importantes, Alice. Ele disse que já viu muito pastor perder o rumo no ministério por causa da esposa. E disse que nunca devo pedir ao Carlos aquilo que ele não pode dar. E é o que pretendo fazer. Quero ajudá-lo em tudo, nas coisas grandes e nas pequenas.

Alice fez um gesto de aplauso, e depois tomou a mão da irmã.

-- É isso mesmo, mana. Se Deus lhe deu um marido pastor, dará a sabedoria para ser uma ótima esposa para ele.

Luíza sentiu-se comovida com o calor na voz da irmã.

-- Agora realmente digo amém.

A água da bacia, já quase gelada, pôs fim àqueles momentos de despedida da vida de solteira de Luíza. As três saíram do banheiro na ponta dos pés. Ao passarem pelo corredor, ouviram o carrilhão do relógio da sala, seguido de uma badalada. Já era o dia do casamento.

\* \* \*

Foi um dia frio, tumultuado. Um sol preguiçoso só foi dar a cara depois das dez da manhã, quando conseguiu romper a neblina forte que cobria a cidade.

O almoço oferecido por Dona Cecília aos parentes e padrinhos foi servido prontamente ao meio-dia, pois todos queriam ter tempo de se arrumar para a cerimônia, que seria às dezoito horas. Luíza conheceu o pai de Carlos, que também era pastor. O Rev. Teodoro era um senhor de aspecto austero que a intimidou bastante. Mas, no meio de tantas emoções, Luíza achou que teria de esperar mais um tempo antes de chegar a uma impressão realista sobre o sogro.

Logo que todos os convidados se retiraram, chegou o buquê de noiva, um arranjo de minúsculas flores do campo. Joana, que ajudaria Luíza a se vestir, colocou-o de molho em água fria na pia que ficava na sala de jantar.

Quando a família toda saiu para a igreja, Luíza já estava quase pronta -- sapatos e meias, roupa de baixo enfeitada de renda. Tudo era novo, tudo era especial. Só faltava colocar o vestido e a grinalda.

Finalmente chegou a hora. O vestido deslisou sobre os cabelos escuros de Luíza, e ela se olhou no espelho enquanto Joana começava a abotoar a longa carreira de pérolas pequeninas que o fechava nas costas. Quase sem poder acreditar no que via, Luíza deparou-se com uma moça esbelta, a alvura do vestido intensificando o brilho dos olhos castanhos, as faces levemente ruborizadas, um sorriso incontido nos lábios. Joana aproximou-se e colocou a grinalda sobre a cabeça da irmã, e começou a prendê-la no lugar, enquanto o véu, ténue e flutuante, caía sobre os ombros de Luíza e lhe descia pelas costas até a ponta da cauda.

Agora foi a vez de Joana ficar parada, fitando a moça do espelho.

-- Você está linda, Luíza.

Voltando-a para si, Joana abraçou-a de leve e depositou um beijo cuidadoso em seu rosto:

-- Seja muito feliz, minha irmã.

Mal contendo as lágrimas, Luíza fungou:

-- Sei que serei, Joana. -- E então, para quebrar um pouco a seriedade do momento, ela falou antes que as lágrimas caíssem: -- Sabe o que Papai disse ao Carlos hoje depois do almoço?

Joana apenas meneou a cabeça, esperando que a voz voltasse.

-- Moço -- disse Luíza, imitando a voz grossa do pai, -- se algum dia eu souber que minha filha derramou uma única lágrima por sua causa, vou correndo trazê-la de volta e você nunca mais a verá.

A imitação foi boa, e as risadas meio lacrimosas que se seguiram ajudaram a quebrar a tensão.

Ainda rindo, Joana comentou:

-- Puxa vida! O Carlos deve ter levado um susto!

-- Quase pensei que ele ia desistir antes da hora -- disse Luíza, enxugando os olhos. -- Nunca vi Papai tão nervoso assim.

-- Ainda bem que você vai morar bem longe. É a melhor coisa. Pensou se tivesse de aguentar Papai passando por sua casa todo dia para ver se você havia chorado?

Uma batida na porta as chamou de volta à realidade. Era Silas.

-- Estão prontas, vocês duas? Está em cima da hora.

-- Nossa, é mesmo! Vamos, Luíza, aqui estão suas luvas.

Mesmo tendo prometido a si mesma que não se atrasaria, Luíza não pôde deixar de saborear a saída da casa, o longo vestido roçando o assoalho do corredor, da sala de jantar, da saleta da frente. Ao sair para o passeio que dava para a rua, a moça arrepanhou a longa saia, sentindo-se uma verdadeira princesa, como a dos contos de fada. Diversas pessoas da vizinhança aguardavam sua saída, e acenaram para ela. Algumas meninazinhas, de olhos arregalados, acompanharam-na com o olhar até ela sumir dentro do carro.

Chegando à igreja, Luíza, ajudada por Joana, desceu do carro e subiu a escadaria da frente, diante da qual o pai já a esperava. Foi nesse instante que as duas irmãs tiveram o mesmo pensamento:

-- O buquê! -- exclamaram em uníssono.

Depois, Luíza não saberia dizer exatamente como as coisas se haviam arranjado. Só se lembrava de que Silas havia sido o salvador da pátria, voltando na disparada até a casa, apanhando o buquê, enxugando a água que escorria, enrolando os caules das flores na fita preparada para isso, e chegando à igreja antes que a demora da noiva em entrar causasse maior espanto.

Do momento em que a porta se abria, Luíza só se lembrava do rosto de Carlos, lá na frente, esperando por ela. Dali por diante, foram apenas os dois -- mãos unidas, corações em oração, alianças brilhantes. Uma nova vida, uma nova esperança, uma nova e doce união, selada agora com um beijo terno na testa da noiva quando o pastor pronunciou as palavras tão significativas:

-- Eu agora os declaro marido e mulher.

*ATÉ AO CAFUNDÓ-DO-JUDAS*

O embalo cadenciado e suave do trem, o tique-taque monótono das rodas sobre os trilhos de ferro, o apito dolorido quando a locomotiva se aproximava de uma curva perigosa ou de um vilarejo ao longo do caminho - tudo isso ficaria registrado para sempre na mente de Luíza. As résteas de luz que agora entravam pela janela fechada do compartimento do carro-leito mostravam que o sol já principiava a nascer.

Completamente acordada, ela procurou se ajeitar melhor no leito sem despertar Carlos, que ressonava de leve ao seu lado. Não conseguia dormir tão apertada assim, mas não tivera coragem de dissuadir o marido quando este, depois de se aprontar para dormir, se deitara ao lado dela na cama estreita, deixando vazio o leito superior. A situação era simbólica da nova intimidade que desfrutavam - maravilhosa em alguns aspectos, um tanto sufocante em outros.

"Como minha vida mudou", pensava ela, sentindo o calorzinho agradável do corpo do marido, encostado no seu. "Aqui estou eu, espremida contra a parede, sentindo cada solavanco do trem, e gostando, querendo que a viagem não acabe nunca."

Era verdade. Até então, a lua-de-mel só trouxera bons momentos - convivência, intimidade. Estava até achando que já se acostumava com o novo papel de esposa.

A visita à casa dos pais de Carlos havia sido meio desastre, meio bênção. A parte desastrosa ficara por conta do finzinho da revolução. Eles haviam embarcado no trem da Sorocabana no meio de muitos festejos por parte dos amigos e parentes. Um acontecimento. Era como se o casal estivesse partindo para o outro lado do mundo.

E, de certo modo, estava. Por isso, aquela despedida. O único senão foi que o sogro também voltava para Botucatu, obviamente no mesmo trem. E na cabine ao lado da deles. Mas nem isso conseguira diminuir a emoção e as alegrias da primeira noite passada juntos.

A chegada a Botucatu fora outro acontecimento. O Cocada, motorista muito conhecido na cidade, os aguardava na imponente estação da ferrovia. Luíza tivera seu primeiro contato com uma cidade importante do interior do estado. A família toda estava em pé, esperando a chegada dos noivos desde as quatro horas da manhã. Luíza, tanto quanto se sentia intimidade pela sisudez do sogro, foi conquistada imediatamente pela meiguice da sogra, uma senhora magrinha, de cabelos grisalhos, olhos acinzentados, um sorriso doce e tranqüilo nos lábios, os braços estendidos para acolher a nova filha. Os irmãos de Carlos a trataram como visita importantíssima - a esposa do irmão, vinda da capital.

Fora um dia movimentado, e eles deveriam embarcar no trem que saía naquele mesmo dia às dez horas da noite. Entretanto, no meio da tarde chegou a notícia de que a ponte de Itararé, perto de Ourinhos, fora dinamitada por forças rebeldes, ainda inconformadas com o fim da revolução. Não havia outro remédio. Teriam de permanecer na cidade até a linha férrea ser consertada.

Entretanto, ficar com a família de Carlos, mesmo numa cidade cheia da soldadesca revolucionária, fora uma bênção. A simpatia imediata que sentira pela sogra se solidificara numa amizade muito especial. Dona Zuleica era professora e as duas tinham muitos interesses em comum. As experiências da professora mais velha, contadas com graça e humor, ajudaram Luíza a entender melhor a situação que iria encontrar no novo lar. O Rev. Teodoro, apesar de toda a sua sisudez, tinha umas tiradas de humor que, por inesperadas, eram tanto mais engraçadas. Além disso, ele se revelou um homem extremamente culto, amante da boa música e da poesia. Durante os serões, todos cantavam, tocavam ou recitavam. Faziam seu próprio entretenimento.

Carlos era tratado pela família com reverência pelo fato de ser pastor. E Luíza foi elevada ao mesmo nível de tratamento do marido.

As cunhadas, mais moças do que ela, se deliciaram com as coisas vindas da capital. A vidinha delas era apertada, e cada uma só tinha uma roupa melhor, reservada para as idas à igreja. O guarda-roupa variado de Luíza foi uma festa para elas. E Luíza se deu conta de quanto sua infância e mocidade haviam sido privilegiadas.

De bom grado, encontrou alguma coisinha para dar a cada uma das mocinhas, conquistando sua admiração e seu amor.

Assim, quando finalmente puderam embarcar rumo ao sertão, foi com tristeza que se despediu de todos, sentindo que realmente sua família fora ampliada para incluir os pais e os irmãos de Carlos, além de primos, tias e amigos que viera a conhecer.

Agora, deitada ali no trem, sem conseguir dormir, tentava imaginar como seria sua nova vida. Ficara desapontada por saber que Carlos, quando o inspetor de ensino de Presidente Prudente havia oferecido uma classe para Luíza no recém-inaugurado grupo escolar da cidade, agradecera mas recusara, por medo de pensarem que ele estava se casando com uma professora para se garantir financeiramente.

"Que idéia!" pensou Luíza. "Agora terei de esperar até o ano que vem para ingressar..... Carlos bem que podia ter-me consultado." Entretanto, guardou para si esses pensamentos e, na realidade, o desapontamento durou pouco. Sabia que seria bom ter um tempinho para pôr a vida em ordem e se acostumar com a nova vida.

À medida que o sol ia ficando mais forte, foi esquentando dentro da cabine e Luíza começou a sentir-se levemente sufocada. Desvencilhando-se com cuidado dos braços de Carlos, ela saiu da cama, aprontou-se e sentou-se no banco que ficava do outro lado da cabine.

-- Pode abrir a janela se quiser, meu bem -- veio a voz de Carlos.

Luíza o olhou e notou que ele estava com uma expressão bem acordada.

-- Quanto tempo faz que você acordou? -- inquiriu ela, desconfiada.

-- O tempo suficiente para ficar de olho na dona madrugadeira -- veio a resposta.

Seus olhos se encontraram e ele estendeu os braços para ela. Luíza correu aninhar-se neles.

-- Está nervosa, Luíza?

-- Não.... Bem, nervosa, não. Talvez um pouco inquieta. Conte-me de novo como é a nossa casa.

-- Nem preciso. Logo você vai ver por si mesma. Agora vou tratar de levantar para podermos tomar café. Eles já devem ter começado a servir.

Depois do café matinal, Luíza arrumou as coisas nas malas e ficou pronta para o desembarque. Abrindo a janela da cabine, ficou espiando a paisagem meio desolada que ladeava a estrada de ferro. As cidadezinhas pelas quais passavam mais pareciam um agrupamento de casario pobre e mal cuidado. Perto delas, Botucatu adquiria contornos de cidade grande. E a capital, onde morara desde que se conhecia por gente, era uma metrópole. Sua casa, uma mansão.

O braço de Carlos a seu redor a confortava, mas ela sentiu que precisava mais do que isso. Precisava da força que só Deus poderia dar.

Voltando-se para o marido, descobriu-o de olhos fechados, em atitude de oração.

"Ah, ele também está sentindo que precisa de Deus", pensou consolada. "Somos dois."

Apertando de leve a mão do marido, pediu:

-- Não quer orar em voz alta, por nós dois?

\* \* \*

-- Dona Nenê, vim trazer minha esposa para a senhora conhecer. Esta é Luíza -- disse Carlos à senhora que atendera à porta da casa confortável diante da qual se encontravam. E, voltando-se para a esposa, acrescentou: -- Luíza, esta é Dona Nenê.

Luíza tomou a mão estendida e foi logo envolvida por um abraço delicado e carinhoso.

-- Mas que grande prazer conhecê-la, Luíza! -- exclamou entusiasticamente a senhora magra e alta, segurando ambas as mãos de Luíza, os olhos perscrutando a moça da cabeça aos pés com franca admiração. -- Sim, senhor, Carlos, você soube escolher.

Luíza, embora um tanto acanhada com todas aquelas exclamações, sentiu-se imediatamente conquistada pela bondade e pela franqueza da mulher mais velha. Dona Nenê irradiava energia e bom humor. Tinha um rosto ainda liso, se bem que seus cabelos estivessem quase totalmente brancos. Era difícil adivinhar sua idade. Quando falava, movia a cabeça e o birote preso à nuca balançava, desafiando os grampos que o prendiam no lugar. De certa forma, ela lembrava Dona Cecília, pois, embora suas roupas fossem simples, o porte elegante da senhora dava-lhes aquele toque de classe.

Com entusiasmo, Dona Nenê acrescentou:

-- Já escrevi à minha filha Enedina, que mora no Espírito Santo, falando em você, Luíza. E ela quer muito conhecê-la. Acho que poderão ser boas amigas.

Enquanto Dona Nenê ia falando, foi fazendo o casal entrar e sentar-se no sofá de vime da saleta de visitas, fresca e confortável depois do calor da rua.

-- E aí, Luíza, o que achou da nossa cidade?

Pela primeira vez desde que haviam ali colocado os pés, Dona Nenê deu oportunidade a que alguém além dela abrisse a boca. Luíza, que já a classificara mentalmente de "falante", percebeu que agora Dona Nenê estava quieta, dando-lhe toda a atenção, como se o que Luíza tivesse a dizer fosse da maior importância.

-- Acho que ainda é cedo para dar uma opinião, Dona Nenê. É tudo tão diferente do que eu imaginava...

-- Bem pior, não é? -- inquiriu a outra com franqueza. Antes que Luíza tivesse de responder, ela continuou: -- Quando cheguei aqui, Luíza, há uns quinze anos, pensei que nunca me acostumaria. Não vim de uma cidade grande como você, mas mesmo assim foi difícil. E olhe que hoje o lugar está muito mais civilizado!

"Civilizado? É um lugarzinho horrível, isso sim," pensou Luíza. "Quente, poeirento, água salobra, a maioria das casinhas de tábuas encardidas e pobres, comércio quase inexistente, um único grupo escolar..." Em voz alta, porém, ela comentou:

-- Dona Nenê, eu vim para o que desse e viesse. Temos uma casa que estou arrumando do meu gosto e Carlos tem o seu trabalho. Sei que logo estarei adaptada. Lógico que ainda estou me acostumando, mas...

-- É isso mesmo, Luíza! Gosto da sua atitude -- interrompeu-a energicamente Dona Nenê. -- Gente corajosa vai longe na vida.

Servindo a cada um deles a limonada que a empregada trouxera enquanto conversavam, Dona Nenê voltou-se para Carlos e indagou:

-- E aí, pastor, tem algum plano novo para a nossa igreja?

-- Estou pensando em uma coisa inédita, Dona Nenê. O pastor Nelson, da igreja metodista, está indo embora, e eles vão ficar sem ninguém por algum tempo. Pediram se eu não poderia ocupar o púlpito deles até arrumarem um novo pastor. Estou pensando em concordar, contanto que nos cedam as instalações da igreja para o nosso culto e escola dominical. Só que teríamos de ter as nossas reuniões à tarde, porque a deles é de manhã. O que a senhora acha?

Dona Nenê pensou um pouco antes de responder. Os outros continuaram sorvendo a bebida gostosa, em silêncio.

-- Acho que será uma bênção para nós, pastor. As nossas casas já não estão mais comportando a nossa congregação. -- Voltando-se para Luíza, Dona Nenê explicou: -- Carlos provavelmente já lhe contou que nos reunimos nas casas dos crentes. A minha é a maior delas, e mesmo assim já ficamos apertados. Precisamos muito de mais espaço. -- Voltando-se agora para Carlos, ela continuou: -- Mas o senhor teria de dar conta de duas congregações. Não vai ficar muito pesado?

O título respeitoso para com aquele que era muito mais jovem do que ela, e a evidente preocupação com seu bem estar mostraram a Luíza por que aquela ovelha ocupava um lugar importante no coração do marido.

-- Não se preocupe comigo, Dona Nenê. Estou pensando no bem da nossa gente. Teríamos um salão para os cultos e classes para a escola dominical. Aí sim é que poderíamos convidar bastante gente para nos visitar.

A conversa continuou por algum tempo antes da chegada do Coronel Albino, marido de D. Nenê. Ele não era crente, mas não se opunha à participação da esposa nos trabalhos da igreja, nem no uso de sua própria casa para as reuniões dominicais. Gostava muito do pastor, e conversava com ele sobre diversos assuntos de interesse regional. Era dono de uma grande fazenda e meio metido em política. Apresentado a Luíza, foi muito gentil e logo a moça sentiu-se à vontade com aquele homem de alta estatura, bigodão grisalho e fala arrastada.

O almoço servido foi farto e apetitoso, muito bem temperado, e Carlos comeu com apetite. "Ele deve estar cansado da minha comidinha sem graça", pensou Luíza, comparando a série de pratos sobre a mesa com as refeições que servira ao marido desde que se haviam instalado na casa que Carlos alugara para morarem. "Também, pudera", justificou-se ela consigo mesma, "ainda nem tive tempo de me instalar direito." A dona da casa, notando que Luíza de pouco se servira, fez questão que ela provasse tudo, e de tal modo a pôs à vontade que Luíza acabou comendo com gosto.

-- Está tudo delicioso, Dona Nenê -- gabou ela sinceramente.

-- Que bom você ter gostado, Luíza. Nossa comida é um tanto forte, pois o Coronel gosta de um temperinho mais picante. É por isso que tenho uma planta de pimenta vermelha aqui em casa. Depois que terminarmos, gostaria de mostrar-lhe a minha horta, se você quiser.

Luíza anuiu com entusiasmo:

-- Quero, sim, Dona Nenê. Gosto muito de plantas.

-- Então somos duas, Luíza. Vou lhe mostrar minha horta e meu jardim.

Depois do almoço, foi servido um doce de abóbora em calda com queijo fresco, tudo feito pela dona da casa. Um cafezinho encerrou a refeição, e os homens voltaram à saleta para conversar mais um pouco enquanto as duas mulheres iam dar uma volta pela horta. Dona Nenê mostrou os canteiros pequenos mas bem cuidados, a variedade de plantas, enquanto Luíza a enchia de perguntas, mostrando grande vontade de aprender com a senhora mais velha.

Quando se despediram aquela tarde, já se haviam tornado boas amigas.

Voltando à sua casinha, Luíza, pela primeira vez desde que chegara, começou a vê-la com os olhos da possibilidade em vez dos da realidade - que não era nada animadora. Luíza se lembrava ainda do choque que tivera a primeira vez que vira o lugar que agora era o seu lar. Já a chegada à cidadezinha não fora nada agradável. O calor, a poeira das ruas se juntaram ao cansaço de uma noite mal dormida para predispor-lhe a uma visão mais sombria de tudo. Mesmo assim, tentara não desapontar o marido, que a observava com atenção. Mas, quando chegaram diante da casinha de tábuas, tão diferente da que ela havia imaginado, Luíza quase desatou em lágrimas.

Apesar de ter sido pintada mais recentemente do que as outras da vizinhança, era rústica, feiosa, plantada no meio de um areião. Nenhuma flor. Nenhum arbusto. Apenas duas árvores frondosas, uma de cada lado da calçadinha de tijolos que levava à porta da casa, minoravam o triste quadro.

Quando entraram na casa, a impressão melhorou um pouco. Estava tudo muito limpo e arrumado. Uma senhora da igreja se incumbira de ir lá varrer e tirar o pó todos os dias, para que a recém-casada encontrasse a casa em ordem. O chão de tábuas estava limpo, porém sem nenhum brilho. O costume local era lavar o assoalho, e não encerar, devido à poeira avermelhada que as ruas de terra solta e arenosa produziam.

Apesar da decepção, Luíza pôde notar que a casa fora montada com cuidado e capricho. Ao notar o sorriso feliz no rosto do marido quando ela exclamou de admiração diante do jogo de jantar de porcelana inglesa que descobriu dentro do armário da sala, Luíza lembrou-se das palavras do pai: "Nunca peça ao seu marido o que ele não pode dar."

-- Esse é um presente de meus pais para nós -- disse Carlos, respondendo à pergunta silenciosa da esposa. Luíza se deteve, examinando cada peça. Sabia que, para os pais de Carlos, aquele presente representava um grande sacrifício. Voltando-se para o marido, comentou:

-- Que lindo presente, Carlos. Realmente, é um luxo. Pode saber que vou cuidar muito bem de cada peça.

O marido envolveu-a num olhar cheio de gratidão.

Terminaram o exame da casa no único quarto, onde uma cama de casal, um guarda-roupas pequeno e uma mesinha de cabeceira eram todo o mobiliário. Nada de penteadeira, nada de espelho. Carlos, subitamente consciente da diferença que Luíza devia estar achando entre o lar de onde viera e sua nova casa, tomou-a nos braços e ergueu o rosto dela para o seu. Luíza conservou baixos os olhos, de medo que ele pudesse ler ali todas as dúvidas que estava sentindo.

-- Olhe para mim, meu bem -- falou ele num tom suplicante que foi direto ao coração de Luíza.

Ao erguer os olhos e mergulhar nos dele, Luíza viu a aflição com que ele queria perscrutar-lhe, nos pensamentos, a impressão que a nova vida lhe causava. E sentiu que, ao lado dele, nos braços dele, estava o único lar que realmente desejava. O resto viria depois.

-- Luíza, prometo que um dia você terá uma casa boa, confortável. Vai ter tudo o que quiser.

Ela ergueu um dedo e selou com ele os lábios do marido.

-- Eu já tenho tudo o que quero -- disse ela, oferecendo-lhe pela primeira vez os lábios, num gesto consciente e tocante. Ele a puxou para si num abraço apertado, e beijou-a demoradamente.

\* \* \*

Aos poucos, Luíza foi arrumando a casinha a seu gosto. Não era possível plantar grande coisa, pois tudo o que exigia um pouco mais de água para crescer ficava fora de cogitação. A água de que dispunham tinha de ser tirada do poço que ficava nos fundos da casa. Assim, Luíza se contentou em manter a frente da casa varrida, grata pela sombra das duas árvores que Seu Roncalli, o dono da casa, tivera a boa lembrança de não cortar.

O amplo quintal também era cheio de árvores. Algumas mangueiras bem copadas produziam uma sombra agradável contra a luz brilhante do sol e mantinham um certo frescor em torno da casa.

Aos poucos, Luíza foi se acostumando com a nova rotina de vida. Tirava água do poço e a guardava num barril ao lado da pia da cozinha. Aprendera a acender o fogão de lenha sem fazer muita fumaça, a aquecer a água do banho na grande chaleira e a despejá-la e temperá-la com água fria no latão que, depois de içado por uma cordinha, servia de chuveiro. Luíza ainda se lembrava de seu primeiro banho ali. Acostumada com água encanada, seguira as instruções de Carlos quanto a encher o latão, mas abrira o chuveiro e o deixara aberto enquanto se ensaboava. Aí a água acabou. Desesperada, Luíza teve de recorrer a Carlos para lhe levar mais água - fria, porque não quis esperar que ele a esquentasse - para concluir o banho.

Rindo com gosto, Carlos lhe ensinou que tinha de abrir o chuveiro só um pouquinho, se molhar, fechá-lo enquanto se ensaboava, e depois aproveitar o restante da água para se enxaguar.

Agora Luíza já fazia essas coisas sem pensar.

Carlos continuava seu trabalho, agora acrescentando também as funções de avalista do Banco do Brasil. Como tinha de visitar muitas das fazendas dos arredores no atendimento a famílias crentes, o trabalho vinha a calhar, pois fazia as duas coisas juntas. O moço viu nisso a mão de Deus, pois sempre sonhara em ser um "fazedor de tendas". O dinheiro que recebia lhe permitia dispensar a ajuda enviada pela junta de missões, que podia ser usado para sustentar mais um missionário que não tivesse a oportunidade de outro ganho.

Ao aproximar-se o fim do ano, Luíza, cuja vida já estava engrenada, começou a pensar em algo para fazer a fim de preencher o tempo que lhe sobrava nas mãos devido às prolongadas ausências do marido. Carlos ficava muitas vezes dias seguidos fora, em visitas a outras cidades da Alta Sorocabana que não dispunham de nenhum trabalho evangélico.

-- Carlos -- disse ela quando tomavam a sopa certa noite, -- estou pensando em fazer alguma coisa com as crianças da igreja para comemorar o Natal. O que você acha?

O marido a fitou surpreso.

-- Acho uma ótima idéia!

Luíza se animou:

-- Lá em São Paulo, sempre tínhamos uma peça de Natal, e as crianças gostavam demais de participar. Tenho a certeza de que podemos fazer alguma coisa parecida aqui também.

-- Será mais difícil -- disse Carlos cautelosamente, sem querer desanimar a esposa, -- mas acho que todos gostariam. Você tem alguma coisa já escrita que possa usar?

-- Não, eu não trouxe nenhum material. Mas posso escrever. Preciso arrumar algumas pessoas para me ajudar com as roupas...

-- Meu bem, detesto jogar água fria no seu entusiasmo, mas lembre-se de que o pessoal aqui luta com muita dificuldade. Não vai ser fácil arrumar dinheiro para essas coisas.

-- Mas, Carlos, a gente não precisa gastar muito. É só usar a cabeça. Pode deixar comigo que dou um jeito. Ainda tenho um pouco de dinheiro que posso usar.

Luíza ainda tinha um pouco do dinheiro que o pai lhe dera como presente de casamento. Boa parte já se fora, usada nas despesas da casa. Acostumada a ser independente desde que começara a trabalhar, Luíza nem pensara em consultar o marido sobre o que fazer com aquele dinheiro. Agora, ao ver a expressão de espanto dele, percebeu que talvez tivesse agido mal.

-- Que dinheiro? -- perguntou Carlos.

-- É um dinheiro que papai me deu de presente de casamento.

-- Você nunca falou nada sobre ele. -- Luíza não conseguia decifrar a expressão de Carlos, mas não estava gostando do que via.

-- Não foi de propósito -- defendeu-se ela. -- Quando me lembrava de contar, você não estava por aqui e eu acabava deixando passar.

O marido continuou comendo em silêncio. De repente, Luíza viu com alívio um sorriso repuxando os cantos da boca mesmo enquanto ele tentava comer.

-- Não está zangado comigo? -- perguntou ela, ansiosa.

-- Zangado? Ahn-ahan -- fez ele, meneando a cabeça. -- Pensei que meu dinheiro fosse como o azeite da viúva de Sarepta. Não acabava nunca ...

-- É, mas está acabando. -- Criando coragem com a resposta tranqüila do marido, Luíza resolveu falar de outra coisa que estava em sua mente havia algum tempo:

-- O que você acha de eu começar a lecionar no ano que vem? -- Ante o olhar inquiridor do marido, Luíza apressou-se a explicar melhor a idéia: -- Fui fazer uma visita a Dona Nenê e ela me contou que o inspetor escolar estava dizendo que estão precisando de professora para um escola rural lá para os lados de Mandaguari. Achei que podia ver se ele me nomearia.

Carlos nada disse por alguns minutos, e quando falou, Luíza detectou aborrecimento em sua voz:

-- É, acho que atrapalhei seus planos quando não aceitei o lugar que o inspetor lhe ofereceu no grupo da cidade. Agora, se quiser lecionar, terá de ir para fora da cidade.

-- Não tem importância, meu bem -- acudiu Luíza pressurosa, pressentindo uma aprovação da parte do marido para seu plano. -- Eu tinha muita coisa para fazer antes. Mas agora, acho que está na hora de eu me oferecer para a vaga se quiser ser nomeada para o ano que vem.

-- Você não está chateada comigo? -- perguntou o marido, surpreendendo Luíza.

-- Chateada? Não. De forma alguma. Pensei que você não quisesse que eu fosse trabalhar fora.

-- Não, não é isso. Só quero que saiba que não precisa se não quiser. Deus proverá para nós, como já está provendo através do meu trabalho com o banco. Não vamos passar necessidade.

-- Sei que não. Mas tenho achado falta do contato com crianças -- redarguiu Luíza. -- Em parte, era por isso que estava pensando em fazer a festa de Natal.

-- Que bom! -- exclamou Carlos. -- A criançada vai gostar. E sei que os pais também.

Luíza, a alegria a ruborizar-lhe as faces, levantou-se para tirar a mesa. Ao passar por Carlos, ele a enlaçou e puxou carinhosamente:

-- Ei, bonitinha!

-- Carlos! Cuidado! Quase me fez derrubar os pratos.

-- Compro outros -- disse ele com um ar atrevido.

Luíza depositou os pratos na mesa e passou os braços pelo pescoço dele. Curvando-se, beijou-o no rosto.

-- Você é feliz, Luíza?

Com um suspiro, ela sussurrou:

-- Muito.

E era a pura verdade. Nem tudo era maravilhoso. A cidade continuava feia, poeirenta, embora tudo indicasse que cresceria bastante nos próximos anos. Os trabalhos de evangelização, que tomavam tão grande parte do tempo de Carlos, iam rendendo frutos, mas a pequena congregação local se ressentia da falta de espaço. Luíza ainda era considerada uma estranha em seu meio, e sentia-se mesmo como estranha. Vinda de um tipo de vida tão diferente, não conseguira até aquele momento identificar-se com as famílias da igreja, embora se esforçasse bastante. As pessoas a tratavam à distância, e até mesmo seus aluninhos da escola dominical eram ariscos, tímidos demais.

Luíza tentava conquistá-los aos poucos, mas tinha obtido pouco progresso. Sua esperança era que a festinha de Natal ajudasse a derreter o gelo.

E agora, com a perspectiva de recomeçar a lecionar, a se entrosar mais na vida da comunidade, sentiu que as coisas iriam mudar. Para melhor.

*Nova Vida*

Luíza não se sentia bem na manhã seguinte, mas mesmo assim, animada pelas decisões da véspera, levantou-se cedinho para preparar um bom café matinal, uma espécie de celebração. Entretanto, assim que a água fervente caiu sobre o pó de café e aquele odor que ela sempre amara lhe chegou ao nariz, foi assolada por uma onda de náusea que a fez disparar rumo ao banheiro.

Quando passou o mal-estar, ela voltou à cozinha, fraca, abatida, o estômago ainda embrulhado. Com muito esforço, conseguiu terminar de preparar a refeição.

-- Bom dia, bom dia! -- Carlos chegou animado e alegre para tomar o café e nem pareceu notar o silêncio sorumbático e a palidez da esposa. Quando, porém, notou que ela nada comia, e que nem se servira do café de que tanto gostava, interrogou-a preocupado:

-- O que há, meu bem? Por que não está comendo nada?

-- Não estou muito boa, Carlos. Acho que deve ter sido algo que comi ontem. Ou então é a gripe que me pegou.

Carlos continuou fitando a esposa, notando agora seu abatimento:

-- Você está com uma cara... -- comentou com dolorosa sinceridade. -- É melhor ir ver o Dr. Foz, meu bem. Essa gripe que está dando por aí não é brincadeira.

-- Se não melhorar, irei mesmo. Estou me sentindo péssima.

-- E agora? -- inquiriu Carlos. -- Tenho de sair para visitar o sítio do Seu Zeca. Só volto à noite. Como você vai ficar sozinha? Vou pedir à D. Nenê que venha ficar com você.

-- Que nada! Não estou tão doente assim. Só quero descansar um pouco. Se precisar de alguma coisa, chamo a D. Tereza aí ao lado.

Mesmo com a firmeza da esposa, Carlos não parecia muito convencido. Mas já tinha marcado a visita e diversas famílias o esperavam no sítio do Seu Zeca. Teve de ir.

Luíza resolveu voltar para a cama. Realmente não estava boa. Embora tivesse protestado que ficaria bem sozinha, preferia ter alguém por perto. Mas nem pensaria em pedir a Carlos que ficasse a seu lado. Os compromissos dele eram sagrados para ela. E quantos compromissos ele tinha! Estava sempre fora, mas voltava animado, contando os progressos no trabalho de evangelização que vinha fazendo. Para Luíza, entretanto, esse tempo custava a passar. Ela já se acostumara a visitar D. Nenê, que sempre a recebia com carinho. Entretanto, não podia estar indo toda hora à casa daquela senhora.

Naquele dia, foi D. Nenê que resolveu visitá-la. Luíza desconfiou fortemente que Carlos tivesse alguma coisa a ver com a visita. Em todo caso, ficou satisfeítíssima quando a viu no portãozinho, a sombrinha de seda protegendo-a contra o sol quente da tarde, uma sacola na mão.

-- Entre, D. Nenê. Nem imagina como estou contente em ver a senhora.

-- Tenho uma boa novidade para lhe contar, Luíza. Por isso vim até aqui. E trouxe um bolinho para comermos com chá.

-- Ah, D. Nenê, não precisava. Sente-se aqui na sala que vou pôr a água para ferver.

-- Não sou visita de ficar na sala, Luíza. Vamos lá para a cozinha.

Enquanto falava, D. Nenê foi entrando e tirando um pacote da sacola, que colocou sobre a mesinha. Luíza acendeu o fogo sob a chaleira e apanhou as xícaras de porcelana no armário da sala.

-- Nossa, está parecendo festa! -- exclamou D. Nenê.

-- Ai, D. Nenê, eu estava precisando mesmo de uma conversinha -- falou Luíza. -- Sua visita vem a calhar.

D. Nenê fitou-a atentamente.

-- Você não me parece bem, Luíza.

A moça suspirou e deixou-se cair sobre a cadeira estreita.

-- Não estou mal, D. Nenê, mas ando meio sem ânimo. E hoje de manhã, tive um enjoô tão forte que acabei vomitando. Acho que estou pegando a gripe.

Os olhos de D. Nenê se arregalaram e depois se entrefecharam enquanto ela agitava um dedo no nariz de Luíza:

-- Mocinha, acho que o seu mal é outro.

Luíza a fitou, os olhos se arregalando aos poucos, a testa franzindo em indagação, uma luz de compreensão fazendo-a piscar duro:

-- A senhora acha mesmo?

-- Tudo indica que vem por aí um Carlinhos. Ou uma Luizinha.

Luíza ficou muda. Pensamentos desencontrados dançavam em sua cabeça. D. Nenê guardou silêncio por algum tempo, sabiamente dando a Luíza tempo para absorver a novidade. O chiado de água caindo sobre a chapa quente fez a moça levantar-se e ir preparar o chá. Com os gestos vagos de quem está pensando em outra coisa, ela se pôs a murmurar:

-- Eu nem imaginei....Não estávamos pensando....Eu queria começar a lecionar....

D. Nenê continuou em silêncio. Depois que já estavam tomando o chá, ela cortou o bolo e serviu um pedaço a Luíza e outro para si. Só então falou:

-- Sabe, Luíza, um filho muda muita coisa na vida da gente. Não é de estranhar que você se assuste um pouco no começo. Mas é uma alegria como nenhuma outra. Eu vim aqui para lhe contar que minha filha, a Enedina, me escreveu dizendo que ela e o marido estão de mudança para cá. Fiquei tão feliz que quis vir aqui imediatamente contar-lhe a novidade. Quero muito que vocês se conheçam. Só que Enedina até hoje não conseguiu ter filhos. Já perdeu dois e agora parece que não vem mais nenhum. Você nem imagina como isso a entristece.

Só então Luíza se lembrou de que D. Nenê chegara dizendo ter uma novidade para contar. Viu a alegria no rosto da senhora, mas naquele momento nem conseguiu mostrar muito entusiasmo com a vinda da famosa Enedina. Só conseguia pensar na mudança que podia estar acontecendo em sua vida e no mal estar do estômago, que parecia querer empurrar de volta os golinhos de chá e o único bocado de bolo que ela conseguira ingerir.

D. Nenê, percebendo isso, não se demorou. Com aquela energia característica, despediu-se, abriu a sombrinha e se embrenhou pelo calor ainda forte da tarde.

Quando ficou sozinha, Luíza pensou que devia colocar o caldo da sopa para cozinhar, mas acabou caindo pesadamente sobre a cadeira que deixara alguns minutos antes, empurrando para longe a xícara de chá e o pratinho de bolo. Pensamentos confusos dançavam dentro de sua cabeça, aumentando mais ainda o mal estar do estômago. Sonhara em ter filhos, mas num futuro que estava sempre distante. Agora a realidade concreta a atingia com uma certeza que nem precisava de médico para corroborar. Ia ter um filho. Ou uma filha. Pôs a mão sobre a barriga, pensando na sementinha de vida que estava ali dentro. Um bebezinho. Seu e de Carlos. De repente, sentiu-se comovida e alvoroçada ao mesmo tempo. "Vou ser mãe," pensou.

\* \* \*

O fim do ano chegou e passou voando. A festinha que Luíza organizou fez com que, pela primeira vez, ela se sentisse aceita como parte da pequena congregação. Tanto as crianças quanto os pais amaram a peça, as roupas, as coroas, as asas dos anjos. Carlos agradeceu entusiasticamente à esposa pelo trabalho desenvolvido por ela. Para Luíza, foi a primeira raiz, delicada e frágil, que brotou no solo de sua nova vida. Sentia-se forte, alegre e bem disposta agora. O mal estar dos primeiros meses da gravidez passara e, se não fosse pelo volume crescente de sua barriga, Luíza nem se lembraria de que estava grávida.

O ano seguinte trouxe tantas novidades que Luíza teve a impressão de ter vivido um século, não doze meses. Ela ficou na casa dos pais os dois últimos meses da gravidez, enquanto Carlos participava de diversas reuniões do presbitério, e acertava com outro missionário a divisão do campo de trabalho. Depois, ele foi para São Paulo fazer-lhe companhia. Seu primeiro filho, um garoto loirinho e forte, nasceu em São Paulo, nas mãos do irmão médico.

Quando Luíza segurou o filho pela primeira vez, sentiu-se frágil e incompetente. Era uma vida tão preciosa, mas tão indefesa! O corpinho mole estava bem enrolado em cueiros e num cobertorzinho, mas ela precisava vê-lo todo para certificar-se de que era perfeito. Carlos ajudou-a a examiná-lo da cabeça aos pés, e, quando constataram que estava tudo como devia ser, os dois não puderam conter sua alegria.

-- Ah, Luíza, como estou orgulhoso! Que criança linda!

Luíza sentiu que, de alguma forma, havia feito um bom trabalho. Seus olhos brilhavam e, apesar de ainda estar recém-saída do trabalho do parto, sentiu vontade de pular da cama e sair exibindo o bebezinho pelo corredor.

Carlos, porém, tinha outra apresentação em mente. Segurando a mão da esposa, e tocando na mãozinha rosada e macia do nenê, ele orou consagrando aquela nova vida a Deus e pediu a proteção e a sabedoria do Senhor para ele próprio e para Luíza, a fim de que pudessem criar o filho nos caminhos sábios de Deus.

Resolveram dar-lhe o nome de Lucas, uma aproximação da primeira sílaba dos nomes dos pais e também o nome de um personagem bíblico de quem tanto Carlos quanto Luíza eram grandes admiradores. No fundo, no fundo, Luíza achava que talvez o garoto fosse influenciado a vir a seguir a mesma profissão tanto do tio quanto do médico evangelista.

A família festejou tanto o acontecimento que Luíza sentiu-se uma verdadeira rainha-mãe. Era o primeiro neto dos dois lados. Quando voltaram a Presidente Prudente, depois que o garotinho estava com um mês, passaram por Botucatu a fim de que os pais, irmãos, tios e tias de Carlos pudessem conhecer o muito aguardado herdeiro.

Seu Paulo presenteou o genro com uma chácara na periferia de Presidente Prudente. Era um lugar belíssimo, cheio de árvores frutíferas, e que tinha uma fonte de água muito gostosa de beber, totalmente diferente da água da cidade. "Será um ótimo lugar para seus filhos crescerem, Luíza", havia dito o pai. A conselho de Seu Paulo, Carlos começou a engarrafar e vender a água da fonte na cidade, e isso aumentou um pouco a renda do casal, que agora se sentia quase rico.

Luíza amou a mudança para a casa grande e confortável, embora também de tábuas, e para o ar mais fresco da chácara. Tinha mais espaço para tudo, e agora tinha também duas ajudantes inestimáveis: Mercedes e Nísia.

Mercedes era uma moça baixota, rechonchuda, de cabelos pretos sempre presos num coque atrás da cabeça, um rosto bonito e sorridente, pele tostada pelo sol da roça onde trabalhava desde criança, mãos ágeis e calejadas. Para ela, trabalhar dentro de casa era moleza, e fazia todas as tarefas com uma rapidez incrível. Luíza lhe ensinou algumas coisas que ela nunca aprendera, e a moça demonstrou ser uma discípula ávida e criativa.

Nísia, ao contrário da irmã, era magra, embora igualmente baixa. Parecia uma menina, embora já tivesse dezessete anos. Era jeitosa, disposta, mas tinha um sorriso triste que ia direto ao coração das pessoas. Os cabelos eram escuros e encaracolados, mas ela tinha olhos esverdeados e a pele clara. Não era tão ativa quanto Mercedes, mas tinha enorme paciência com detalhes e crianças. Por isso ficou incumbida de ser a pagem de Lucas.

As duas irmãs eram as filhas mais velhas de um casal da igreja que viera do Norte em busca de uma vida melhor em São Paulo, e que tinha uma filharada bonita e saudável. Ficaram encantadas de ir trabalhar na casa do pastor. Para elas, era como se estivessem vivendo numa mansão, onde tudo era bonito e a comida era farta. Olhavam para Luíza com admiração e logo estavam copiando seus modos e até seu jeito de falar. Luíza, por seu lado, encantou-se com as duas ajudantes e com a liberdade que elas lhe proporcionavam. Sentiu que havia ganho duas amigas.

Assim, pôde começar a lecionar como havia planejado. Mercedes cuidava da cozinha e das roupas. Nísia dava uma mão com a arrumação da casa e cuidava de Lucas quando Luíza, que logo adquiriu plena confiança nas duas, precisava sair.

Tudo transcorria com tranquilidade quando, ao chegar em casa certo dia, Luíza foi surpreendida ao ver Nísia correr ao seu encontro com uma expressão transtornada.

-- O que está acontecendo, Nísia?

O susto fez com que Luíza interpelasse à moça em tom ríspido, o que aumentou ainda mais a aflição da outra:

-- Ai, Dona Luíza, não sei o que o Lucas tem. Não pára de vomitar e sujar a fralda....

Ela nem pôde terminar a explicação pois Luíza já saltara do cavalo, cujas rédeas amarrou na trave do alpendre, e disparava na direção da casa, com o coração aos saltos. Enquanto corria, ia atirando perguntas que Nísia nem tinha tempo de responder:

-- O que ele comeu, Nísia? Será que enfiou alguma porcaria na boca? Não comeu nenhuma fruta venenosa, comeu?

-- Não, Dona Luíza -- ia respondendo a moça quase sem fôlego. -- Não descuidei dele nem um pouco. Ele começou a vomitar logo que a senhora saiu hoje de manhã.

-- Você avisou o Carlos?

-- Não deu. Ele saiu logo depois da senhora....

Já na porta do quarto, Luíza viu a Mercedes sentada numa cadeira com Lucas no colo. O garotinho parecia ter murchado desde que ela o deixara naquela manhã. Estava pálido, apático. Nem se voltou para olhar a mãe, cuja chegada sempre festejava com sorrisos e pulinhos. Mercedes a fitou com os olhos rasos d'água. Ela, que já vira tantas crianças morrerem em poucas horas lá no Nordeste, temia agora pela vida do garotinho que todos amavam.

Luíza hesitou apenas um momento. Carlos não estava. Cabia a ela tomar as providências certas para salvar a vida do filho.

-- Fiquem com ele. Vou chamar o Dr. Foz.

-- Mas, Dona Luíza.... -- falou Nísia, apavorada de ficar de novo responsável pelo menino.

-- Não há outro jeito, Nísia. Ele precisa de médico. Volto assim que puder.

Luíza montou de novo o cavalo e disparou na direção da cidade. *Ai, meu Deus, faça com que o Dr. Foz esteja no consultório*, orava silenciosamente. Sabia que muitas vezes o médico era chamado a algum sítio distante e ficava fora muitas horas. Nesse dia, entretanto, ele se encontrava, e, ao ouvir o relato de Luíza, a mandou imediatamente de volta, enquanto ele apanhava alguns medicamentos e a seguia em sua charrete.

Ao entrar de novo no quarto, Luíza encontrou Mercedes e Nísia debruçadas sobre o Lucas, e o garotinho de olhos fechados. Parecia ter piorado bastante naquela hora em que ela se fora.

Sem nem tirar a roupa de montaria, Luíza apanhou o menino e o aconchegou contra si. Ele mal abriu os olhos, e emitiu um som que mais parecia o gemido de um gatinho, cortando o coração de Luíza.

Os dias que se seguiram foram confusos, tumultuados e Luíza não gostava de lembrá-los. O Dr. Foz diagnosticou uma forte desidratação e recomendou um tratamento com um remédio que ele mesmo preparava, e que tinha de ser ministrado dia e noite, com intervalos muito pequenos no início. Luíza e Nísia se revezaram no cuidado do doentinho. Graças aos cuidados desvelados das duas mulheres e das poções do Dr. Foz, Lucas sarou e em pouco tempo ninguém mais se lembrava de quanto estivera tão doente. Só Luíza, ainda não refeita do susto, agradecia todos os dias a Deus a saúde do filho, e a ajuda de Nísia, que lhe permitia sair sossegada para lecionar.

A escola para a qual fora nomeada era mista, e as classes de primeiro, segundo e terceiro ano se reuniam na parte da tarde. A criançada vinha de diversos sítios da redondeza, e havia quem caminhasse mais de dez quilômetros para chegar lá. Luíza, além do preparo das aulas e das lições, tinha de apartar brigas, examinar as cabeças para impedir a proliferação de piolhos, pingar remédio nos olhos que dessem sinais do que era chamado de "dor-d'olhos", uma doença dos olhos que virava infecção epidêmica se não tratada no início. Os dias de Luíza eram uma roda-viva, mas ela amava estar ali. Quando chegava, a cavalo, as crianças corriam rodeá-la e muitas a presenteavam com alguma flor que haviam apanhado pelo caminho, uma fruta ou pedaço de doce trazidos de casa junto com a merenda.

Entretanto, os cuidados da casa, a cavalgada diária, as atividades na escola, os cadernos que precisavam ser corrigidos, as noites mal dormidas quando Lucas acordava de madrugada - tudo isso levou Luíza a um estado de cansaço que muitas vezes a deixava de paciência curta. Houve uma noite em que adormeceu sentada à mesa. Ela estava corrigindo os cadernos dos alunos, como sempre, e seus olhos ardiam tanto que resolveu descansar a cabeça no braço e fechar os olhos um bocadinho para descansar. Acordou de madrugada, a casa silenciosa, a lamparina quase apagando por falta de óleo. Carlos fora dormir no horário de sempre e nem notara sua falta. Quando ela se enfiou devagarinho na cama para não incomodá-lo, ele a puxou contra si, resmungando algo sobre estar com frio e se ela podia apanhar outro cobertor. Luíza, cansada, enregelada, sentira vontade de jogar um balde de água fria em cima dele, mas fora buscar o cobertor no armário do corredor. Nada dissera ao marido, mas ficara remoendo o que considerava uma desfeita.

Por isso, quando certa noite os dois estavam na sala depois do jantar, ela sentada à mesa iluminada pelo lampião preso ao teto e mais uma lamparina que acendera e colocara perto para enxergar melhor, ele na rede que ficava no canto da sala e Carlos comentou: -- Escute, meu bem. Será que toda essa trabalhadeira não está sendo demais para você? Noto que está sempre cansada, de paciência curta --, Luíza sentiu a volta da antiga irritação, mas fechou fortemente os lábios para impedir que alguma palavra contundente saísse. Sabia que estava sendo injusta. Carlos trabalhava o dia todo, até nos domingos, dirigindo agora duas congregações. Precisava descansar de vez em quando.

Com um suspiro, Luíza esfregou os olhos cansados, e pensou em como gostaria de fechá-los por algum tempo. Mas havia uma pilha de cadernos à sua espera. E o planejamento do dia seguinte para fazer.

Voltando-se para o marido, percebeu que ele esperava sua resposta. Seus olhos estudavam o rosto da esposa enquanto a rede balançava suavemente.

-- Não é só cansaço, Carlos. Tenho tido alguns aborrecimentos ultimamente que ainda nem deu tempo de contar.

Carlos sentou-se na rede e a fez parar. Levantando-se, ele se aproximou da esposa com ar preocupado.

-- Que aborrecimentos?

-- O inspetor de ensino apareceu lá na escola e depois mandou me chamar na delegacia para me repreender porque eu estava dando aula de culote e botas de montaria.

Carlos fez um ar de quem ia cair na risada mas a expressão chateada de Luíza fê-lo conter-se, e perguntar com seriedade:

-- E daí? Você vai a cavalo! Como ele queria que se vestisse?

-- Foi o que falei, mas ele me disse que o regulamento é as professoras usarem saia. Você já viu maior absurdo? Eu não estava indecente!

De novo, Luíza sentiu-se agastada com a tacanhice do inspetor. E mais ainda quando Carlos falou:

-- Ora, meu bem. Ele não pode fazer nada. Regulamento é regulamento.

-- Então me diga: como é que vou andar a cavalo de saia por essas estradas esburacadas? Se montar de lado, vou para o chão ao primeiro solavanco.

Carlos anuiu depressa:

-- É, você tem razão. Huumm, deixe-me pensar. Talvez eu possa arranjar uma charrete para você usar.

-- Uma charrete! Que ótima idéia. -- De repente, a chateação de Luíza se esvaiu enquanto ela considerava depressa todas as portas que uma condução lhe abriria. -- Posso usá-la para ir à cidade e fazer compras. Vai facilitar muito a minha vida! -- concluiu entusiasmada.

-- Aí você pode participar também do trabalho das senhoras, pois terá como voltar para casa à noite - comentou Carlos, encantado com o entusiasmo da esposa.

Mas a reação dela não foi a que esperava. Luíza franziu a testa e depôs o lápis vermelho que tinha na mão sobre a mesa com cuidado exagerado.

-- Por falar no trabalho das senhoras, Carlos -- disse, medindo bem cada palavra -- eu e Enedina estávamos querendo falar com você sobre ele. -- Ela notou a expressão inquisidora do marido, e resolveu entrar de chofre no assunto: -- Achamos que, já que temos uma única sociedade feminina com as senhoras das duas congregações, deveríamos escolher uma diretoria para poder nos organizar melhor. O que você acha?

Carlos pensou a respeito por uns instantes antes de responder.

-- Hummm, pode ser bom. Mas vocês precisam tomar cuidado. Somos os de fora, os que estamos usando as instalações da igreja. As senhoras de lá podem se melindrar.

A pronta resposta de Luíza mostrou que ela já considerara o assunto e sabia que teria de rebater essa objeção.

-- Não vejo porquê! Estou acostumada com sociedades organizadas, e Enedina também. Já esperamos bastante que alguém de lá sugira alguma coisa parecida, mas até agora nada.

Enedina, filha de D. Nenê, casada com Seu Olívio, se havia tornado sua grande amiga e companheira nos trabalhos da igreja. E Olívio dava uma mão forte a Carlos. Entre Luíza e Enedina, havia sido amor à primeira vista. Como D. Nenê previra, as duas se tornaram inseparáveis desde que foram apresentadas. Alta e magra, Enedina era uma mulher mais simpática do que bonita, sorriso largo e pronto, olhos expressivos. Gostava de vestir-se bem, mas sem exagero. Sua grande mania era usar sapatos e bolsa combinados. Por isso, possuía uma coleção razoável de bolsas, muitas delas brancas ou de cor clara, o que numa cidade em que todos se preocupavam com a poeira vermelha, chamava a atenção.

As duas mulheres tinham muito em comum -- Enedina também era professora -- e algo que compartilhavam -- o Lucas. Para grande tristeza sua, nunca pudera ter um filho. E seu coração amoroso havia adotado Lucas, que agora tinha uma mãe e uma "tia" que o enchia de mimos. A outra coisa que tinham em comum era uma grande disposição de trabalhar na igreja. O que Carlos reconhecia.

-- Você e Enedina são um par! Com vocês, ninguém pode.

-- Você sabe que não gosto de coisa mal feita. Não estamos querendo mandar no trabalho....

-- Ah, não? -- interpelou Carlos, ainda em tom brincalhão.

-- Não! -- A resposta de Luíza foi tão incisiva quanto se o marido tivesse pisado nalgum calo. -- Será que não podemos sugerir nada sem que alguém já venha dizendo que queremos mandar?

-- Alguém já disse isso?

-- Aquela D. Geni -- respondeu Luíza, referindo-se a uma senhora conhecida por sua língua ferina.

-- Não leve a mal a D. Geni, meu bem. Ela está passando por problemas sérios no momento.

Luíza, recordando-se das palavras ardidias e contundentes da mulher, não conseguiu sentir pena. Nem se ofereceu para ajudar. Apenas ficou quieta.

-- Sei que você e Enedina estão trabalhando bastante com as senhoras, Lu. Dou muito valor ao que fazem. Mas não vamos mexer num vespeiro sem necessidade. Por que não oram a respeito disso antes de proporem alguma coisa? Deus mostrará o momento certo, se for para fazerem algo.

Dizendo isso, Carlos voltou à rede. Luíza, sentindo-se frustrada, voltou aos cadernos que ainda faltava corrigir, pensamentos nada caridosos remoendo em sua cabeça. "Claro que vamos orar. Não oramos sempre antes de qualquer reunião? Mas será que esperar em Deus significa cruzar os braços e ver a coisa ir por água abaixo no serviço Dele? A Bíblia mesma não fala que Deus gosta de ordem e decência? E eu também! Carlos precisa agir com mais energia, ou ..." Não permitiu que o pensamento seguisse o rumo que naturalmente tomaria. Sua natureza ativa muitas vezes se chocava com a mansidão do marido. Achava que as pessoas se aproveitavam dele. Ela não era de ficar quieta, esperando! Em vez de falar, fazia. Por isso conseguira tantas coisas na vida. Trabalhava duro, como sempre fizera. Mas a recompensa desse trabalho beneficiava a todos eles, Carlos inclusive.

Abanando a cabeça, Luíza olhou para o marido, suspirou, e voltou aos cadernos que a aguardavam. Não, não era de ficar esperando, de braços cruzados. Ia contra a sua natureza. E não via motivos para mudar, um tiquinho que fosse.

*Não Sou Teimosa!*

-- Barbaridade, Dona Luíza! O que vou fazer com a senhora?

O delegado de ensino, um homem sisudo, a fitava com expressão indecifrável. Sentado atrás de sua enorme escrivaninha na delegacia de ensino, ele representava a autoridade com uma pose que assustava qualquer professora com quem tivesse de tratar. Luíza, porém, embora intimidada, não deixou transparecer seu nervosismo.

Sentada à frente do delegado, o queixo ligeiramente estirado para a frente, apresentou sua última queixa.

-- Seu Juvenal, sei que tenho tido alguns problemas, mas o senhor sabe que não me queixo por qualquer coisinha.

O delegado assentiu com a cabeça, num gesto resignado. O que mais aquela professorinha exigente tinha aprontado? Será que era esse o tipo de profissional que a escola normal mais famosa do estado formava? Será que professoras como ela não conseguiam se encaixar na realidade dura e sofrida do interior? Como iria resolver mais esse caso criado por sua subalterna?

Olhando para ele, Luíza podia entrever as perguntas que relampejavam pela mente do delegado e sua obstinada recusa em admitir que havia mudanças que simplesmente *precisavam* ser feitas. Mas mesmo assim, ela resolveu que tinha de prosseguir. Desta vez, o incidente que a trazia ali era realmente assustador. E sabia que tinha como captar a atenção daquele homem irredutível.

-- Seu Juvenal, o senhor diria que ser ameaçada por um pai de aluno é problema sério?

Os olhos do delegado se arregalaram de uma maneira quase cômica, uma sombrancelha subindo muito acima da outra. Ele endireitou-se em sua cadeira e fitou Luíza atentamente.

-- Como, D. Luíza? O que foi que disse?

-- Pois é, Seu Juvenal. O senhor sabe que depois que fui transferida para a escola da colônia japonesa, fiquei muito contente....

Luíza havia gostado de trabalhar com os japoneses, trabalhadores e organizados, um povo de cultura milenar. Eles haviam construído um prédio especial para a escola, com janelões de vidro, no alto de um morro. A vista era uma beleza, a escola muito bem montada. Luíza sentiu-se privilegiada em trabalhar ali. As crianças eram obedientes e a festejavam bastante. Entretanto, pouco contato tinha ela com as pessoas mais velhas, a maioria das quais quase não falava português. E o japonês que Luíza já começava a falar não servia nem para o gasto. Mesmo esses esparsos contatos com as famílias lhe ensinaram muito sobre o povo japonês e a levaram a apreciá-lo bastante. Entretanto, defrontou-se também com outro lado da cultura oriental que a assustou.

Houve uma briga feia na escola certo dia. Um dos meninos maiores estava tão enraivecido que Luíza até temeu levar alguma pancada ao tentar apartá-lo de outro. Finalmente conseguiu contê-lo, mas ele foi malcriado e desrespeitoso, coisa que Luíza ainda não havia experimentado naquela escola. O menino passou o restante da tarde de cara fechada, resmungando e Luíza temeu que ele se atracasse de novo com o colega assim que saíssem das suas vistas. Quando as aulas terminaram, segurou o menino por mais quinze minutos, para dar ao outro tempo de safar-se.

Enquanto esperavam, ela escreveu um bilhete aos pais, explicando o que havia acontecido e suspendendo o aluno das aulas por dois dias. Quando enfim o liberou para ir embora, não gostou da expressão maldosa que viu em seu rosto. Parecia que o rapazinho não estava acostumado a ser contrariado.

Dito e feito. No dia seguinte, o menino chegou com os outros no horário das aulas, uma expressão confiante no rosto, como se nada tivesse acontecido. Acompanhava-o o pai, um senhor de cara fechada, que mal falava português. Através da tradução do filho, o homem perguntou o motivo da suspensão, que Luíza, frustrada, teve de explicar também através do menino. Como saber se ele estava transmitindo ao pai o que ela estava dizendo, ou se estava truncando a verdade?

As outras crianças já a haviam prevenido que o homem era o manda-chuva da colônia, e que ninguém se atrevia a enfrentá-lo. Luíza nem acreditava que tivera coragem de sustentar o castigo. O homem saíra dali resmungando, afrontado, ameaçando pegá-la no caminho da volta e virar a charrete, e outras coisas que o filho não traduziu.

Seu Juvenal, que ouvira atentamente toda a narrativa, fechou o cenho quando Luíza o interpelou:

-- E agora, Seu Juvenal, o que devo fazer?

O delegado foi enfático:

-- A senhora não volta mais lá, D. Luíza. Eles construíram a escola, mas é o governo que manda professoras para lá. E esse homem não podia tê-la desrespeitado como fez.

Luíza suspirou aliviada. Estava começando a pensar que arranjava encrenca à toa.

-- Obrigada pelo apoio, Seu Juvenal.

-- Vou transferir a senhora para o grupo a partir de agora. O diretor está precisando de uma auxiliar enérgica como a senhora. -- *E talvez assim a senhora me dê um pouco de socego*, acrescentou ele mentalmente.

-- Mas, e as crianças da colônia, Seu Juvenal? -- Luíza se afeiçoara aos alunos e sentia deixá-los sem instrução de uma hora para outra.

-- Vão ter de esperar até acertarmos com o pessoal de lá.

-- Que pena! Gostei tanto de trabalhar com elas.

-- Quem sabe valeu a lição, D. Luíza. Essa gente não pode pensar que chega aqui e vai mandando em tudo!

-- É, eu sei, Seu Juvenal. Mas foi só uma pessoa que teve essa atitude. Os outros são tão amáveis, tão respeitadores...

Seu Juvenal olhou para ela com uma expressão que traduzia tanto admiração quanto uma ponta de irritação:

-- Dona Luíza, a senhora me está dando bastante trabalho, sabia? Primeiro aquela encrenca com o inspetor. Agora com o pai de um aluno. Se não der certo trabalhar com o diretor do grupo, o que vou fazer com a senhora?

Luíza, sem saber se ele pretendia arrelia-la ou se falava a sério, mordeu a língua. O cargo de auxiliar de diretor vinha a calhar e ela não pretendia se indispor com o delegado, que podia confirmar ou revogar a nomeação. Assim, falou com uma humildade que não sentia:

-- Vai dar certo, sim, Seu Juvenal. Garanto! E não terá mais trabalho comigo.

O delegado estendeu-lhe a mão em despedida, e ela saiu da delegacia com vontade de dar uns pulinhos no ar. Auxiliar do diretor! E no grupo! Que coisa maravilhosa!

Chegou em casa eufórica. Agarrando Lucas, que brincava no alpendre da casa sob os olhos de Nísia, abraçou-o com tanta força que o garotinho, sem entender o que estava acontecendo, estranhou e tentou logo se desvencilhar e voltar à brincadeira. Luíza entrou dançando em casa, à procura de Carlos. Só então se lembrou que ele estaria fora por dois dias, visitando uma congregação mais distante. Apesar de compartilhar as boas novas com Mercedes e Nísia, não era a mesma coisa. Queria Carlos por ali. Sua boa vontade para com as constantes ausências dele estava ficando um tanto desgastada.

Sempre associara o conselho do pai -- nunca peça ao seu marido o que ele não pode dar -- a coisas materiais. E nessa área não podia reclamar. Sua contribuição para as finanças da família ainda era pequena, mas eles estavam vivendo melhor do que ela jamais esperara. Mas estava começando a perceber que o pai já havia previsto os sacrifícios pessoais que ela teria de fazer, sendo privada da companhia do marido quando precisava dele, como durante a doença do Lucas, ou quando apenas queria tê-lo ao seu lado para compartilhar alguma coisa, como agora. Será que estaria sempre em segundo lugar na vida do marido?

A mudança no trabalho perdeu o sabor de alegria. Agora era apenas uma mudança. Quando Carlos chegasse, já não teria graça contar o que havia acontecido.

E quando Carlos chegou, realmente o episódio já parecia distante à vista do outro acontecimento que deixou Luíza em pé de guerra com a sociedade de senhoras.

\* \* \*

-- Carlos, Seu Juvenal, o delegado de ensino, disse que sou uma pessoa difícil. Você também acha isso?

A pergunta saiu meio sem querer. Não era assim que pretendia iniciar a conversa que desejava ter com o marido depois de ele ter chegado da viagem longa e cansativa que fizera. Estavam sentados juntos na sala da frente, saboreando um cafezinho que Mercedes acabara de coar. Quando terminaram, Carlos passou o braço pelos ombros da esposa e a aconchegou contra si. Luíza, suspirando satisfeita, esquecida de todos os aborrecimentos, aninhou-se contra ele, gozando aqueles momentos.

Carlos achou graça na pergunta inopinada.

-- Acho -- disse solenemente, mas com um brilho suspeito no olhar.

-- Carlos! Estou falando sério.

-- E eu também.

Luíza virou-se para olhá-lo de frente.

-- Você nunca disse isso antes.

-- Nunca surgiu a ocasião. -- Ele continuava meio sério, meio brincalhão.

-- Está bem. Seu Juvenal me disse exatamente porque me achava difícil. Pode dizer também. Já estou me acostumando.

Antes de falar, Carlos puxou o rosto dela para si e beijou-a.

*Aí vem chumbo grosso!* pensou Luíza, preparando-se mentalmente para um ataque.

-- Acho você uma pessoa difícil porque está sempre fazendo coisas que não espero. Você sempre me surpreende, Luíza.

*Que comentário mais ambíguo,* pensou ela. Em voz alta, falou:

-- E isso é ruim?

-- Não é fácil, mas não é ruim, de forma alguma. Eu não gostaria que você fosse diferente. Pode crer que aprecio muito esse seu espírito lutador, essa disposição para fazer tudo o que precisa ser feito. Quando saio, fico descansado pois sei que é uma pessoa além de capaz.

Desarmada, Luíza ficou em silêncio por uns instantes.

-- Obrigada, querido. Sei que muitas vezes ponho o carro adiante dos bois, mas é por querer que as coisas corram certinhas.

Luíza hesitou um pouco antes de falar ao marido da nova encrenca em que estava metida. O ambiente estava tão gostoso! Ela detestava ter de estragar as coisas. Mas precisava falar com ele antes que outra pessoa o fizesse.

-- E por falar em querer fazer as coisas certinhas, Enedina e eu estamos com um grande problema na sociedade de senhoras.

Carlos aprumou-se e fitou-a atentamente.

-- O que aconteceu?

De repente, parecia a Luíza que a cena da sala do delegado de ensino se repetia. Será que tinha de estar sempre se explicando a algum "chefe" que a olhava como se fosse uma ameaça ao bem-estar geral? Esses pensamentos fizeram com que ela perdesse um pouco a segurança e falasse em tom hesitante:

-- Beeem... você se lembra que havia falado para irmos com calma na questão da eleição de uma diretoria?

Carlos assentiu com a cabeça, sem nada dizer, esperando que ela continuasse. Luíza teve de prosseguir, e embora sentisse a boca meio seca, falou com atropelo, sem olhar de frente para o marido.

-- Ora, na última reunião que tivemos, propusemos a nossa idéia. Sabíamos que seria mais prático já apresentar uma chapa pronta, e Enedina sugeriu que eu fosse a candidata a presidente e ela a tesoureira. Colocamos o nome da Celestina como secretária, e achamos que, para começar, seria suficiente. Quando os nomes foram lidos, houve muita confusão. D. Geni esbravejou que as de fora estavam querendo tomar conta do trabalho que já estava funcionando muito bem sem nós, e diversas outras aderiram.

Nem pudemos terminar direito a reunião. O nosso grupinho saiu de lá louco da vida. Assim não vai dar para trabalharmos juntas. O engraçado é que, quando precisaram de pastor, não acharam nada de mais chamar você. Mas agora estão achando ruim de ter pessoas de outra congregação por lá.

Luíza engoliu em seco e esperou. Houve um silêncio entre eles. Carlos a fitava com a testa enrugada, como fazia quando estava tentando decifrar alguma coisa. Quando falou, sua voz não estava zangada, como Luíza temia, mas tinha um tom de cansaço e desânimo.

-- Era disso que eu estava com medo, Luíza. Agora já sabe por que lhe pedi para dar mais tempo.

-- Mas você não vai voltar mais lá, vai? Tem de dizer àquele pessoal que, se eles não querem trabalhar junto conosco, têm de se virar sozinhos.

Carlos a fitou surpreso.

-- Não é bem assim, Luíza. O trabalho não é nosso. Quando aceitei dar-lhes uma mão, fiz porque senti que Deus me enviou para lá. E ainda não recebi ordens de desistir. Só porque surgiu uma dificuldade...

-- Eu não ponho mais os pés lá! -- Luíza estava furiosa agora. Parecia que Carlos a estava culpando pelo que acontecera. Se ele voltasse lá, as senhoras iriam pensar que ele estava contra ela. Só em pensar na cara que elas fariam, Luíza se sentia profundamente humilhada e enraivecida.

Carlos tomou as duas mãos dela nas suas, e as segurou firmemente enquanto ela se esforçava para retirá-las.

-- Escute, meu bem. Sei que é uma situação difícil, mas não podemos agir assim.

Luíza permaneceu silenciosa, ainda queimando por dentro.

-- Sei que você já estava chateada com D. Geni. Mas, Luíza, ela está com um problema enorme. A filha dela, a Rosa, namorou um rapaz de fora, contra a vontade da mãe. Só que ele sumiu, e agora descobriram que a moça está grávida.

O rosto furioso da mulher, sua voz ardida ainda estavam bem gravados na mente de Luíza e agora ela os reviu claramente. Tentou associá-los ao sofrimento que com certeza ela estava sentindo, mas ainda era difícil. A vontade que tinha era de falar: "Bem feito!"

Carlos notou a expressão irredutível no queixo levantado da esposa.

-- Luíza, temos de aprender a perdoar as pessoas que nos ofendem. Crentes não são perfeitos. Se fôssemos, já poderíamos ser levados para a glória. D. Geni é uma crente sincera, embora tenha um gênio difícil. Ela tem grandes problemas, e, apesar disso, trabalha bastante na igreja. E tem ajudado muitas pessoas.

O silêncio reinou entre eles até que Carlos bocejou, espreguiçou-se e levantou, puxando a esposa pela mão:

-- Estou morto de cansada. Depois a gente conversa mais sobre isso. Está bem?

Luíza o acompanhou, murmurando um "está bem" meio desapontado. Não gostava de deixar nada pendente, mas sentia que não era mesmo a hora de levarem adiante aquela conversa. Carlos parecia exausto. E ela não estava no melhor dos humores.

Antes de dormirem, Carlos pediu:

-- Luíza, ore para que Deus a ajude a perdoar. Não deixe que o sol se ponha sobre a sua ira -- citou ele, dando-lhe um beijo de boa noite.

*Tarde demais*, pensou ela, retribuindo ao beijo dele. *Muitos sóis já se puseram sobre a minha ira*. Não gostava de ficar com raiva das pessoas, mas estava sendo muito difícil engulir o que estava sentindo com relação ao que ela e Enedina chamaram de "ingratidão" daquelas mulheres. Se Carlos chamasse a congregação às falas, e depois se recusasse a continuar dando-lhe a assistência solicitada, ela se sentiria vingada. Mas sabia que ele não faria isso.

Luíza tentou orar, mas não encontrava o que dizer a Deus.

\* \* \*

Carlos insistiu em dizer que Deus agira através de toda a confusão, abrindo um novo rumo para eles. Luíza não tinha tanta certeza, mas certamente gostou da solução que surgiu.

Enedina, tão esquentada quanto Luíza com a situação, ofereceu sua casa, que dispunha de uma sala bem grande, para que a pequena congregação pudesse reunir-se separadamente. Era o primeiro local razoável de que dispunham, e realmente agora parecia viável começarem a organizar uma escola bíblica e cultos dominicais. Luíza e Enedina atiraram-se com toda a energia à arrumação das classes, uma de crianças, uma de jovens e uma de adultos, já que era impossível dividir os mais velhos em classes de homens e mulheres, como era o costume.

Carlos continuou pregando nos cultos da outra igreja por algum tempo, e dando assistência pastoral quando necessário. Logo depois, entretanto, a igreja conseguiu seu próprio pastor, e Carlos voltou a dedicar-se integralmente à sua congregação, que crescia a olhos vistos. Com a ajuda do Olívio, a quem ele delegou o trabalho da escola dominical, Carlos pôde dobrar o atendimento às famílias dos seus congregados. Era a parte do trabalho que ele mais amava - a de visitar as casas das pessoas e falar-lhes pessoalmente do evangelho.

Se as coisas continuassem indo bem assim, logo haveria duas igrejas organizadas na pequena cidade, que também estava se desenvolvendo bastante. Diversas ruas do centro já estavam calçadas e o comércio melhorara bastante. A prefeitura fez uma campanha para plantar muitas árvores, que não só enfeitavam de verde a cidade, como também ajudavam a refrescar um pouco o calor intenso que fazia na maior parte do ano.

O prédio do novo grupo escolar ficou pronto. O casarão de tábuas situado num grande terreno que ficava na avenida que dava para a estação da estrada de ferro, onde o grupo funcionara até então, ficaria vago. Uma idéia brotou na mente de Luíza. Era verdade que o casarão estava bastante estragado, mas era possível consertá-lo e ter um ótimo prédio para uma igreja! O imóvel fora alugado pelo estado durante todos aqueles anos. Agora, o que o dono iria fazer com ele?

Naquela mesma noite, ela falou com Carlos sobre sua idéia e os dois ficaram tão entusiasmados que conversaram metade da noite, fazendo planos.

Logo no dia seguinte, Carlos procurou o proprietário do casarão e ficou sabendo que o preço que ele pedia era mais do que razoável. Reunindo os três presbíteros que a igreja já havia escolhido, e fazendo as contas, eles chegaram à conclusão que a compra não estava fora de cogitação. Ficaram todos entusiasmados com a possibilidade de adquirir um prédio próprio. Carlos, que vinha orando havia algum tempo para que Deus ampliasse Sua tenda naquela cidade, e cuja visão era de uma grande igreja na grande cidade que estava certo de que logo Presidente Prudente seria, fez tudo o que pôde a fim de levantar o dinheiro necessário. Usou todos os recursos da igreja, apelou para amigos mais abastados, usou todo o próprio dinheiro de que podia dispor. Até seu sogro, lá em São Paulo, ao saber da coleta, contribuiu com uma bela soma. O negócio foi efetuado.

Aí foi um afã de limpeza e arrumação. O prédio era construído sobre pilotis, e havia um grande espaço aberto sob o assoalho. Arrancando as divisórias usadas para separar o ambiente do salão, homens e mulheres trabalharam bastante e contribuíram com o que puderam trazer. Carlos dizia que parecia os israelitas contribuindo com jóias e artigos preciosos para a construção do tabernáculo.

-- Qualquer hora destas, vamos ter de pedir para o pessoal parar de contribuir, pois não vamos ter onde colocar tudo o que estão trazendo.

Lógico que não eram jóias nem artigos preciosos do ponto de vista material, mas ele estava certo de que eram igualmente preciosos aos olhos do Senhor, pois era o que as pessoas podiam dar, muitas vezes com sacrifício. Cadeiras avulsas para o salão de cultos, vasos, pedestais, cadeirinhas e mesinhas para as classes das crianças. Seu Raimundo, que era carpinteiro, fez um púlpito caprichado com umas madeiras velhas que tinha na carpintaria. Depois de lixado e envernizado, ficou uma obra de arte.

Para o culto de instalação foram convidados todos os parentes e amigos dos membros, e também os membros daquela outra igreja, que compareceram em peso. Carlos fez questão de mencionar a gratidão que tinham para com eles, por haverem tanto tempo cedido suas instalações para as reuniões da pequena congregação.

Após o culto, houve uma recepção na qual as senhoras serviram bolo e refrescos. Luíza corria de cá para lá, atenta para ver se todos haviam sido servidos. De repente, deu de cara com D. Geni. A senhora, com o nariz espetado no ar, parecia estar inspecionando tudo e comparando as instalações humildes com o templo bem construído da sua igreja.

Seu primeiro impulso foi o de passar pela outra, fingindo que não a vira. Sabia que se falasse com ela, poderia dizer alguma coisa da qual se arrependeria mais tarde. Quem ela pensava que era, com aquele ar de superioridade? Mas D. Geni veio ao seu encontro, e Luíza não pôde ignorá-la.

-- Meus parabéns, Luíza -- disse a outra, correndo os olhos pelo salão com uma expressão condescendente. -- Ainda bem que agora vocês têm seu próprio templo... -- Dizendo isso, ela foi se afastando sem realmente ter olhado para Luíza, que, de repente, viu as instalações pelo olhos da outra. Era realmente um salão de tábuas, adaptado, com cadeiras avulsas e desempareiradas. Nada combinava com nada. Perdendo o ânimo e o gosto, ela continuou servindo, mas sem entusiasmo, arrastando-se com o cansaço que a acometeu subitamente.

\* \* \*

Luíza esperou até a hora em que estavam deitados para conversar com Carlos. Ele era pastor. Saber lidar com uma pessoa como D. Geni.

-- Carlos, você viu a D. Geni lá na igreja?

-- Vi, sim. Foi bom o pessoal todo ter ido.

-- Até D. Geni?

-- Claro que sim. Por quê?

-- Bem, na hora da recepção, dei de cara com ela, com ares de inspetora de quartirão, olhando tudo como se fosse lixo. Tive de morder a língua para não falar o que estava pensando.

-- E o que você estava pensando, Luíza?

-- Que ela não tem nem um pingão de amor cristão, que isso não é atitude de crente, pelo menos não de crente de verdade!

Só em pensar no que teria dito, Luíza sentiu-se novamente arder de raiva contida.

-- Meu bem, *você* está sentindo amor cristão?

Luíza revirou-se incomodada, não gostando do rumo que a conversa estava tomando.

-- Pelo menos, não estou sendo fingida! Vindo visitar a gente só para depois ficar falando mal. Detesto gente assim.

Carlos ficou em silêncio por uns instantes. Ele estava deitado, de olhos fechados, e Luíza pensou que tivesse adormecido enquanto ela ainda estava cozinhando a raiva em fogo lento ao seu lado. Mas estava enganada.

-- Acho que você ainda não conseguiu perdoar a D. Geni por ter ficado contra você naquela história da eleição, Luíza.

Luíza sentiu-se como se Carlos estivesse lhe dando as costas. Afinal, do lado de quem ele estava? Respirando fundo e enchendo-se de paciência forçada, ela tentou explicar ao marido a sua posição.

-- Carlos, aquela história já foi resolvida. Não tenho nada contra D. Geni nem contra as outras mulheres. Só gostaria que elas...

-- Luíza -- interrompeu Carlos com firmeza, -- não há nada que você possa fazer quanto à atitude delas -- mesmo que elas estivessem totalmente erradas. Você só pode mudar a *sua* atitude. Aliás, não é bem isso. Você só pode se dispor para que *Deus* mude a sua atitude. Se você não consegue sentir amor por uma irmã, a quem vê, como pode dizer que ama a Deus, a quem não vê?

Foi a gota final.

-- Não me venha com sermões, Reverendo. É muito fácil ficar só falando. Você precisa ser mais enérgico! Se tivesse sido naquela ocasião, não teríamos tido nenhum problema.

De repente, apesar da penumbra do quarto, Luíza notou que Carlos a olhava com uma expressão divertida:

-- Você fica bonita quando está brava -- falou ele, tentando abraçá-la.

-- Não se atreva! -- revidou ela, afastando-se. Mas a raiva não resistiu aos agrados dele.

-- Você é impossível!

Luíza estava vencida. Mas apenas temporariamente.

\* \* \*

No dia seguinte, Carlos contou a Luíza que a realização de seu sonho estava apenas no começo.

-- Quero construir um templo de verdade naquele terreno, Luíza. Quando estiver tudo calçado, a avenida vai ser um lugar importante na cidade. E temos espaço para um prédio bem grande ali.

-- Mas, Carlos, nosso povo é pobre em sua grande parte. Onde é que vamos arrumar dinheiro para um templo desses?

-- Se for essa a vontade de Deus, Ele proverá. Ouvi dizer que há igrejas nos Estados Unidos, ou alguns crentes muito ricos, que às vezes ajudam uma igreja em outro país. Pensei em escrever a alguns deles e ver se há possibilidade de nos ajudarem. Afinal, ainda somos um campo missionário, e o nosso crescimento é importante para toda a igreja.

-- Hummm...

-- Você não parece muito entusiasmada -- disse Carlos, vendo a expressão duvidosa da esposa.

-- Vamos esperar para ver, meu bem. Mal inauguramos a nossa igreja e você já começa a falar em um grande templo! Dê tempo para a gente recuperar o fôlego.

Ele pareceu um tanto ofendido.

-- Não estou pretendendo fazer nada por enquanto. Apenas orar para que Deus nos oriente. Só estou falando isto com você.

Aí foi a vez de Luíza sentir-se mal.

-- Desculpe, querido. Sei quanto você quer ver o trabalho crescer. E quero que sempre me conte seus sonhos. É que no momento estou meio preguiçosa, e não posso nem pensar em mais trabalho.

-- Preguiçosa, você? Não acredito.

-- Bem, na realidade, não é exatamente preguiça. Mas não tenho estado muito disposta ultimamente e...

Luíza se interrompeu, uma luz de compreensão acendendo repentinamente em seus olhos:

-- Ah, não! -- exclamou, assustada. -- Como foi que não percebi antes?

Carlos a olhou, sem entender.

-- Acho... não, tenho certeza, Carlos. Devo estar grávida de novo.

Ele se abriu num sorriso de orelha a orelha.

-- Será? Mas que bênção maravilhosa. Lucas já está grandinho e precisa mesmo de um irmãozinho.

Ao deitar-se aquela noite, Luíza lembrou-se de quando soube que Lucas ia chegar. A mesma alegria que sentira então se misturava agora a certa apreensão. Dois filhos! Será que daria conta do recado? Agora já tinha certa experiência e não faria as bobagens que fizera com Lucas. Como no dia em que D. Nenê foi visitá-la e a encontrou em lágrimas porque o nenê de dois meses não parava de chorar. Luíza já tentara tudo o que sabia, e nada! Sentia-se um fracasso total como mãe. D. Nenê, que criara seis filhos, deu uma olhadinha na situação, catou o menino e o desenrolou de duas camadas de cueiros e um cobertorzinho. O garotinho estava suado por baixo de toda aquela roupa, e assim que refrescou um pouco, parou com a choradeira e ficou todo feliz, observando a movimentação ao seu redor. Muita bobagem de antes ela não repetiria na segunda vez. Mesmo assim.... Como é que a mãe conseguira dar conta de criar tantos filhos? Para ela, dois já parecia uma temeridade.

A noite estava fresca. Quando ela se aninhou contra Carlos, ele a surpreendeu com um beijo na testa, como se fosse uma bênção.

-- Já orei por você e pelo nosso segundo filho, Luíza. Dediquei-o a Deus, assim como fiz com o Lucas.

-- Faz tempo que não oramos juntos, Carlos. Gosto tanto quando você ora por mim em voz alta. Não quer fazer isso agora? Palavra que ainda estou um pouco assustada. Dois filhos!

\* \* \*

Os anos que se seguiram trouxeram tantas mudanças à vida da pequena família que Luíza nem sentiu passar. Carlinhos, seu segundo filho, nasceu também em São Paulo, nas mãos do irmão, Nato, agora um ginecologista e obstetra de certa fama. Ela aproveitou quanto pôde o carinho e o cuidado da mãe e das irmãs. Lucas era pageado e exibido para todos os amigos. Com isso, os ciúmes que sempre acompanham o nascimento de um irmão não pareceram afetá-lo tanto.

Voltando a Presidente Prudente, Luíza atirou-se com toda a energia aos cuidados da família, ao trabalho no grupo e na igreja.

Carlos era um pastor querido, pois tinha um coração para as ovelhas. Ele continuava sonhando com um templo bonito e grande, que fosse um marco na cidade. Mas os recursos que poderiam ser usados para a construção iam sendo desviados para necessidades mais urgentes. Parecia que ainda não estava na hora de grandes projetos para a igreja.

Como continuava trabalhando para o Banco do Brasil, fazendo avaliações, tinha muito contato com grandes fazendeiros da região, o que lhe permitia levar-lhes a mensagem do evangelho que ardia em seu coração. Esse trabalho também lhe permitia dispensar o salário que a igreja lhe havia votado, mas ele o recebia e repassava ao seminário para o sustento de algum seminarista que não pudesse custear seus estudos. Só que quase ninguém sabia disso.

Depois que os meninos entraram para a escola, morar na chácara foi ficando inviável. Com a ajuda de Seu Paulo, Carlos adquiriu um Fordinho de bigode, que facilitou bastante a sua vida até que Luíza, com a ajuda do irmão Silas, que a visitava, aprendeu a dirigir o carro e tirou carta de motorista. Foi um escândalo na cidade. Mulher dirigindo! Onde já se viu?! As pessoas paravam para olhar quando ela passava. A princípio, apesar de não ser de voltar atrás nas coisas que decidia, Luíza quase desistiu. Não queria criar nenhum caso. Mas Carlos a estimulou a não dar tanta atenção à opinião de outras pessoas, e também a necessidade a obrigou a continuar dirigindo para cima e para baixo.

Entretanto, Carlos também precisava do carro para suas visitas e viagens. Resolveram, então, mudar-se para a cidade e arrumaram uma casa grande, pertinho da igreja e a uma distância mais do que razoável de todos os outros locais que Luíza e os meninos normalmente freqüentavam. Assim, podiam dispensar a condução.

No Grupo apareceram diversos problemas, mas Luíza, mais experiente agora, os resolvia sem quase nunca envolver o diretor. Foi ficando conhecida como enérgica mas justa e bondosa, especialmente por ajudar tanto as famílias das crianças mais pobres. Vigiava também a parte da merenda escolar, exigindo que a cozinha fosse mantida em nível de limpeza igual ao de sua casa, e obtendo doações de comerciantes locais para melhorar o lanche oferecido às crianças.

Na administração do pessoal, Luíza poucas vezes encontrou algum problema que não pudesse resolver na base da conversa e da admoestação. Houve uma substituta, que lhe dera trabalho por criar um clima de falatórios entre as outras substitutas e as professoras efetivas, havia entrado nos eixos depois de algumas conversas sérias e alguns pitos. A moça acabara se tornando sua amiga e agradecido a orientação que Luíza lhe dera.

Outros casos não tiveram um final tão feliz assim e, quando isso acontecia, Luíza pensava se não seria melhor voltar para a sala de aula, e ter de lidar apenas com as crianças ao invés de adultos. Mas já grangeara certa fama como boa administradora e seu diretor não a dispensava mais como auxiliar.

Uma vez por ano, durante as férias de verão, iam os quatro a São Paulo, visitar os parentes de Luíza. Também contavam com visitas que diversos deles lhes faziam durante o resto do ano. Alice e Joana estavam casadas, e Alda namorando um rapaz da igreja. Dos homens, somente Silas se casara, mas a esposa não era crente, para tristeza de Seu Paulo e Dona Cecília. Paulino estava noivo, e embora a noiva não fosse de família crente, pelo menos ia com ele à igreja. Os pais haviam falado com o filho sobre os problemas do casamento misto, mas receberam a moça na família com todo o carinho. Somente Nato ainda estava completamente solteiro. E, pelo que afirmava, não pretendia mudar de estado civil muito cedo.

Foram anos tranqüilos aqueles. Se Luíza pudesse prever o que estava por vir, com certeza aproveitaria melhor aquele tempo.

*A Seara do Senhor*

-- Luíza, mande a Mercedes arrumar o quarto do salão, que vai chegar um hóspede amanhã.

Luíza, que passava pela porta do escritório do marido, se deteve para perguntar:

-- Ah, é? Quem é que está vindo para cá?

-- Lembra do José Costa, aquele seminarista que esteve ajudando na nossa igreja no ano passado?

Luíza se lembrava. Não havia gostado muito do moço, mas como dizer que não se gosta de uma pessoa escolhida por Deus? Entretanto, sabia muito bem, pela própria convivência com um escolhido, que o fato de ter sido separado para uma tarefa tão especial não tornava o pastor perfeito. Ele era antes de tudo uma pessoa como as outras, com seus defeitos e qualidades. O que não impedia que fosse usado poderosamente por Deus na vida do seu rebanho, como era o caso de Carlos. A eficácia do pastor no trabalho de Deus dependia de quanto permitisse que Deus trabalhasse em sua vida. O que era verdade para todos os crentes. O poder era de Deus, não dos seus ungidos.

Luíza meneou a cabeça para afastar esses pensamentos que em nada suavizavam a impressão que ainda persistia. Havia alguma coisa no modo como aquele moço não olhava para as pessoas quando falava com elas que incomodava Luíza. Carlos havia atribuído isso à timidez, mas Luíza não se convencera. E agora ele estava voltando. Ela respondeu à pergunta do marido com outra pergunta, já antevendo a resposta:

-- Quanto tempo ele vai ficar?

-- Algum tempo. Foi mandado para cá a fim de me ajudar. Estou ficando apurado com tanto trabalho e uma ajudazinha vem a calhar.

Luíza não pôde esconder uma ponta de má vontade ao perguntar:

-- Já está decidido, então?

Carlos a olhou surpreso, e, levantando-se, veio até ela.

-- Ora, meu bem! Que tom é esse?

-- Você sabe que não gostei muito daquele moço, Carlos. E agora, ele vem ficar aqui conosco?

-- Só por uns tempos, até ele arrumar um lugar para morar.

Luíza suspirou, ainda inconformada.

-- Você nunca liga para o que eu penso, Carlos.

O marido colocou as mãos em seus ombros e fê-la olhar para ele, olhos nos olhos.

-- Você sabe que isso não é verdade, Luíza. E neste caso, não tive escolha. Foi o presbitério que decidiu. Se ele ficar aqui vai incomodá-la, posso pedir a D. Juci....

Luíza interrompeu o marido com um meneio vigoroso da cabeça.

-- Não, Carlos, nada disso! Deixe que ele venha para cá -- falou meio exasperada. Mais uma vez sentia-se peada pelas circunstâncias, sem poder resolver coisas que afetavam sua vida. Mas, fazer o quê? -- Vou falar com a Mercedes para arrumar o quarto.

-- Ele vai ter de tomar as refeições conosco no começo, Luíza, até ajeitar alguma outra coisa.

Luíza deixou o marido parado ali, olhando-a afastar-se na direção da cozinha para dar as ordens a Mercedes. Ainda bem, pensava ela, que contava com uma bênção de auxiliar como a Mercedes. A palavra bênção que lhe ocorreu fê-la pensar em quanta coisa boa Deus lhes tinha dado.

*Como estou sendo egoísta, pensou Luíza. Deus nos tem dado bondosamente tanta coisa boa, e uma coisinha que não quero fazer já me deixa chateada.*

Entretanto, continuava chateada. Nem mesmo toda aquela argumentação conseguiu mudar sua atitude.

Enquanto se dirigia à cozinha, Luíza foi correndo os olhos ao seu redor, satisfeita com o que via. A casa era antiga, e por isso a divisão interna deixava algo a desejar. Mas era de alvenaria, o que a diferenciava de tantas casas da cidade que eram de tábuas, e havia rejuvenecido com a reforma que fizeram antes de se mudar. Como presente de décimo aniversário de casamento, Carlos a havia levado para escolher uma mobília para a sala de jantar, algo que eles nunca haviam possuído antes. A mesa de pés torneados ocupava agora o centro da sala, cercada por cadeiras de espaldar alto e assento estofado de veludo vermelho. Um bufê e uma cristaleira completavam o conjunto de imbuia que, de tanto ser lustrado, reluzia como espelho, os veios dourados refletindo a carícia suave dos raios de sol que entravam pela janelona da sala. O tapete sob a mesa, presente dos pais, dava o segundo toque de cor ao ambiente, e aquele tom refinado de luxo.

*Temos uma linda casa, pensou Luíza. Mas não é atoa que está sempre um brinco. Com o duro que dou...*

Ela mesma se incumbia de boa parte da limpeza, fiscalizando o trabalho diário de Mercedes e o de D. Zefinha, que vinha uma vez por semana fazer a limpeza mais pesada. Luíza não se acanhava de encerar o chão, como costumava fazer na casa da mãe. Só que agora, graças a uma nova e maravilhosa invenção, a enceradeira elétrica que comprara em São Paulo, não precisava mais usar o escovão. Por isso, seu assoalho de tacos escuros faiscava.

A cozinha, de piso de cerâmica vermelha, refletia o amor pela limpeza e pela ordem da dona da casa. Na copa, separada da cozinha por um arco que se abria na hora de passar os pratos, uma geladeira branca era a grande novidade que muito pouca gente da cidade conhecia.

Mercedes já começava os preparativos do almoço, e o cheirinho bom de feijão quase cozido permeava o ar. Os meninos tinham excelente apetite, e Carlinhos, o caçula, sempre chegava da escola morto de fome. Por isso, o almoço era servido assim que os dois chegavam em casa.

Pensando no filho mais novo, Luíza permitiu-se um sorriso indulgente. Como era especial! Mais moleque do que Lucas, ele lhe dava mais trabalho. Mas era realmente uma dádiva de Deus, embora a fizesse duvidar de sua capacidade materna. Para compensar suas falhas, fazia com os dois a leitura da Bíblia após o almoço. Carlos, sempre correndo e ocupado, poucas vezes podia participar desses momentos. Então, Luíza havia assumido para si a tarefa de inculcar no coração dos filhos a Palavra de Deus. Carlinhos ficava irrequieto, e a única forma de conseguir que ele aprendesse alguma coisa era convidar seus amiguinhos, que vinham procurá-lo logo depois do almoço para brincar, e também participarem do estudo.

-- Vou fazer uns bolinhos de batata para o almoço, Mercedes, mas deixe para fritar quando os meninos estiverem chegando. Você sabe como o Lucas é enjoado.

-- Ah, isso ele é, D. Luíza.

Mercedes não havia mudado nada com o passar dos anos. Ainda era meio rechonchuda, e o rosto moreno sorridente raras vezes se fechava. Tinha uma predileção por Lucas e lhe fazia todas as vontades, mesmo que Luíza nem sempre aprovasse.

-- Você mima demais esse mocinho, Mercedes.

Ela assentiu com a cabeça e nada disse. Não queria discutir aquele assunto, senão D. Luíza podia dar-lhe ordens que não gostaria de cumprir com relação ao Lucas. Diante do seu silêncio, Luíza continuou:

-- E, Mercedes, depois do almoço, quero que dê uma olhada no quarto do salão para mim. Talvez seja preciso dar uma varrida, tirar o pó e estender a cama. Amanhã vai chegar uma pessoa para ficar lá.

"Outra?" parecia dizer o olhar que Mercedes dirigiu à patroa. O quarto nunca parava muito tempo vazio. Sempre havia alguém - ou até mesmo famílias - precisando de um lugar para ficar por algum tempo. A casa do pastor raramente abrigava apenas sua família. Algumas pessoas Luíza tinha prazer em receber, pessoas especiais que era um privilégio conhecer. Outras, nem tanto. Havia pessoas que realmente podiam ser uma amolação! Luíza já havia perdido a conta de quantos hóspedes havia tido naqueles últimos anos.

Saindo da cozinha, Luíza foi se aprontar para trabalhar, mas a cabeça continuava às voltas com a notícia que Carlos lhe dera. Sabia que estava sendo injusta, pois o marido realmente andava apurado com o número cada vez maior de membros da igreja, e precisando de ajuda. E se esse moço vinha a mandado do presbitério, era porque estava qualificado para trabalhar. Ter um auxiliar podia deixar Carlos com um pouco mais de tempo para a família. E, de certa forma, ele estaria colhendo o que vinha semeando havia muitos anos. José Costa era um dos seminaristas que havia estudado às custas do salário que Carlos doava.

*Parece tudo tão certo, pensou Luíza. Então, por que continuo chateada? Preciso conversar com a Enedina para ver o que ela acha disso. Ela também não gostou dele, mas pode ter sido influenciada pela minha opinião.* Luíza sorriu enquanto via mentalmente o rosto da amiga. Enedina, influenciada? Parecia difícil. Ela tinha opiniões tão fortes acerca de quase tudo!

A porta do quarto, semi-encostada, foi escancarada com um empurrão violento para dar passagem a Lucas e Carlinhos, as camisas brancas suadas puxadas para fora das calças, os rostos claros pegando fogo.

-- Calma, meninos. Onde vão com tanta pressa? -- Fitando os filhos de testa enrugada, Luíza continuou: -- Quanto tempo ficaram no sol? Vocês dois estão suando em bica.

Atropelando um ao outro, os dois se dependuraram no pescoço da mãe sem responder, e lhe pregaram no rosto uns beijos melados e molhados de suor. Com a mesma fúria que entraram, os dois garotos saíram na disparada, seguidos pela advertência da mãe:

-- Vão tratar de se lavar para almoçar. A Mercedes já vai fritar os bolinhos. E chamem o Papai para mim.

Na correria do almoço e da saída para o grupo escolar, Luíza nem chegou a reparar na expressão preocupada de Carlos.

\* \* \*

-- Carlos, você está aborrecido com alguma coisa?

Já era de noite, e Luíza, sentada na cama, passava uma vista d'olhos no material didático que seu diretor queria que ela visse, enquanto esperava o marido se aprontar para deitar.

Agora Carlos, sentado na beira da cama, segurava sem ver um dos chinelos, como que esquecido do que deveria fazer com ele.

Ao ouvir a voz da esposa, Carlos percebeu que estava com o chinelo na mão. Colocando-no no tapetinho ao lado do outro, espichou-se na cama, as mãos cruzadas na nuca. Parecia ter-se esquecido da pergunta. Luíza colocou a papelada no criado-mudo e deslisou sob o lençol ao lado do marido, puxando o rosto dele para ela, sentindo uma estranha inquietação ante a atitude estranha de Carlos.

-- Meu bem, aconteceu alguma coisa ruim? Você parece tão preocupado!

Fitando a esposa nos olhos, Carlos falou hesitante:

-- Bem, ahnnn....Não, não exatamente, quero dizer.

-- Vamos, homem, desembuche logo. Está-me deixando nervosa.

Carlos ensaiou um sorriso ante a linguagem despachada da esposa, mas seus olhos permaneceram sérios.

-- Você se lembra de quando o Pedro Siqueira me pediu que endossasse uns títulos para ele?

Luíza sentiu um calafrio. Havia aconselhado veementemente o marido a não se envolver nos negócios do amigo, seguindo a regra que sempre ouvira de seu pai: não tome emprestado e não se responsabilize pela dívida de ninguém, a não ser que possa cobri-la no caso da pessoa não pagar. Ora, os títulos que Pedro havia pedido que Carlos endossasse representavam uma quantia que eles não poderiam pagar. Quanto era mesmo? Ela já nem se lembrava, mas era muito!

Um protesto brotou de seus lábios:

-- Carlos! -- exclamou ela horrorizada. -- Você não...? -- Nem conseguiu articular o pensamento, pois viu na expressão abatida do marido a confirmação dos seus receios.

Sem poder fitá-la, Carlos se voltou e enterrou a cabeça no colo dela. Luíza ficou ali, rígida, segurando com esforço as palavras ásperas que de repente lhe assomavam aos lábios. Por que o marido se deixava levar com tanta facilidade a fazer coisas como essa? Haviam conversado e combinado que ele não assinaria nenhum papel desse tipo. Alguns "amigos" se valiam da posição de Carlos como avalista do Banco do Brasil para pedir favores financeiros que o marido não estava em condições de prestar. Um suspiro de exasperação lhe escapou dos lábios.

-- Está bem. De quanto é o rombo?

Carlos pareceu encolher-se um pouco mais:

-- Ainda não sei bem. Preciso fazer a conta. Coitado do Pedro, ele se apurou nos negócios....

Mas Luíza não estava disposta a sentir compaixão pelo homem, cuja família todinha havia viajado para Águas de Lindóia, onde passara um mês inteiro de férias. Não parecia que dinheiro fosse problema. Mas agora, na hora de pagar a conta...Sem poder conter-se, Luíza deixou escapar:

-- Pois é, mas parece que para viajar eles tinham dinheiro!

Carlos ficou em silêncio, sentindo que a esposa precisava deixar extravazar a sua frustração. Sabia que contradizê-la só pioraria a situação.

-- E como vamos fazer para pagar? -- perguntou Luíza.

-- Estou vendo no banco, se consigo um empréstimo. Acho que não terei problema. O que não posso é ficar como devedor.

-- É, pena que o Pedro não pense do mesmo modo!

Carlos, o fiel Carlos, meneou a cabeça:

-- Nem pense isso, meu bem! Tenho a certeza de que ele pagará, assim que puder.

Luíza sabia que não adiantava discutir. Carlos não gostava de dizer não, mesmo indo contra a opinião dela.

-- Só quero que, na próxima vez que isso acontecer, você pense um pouco mais em mim e nos meninos, que vamos ter de arcar com essa dívida também.

Carlos retraiu-se, dizendo em tom ofendido:

-- Luíza! Nunca deixei faltar nada para vocês. E se não podemos ajudar os outros com aquilo que Deus nos tem dado...

-- Não se trata disso, Carlos, e você sabe muito bem. Não é assumir a dívida de alguém pobre, que esteja passando necessidade. É assinar por seus amigos que não conseguem viver com o que têm é que me irrita.

Carlos se fechou num mutismo e lançou-lhe um olhar magoado. Luíza, o coração ainda queimando, sentiu o apelo do marido, que ela raramente deixava de atender. Mas, naquele dia, não quis nem tentar a reconciliação. Ele que sentisse um pouco quanto estava prejudicando a família com aquela atitude. Não ia ceder assim tão fácil.

Apagando a luz do pequeno abajur, ela se espichou na cama com um suspiro cansado, e, virando de lado, ficou imóvel até que ouviu o rressonar do marido. Ainda irritada, pensou: *Até para dormir ele é manso. o homem!* A expressão, tantas vezes ouvida dos lábios da mãe quando se frustrava com algum hábito do pai, fê-la sorrir sem querer. "Ah, Mamãe, o que vou fazer com esse marido que Deus me deu?"

\* \* \*

Como Luíza previra, Pedro deu uma sumida da cidade, alegando ter de administrar a venda de umas terras que tinha em Mato Grosso. Ele foi sozinho, deixando a esposa e os filhos, que estavam na escola, para trás. Assim, naturalmente sobrou para Carlos pagar a dívida. Ele precisou recorrer a um empréstimo que seria quitado em prestações mensais. Luíza procurava não pensar no fato de que cada prestação representava mais do que cinquenta por cento do seu ordenado. Mas, quando chegava a época do vencimento, sentia-se corroer por dentro e um gosto amargo lhe subia à boca.

"Felizmente", pensava ela, "não estamos passando fome por causa daquele safado." Só que esse pensamento pouco consolo lhe trazia. O que mais a deixava indignada era ver a família de Pedro, sempre bem vestida e arrumada, sentada na igreja todos os domingos, com ar de quem estava com a vida perfeitamente em ordem. Isso doía. E quando doía, Luíza aproveitava para relembrar ao marido que ela fora contra aquele negócio. Carlos a ouvia mas nada retrucava. Luíza pensava, frustrada, se ele escutava o que ela dizia e se se lembraria disso na próxima vez que lhe pedissem o mesmo favor.

Entretanto, algumas coisas boas estavam acontecendo também.

Nos meses que se seguiram, Luíza teve de admitir que seus preconceitos com relação ao novo pastor auxiliar pareciam totalmente infundados. O moço era trabalhador, e desenvolveu um serviço de visitação aos crentes, que começaram a transmitir a Carlos sua apreciação pela assistência.

Sentindo-se aliviado de parte da dura tarefa de pastorear o rebanho cada vez mais numeroso, Carlos pôde dedicar-se mais a outros trabalhos da igreja. Com a colaboração de D. Tudica, uma professora que também dirigia o orfeão do grupo, e de Seu Décio, que tocava piano, foi formado o coro da igreja.

A escola dominical estava crescendo bastante em número de alunos e de professores. Luíza era diretora do departamento primário e juvenil e se reunia com as outras professoras uma vez por mês a fim de fazerem um planejamento das lições e discutirem os problemas que estavam enfrentando. A freqüência a essas reuniões não era o que Luíza gostaria que fosse, e muitas vezes ela se queixava para o marido sobre o que considerava a "falta de dedicação" de algumas professoras. Como sempre, Carlos desculpava aquelas mulheres e ainda queria que Luíza fizesse o mesmo. Então ela sempre esquentava.

-- Se fosse eu que faltasse a uma reunião importante como essas, você acharia ruim comigo -- reclamava ela.

-- Só se fosse sem motivo -- retorquia Carlos. -- Não peço de você mais do que das outras pessoas.

Luíza já nem respondia a esse argumento porque não concordava com o marido. Ele pedia, sim. E mais do que pedia, esperava. Esperava que ela sempre se dispusesse a auxiliá-lo em tudo que precisasse. E ela o fazia, mesmo que muitas vezes mais por não querer enfrentar a decepção dele do que por desejo de ajudar.

E aí, muitas vezes, sentia-se como uma hipócrita, boazinha e sorridente por fora, mas resmungando por dentro. O que Deus realmente queria dela? O marido não exigia demais? Afinal, ela trabalhava fora, cuidava dos filhos praticamente sozinha, já que Carlos viajava tanto. E ainda trabalhava bastante na igreja. Mas parecia que nunca o que fazia era suficiente. Quantas vezes sentia-se cansada, com vontade de largar tudo!

Quando olhava a dedicação do marido, entretanto, sentia-se culpada, não tanto pelas coisas que deixava de fazer quanto pelas que já fazia apenas por sentir que era o que se esperava dela.

Havia outro problema agora que a preocupava. Lucas já estava no quarto ano do grupo escolar, e ainda não havia ginásio na cidade. A solução seria mandá-lo para um colégio interno, mas Luíza achava que o menino era ainda muito pequeno para ficar morando longe dos pais. Em seu coração passava muitas vezes a idéia de que, se estivessem morando numa cidade "mais civilizada", não teriam de enfrentar essa decisão. Ainda lhe doía na alma a reação do menino quando lhe falaram sobre isso pela primeira vez. Lucas havia chorado e falado claramente que não queria ir. Carlos conversara com ele primeiro, e depois Luíza tentara explicar, pintando a vida no colégio com cores alegres. Mesmo assim não haviam conseguido convencer Lucas a querer ir.

Felizmente, o colégio presbiteriano de Paraguaçu Paulista, que ficava relativamente perto, oferecia internato para alunos das cidades vizinhas que só tinham o curso primário básico. E, como Luíza argumentou com Lucas, seria só enquanto não houvesse ginásio em Presidente Prudente.

Chegou a hora da separação, que foi dolorosa. Apesar do acolhimento que teve no colégio, Lucas ficou chorando e Luíza voltou para casa com o coração sangrando, e um tiquinho de raiva lá no fundo -- raiva, de quem? Não saberia dizer. De ninguém e de todos. Não se importava tanto com os sacrifícios pessoais que tinha de fazer. Mas agora, a vida de seu filho estava sendo afetada! E isso doía.

\* \* \*

-- Luíza, venha aqui um pouquinho!

A urgência na voz de Carlos fez Luíza sair do quarto, onde se aprontava para trabalhar, e dirigir-se às pressas ao escritório, sem saber direito o que esperar.

Encontrou o marido sentado no pequeno sofá reservado para as visitas, ao lado de Seu Josias, o novo superintendente da escola dominical, com o braço sobre os ombros do homem, que, de cabeça baixa, parecia estar soluçando.

Carlos ergueu para ela olhos escurecidos pela compaixão. Luíza arqueou as sombrancelhas na direção dele, perguntando em silêncio: O que está acontecendo?

-- Luíza, Seu Josias veio me contar que a Nadir está com um problema sério de saúde.

Luíza aproximou-se do homem e tomou a mão que ele lhe estendeu, segurando-a por alguns instantes, como que para transmitir-lhe algum conforto.

-- Conte-me qual é o problema, Seu Josias.

-- Ah, Dona Luíza, a coisa é séria, séria -- suspirou ele, enxugando furtivamente uma lágrima, sem se animar a entrar nos detalhes. Luíza procurou ajudá-lo.

-- Notei que ela emagreceu muito ultimamente, Seu Josias.

-- Pois é, Dona Luíza. Todo mundo vinha comentando que a magreza dela era doentia. Mas a Nadir sempre foi magrinha, e no começo não achamos que fosse nada de mais. Mesmo assim, ela foi consultar o Dr. Foz, e...

Aqui Seu Josias parou para enxugar os olhos e assoar o nariz num enorme lenço branco, em cujo canto aparecia seu nome, bordado por mãos carinhosas e caprichosas -- as da Nadir, com certeza, pensou Luíza.

Com esforço, o homem continuou:

-- Ela está com um tumor no seio, Dona Luíza.

O coração de Luíza estremeceu em seu peito. Tumor no seio! Era coisa séria. Luíza sentiu-se invadir por enorme piedade daquela senhora, moça ainda, tão quietinha, tão dedicada ao Senhor. Poucas pessoas conheciam a extensão do seu trabalho.

Ela sempre parecia achar o trabalho que ninguém queria fazer para executar, em silêncio, sem nunca esperar reconhecimento. Embora nunca tivessem sido íntimas, Luíza a admirava sinceramente, e seria uma das pessoas com quem poderia se abrir se a oportunidade se apresentasse, falando a respeito de tantas coisas que pesavam em seu coração. E agora? Será que a Nadir iria morrer? Como ficaria Seu Josias, que parecia não saber fazer nada sem ela?

Era preciso fazer alguma coisa!

-- Seu Josias, o senhor precisa levar a Nadir para São Paulo.

-- É o que já falei também, Luíza. E estava pensando se o Nato poderia indicar alguém para eles -- acudiu Carlos.

-- Com certeza! Não sei se ele mesmo seria a pessoa para tratar dela, mas não haveria ninguém melhor do que ele para indicar um colega, se for o caso.

Um raio de esperança iluminou o semblante de Seu Josias.

-- A senhora acha mesmo, D. Luíza?

-- Claro, Seu Josias. -- Sentindo-se compelida a transformar em chama o fulgor que já entrevia nos olhos do homem, Luíza prosseguiu: -- Sei de uma senhora que teve o mesmo problema e sarou direitinho. Foi o Nato quem me contou.

-- Ah, Dona Luíza, se isso acontecer...

-- *Vai* acontecer, Seu Josias. Deus é poderoso e a Nadir é uma filha querida dEle. Vamos pedir que Ele a cure.

Em pé, os três oraram, pedindo a orientação de Deus para os médicos, o tratamento e forças para Nadir e Seu Josias enfrentarem as dificuldades que viriam.

Despedindo-se do casal, Seu Josias saiu da casa com outra disposição.

Vendo-o afastar-se pela rua afora, Luíza voltou-se para Carlos.

-- Preciso telefonar para o Nato, e saber o que ele pensa. Mas acho que vou primeiro falar com o Dr. Foz. Assim poderei contar ao Nato a opinião dele.

-- Boa idéia, meu bem. Vamos fazer tudo o que pudermos para ajudar. Esse casal é o meu braço direito na igreja.

-- É, eu sei. E agora, enquanto Seu Josias estiver ocupado com a doença da Nadir, e estiver fora, vou ter de assumir a superintendência da escola dominical. Quando ele me pediu que fosse sua vice, nunca pensei que teria de exercer o cargo um dia.

-- Ora, querida, você vai fazer um ótimo trabalho. Já é a diretora do grupo...

-- Diretora, nada. Sou sempre a vice. Trabalho como diretora, mas não tenho os benefícios do cargo -- protestou Luíza.

-- Então por que não pensa em prestar concurso e se efetivar como diretora?

Carlos não era a primeira pessoa que sugeria isso. Mas ainda ressoavam aos ouvidos de Luíza o conselho de seu próprio diretor: "Dona Luíza, a senhora tem marido e dois filhos. Se passar no concurso e for nomeada, provavelmente terá de começar a carreira num lugarejo distante. Vale a pena sacrificar sua família para isso?" Vale a pena...? Vale a pena...? Ela não tinha uma resposta segura para essa pergunta. Enquanto isso, o tempo ia passando.

\* \* \*

No domingo seguinte, na abertura da escola dominical, Luíza avisou a igreja sobre a doença de Dona Nadir e pediu as orações de todos para o casal, que já se encontrava em São Paulo.

A notícia alvoroçou a congregação. Nadir era muito querida, e Seu Josias um dos líderes fundadores da igreja.

Luíza começou a ouvir umas conversas meio estranhas da parte de algumas pessoas. Por que Deus permitira que Dona Nadir adoecesse? Será que havia algum pecado escondido na vida dela? Ou seria falta de fé? Jesus não disse que se tivéssemos fé do tamanho de um grão de mostarda, poderíamos transportar um monte para o mar? O casal parecia tão crente, tão consagrado, mas com certeza havia alguma coisa errada ali.

Luíza tentou apagar o tom negativo das conversas, mas sentiu que, mesmo caladas, as pessoas ainda pensavam assim.

-- Carlos -- disse ela na hora do almoço, -- tentei esclarecer as pessoas sobre a doença da Nadir, mas até eu estou confusa. Por que será que Deus permitiu que ela ficasse doente? Uma pessoa tão boa...

Carlos ficou pensativo por uns instantes, quebrando entre os dedos um pedaço de pão. Depois, meneando a cabeça lentamente, ele falou:

-- Não há uma resposta fácil para isso, Lu. Mas não podemos nos esquecer de que Jesus já avisou que neste mundo teríamos aflições. Se ele, que era o próprio Filho de Deus, não foi poupado, quanto mais nós!

-- Eu sei disso -- retrucou Luíza, um tanto impaciente. Algumas coisas ela *sabia*. -- Mas o sofrimento de Jesus tinha um propósito, não é?

-- Sim, é verdade. Mas o nosso sofrimento também. -- Luíza fitou o marido com ar de interrogação. Carlos continuou: -- Deus permite as aflições mas diz que elas servem ao Seu propósito.

Agora Luíza estava parada, fitando atentamente o marido, que se servia de um pedaço de frango.

-- Você se lembra de Romanos 8:28? -- perguntou Carlos sem tirar os olhos do prato.

-- Claro. Todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus.

-- Todas as coisas *boas*? -- Agora Carlos estava olhando para ela.

-- Nããão -- respondeu Luíza devagar, a mente perdida em pensamentos novos. -- *Todas* as coisas. Isso quer dizer as ruins também?

-- Sim, porque elas só são ruins do nosso ponto de vista. Deus usa *todas* as coisas que permite na vida dos seus filhos para o bem. É assim que ele vence o mal no mundo.

-- Eu nunca havia pensado nisso -- disse Luíza, servindo a macarronada ao marido.

-- Não somos masoquistas, meu bem. Não gostamos de sofrer. Mas, de alguma forma, o nosso sofrimento nos torna mais dependentes de Deus, nos ensina a paciência e a perseverança de uma forma que nenhuma outra coisa pode fazer.

No culto da noite, Carlos pregou como poucas vezes Luíza o ouvira pregar. Ele falou com os lábios, mas o que saiu para fora foi o seu coração, comovido, chorando junto com os amigos a sua tristeza, mas falando empolgado da esperança que anima o coração dos que crêem num Deus poderoso e amoroso, cujo propósito está operando em todas as coisas que nos acontecem, para transformá-las em bem para os que o amam.

No encerramento, Carlos chamou à frente todas as pessoas que também estivessem enfrentando problemas de saúde. Quatro pessoas se apresentaram. Carlos primeiro lhes deu a oportunidade de orarem umas pelas outras e depois orou ele mesmo por todas.

Naquela noite, quando já estavam deitados, Luíza segurou uma das mãos do marido nas suas e depois a encostou no rosto, com um senso quase de reverência. Queria que aquela mão a abençoasse.

Carlos a puxou para mais perto de si e Luíza recostou a cabeça em seu ombro. Uma grande paz lhe invadiu o coração. Como era bom saber que um Deus sábio e amoroso era o Senhor de suas vidas. Mesmo no meio das incertezas, Seus filhos tinham algo sólido a que se apegar, o conhecimento de que Ele nunca os abandonaria. Ele mesmo prometeu isso e é um Deus fiel.

Aninhando-se contra o marido, Luíza se acomodou para dormir. Os dois permaneceram assim, em silêncio, os corações unidos como poucas vezes haviam estado antes, até adormecerem.

Seria aquela a calma que precede as grandes tempestades?

### *Sementes de Discórdia*

Era uma daquelas segundas-feiras que fazem jus à má vontade que tantas pessoas lhe votam. O céu cinza-chumbo despejava uma chuva torrencial que parecia molhar até os ossos das pessoas. Pelo menos, o calor infernal que fizera nos últimos dias estava mais suportável. A roupa lavada teve de ser estendida no varalzinho de dentro, e pingava desconsoladamente o excesso de umidade no chão vermelho, tornando-o escorregadio e perigoso.

Luíza sentia uma inquietação fora do comum. Parada diante da porta aberta do armário do quarto, ela examinava suas roupas, que ocupavam a maior parte do móvel. Mesmo assim, seu guarda-roupa não era extenso, e, examinando-o de ponta a ponta, Luíza concluiu que estava precisando de uma renovação.

*Vou dar uma passada na tecelagem hoje, pensou ela, a testa enrugada. Quem sabe se vir algum tecido bonito lá fico inspirada.* Aí ela se lembrou da chuva que caía e quase desistiu da idéia. Se passasse na loja depois das aulas, chegaria meio tarde em casa. *Mas, sua testa se franziu mais ainda, com certeza antes de Carlos.*

Apesar das atividades intensas do pastor auxiliar, Carlos continuava mais ocupado do que nunca. E agora que os meninos estavam estudando fora, Luíza sentia falta de companhia dentro de casa.

*Para que fui querer um casarão destes?* ruminava ela consigo mesma. Entretanto, sua atenção voltou-se de novo para as roupas. *Estou precisando de mais uns dois conjuntos de saia e blusa para trabalhar.* De repente, tomou uma decisão. Iria, sim, mandar Dona Dalila, a costureira que fazia suas roupas desde que se mudara para a cidade, fazer, além das roupas de trabalho, um lindo vestido, algo bastante especial. Surprenderia Carlos quando fossem de férias para São Paulo no mês seguinte.

Até já entrevia o olhar de admiração do marido quando estresse a roupa nova, que faria naquele tom azul-acinzentado de que ele tanto gostava.

Tomada a decisão, Luíza fechou energicamente a porta do armário, e dirigiu-se à cozinha para ver se Mercedes estava dando conta do recado sozinha. Entretanto, uma voz suave, que Luíza vinha tentando ignorar desde a noite anterior, continuava a perturbá-la. Era essa a causa de sua inquietação.

A cena da véspera lhe tomou conta da mente mais uma vez. Ela estivera a tarde toda na igreja, numa reunião dos professores da escola dominical. Agora que Seu Josias estava fora, ela, a vice-superintendente, teve de assumir diversas novas responsabilidades, mas não se queixava. Seu Josias era muito organizado, e deixara tudo escrito para ela. Ainda assim, havia novas reuniões para encaixar no seu horário já tão ocupado. Por isso, o domingo havia sido quase todo tomado. Depois do almoço, dirigira-se à igreja debaixo do sol escaldante, para uma reunião a que metade dos professores compareceu. Embora chateada, Luíza dirigira a reunião como se estivessem todos presentes. Ela ainda morava perto, mas alguns dos professores haviam feito um sacrifício enorme para estar lá no horário, e ela queria que soubessem que seu esforço era apreciado.

Após a reunião, ela teve de atender a outras coisas relativas ao trabalho das senhoras da igreja, e acabara ficando direto para o culto da noite, sem tempo para voltar à casa, tomar um banho e trocar de roupa. Isso não a havia incomodado muito até ver Lúcia, a esposa do Pedro, chegando toda bela e formosa, com aquele ar de frescor de quem acabou de tomar um bom banho, perfumada, o vestido de linho cor de salmão impecável. Luíza sabia que naquele momento sentira uma fisgada por dentro. De repente, enxergou seu vestido amarfanhado, e se achou feia e descuidada. "É, mas eu pelo menos não fiquei dormindo a tarde toda. Estive trabalhando para Deus", pensou, sem que isso lhe trouxesse nenhum consolo. E desde a noite anterior, aquele mal-estar se havia alojado em sua mente, e seu coração ficara inquieto.

Agora achava bom ter acontecido aquilo porque assim ela foi obrigada a dar uma olhada em suas roupas e perceber que realmente podia gastar um pouquinho mais com elas. Desde que começara a despesa com a escola particular para os meninos, ela havia praticamente parado de comprar qualquer coisa que não fosse estritamente necessária. Além disso, havia aquela dívida do Pedro. Luíza já estava tão acostumar a jogar para baixo do tapete os sentimentos amargos que brotavam em seu íntimo quando pensava no homem que agora o fez mais uma vez, automaticamente.

Não queria pensar sobre aquilo. Não iria pensar sobre a questão. Para ela, estava encerrada e pronto!

Mas aquela segunda-feira ainda traria outros acontecimentos desagradáveis.

Luíza chegou em casa meio tarde. Passou na tecelagem depois das aulas. Na vitrina, um corte de seda macia e fresca, com uma linda queda que só as sedas caras têm, chamou-lhe a atenção. O tom era exatamente o que havia pensado - um azul profundo, do qual a luz arrancava uma sombra cinza-prateada. O preço era um pouco salgado, mas ela resolveu que se daria aquele pequeno luxo. Comprou um conjunto de trabalho a menos, e esbanjou no que seria seu vestido de fim de ano. Da loja já passou na Dona Dalila e encontrou o modelo ideal para o tecido. Dona Dalila, como boa costureira, foi conferir as medidas e anotar no caderninho que usava desde que Luíza a conhecesse. Em pé diante dela, Luíza percebeu que a senhora riscou os números antigos e colocou os novos ao lado.

-- O que aconteceu, Dona Dalila? Minhas medidas mudaram?-- perguntou Luíza.

-- É, um pouquinho, Dona Luíza -- respondeu a mulher, sem dizer quanto nem se era para mais ou para menos. -- Vamos fazer o vestido bem folgado, assim fica mais gostoso com este calor.

Luíza percebeu que ela estava disfarçando, para não aborrecer a freguesa de tantos anos, mas quis saber:

-- A senhora vai ter de aumentar a cintura, Dona Dalila?

Ainda tentando escapar de uma resposta direta, Dona Dalila respondeu apenas com um aceno de cabeça. Luíza, entretanto, não se satisfez com a resposta.

-- Quantos centímetros, Dona Dalila?

-- Uns seis -- respondeu a costureira sem fitar a freguesa.

-- Seis??!!! -- exclamou Luíza horrorizada. -- Estou ficando enorme!

-- Nada disso, Dona Luíza -- tentou apaziguá-la a costureira. -- A cintura é o primeiro lugar em que a gente aumenta de medida.

-- Não quero nem saber -- retorquiu Luíza inconformada. -- Vou entrar num regime bravo. Pode fazer pelas medidas antigas que quando eu vier experimentar o vestido, vai servir.

Dona Dalila abanou a cabeça de leve e sorriu sem nada dizer, mas continuou tirando as outras medidas, até com uma pequena folga. *Ela vai ver só*, pensou Luíza. *Quando eu vier experimentar, vai ter de apertar tudo. Trabalho dobrado para essa teimosa!*

Apesar dos horrorosos centímetros a mais, quando saiu da casa da costureira Luíza sentia-se muito bem. Dera alguns passos positivos naquele dia. Ao chegar em casa, notou que Carlos já estava no banheiro, onde ouvia a água do chuveiro escorrendo.

Ela guardou suas coisas e esperou que ele saísse, enrolado na toalha, os cabelos molhados. Ele sempre dava um tempinho para o banheiro secar um pouco antes de acabar de se aprontar.

Quando a viu, Carlos parou perto da porta, uma expressão indecisa no rosto. Luíza aproximou-se dele e lhe deu um beijo na face ainda úmida.

-- O que há, meu bem? -- perguntou ela. Podia ver que alguma coisa o perturbava.

-- Eu ia deixar para falar com você mais tarde, mas acho melhor resolvermos tudo agora.

Luíza sentiu uma ponta de inquietação atingir seu coração. Que novo aborrecimento haveria agora?

-- Luíza, o Rev. Euclides me telefonou hoje.

O Rev. Euclides! O diretor do colégio dos meninos. O susto que Luíza sentiu a deixou pálida. Carlos logo percebeu que ela estava pensando o pior.

-- Calma, meu bem. Não é nada assustador. É só que ele disse que gostaria que a gente arrumasse outro lugar para o Carlinhos estudar no ano que vem.

-- O quê? Ele está sendo expulso?

-- Não, não é bem assim, mas...

-- E por que isso? O que ele fez?

-- Nada grave. É só que o Rev. Euclides disse que ele não se adaptou bem ao sistema do colégio. Ele disse que o Lucas não teve problema.

Inclusive, acho que o Lucas é o queridinho dele e de Dona Haydée. Ele vive filando bóia na casa deles e sei que sempre a convite dos dois. Agora, o Carlinhos é mais rebelde, você sabe disso.

-- Eu não diria mais rebelde -- defendeu Luíza. -- Ele é só mais difícil da gente levar. É preciso entender como ele é.

-- Quem sabe é ele que precisa entender que nem sempre a gente faz as coisas como quer, Luíza.

Ela ficou quieta. Carlos sempre achava que ela precisava ser mais firme com o Carlinhos. Mas impossível ele ter feito alguma coisa para ser expulso do colégio.

-- E agora, o que vamos fazer?

-- Nada, por enquanto. Foi por isso que o Rev. Euclides me ligou. Ele acha que se não tirarmos o Carlinhos de lá, ele vai acabar fazendo alguma coisa pior, e aí eles não terão outro recurso senão expulsá-lo -- explicou Carlos.

-- Eu já vinha pensando em trazer os dois para cá de novo -- disse Luíza.

Carlos a fitou surpreso. Ela não havia mencionado nada antes.

-- É, não falei nada antes porque não temos tido muito tempo para conversar -- disse Luíza, respondendo à pergunta muda do marido. -- Estão abrindo o ginásio junto com o grupo da avenida no ano que vem. Já faz algum tempo que o decreto está para sair, e agora foi homologado. Vamos ter ginásio em Prudente no ano que vem.

-- Que ótima notícia! -- exclamou Carlos, um sorriso largo alegrando-lhe o rosto. -- Vai ser muito bom ter os meninos conosco de novo. Eles já estão ficando grandinhos e quero aproveitar uma pouco mais a companhia deles.

Ainda meio chateada por dentro, Luíza não pôde evitar o tom cortante da voz:

-- Para isso, é preciso que *você* também esteja mais em casa, Carlos.

Voltando ao banheiro para acabar de se aprontar, ele falou por cima do ombro:

-- Se Deus quiser, agora vou ter mais tempo para eles. E pretendo começar a levar um ou outro comigo, quando eu fizer alguma viagem curta aqui por perto.

-- Que boa idéia, meu bem! -- O peso que vinha oprimindo Luíza pareceu mais leve. De repente, ela sentiu-se alegre. Colocando-se em frente do espelho da penteadeira, que lhe permitia ver até abaixo dos quadris, Luíza voltou-se lentamente de um lado para outro. Realmente estava um pouco mais cheia de corpo. Precisava tomar cuidado. Algumas rugas estavam se formando no canto dos olhos, notou ela achegando-se ao espelho e examinando-se atentamente. *Só falta encontrar algum cabelo branco*, pensou. Mas por enquanto os cabelos continuavam de um castanho bem escuro e uniforme. Tão entretida estava que não percebeu quando Carlos se aproximou dela e enlaçou-a pela cintura.

Voltando-se para fitá-lo de frente, Luíza perguntou, erguendo os grandes olhos castanhos para ele:

-- Carlos, você ainda me acha bonita? Estou mais gorda e acabei de descobrir uns pés de galinha aqui -- disse ela, indicando os cantos dos olhos.

-- Para mim, você sempre foi e sempre vai ser a mulher mais linda do mundo!

-- Ainda bem que o amor é cego -- respondeu ela deliciada, achegando-se a ele. Mesmo que fosse um exagero da parte dele, quem era ela para debater a questão?

De repente, a lembrança de que logo a casa estaria cheia do barulho dos filhos fê-la erguer para o marido um rosto radiante.

-- O que foi mesmo que estávamos falando aquele dia? *Todas* as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus. Tenho a certeza de que o que aconteceu com o Carlinhos é um daqueles males que Deus transforma em bem. -- Com um olhar anelante, ela concluiu baixinho: -- Vai ser *tão* bom ter os meninos em casa de novo!

\* \* \*

Os planos para arrumar o dinheiro para a construção do templo estavam indo a pleno vapor. As sociedades internas queriam contribuir das mais diversas formas, mas todos sabiam que eram as senhoras as mais dispostas a dar seu tempo e trabalho. O conselho havia decidido que primeiro fariam um fundo de contribuições para as despesas iniciais. Depois que estivessem com os planos prontos, e toda essa primeira fase liquidada, começariam a juntar dinheiro para cada fase da construção. A igreja estava animada e Carlos como que nas nuvens. Falava do templo o tempo todo com quem quisesse ouvir e até com quem não quisesse. Luíza até já podia visualizar o prédio, claro, fresco, imponente, bem digno do Deus a quem adoravam.

No cultinho doméstico, ela estava lendo para os filhos a descrição da construção do tabernáculo, e os dois andavam procurando uma forma de poderem contribuir também. Luíza estava orgulhosa deles.

Foi numa reunião da sociedade feminina que Luíza começou a notar que havia alguma perturbação começando a atrapalhar a harmonia da igreja, e, conseqüentemente, os planos da construção.

Dona Rosa, a presidente, era uma senhora dinâmica e enérgica, que não se poupava quando se tratava de trabalho da igreja. Entretanto, por ser um tanto mandona, muitas vezes provocava conflito com as outras senhoras. Por isso, exatamente, Carlos começara a comparecer às reuniões plenárias da sociedade, acalmando os ânimos quando era preciso. Ele considerava Dona Rosa uma excelente presidente e não queria que ela tivesse oportunidade de pedir demissão, como ameaçava fazer sempre que surgia uma contrariedade.

Luíza, como sempre, não via as coisas dessa forma. Achava que Carlos ficava pondo panos quentes nas coisas, e que assim Dona Rosa nunca precisava enfrentar as conseqüências de suas ações impetuosas.

Na reunião de novembro, a penúltima do ano, sempre havia eleição da nova diretoria. Em geral, não havia muito problema porque o número de senhoras que aceitavam os cargos era pequeno, e por isso eram sempre as mesmas senhoras que se revejavam nos diversos cargos. Menos Enedina. Ela começara como tesoureira e nunca mais saíra. Cargo vitalício, costumava brincar. Como era uma tesoureira excelente, ninguém queria mesmo trocar o cargo dela.

Dava para perceber que havia alguma inquietação no ar quando as sócias se reuniram naquele novembro. As conversas não pararam, nem quando Dona Rosa pediu silêncio pela terceira vez. Só quando Carlos foi convidado a orar para iniciar a reunião foi que a coisa se acalmou um pouco.

Luíza, que era secretária, estava sentada à mesa ao lado de D. Rosa. Correndo os olhos pelo salão, percebeu um grupinho no fundo que não parava de conversar. Lúcia, a esposa do Pedro, parecia a mais agitada. Luíza pressentiu que alguma coisa iria acontecer.

Dona Rosa era candidata à reeleição e estava certa de ganhar. Tinha sido uma ótima presidente, e se queria trabalhar mais um pouco, quem iria ficar contra? Podiam até fazer a eleição por aclamação. E foi o que ela propôs.

Lá do fundo, Dona Sílvia levantou-se e protestou. Disse que o voto deveria ser por escrutínio secreto, pois havia outras candidatas. Imediatamente as sócias se alvoroçaram e começaram a falar todas juntas. Dona Rosa ficou muito vermelha e disse que então era necessário apresentar os nomes das outras candidatas. Foram apresentados dois outros nomes: o de Lúcia e o de outra senhora, recém-chegada à igreja e quase desconhecida da maioria.

O olhar de Dona Rosa dizia tudo. Ela estava furiosa. Foi com voz cortante que anunciou:

-- Já que o meu trabalho não parece ter sido muito bom... -- aqui ela parou e olhou para o grupo, apertando os lábios como que para impedi-los de tremer -- temos agora três candidatas. Portanto, a eleição será por voto secreto.

Luíza não entendia muito bem o que estava acontecendo. As eleições sempre haviam sido rotineiras, com uma candidata para cada cargo.

Foram passadas as cédulas e recolhidos os votos. Dona Rosa ganhou com folga, mas ficou um clima de dissensão no ar.

A mesma coisa aconteceu com a eleição de cada cargo. Sempre eram propostos novos nomes, e Enedina quase foi destituída do cargo de tesoureira. Parecia haver um movimento de rejeição de toda a diretoria proposta anteriormente.

As senhoras deixaram a reunião em grupinhos separados, e uma sensação de mal estar e inquietação tomou conta do grupo mais unido da igreja.

Entretanto, o pior ainda estava por acontecer. Dona Rosa foi procurar Carlos no gabinete dele no dia seguinte.

-- Reverendo, vim apresentar minha demissão da presidência da sociedade feminina! -- falou ela veementemente assim que apertou a mão dele.

-- Calma, Dona Rosa -- retrucou Carlos, não tão tranqüilo quanto parecia. -- Sente-se um pouco. Vamos conversar.

-- Não tem conversa, reverendo. Depois que fui para a casa ontem, comecei a pensar no desaforo que me fizeram na reunião. E resolvi que não preciso de cargo nenhum! Não fico nem um dia mais como presidente!

Dona Rosa ia de exclamação em exclamação, cada vez mais afogueada e irritada. Ela falava tão alto que Luíza não pôde deixar de ouvir o que estava sendo dito. "Sorte os meninos estarem na escola", pensou ela. Não gostava que eles tomassem conhecimento das muitas coisas desagradáveis que ocorriam entre os membros da igreja, para não terem um mau exemplo e uma desculpa quando não quisessem participar de algum trabalho.

Carlos tentou todos os argumentos de que pôde lançar mão, mas parecia que a fúria de Dona Rosa só crescia. Ele percebeu então que falar não levaria a nada.

-- Dona Rosa, sei quanto a senhora está magoada. -- Ele levantou a mão para detê-la quando viu que ela já ia retrucar de novo. -- O que aconteceu já foi. Nada que eu possa dizer, nem o que nenhuma daquelas irmãs possa dizer vai mudar o que ocorreu. Então, Dona Rosa, temos de resolver o que fazer daqui para a frente.

Dessa vez, Carlos não conseguiu impedir que palavras azedas saíssem aos borbotões de uma afogueada Dona Rosa:

-- Eu já resolvi o que vou fazer, Reverendo. E nenhum dos seus argumentos me convenceu a mudar de idéia.

-- Não estou pedindo que a senhora mude de idéia, Dona Rosa. Estou só pedindo que pense um pouco mais a respeito, e ore. Peça que Deus esclareça o seu coração sobre o que é certo fazer.

-- Como o senhor acha que cheguei à minha conclusão? Claro que orei! Não quero vingança, não quero briga. Só quero que reconheçam o trabalho que fiz por tantos anos!

-- Será que a senhora não está se esquecendo de que há Alguém -- aqui Carlos apontou para o alto, -- que reconhece, Dona Rosa? A única pessoa que realmente importa?

A mulher engoliu em seco e ficou sem resposta. Mas só por um instante.

-- É por isso mesmo que posso trabalhar em outra igreja, pastor. O Deus é o mesmo. E não é só por causa do reconhecimento, não. É que acabei descobrindo como aquela mulherada da *sua* igreja é hipócrita!

A última palavra saiu com tanta amargura que Carlos até se encolheu. Resolveu que não diria mais nada. *Agora é a minha igreja!* pensou.

-- Então está bem, Dona Rosa. Se é isso o que a senhora pensa, vamos orar e pedir a Deus que nos livre de também cair nesse pecado.

Dona Rosa abaixou a cabeça e fechou os olhos, mas Carlos podia perceber que todo o seu corpo estava em pé de guerra. Indo até a porta, ele chamou Luíza.

-- Meu bem, quer vir orar conosco?

Dona Rosa continuou de olhos bem apertados, suando, vermelha, e nem se mexeu quando Luíza entrou.

\* \* \*

*Vai ser um oásis a ida para São Paulo*, pensou Luíza. Haviam tido um fim de ano muito agitado na igreja. Carlos estava perplexo. A cada dia, surgia alguma desavença, algum novo problema. Ele sofria com isso. Parecia que suas mensagens passavam voando por cima de algumas cabeças erguidas e olhos inflexíveis. O que estava impedindo a ação do Espírito Santo nos corações de uns poucos crentes? E por que essa atitude estava contaminando o rebanho todo?

-- Luíza -- disse ele bem cedinho certo dia, na véspera de viajarem. -- O que você acha que está acontecendo na igreja? Tem notado alguma coisa estranha?

Luíza demorou um pouco para responder. Não queria pensar em problemas no momento. Agora era hora de sair de férias, de rever a família, de ficar um pouco com os pais em Santos. Seria tão bom! Estavam precisando desse descanso. Em todo caso, Carlos a fitava um tanto ansioso, esperando uma resposta.

-- Acho meio difícil dizer, meu bem. Por quê? -- retorquiu ela evitando responder.

-- Não sei direito, mas acho que há alguma coisa perturbando as pessoas. Nunca tivemos tanta contrariedade com as eleições de final do ano quanto agora. Até no conselho sinto má vontade de alguns líderes. Até parece que, no momento em que as coisas começaram a realmente deslanchar, começaram a surgir todas essas dificuldades. Será que não é possível para uma igreja trabalhar e progredir com paz e harmonia? -- Carlos meneou a cabeça intrigado.

Luíza continuou dobrando as roupas que colocaria na mala. O silêncio reinou entre eles. De repente, ela parou o que fazia, foi até o marido, colocou as mãos em seus ombros e baixou seu rosto ao ponto de quase encostar no dele antes de falar:

-- Carlos, você está cansado. Eu estou cansada. Tivemos um ano e tanto. Vamos deixar de lado um pouco esses problemas da igreja. Quem sabe a ida a São Paulo nos dará um pouco mais de perspectiva. Quando voltarmos, veremos o que podemos fazer. Está bem?

Enquanto falava, ela percebeu quanto de verdade havia em suas palavras. O rosto de Carlos já não era tão liso. Linhas marcavam o canto dos olhos, a testa e desciam pela face até os cantos da boca. Ao ir notando tudo isso, a voz de Luíza foi-se enternecendo. Como amava aquele homem. Nunca o vira exaltado, a não ser uma vez em que Lucas lhe fizera uma grande malcriação. Mas a fúria passara depressa. E agora, o peso do ministério começava a ser traduzido em um semblante cansado demais para seus anos. Assim, as últimas palavras foram cheias de ternura.

Carlos a puxou contra si, e recostou a cabeça contra o peito dela. Permaneceram abraçados por alguns instantes cheios de doçura. Luíza teria ficado ali o resto do dia. Quanto tempo fazia que não tinham um tempinho especial só para si. Entretanto, os filhos irromperam pelo quarto sem bater na porta entreaberta. Estacaram diante dos pais abraçados, mas logo começaram a arremedar uma cena bem melosa de amor, com beijos estalados e tudo mais. Carlos e Luíza caíram numa risada alegre. O carinho os unira de novo. A presença dos filhos e a perspectiva de um tempinho juntos os reanimou.

Foi com novo ânimo que todos se puseram a falar dos planos para a viagem. Iriam de carro, mas como a estrada era de terra em sua maior parte, e havia muitos atoleiros ao longo do caminho, levariam junto um rapaz da igreja que era mecânico, e poderia ajudá-los se o carro quebrasse ou enroscasse na lama. Em Sorocaba, o moço tomaria o trem de volta a Presidente Prudente, e a família continuaria pela estrada que dali até São Paulo já era asfaltada. Que aventura os esperava!

Mal sabiam eles.

\* \* \*

Seu Paulo e Dona Cecília já estavam em Santos quando Luíza e a família chegaram a São Paulo. Alda, agora casada e com um filhinho, desceria com eles para a praia. Seria uma reunião de todas as filhas, já que Alice e Joana, e suas respectivas famílias, também passariam alguns dias com os pais. Os homens desceriam para os finais de semana, mas cada um tinha sua própria casa e só se juntaria ao resto da família para o almoço de domingo. A tradição continuava, agora já na terceira geração.

Luíza e Carlos tinham um quarto cativo na casa ampla e agradável que ficava a três quarteirões da praia José Menino. Carlos, muito claro, evitava ficar exposto ao sol quente, mas Luíza passava as manhãs todas na praia com os meninos. Geralmente ela e as irmãs arrumavam o enorme guarda-sol, e dali vigiavam as atividades dos filhos enquanto colocavam as novidades em dia.

Naquela manhã azul e dourada, Luíza estava recostada numa cadeira de praia, mais ouvindo do que falando. Alice e Joana falavam de mil coisas da vida paulistana que agora estavam fora da sua realidade. A brisa fresca, o farfalhar suave das palmeiras que orlavam a praia, o calor madorrento, os gritos da meninada jogando bola na praia e o som confortante das vozes das irmãs levaram Luíza a um estado de sonolência quase irreal. Ela não dormia, mas estava a quilômetros de distância da realidade, e sem a menor vontade de voltar.

-- Cuidado, Lucas!

O grito estridente de Joana retiniu nos ouvidos de Luíza e a puxou de volta à praia. Seus olhos focalizaram instantaneamente o vulto claro de Lucas, caído sobre a areia, imóvel. O coração estacou no peito de Luíza. Como se uma mola invisível a impulsionasse, ela saltou da cadeira e, no que parecia duas passadas gigantes, estava ajoelhada na areia ao lado do filho.

Lucas gemia baixinho, segurando o lado. Os outros meninos, olhares assustados, procuravam explicar ao mesmo tempo o que havia acontecido. Luíza conseguiu deduzir que Lucas, que jogava no gol, levava uma bolada fortíssima na barriga. Os cabelos loiros do menino estavam empapados de suor, e sua pele clara toda coberta de areia. Luíza tentou erguê-lo, mas ele já era pesado demais para ser carregado pela mãe.

-- Deixe que a gente ajuda, Dona -- falou um dos garotos, enquanto os outros já tomavam posição em torno de Lucas para ajudar.

Entre Luíza e os garotos, Lucas foi levado até o guarda-sol. Alda já não se encontrava ali. Apenas Joana, ajuntando as coisas. Deitando Lucas na sombra, Luíza agradeceu aos meninos, que, parecendo aliviados, voltaram ao jogo. Contendo as lágrimas, sem tirar os olhos do filho, ela pediu à irmã:

-- Chame o médico para mim. Acho que ele está bem machucado!

-- Calma, Luíza. Não pode ser tão sério assim -- interveio Joana, tentando não mostrar quanto se sentia alarmada. -- Alda já foi chamar alguém lá em casa para ajudar a carregar o Lucas.

Lucas estava mais quieto agora, os olhos fechados, os braços apertando com força o lado direito do corpo. Luíza apanhou uma toalhinha, umedeceu-a com a água de uma garrafa que haviam trazido para tomar, e passou-a pelo rosto agora pálido do menino, limpando um pouco da areia que o recobria. Voltando o rosto para esconder as lágrimas, Luíza viu o vulto alto de Carlos que se aproximava correndo. Com a chegada do marido, o mundo de Luíza, que parecia fora de foco, engrenou de novo. Erguendo-se de um salto, ela correu ao seu encontro.

-- Carlos, precisamos levar o Lucas ao médico, depressa!

Sem nem se deter para perguntar o que havia acontecido, Carlos chegou onde o menino se encontrava deitado na areia, abaixou-se, tomou-o nos braços como se ele fosse uma criancinha e, encostando o rosto no dele, murmurou algo que Luíza sabia ser uma oração.

Em seguida, ele se voltou e saiu correndo na direção da casa.

Os dias seguintes foram um pesadelo para toda a família. O médico disse que não havia nada que pudesse fazer por Lucas. Eles teriam de aguardar para ver o que acontecia. A bolada atingira o fígado, e a febre alta que acometeu o menino indicava uma infecção. Luíza e Carlos se revejavam ao lado dele, passando toalhas umedecidas em seu rosto para refrescá-lo, enfiando-o na banheira de água tépida quando a febre subia demais. Lucas, meio inconsciente, gemia e choramingava durante as longas vigílias da madrugada. Parecia que estavam perdendo a batalha por sua vida, apesar das intercessões ardentes de toda a família. Por que Deus não respondia? Será que iria levar aquela criança tão linda que Ele mesmo lhes dera?

Certa noite, Luíza cochilava no quarto, a luz do corredor um lembrete de que o descanso era só para lhe dar as forças necessárias para se revesar com Carlos ao lado da cama de Lucas. De repente, sentiu que o sono lhe fugia. Sentou-se na cama, sem saber ao certo o que a havia acordado. Levantando-se pé ante pé, dirigiu-se ao quarto de Lucas com uma sensação estranha a comprimir-lhe o peito. O que havia acontecido enquanto ela dormia?

Quando seus olhos se acostumaram com a penumbra do aposento, ela percebeu o vulto de Carlos ajoelhado ao lado de Lucas, a cabeça curvada, a mão sobre a testa do filho. Orava.

Luíza deslisou silenciosamente para o lado dele, tomou-lhe a outra mão, apertando-a contra si e uniu-se a ele em oração. Naquele momento, Lucas dormia, mas era um sono agitado. Seu peito arfava. Era a febre que o atacava de novo.

Carlos voltou-se para ela, e falou:

-- Precisamos de um milagre, Luíza. Se essa infecção não ceder....

Luíza, incapaz de dizer palavra, fez que sim com a cabeça.

-- Volte para a cama, meu bem -- cochichou Carlos. -- Eu fico com ele mais um pouco.

Luíza levantou-se como se pesasse uma tonelada, e voltou ao quarto ao lado. Mas não dava nem para pensar em dormir. Resolveu descer à cozinha e preparar um chá. Quem sabe Carlos também gostaria de tomar alguma coisa.

Descendo com cuidado a escada, ela pulou o degrau que rangia e abriu com cuidado a porta da copa que logo fechou atrás de si para não acordar mais ninguém. Acendendo o fogo sob a chaleira, ela se voltou para pegar o bule e deu de cara com Joana. Quase não conseguiu segurar um berro.

-- Joana, você quase me matou de susto!!

-- Desculpe, Luíza, mas percebi que vocês não estavam dormindo. Eu também não consegui dormir.

-- Fizemos barulho?

-- Não, não, nada disso. Eu também estou preocupada com o Lucas.

A água borbulhou na chaleira e Luíza a apanhou.

-- Quer um chazinho? -- perguntou à irmã.

-- Ah, seria bom!

Luíza despejou a água fervente sobre o chá no bule. Joana apanhou as xícaras e trouxe para a mesa da cozinha. Luíza coou o chá diretamente nas xícaras. As duas irmãs se sentaram diante do líquido âmbar escaldante. Luíza adoçou o seu. Joana não quis açúcar. Aquela rotina familiar trouxe certo consolo a Luíza. As coisas não podiam estar tão mal assim se tudo o mais funcionava como sempre.

Sentindo-se reconfortada, Luíza subiu ao quarto e encontrou Lucas mais tranqüilo. Chamando Carlos para fora, Luíza entregou-lhe a xícara de chá e fez sinal que iria tomar o seu lugar ao lado de Lucas. Carlos, exausto, aceitou e se jogou de roupa e tudo sobre as cobertas da cama, pegando no sono a seguir.

O dia seguinte amanheceu nublado e chovendo. O clima dentro da casa não era menos sombrio. Seu Paulo também não se sentia muito bem e não se levantou. Dona Cecília levou o café dele na cama, e saiu do quarto com um ar abatido que alarmou as filhas.

Estava na hora de dar mais uma dose de sulfá a Lucas, mas ele vinha vomitando tanto que Luíza tinha quase certeza de que seria mais uma tentativa inútil. Enquanto aprontava o pó dissolvido em água fervida, as lágrimas inundaram seus olhos. O rosto pálido de Lucas estava agora ruborizado e seus lábios ressequidos se entreabriam no esforço de respirar. Já era o terceiro dia daquela febre e ele não parecia nada melhor.

Mais uma vez, uma prece subiu dos lábios de Luíza: "Por favor, Deus, cure o meu filho."

Uma busina tocou energicamente três vezes bem na frente da casa, e Luíza quase derramou o remédio. Quem estaria fazendo aquela barulheira? Logo ouviu vozes lá em baixo. Reconhecendo a voz de Nato, seu coração deu um pulo. Um médico em casa! Que bom! Sabia que ele não tratava de crianças, pois dizia que criança era um bichinho muito perigoso, que qualquer descuido e lá se ia. Mas agora que as esperanças estavam tão reduzidas, era a opinião dele que Luíza queria ouvir. Nato subiu depressa e franziu o cenho quando lhe contaram o que havia acontecido. Quando ele levantou as cobertas para examinar o lado de Lucas, Luíza pôde notar que a carranca se fechou mais ainda.

Em silêncio, Nato voltou-se correndo e desceu as escadas de dois em dois. Sem saber o que fazer, Luíza desabou sobre a cadeira que estava ao lado da cama e nem se mexeu quando Joana entrou correndo:

-- Luíza, Nato mandou o motorista ir buscar um remédio em São Paulo para o Lucas!

Luíza sentou-se ereta, uma pontinha de esperança acendendo dentro dela.

-- O quê?

-- Isso mesmo -- continuou Joana quase sem fôlego. -- É um milagre. Imagine só. O Silas mandou buscar nos Estados Unidos um remédio novo que saiu agora, chamado penicilina, para tratar da sinusite dele. Só que ele e o Nato estavam esperando mais informações sobre as doses antes de aplicar. É um tratamento para infecção muito poderoso. O Nato mandou buscar o remédio para aplicar no Lucas, mesmo sem saber direito a dose. -- Joana calou-se por um instante, mas acrescentou decidida: -- Nato disse que é a única esperança do Lucas.

Sem saber se ria ou chorava, Luíza agarrou-se à irmã. Pensar que ela havia sentido inveja de Joana nos primeiros dias que passaram juntas! A irmã, tão chique e sofisticada, fizera com que ela se sentisse uma caipira rematada. Até seu lindo vestido novo, feito pela melhor costureira de Presidente Prudente, não se comparava com as roupas elegantes que Joana comprava feitas no Mappin. Mesmo depois de perceber que por baixo de toda a aparência de alegria, Joana não era muito feliz, Luíza continuava sentindo certa inveja da irmã.

Mas agora se envergonhava desses sentimentos, ao sentir o coração da irmã bater em uníssono com o seu. A chique Joana chorava por seu filho e exultava com a possibilidade de sua cura. O amor as unia acima de suas diferenças. Como era bom estar cercada pela família!

Deixando Lucas aos cuidados de Joana, Luíza foi acordar Carlos para lhe dar a boa notícia e já o encontrou acordado, os olhos vermelhos indicando que ele não dormira nem perto do suficiente. Quando soube da penicilina, Carlos, que já ouvira falar do remédio, soltou um suspiro profundo e disse apenas: "Obrigado, meu Pai."

Ficaram sabendo mais tarde que a dose de penicilina que Nato aplicou em Lucas foi excessiva e por isso ele ficou alérgico ao medicamento. Mas sua vida foi salva. Aos poucos, o menino foi se recuperando e antes mesmo que Luíza se dispusesse a dar permissão, já estava jogando bola na praia de novo.

Na véspera de voltarem a São Paulo, as quatro irmãs se reuniram no banheiro para mais uma sessão de escalda-pés, embora, devido ao calor, usassem água morna. Das quatro, Luíza era a única que não morava em São Paulo, e aquela comunhão com as irmãs lhe era muito preciosa por ser tão rara.

-- Meninas, como foi bom estar aqui com vocês todos estes dias. Nem podem imaginar!

-- Você e Carlos bem que poderiam voltar à civilização. Aposto que há muita igreja em São Paulo que ele poderia pastorear ou muitas outras coisas que ele poderia fazer -- falou Alda, que preferia morrer a sair da capital.

-- Que nada! -- retorquiu Luíza. -- Carlos está com o coração enterrado naquela cidade. Enquanto não construir o templo, nem pensaria em sair de lá.

-- E você, mana, o que quer? -- A pergunta de Joana, feita em tom sério, pegou Luíza de surpresa. Ela pensou um momento.

-- Sabe que nem sei? Nunca tive essa opção. Desde que aceitei o pedido de Carlos, sabia que nossa vida seria no interior e nunca cogitei de outra coisa. Mas por que pergunta?

-- Você se lembra de uma conversa nossa sobre como a vida vai levando a gente meio a contragosto às vezes? Você dizia que jamais se casaria com um pastor, mesmo estando interessada no Carlos. E olhe onde isso a levou -- concluiu Joana.

Algo no tom da irmã tocou profundamente o coração de Luíza. As outras estavam quietas, olhando para elas, esperando.

-- E onde o seu sonho a levou, Joana? Você parece tão contente. Tudo com que sonhou aconteceu. Você se casou com o seu príncipe encantado, tem uma linda casa, é assistente do diretor de um grande grupo na capital....

Um gesto brusco de Joana interrompeu a lista de Luíza.

-- Pois eu daria tudo isso tranquilamente em troca de um pouco do carinho que vejo entre você e Carlos! -- A veemência de Joana surpreendeu as três. Mas ela acrescentou ainda.

-- Psiu -- fez Alda, -- fale mais baixo senão Mamãe vai ouvir.

-- Tem horas em que quero que ela saiba mesmo! Como gostaria de chorar no ombro dela pelo menos uma vez.

A infelicidade na voz de Joana emudeceu as três irmãs. Alice, contudo, interveio:

-- E você pensa que ela não sabe?

Todos os olhos se voltaram para a irmã mais velha.

-- Como poderia? Eu nunca lhe contei nada -- falou Joana convicta.

-- Ah, e mãe precisa que a gente conte para desconfiar quando não estamos bem? -- Alice meneou a cabeça.

Joana suspirou fundo.

-- É, acho que não. Mas eu não queria preocupar Mamãe.

O silêncio voltou a reinar mais uma vez, cada qual remoendo seus próprios pensamentos. Luíza pensava em como estava afastada da família. Era óbvio que Alice e Alda desconfiavam, se é que não sabiam ao certo, do que ocorria com Joana. Só ela fora pega totalmente de surpresa. Queria saber mais do que estava acontecendo com a irmã. Criando coragem, perguntou:

-- Mas por que você diz isso, Joana? Onde foi parar todo aquele amor que você tinha pelo José?

-- Em lugar algum -- a voz de Joana soou ríspida, como se a pergunta a irritasse. -- Continua tudo como sempre foi. Eu o amo e faço tudo por ele -- aqui ela se deteve e seu rosto se contorceu num arremedo de sorriso, -- e ele acha isso a coisa mais certa do mundo. E o que me dá em troca? Tenho uma boa casa, um carro, muitas viagens e . . . nada do que mais quero na vida!

O desabafo deixou todas meio sem graça, principalmente Joana. Sentindo que o ambiente estava ficando pesado, ela se endireitou, e forçando uma risada, exclamou:

-- Não se apoquentem, meninas! Já estou acostumada. Gosto de viver bem, de ter coisas bonitas. A vida é como é, e não como gostaríamos que fosse, não é mesmo? Não adianta ficar choramingando.

Levantando-se de chofre com a toalha na mão, ela concluiu:

-- Ainda bem que já está na hora de voltar a São Paulo. Estou cansada da praia. Você vai ficar uns dias lá na casa da Mamãe, Luíza? Podemos programar alguns passeios para os meninos. E para nós, uma boa sessão de compras.

Entendendo que aqueles momentos chegavam ao fim, as outras também se levantaram e logo se despediram para ir dormir. Luíza ficou para trás e abraçou Joana com muito carinho, que a irmã, geralmente arredia, aceitou. Percebendo que seria imprudência tocar no assunto que havia causado o mal-estar, Luíza disse simplesmente:

-- Estarei orando por você, Joana. E obrigada por me ajudar tanto na doença do Lucas.

-- Nem pense nisso, Luíza -- redargüiu a irmã, uma lágrima furtiva escorrendo pelo canto do olho. -- Ele é o filho que nunca tive. Amo o Carlinhos também, mas o Lucas é especial. Graças a Deus ele está bem!

-- Graças a Deus -- ecoou Luíza.

\* \* \*

Na viagem de volta, Carlos iria dirigindo o tempo todo. Como já fazia parte dos planos, eles parariam em Botucatu, e passariam alguns dias com os pais de Carlos. Luíza queria aproveitar para os meninos conviverem um pouco mais com os avós paternos, e também visitar sua antiga colega de Normal, Aninha, que morava numa fazenda perto da cidade.

Durante a visita, as duas recordaram os bons tempos da Escola Normal da Praça da República, falando dos professores e colegas. Alguns deles eram agora personagens importantes na área da educação. Sobre sua vida particular, elas pouco falaram. Ana sempre fora fechada, e mais ainda agora que tanto tempo e distância as separavam.

Enquanto as mulheres conversavam, Carlos saiu dar uma longa volta pela fazenda com o marido de Aninha. Foi uma visita muito agradável. Os meninos visitaram um engenho de cana de açúcar com o administrador da fazenda, e voltaram que nem podiam ouvir falar em garapa ou em açúcar de tanto doce que haviam ingerido. Carlinhos estava até um pouco verde, e foi alvo das caçoadas de todos.

Depois de alguns dias, eles reiniciaram a viagem que os levaria de volta ao lar. Nas longas horas da viagem a Presidente Prudente, Luíza se manteve tão quieta que Carlos, apesar das distrações com a estrada e a algazarra dos meninos, notou.

-- Alguma coisa a está perturbando, meu bem? -- interpelou ele. -- Você está tão quieta!

Luíza voltou para ele os olhos que estavam perdidos na distância.

-- Eu estava só pensando. Deus nos tem dado tanta coisa boa! Só de pensar no que poderia ter acontecido com o Lucas, sinto um arrepio. Foi realmente um milagre o Silas ter aquele remédio, não foi?

Carlos assentiu com um gesto da cabeça, sem tirar os olhos da estrada. Luíza continuou, mais devagar agora.

-- E estava pensando na Joana também. Eu tinha inveja dela, Carlos. -- O tom angustiada da esposa fez com que Carlos a olhasse rapidamente e estendesse a mão, que ela tomou. Sem dizer nada, ele esperou que ela continuasse.

-- Ela me fez sentir tão caipira com aquelas roupas chiques. Depois, só falava no seu carro, seu trabalho, nas reuniões importantes a que está sempre indo com o José.

Fiquei mordida de ciúmes. Que coisa horrorosa, não? Depois que ela contou quanto é infeliz por não ter nenhum filho e porque o José não lhe dá muita atenção, fiquei com pena dela. Aí foi fácil deixar de sentir inveja. Mas isso não é certo, é? E se ela tivesse mesmo tudo o que eu achava que tinha?

A pergunta de Luíza ficou sem resposta. Carlos continuava fitando a estrada, quieto. Entretanto, Luíza percebeu que ele a ouvia atentamente. Por isso, continuou raciocinando em voz alta.

-- Do que depende o contentamento? Não do que os outros têm ou deixam de ter. Tem que ser algo meu, com relação ao que Deus me deu. Se eu estiver satisfeita com o que tenho, posso até me alegrar com os outros que têm coisas que não tenho. Mesmo que sejam coisas que eu também gostaria de ter. -- Voltando-se para o marido, ela suspirou: -- Ai, Carlos, às vezes a minha cabeça dá voltas e já nem sei mais o que pensar.

Um sorriso largo se abriu no rosto do marido. Voltando rapidamente a cabeça para o lado dela, ele falou:

-- Não vá deixar de pensar por causa disso, meu bem! Você está no caminho certo. É tentando ver as coisas pelos olhos de Deus que a gente cresce espiritualmente...!

A última palavra não foi terminada. Sem ver uma enorme panela no meio da pista, Carlos caiu em cheio nela, afundando a frente do carro no lado de Luíza.

-- Arre! O que foi isso? -- perguntou Lucas do banco traseiro.

-- Isso -- respondeu o pai com uma careta -- é um pneu furado, com certeza. O jeito é a gente encostar por aqui e trocar. Vocês vão ter de ajudar!

Os meninos saltaram do carro e foram averiguar os estragos. A animação deles puxou o pai para fora, e enquanto Luíza procurava evitar que desarrumassem muito o porta-malas, os filhos tiraram o pneu sobressalente e as ferramentas.

"Que final de viagem!" pensou Luíza. "Só falta chover agora." Mas o céu muito azul e a luz dourada do sol forte de janeiro não indicavam a menor possibilidade de uma chuva refrescante.

Quase uma hora depois, quatro encalorados viajantes se puseram novamente a caminho. As férias haviam acabado. Agora era voltar para a realidade.

*Acaso Não Há Bálsamo em Gileade?*

O dia já amanheceu quente. *Como faz calor nesta cidade*, pensava Luíza. Sua sala de trabalho era abafada, apesar do ventilador cujo zumbido era constante enquanto ela estava por ali. De nada adiantava um banho refrescante logo pela manhã. Mal acabava de se enxugar e o corpo já estava úmido de novo, o que dificultava a tarefa de vestir as roupas. Chegava à escola suada e a roupa de linho, profusamente amassada, grudada no corpo. Só usava sandália. Meia e sapato, que suas irmãs paulistanas não dispensavam, nem pensar!

Os pensamentos de Luíza se demoraram aquela manhã nas lembranças da casa da mãe. Como tinha sido gostoso ficar um pouco lá, no casarão da rua Nilo! Foi bom voltar a ser filha, sem grandes responsabilidades, visitando, conversando com as irmãs e algumas amigas. E a visita a Aninha fora bem especial. Nunca perguntou a Carlos o que achara do marido da amiga, nem sobre o que haviam conversado.

Meneando a cabeça energicamente, Luíza percebeu que havia gasto bom tempo com seus devaneios. Estava na hora de pensar em se aprontar para mais um dia de trabalho no Grupo. Mercedes já havia colocado o feijão no fogo e um cheiro suave de comida boa e saudável invadia a casa. Carlos lia o jornal na sala, mas devia sair para visitar uma fazenda que precisava ser avaliada, e os meninos estavam na escola. Tudo na mais perfeita paz!

Entretanto, uma inquietação surda perturbava Luíza havia alguns dias. Ela não conseguia determinar qual era a causa. Era verdade que diversos incidentes pequenos e aborrecidos haviam ocorrido desde a sua volta, mas todos tão insignificantes que Luíza se recusava a considerá-los como a razão de estar amofinada. Sentia que algumas pessoas na igreja a estavam olhando de modo esquisito.

Dirigindo-se até o marido, voltou-lhe as costas para que ele abotoasse os botões que fechavam sua blusa nas costas. Apesar de não ter nada concreto para contar, Luíza sentiu-se compelida a comentar com ele o que estava sentindo. Carlos caiu na risada, caçoando das preocupações dela:

-- É porque você está de novo com aquele ar de capital, meu bem!

-- Que ar de capital o quê! Não trouxemos nada da viagem a não ser um belo susto. E poeira da estrada!

-- Não se esqueça que a maioria das pessoas da nossa igreja não pode viajar nas férias, nem que seja só para visitar os parentes -- falou ele com ar sério. -- Como gostaria de proporcionar para as nossas crianças um pouco do que os meninos puderam gozar! Se tivéssemos uma propriedade fora da cidade...

Luíza não o deixou terminar.

-- Quase morrer de uma bolada na barriga não me parece grande programa de férias -- interrompeu ela. A resposta de Carlos indicava que ele não a estava levando a sério, que não lhe dera a atenção que desejava. Primeiro levara na brincadeira o que ela dissera e depois a fizera sentir-se egoísta. Bem, talvez estivesse mesmo sendo egoísta, pois embora se interessasse pelas outras crianças da igreja também, no momento não conseguia pensar no bem delas. Mas havia outras coisas que ocupavam seus pensamentos, que a inquietavam.

Carlos percebeu que alguma coisa estava errada. Deliberadamente, dobrou o jornal, colocou-o sobre a mesinha e, tomando as mãos dela, que estava em pé à sua frente, fê-la sentar-se ao seu lado no sofá. Já aprendera, depois de tantos anos de casamento, a prestar atenção aos pressentimentos da esposa.

-- O que há, meu bem? -- perguntou ele, voltando-se para encará-la.

Luíza deixou-se ficar uns instantes, sem saber ao certo o que dizer. Como explicar uma coisa tão impalpável como a que sentia? E por que tudo isso a estava deixando tão impaciente, irritada mesmo?

-- Eu é que gostaria de saber! -- Aninhando-se contra o marido, Luíza voltou-se para olhar o marido nos olhos e pediu: -- Desculpe o mau humor, Carlos. Não sei bem o que me deu. Acho que é todo este calor que me deixa irritada. -- Erguendo-se, ela deu-lhe um beijo leve no rosto, sentindo a pele dele úmida contra os lábios. Não havia como fugir ao calor! -- Tchau, meu bem. Preciso ir que já estou atrasada.

-- Você vai sair sem almoçar? - indagou Carlos, surpreso.

-- Tenho de ir mais cedo hoje, pois temos uma reunião com as professoras do período matutino. Quando os meninos chegarem, a Mercedes serve o almoço. Eu já comi alguma coisa e não estou com fome.

Agarrando a bolsa e a sombrinha, ela se dirigiu à porta da entrada.

Carlos a acompanhou até a varanda, onde permaneceu em pé por alguns minutos, acompanhando com um olhar enigmático o vulto que se afastava sob a chique sombrinha de seda italiana, presente de Nato. Na esquina, uma colega juntou-se a Luíza e as duas prosseguiram juntas a curta caminhada até o grupo.

\* \* \*

No domingo seguinte Luíza se convenceu de que o clima esquisito que reinava na igreja não era imaginação sua. Nem todo mundo estava agindo diferente, mas ela percebia algumas pessoas aglomeradas, conversando animadamente em grupinhos que se dispersavam quando ela se aproximava. Lúcia, a esposa do Pedro, parecia estar sempre no meio de todas as conversas. Algumas senhoras com quem nunca tivera muita intimidade mas que sempre a haviam tratado atenciosamente -- mais por ela ser a esposa do pastor, reconhecia Luíza -- agora pareciam evitá-la, ou, quando passavam por perto, estavam sempre prestando atenção em alguma outra coisa e não pareciam vê-la.

Naquela manhã, embora Seu Josias estivesse presente e ainda fosse o superintendente da escola dominical, era a vez de Luíza dirigir o encerramento. Um dos momentos de que ela mais gostava era quando chamava à frente os aniversariantes e outras pessoas que tivessem recebido bênçãos especiais durante a semana. Naquela manhã, Seu Josias e Nadir foram à frente. Nadir havia sido operada, e, pelo que era possível saber, estava se recuperando muito bem. Era um motivo de muitas graças a Deus. Além deles, havia duas aniversariantes. Luíza devia entregar um cartão para cada uma delas e cumprimentá-las. Entretanto, ambas pareceram constrangidas quando Luíza as abraçou. Mais uma vez, ela pensou: "Há alguma coisa estranha aqui."

No culto da noite, era a vez do pastor auxiliar pregar. Luíza ficou perplexa com o sermão. Havia coisas ali que ela achava que devia estar entendendo, mas cujo significado lhe escapava. Pensou, entretanto, que sua cabeça é que andava ruim, preocupada com coisas demais para se concentrar no que estava sendo dito. Aliás, desde que o José Costa começara a freqüentar assiduamente a casa do Pedro, sua atitude para com ela vinha mudando. Luíza notara que ele parecia meio constrangido quando se encontravam, e nunca passava de um mero cumprimento.

As senhoras da igreja estavam começando a brincar que o José estava interessado na Lucinha, filha do Pedro. Luíza pensava que seria bom se ele se casasse, mas não considerava a moça chique e namoradeira a candidata ideal a esposa de pastor. Mas, pensava ela abanando a cabeça, ninguém havia pedido sua opinião e ela não tinha nada com isso.

Como Enedina estivesse viajando por uns dias, ela não tinha ninguém mais com quem pudesse repartir suas preocupações.

Aquela noite, depois que os meninos já estavam na cama, Luíza e Carlos sentaram-se na copa para tomar um refresco antes de irem deitar. Apesar de suas preocupações, Luíza notou uma expressão tensa no marido, um ar angustiado que o fazia parecer anos mais velho. Esquecendo-se imediatamente do que queria lhe contar, ela perguntou ansiosa:

-- Carlos, o que é? Você parece tão chateado!

Carlos levantou-se da cadeira, e apanhando os copos de limonada, levou-os à pia da cozinha antes de responder. Estendendo a mão para a esposa, ele falou em tom grave:

-- Vamos lá para o quarto, meu bem. Precisamos conversar sobre algo muito sério.

Luíza foi na frente, sem saber direito o que pensar, mas sentindo a angústia dos últimos dias intensificar. Chegando ao quarto, começou a tirar a colcha que cobria a cama. Queria fazer alguma coisa para adiar a revelação que pressentia não querer ouvir. Carlos, entretanto, parecia decidido. Segurou-lhe a mão e fê-la sentar-se ao seu lado na cama. Voltando-se para olhá-la de frente, ele começou:

-- Luíza, você se lembra daquele incidente com as promissórias do Pedro?

Luíza fez uma careta e respondeu com azedume:

-- Não conseguiria me esquecer mesmo que quisesse. Pagamos até o último centava e ele nem se deu ao trabalho de nos agradecer. Não me diga que resolveu pagar! -- exclamou ela com sarcasmo.

-- Não. Eu já dei aquele dinheiro por perdido. Se algum dia ele pagar, muito que bem. Se não...

-- Bom, mas o que há de novo então? -- Apesar de realmente não querer saber, a agonia já estava se prolongando demais. Era melhor acabar com ela.

-- Nada de novo. É que as promissórias do Pedro que pagamos não eram as únicas, embora fossem as únicas que eu realmente considere que teria de pagar.

Luíza sentiu como se lhe tivessem dado um soco na boca do estômago. Carlos viu a palidez da esposa, e como ela movesse os lábios mas não dissesse nada, ele continuou com esforço:

-- Havia diversas outras, mas elas haviam sido pagas adiantadamente com terras em Mato Grosso.

Luíza gemeu:

-- Carlos! Terras em Mato Grosso! Não me diga que caiu nessa!

-- São terras excelentes, e devem valer muito dinheiro. O Pedro me deu as escrituras como garantia. É uma fazenda enorme, só que naquela distância. Ele tem outras dívidas na praça e está apertado, porque elas já venceram. Não dá tempo de tentar vender as terras. Como assinei junto com ele, vou ter de dar um jeito de pagar para não ficar com o nome sujo.

Luíza ainda não sabia o que dizer. Havia um tumulto tão grande dentro do seu peito que ela pensou que o coração estivesse prestes a explodir. Tentando se controlar, ela perguntou com uma voz espremida e meio estridente que não reconheceu como sendo sua:

-- Qual é o finalmente disso tudo, Carlos?

O marido parecia estar murchando cada vez mais diante dela, mas Luíza não conseguia sentir pena nem amor. Aliás, não conseguia, naquele momento, se lembrar do que era amor. Só a raiva e o medo se revolviam dentro dela. Através do tumulto que sentia, ouviu a voz de Carlos, sem tom, sem cor, sem expressão.

-- Faz dias que estou pensando no que fazer, Luíza, e não vejo outra solução a não ser vendermos a casa.

Luíza, que pensou já haver imaginado o pior que poderia acontecer, permaneceu aturdida por uns momentos, mas depois explodiu:

-- Vender esta casa?! Vender esta casa?! A minha casa?! -- Sua voz, que ela tentava controlar um pouco, foi ficando cada vez mais esganiçada. Carlos encostou um dedo nos lábios e apontou para o quarto dos meninos. Isso a enfureceu ainda mais.

-- Não fico quieta, não, senhor! Eles que ouçam o que vai acontecer porque o pai deles não consegue dizer não! -- Quando abriu a torneira das acusações, Luíza viu que não conseguiria fechar mais enquanto a última gota não tivesse saído. E nem se importava! As palavras amargas vieram rolando lá do seu interior, jorrando, atingindo Carlos em cheio. -- Quantas vezes eu pedi, não, implorei que não assinasse nada que a gente não pudesse pagar! Como você pôde pensar que iríamos pagar uma quantia como essa! E agora? E agora?

Luíza se levantara, e andava de um lado para outro, as mãos apertadas contra o peito. De repente, sua fúria se transformou num mar de lágrimas. Soluçando, ela levou as mãos aos olhos, e ficou parada no meio do quarto, em pé, tão perto de Carlos, mas tão longe. Tão longe de tudo o que até então lhe dera segurança. O marido fazia coisas que ela não aprovava e agora tinha de sofrer as conseqüências das ações dele, pagando dívidas que eles mesmos jamais fariam! A casa, sua casa, que ela tanto amava, na qual tanto trabalhara, teria de ser vendida, entregue a outras pessoas. Sentia-se só, totalmente só. Pior ainda, isolada de tudo o que sempre considerara seu por barreiras sólidas mas invisíveis, que ela não conseguia enxergar para derrubar.

A voz de Carlos, carregada de tristeza, interrompeu seus pensamentos:

-- Meu bem, nem sei como pedir que me perdoe.

O tom da voz dele, tão pesaroso, tão súplice, ameaçou tocar o coração de Luíza, ameaçou trincar a barreira que se erguera entre eles, mas ela a rechaçou com fúria. Não ia amolecer e deixar que ele saísse daquela sem mais nem menos.

-- Então não peça! Você deveria ter pensado nisso tudo antes de assinar aquelas malditas promissórias! Agora se vire! Quando tiver vendido a casa, me avise onde vamos morar. E trate de contar você mesmo para os meninos!

Irredutível, Luíza agarrou a camisola e o roupão, e dirigiu-se ao banheiro, trancando a porta ruidosamente. Mas quando se olhou no espelho e viu o rosto alterado que ali estava, as lágrimas encheram de novo seus olhos. "Senhor, o que foi que fiz para merecer isto? Não é só a casa. É a vergonha de ter perdido o que meu pai nos ajudou a comprar! Como Carlos, que é um homem tão correto, pôde fazer uma coisa dessas? Como não enxerga que gente como o Pedro só pensa em si mesma, não se importando de levar os outros para o buraco? Por que ele se deixa levar assim, sem pensar nas conseqüências para nós? E os meninos, o que vão dizer? Ai, meu Deus! O que vamos fazer?"

Enquanto as perguntas sem resposta a sacudiam, Luíza escovava os dentes tão furiosamente que acabou machucando a gengiva. Isso alimentou ainda mais a sua fúria.

Terminando de se aprontar, ela voltou para o quarto. Carlos não se havia mexido do lugar. Luíza puxou com força a colcha sobre a qual ele estava sentado, expulsando-o dali. Foi um homem acabrunhado, os ombros curvos que ela viu dirigir-se ao banheiro. Novamente, sentiu aquela sementinha de pena, mas não permitiu que ela vingasse. Ele teria de pagar pelo que fizera. E sozinho!

A última coisa que ela queria fazer era deitar-se ao lado dele na cama, mas não tinha coragem de ir dormir no quarto de hóspedes. Os meninos notariam e ela não queria ter de responder às suas perguntas. Tudo bem! Dormiria ali, mas tão longe do marido quanto possível. Ela se deitou no seu lado, quase caindo pela beirada, e fechou os olhos com força.

\* \* \*

Nos próximos dias Luíza viveu sob um espesso véu cinza-chumbo. A comida não tinha sabor alguma, e era engolida só para dar um pouco de energia. O calor de fora não se comparava com o ardor da raiva que sentia por dentro. Conversara com Enedina, que voltara da viagem e com quem podia compartilhar tudo, e a amiga tomara o seu partido. Entretanto, com o passar dos dias, o tom de Enedina começou a mudar, e Luíza já não se sentia mais tão acolhida quando despejava sobre ela a fúria que sentia contra Carlos.

As duas estavam na sala dos professores certo dia em que Luíza estava particularmente amargurada devido à visita de possíveis compradores à casa, quando ela resolveu interpelar a amiga:

-- Escute aqui, Enedina, você está passando para o lado do Carlos? Toda vez que digo alguma coisa agora . . .

-- Não, Luíza. Claro que estou do seu lado. Só que, conversando com o Olívio, ele me falou uma coisa que achei muito certa.

-- E o que é? Reparta comigo essa pérola de sabedoria!

Enedina ignorou o tom sarcástico da amiga.

-- Ele falou que não tem isso de seu lado e do lado do Carlos. Como vocês são um casal, só tem um lado - o de vocês dois.

-- Isso é bonito na teoria, minha cara. Só que, quanto o Carlos fez essa burrada, estava sozinho, sozinho. Não apenas deixou de me consultar, como fez algo que sabia que eu era contra.

Enedina meneou a cabeça com tristeza.

-- É, eu sei. E agora, por vocês serem um casal, você tem de pagar o pato.

-- Pagar, depenar, cozinhar!

O tom de Luíza foi de fúria, mas Enedina achou graça e começou a rir. Luíza se voltou para a amiga, fuzilando-a com o olhar.

-- Desculpe, Luíza -- disse ela, tentando conter o riso. -- Mas essa foi engraçada. -- Depois, passando o braço pelos ombros da amiga, ela falou com voz carinhosa:

-- Não pense que tem de passar por tudo isso sozinha. Eu e o Olívio estamos com vocês dois. Você sabe como o Olívio quer bem ao Carlos. -- Ao ver o olhar desconfiado de Luíza, ela se apressou a acrescentar: -- Não, não é que ele aprove o que o Carlos fez. Mas, como diz a Bíblia, há amigos mais chegados que um irmão. E irmão, a meu ver, é aquele que está do lado da gente, aconteça o que acontecer. Você e o Carlos são como nossos irmãos, os irmãos que nenhum de nós tem. Só queremos ajudar.

O amor sincero no rosto de Enedina penetrou no coração de Luíza com os primeiros resquícios de trégua desde que Carlos puxara o tapete de sob seus pés. Abraçando carinhosamente a amiga, ela respondeu:

-- Eu sei, Enedina. O que seria de nós sem o apoio de vocês?!

Encorajada pela atitude mais mansa de Luíza, Enedina se arriscou:

-- O Olívio acha que o Carlos está muito acabado, Luíza. Ele está com medo que ele tenha um ataque de coração ou coisa parecida.

Uma lufada fria varreu o coração de Luíza. Andara tão envolvida em sua própria raiva e senso da injustiça de que fora vítima que nem tivera um olhar mais atento para o marido naqueles últimos tempos. Para falar a verdade, evitava olhá-lo. Sabia que ele estava por ali. Mas perdera de vista as outras pessoas. Só enxergava o que estava acontecendo dentro de si. E, agora que a amiga a alertava, se Carlos estivesse mesmo mal? E se ele morresse de repente? "Seria bem feito!" foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu. Mas, de repente, uma voz falou claramente no seu coração: "Você mataria o seu marido para fazê-lo pagar pelo que fez?"

Luíza sentiu-se tão mal que precisou sentar-se. Enedina correu para o seu lado.

-- Luíza, o que é?

-- Acabei de matar meu marido!

-- O quê?!

-- Quando pensei que ele poderia ter um negócio e morrer, sabe qual foi a primeira coisa que pensei? "Bem feito!" Ai, Enedina, como sou ruim. Quero que ele pague, pague, pague pelo que fez!

A amiga a abraçou e Luíza se recostou contra ela. As duas ficaram assim em silêncio alguns instantes. Logo, entretanto, chegaram duas colegas e a conversa foi interrompida. Mas Enedina a esperava quando Luíza saiu, embora seus horários fossem diferentes e ela pudesse ter ido embora bem antes de Luíza.

Passando um braço pelo da amiga enquanto com o outro segurava uma sombrinha sobre a cabeça de ambas, Enedina convidou:

-- Por que não damos uma passadinha na casa de Mamãe? Ela sempre me ajuda tanto quanto estou confusa e triste. E sei que neste horário provavelmente só está agarrada no seu crochê. Garanto que gostaria de uma visita.

O semblante sereno de Dona Nenê veio à mente de Luíza e de repente ela sentiu um desejo intenso de estar aos pés da senhora mais velha. Mas, havia os meninos, algumas coisas para fazer. . .

Vendo a hesitação da amiga, Enedina esperou calada. Só os sons de seus passos sobre a calçada quebravam o silêncio daquele momento.

-- Está bem, vamos -- decidiu Luíza. Sentia que precisava daquela conversa.

Encontraram Dona Nenê, como Enedina previra, sentada em sua cadeira de balanço, os pés descansando sobre um tapetinho de crochê que já havia sido branco, mas que, apesar dos alvejantes modernos, encardira de tanto uso. O trabalho que suas mãos ágeis teciam repousava sobre uma toalha estendida em seu colo, que era imediatamente puxada para protegê-lo sempre que Dona Nenê tinha de interromper o que fazia. A poeira avermelhada continuava sendo uma inimiga das donas de casa caprichosas, pois ainda havia muitas ruas sem calçamento na cidade.

-- Viemos fazer uma visitinha, Mamãe -- saudou-a Enedina com um beijo na face agora bem enrugada.

-- Que bom! -- Dona Nenê levantou-se para cumprimentar as visitantes apesar do gesto de protesto de Luíza.

-- Não queremos atrapalhar, Dona Nenê!

-- Que atrapalhar, que nada! Eu estava aguando de vontade de conversar com alguém mesmo! Sentem, sentem. Vou buscar uma limonada para vocês!

As duas amigas sabiam que Dona Nenê nunca servia só uma limonada. Com efeito, ela voltou à sala alguns minutos depois munida de uma bandeja onde, além da jarra suada de limonada geladinha e dos copos, havia um prato cheio de biscoitos. Colocando a bandeja sobre a mesinha, Dona Nenê fez menção de voltar à copa.

-- Onde é que a senhora vai, Mamãe? -- interpelou Enedina, já entrevedo o que mais seria servido em nome da hospitalidade em que a mãe era mestra.

-- Vou buscar um bolinho de fubá que ainda está morno. E não adianta protestar -- intimou ela energicamente.

Enedina deu de ombros.

-- Quem é que pode com ela? Eu é que não!

-- Ainda bem -- retorquiu Luíza já se sentindo melhor. -- Amo o bolo de fubá da sua mãe!

A princípio, a conversa girou em torno de coisas corriqueiras - escola, alunos, os meninos, os trabalhos da igreja. Luíza não tinha ido lá para se abrir com a velha senhora, mas de repente, sem saber como, viu-se contando tudo o que vinha acontecendo em sua vida, concluindo:

-- Nem tive coragem de contar aos meninos, Dona Nenê, mas eles não são bobos e já perceberam o que aconteceu..

Aqui Luíza parou um instante, sufocada pelos sentimentos e pelas lágrimas que já não conseguia derramar.

Dona Nenê, sempre tão falante, a ouviu sem interromper, o olhar atento, a expressão compreensiva. De vez em quando, a mão da senhora repousava sobre a dela, encorajando-a, reafirmando sua compreensão.

Quando Luíza se calou, o silêncio reinou na sala. Ficaram as três mergulhadas em seus próprios pensamentos. Enedina sentiu que precisava dizer alguma coisa, mas um gesto da mãe a silenciou quando ela começou.

Então Dona Nenê, tomando as mãos de Luíza nas suas, falou meneando tristemente a cabeça:

-- Ah, Luíza, quanta dificuldade seria evitada se os homens aprendessem a ouvir suas mulheres. Mas eles demoram para entender isso. Só o fazem quando vão ficando mais velhos. E isso, se forem dos bons. -- Essa última frase foi dita com um brilho suspeito no olhar. Luíza entendeu.

-- O Coronel chegou a aprender, Dona Nenê?

Agora os olhos da senhora faiscaram.

-- No tempo de Deus, Luíza, no tempo de Deus. Não no meu. Você não acha que foi de graça que consegui estes cabelos brancos, acha?

Aquelas palavras aliviaram a tensão do ambiente. Era evidente que Dona Nenê via tudo que Luíza lhe contara por outra perspectiva, com a serenidade dos anos, de quem tinha visto muita coisa. Apesar disso, Luíza percebia também que ela respeitava seus sentimentos.

-- O que posso fazer, Dona Nenê? -- perguntou Luíza.

-- Em princípio, nada, Luíza. Você não pode fazer nada para mudar a situação. Mas há uma coisa que você pode mudar.

Luíza não tinha a menor idéia do que seria.

-- Então me diga logo, Dona Nenê, porque não estou vendo.

Em vez de responder diretamente, a senhora perguntou:

-- O que Deus lhe tem dito sobre tudo isso, Luíza?

Luíza quase deu de ombros, mas se conteve a tempo.

- Ora, Dona Nenê, já estou vendo onde a senhora quer chegar. De fato, não tenho conversado muito com Ele ultimamente. Acho que me cansei de pedir que Ele mude o que aconteceu, que dê uma solução para o nosso problema sem ser preciso vender a casa. Ele sabe o que está acontecendo, e tudo que tenho sofrido, mas não está fazendo nada.

-- Isso é o que você pensa, minha filha. A nossa visão é tão limitada que só podemos enxergar o que está bem diante do nosso nariz. E por termos de fazer chegar bem perto do olho para vermos, a coisa sempre parece muito maior do que é. Deus, no entanto, enxerga o todo, o nosso ontem e o nosso amanhã. E pode mudar as coisas de um momento para o outro.

-- Então por que não muda? Será que Ele vai nos deixar perder a casa?

Dona Nenê meneou tristemente a cabeça:

-- Eu também não sei, Luíza. Só Ele sabe.

Ficaram novamente em silêncio, Luíza tentando entender o que Dona Nenê tinha querido dizer. Mas não conseguindo, voltou ao assunto:

-- A senhora disse que há uma coisa que posso mudar, mas não me disse o que é, Dona Nenê.

-- A única coisa em que você manda, Luíza. Você!

-- Ahnn?

-- É, você. A sua atitude.

Dona Nenê se calou, dando um tempinho para que Luíza absorvesse o que havia acabado de dizer.

A moça ergueu para ela o olhar confuso.

-- Mas, Dona Nenê, quer dizer então que estou errada? Que devia ficar feliz com tudo o que está acontecendo, e concordar com tudo o que o Carlos fez? Se, como a senhora disse, Deus quer mudar a minha atitude. . .

-- Não estou justificando o que aconteceu, Luíza. E também não estou dizendo que é na nossa atitude que Deus está trabalhando só para a gente deixar de se sentir mal. É uma questão de tirar os olhos das circunstâncias e olhar para Deus, porque Ele, que é o único que pode mudar a situação num instante, é soberano. Será que não é isso que está deixando você tão chateada também, Luíza? O fato de Deus não estar mudando a situação, não estar fazendo as coisas da maneira como  *você*  acha que devia?

-- Eu não havia pensado nisso, Dona Nenê.

-- Então, pense um pouco comigo, filha. Baseado no que você sabe com certeza a respeito de Deus, Ele pode mudar tudo isso?

-- Pode -- respondeu Luíza sem titubear.

-- Mas não está mudando?

-- Até agora, não.

-- Aí é que está o xis da questão, Luíza. Se Deus pode mudar tudo, mas não está mudando, o que será que Ele está querendo?

Luíza ficou embatucada, olhando para Dona Nenê.

-- Luíza, quando Deus nos fez, deixou-nos livres para escolher como vamos viver. Ele não nos força. Dá todas as oportunidades, mas nós é que fazemos essa escolha. E muitas vezes ele usa situações esquisitas, difíceis, para nos provar, para resolvermos se realmente confiamos nEle.

Luíza começou a perceber aonde Dona Nenê estava querendo chegar. Mas não se sentia inclinada a acompanhá-la. Dona Nenê viu o ar de obstinação no rosto da outra e suspirou.

-- Sei que falar é mais fácil do que fazer, Luíza. Quando cedemos em algumas situações que mexem muito fundo no nosso coração, parece que estamos morrendo, não é verdade?

Luíza assentiu num movimento vagaroso da cabeça.

-- Sabe o que descobri quando tinha uma desavença com o Coronel, Luíza?

Como Luíza nada dissesse, ela continuou:

-- Descobri que tinha de levar a questão a Deus primeiro. Ceder para o meu marido parecia um desaforo. Mas ceder diante de Deus, que me havia dado aquele marido, ficava um pouco mais fácil. Era aí que minha atitude começava a mudar. Se o que eu estava passando era alguma coisa que Deus estava permitindo, o Deus que prometeu que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que O amam, então ficava mais fácil aceitar e procurar viver com o que estava acontecendo. Na vida dos Seus filhos, Deus não permite nada, mas nada mesmo, que não possa transformar em bem para nós, Luíza. É assim que Ele vence o mal. -- Dona Nenê se deteve por uns instantes. O silêncio reinou na sala. Depois ela prosseguiu: -- Você se lembra da história de José, filho de Jacó, Luíza?

-- É uma das favoritas dos meninos, Dona Nenê -- falou Luíza, lembrando-se de quantas vezes contara a história do moço hebreu que foi vendido como escravo pelos irmãos e passou por tantas aflições antes de chegar a uma posição de grande importância no Egito.

Dona Nenê falou, enquanto puxava a Bíblia encapada que estava na mesinha ao lado:

-- Então você se lembra do que ele falou aos irmãos que ficaram morrendo de medo que ele se vingasse do que haviam feito.

Luíza se lembrava da história, mas não exatamente desse pedaço.

Dona Nenê havia aberto a Bíblia em Gênesis, mas antes de ler, falou:

-- Duas vezes José afirmou aos irmãos que, aquilo que eles haviam tentado para o mal, Deus permitiu para transformar em bem para todos, e por isso José não sentia raiva deles. Quer ver só? Olhe, leia aqui.

Dona Nenê passou a Bíblia às mãos de Luíza, que leu onde ela apontava:

-- Agora, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. -- O dedo de Dona Nenê escorregou para o versículo 8 do capítulo 45. Luíza leu: -- Assim não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus. . .

-- Você percebeu o que isso está dizendo, Luíza? Os irmãos de José fizeram uma coisa ruim. Disso não há dúvida. Nem José estava desculpando agora o que eles haviam feito. Mas leia aqui adiante e veja o que diz. -- O dedo de Dona Nenê virou algumas páginas e apontou outro versículo, o vinte do último capítulo. Luíza leu devagar:

-- Vós, na verdade, intentaste o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem. . .

-- Está vendo, Luíza? Deus estava controlando tudo o tempo todo. No Seu tempo, Ele mostrou qual era o plano. José, embora tivesse tido uns sonhos sugestivos, não fazia idéia do que estava acontecendo quando foi vendido pelos irmãos, quando viveu como escravo, quando foi parar na prisão. . . Só Deus sabia. E José confiou nEle mesmo assim. Você pode confiar no nosso Deus, Luíza, mesmo quando não souber por que Ele está permitindo certas coisas tristes e desagradáveis na sua vida. Ele tem um propósito bom para nós. Isso está garantido na Sua Palavra.

Dizendo isso, Dona Nenê fechou a Bíblia e a recolocou na mesinha. Semeara a Palavra. A obra agora era do Espírito Santo. Ela aguardou.

Um silêncio tranqüilo imperou por alguns minutos, sem que nenhuma das três mulheres se sentisse pressionada a quebrá-lo. Os pensamentos de Luíza revolviam em torno de nova idéia: *Deus está no controle e Ele me ama como um Pai. Nada pode me tocar que não tenha permissão Dele. E Ele me ama. Ele me ama.*

O toque das horas no relógio da sala tirou Luíza da meditação em que mergulhara. Voltando-se para Enedina, que nunca estivera tão silenciosa desde que a conhecera, ela falou:

-- É melhor a gente ir embora, Enedina. Está bem tarde e tomamos muito tempo da sua mãe.

A amiga entendeu a deixa.

Dona Nenê também. Levantando-se, ela segurou a mão de Luíza nas suas, e disse:

-- Você não quer orar comigo antes de sair, Luíza?

Luíza ainda não estava muito disposta a buscar a face de Deus se nem entendia o que se passava em seu coração. Havia muitas coisas em que precisava pensar antes. Entretanto, fez que sim com a cabeça. Talvez Deus fosse mesmo a pessoa certa para entender e esclarecer a confusão que sentia. Enedina se achegou a elas, e as três curvaram a cabeça e fecharam os olhos, enquanto Dona Nenê intercedia fervorosamente pela situação de Luíza.

As despedidas foram rápidas. As duas estavam realmente atrasadas e já haviam chegado ao portãozinho quando Dona Nenê chamou:

-- Ah, Luíza, só mais uma coisa.

As duas se detiveram e viraram para trás. Dona Nenê, de pé na porta, acenou com um gesto suave:

-- Conte para os meninos. Eles vão ficar sabendo mais cedo ou mais tarde. Não deixe que descubram por outra pessoa.

Luíza acenou de volta. Enedina já passara pelo portão e a esperava na calçada. Luíza se apressou a alcançá-la.

Escurecia. As duas amigas caminharam banhadas pelos últimos raios de um pôr-de-sol chamejante. Nuvens rosadas e lilazes, debruadas por um filete de ouro brilhante, emolduravam o sol que mergulhava lentamente no horizonte, enquanto sobre a terra uma brisa leve e refrescante começava a soprar.

-- Pelo menos uma coisa bonita em todo este dia -- suspirou Luíza, os olhos perdidos no horizonte, deixando que o espetáculo multicolorido lhe invadisse a mente.

-- É -- concordou Enedina. Mas continuou andando em silêncio, sem nada acrescentar até chegarem à rua em que seus caminhos se separavam e ela se despedir da amiga.

Luíza chegou logo em casa. Sabia que não teria tempo para refletir sobre tudo o que ouvira antes de cuidar de muitas pequenas obrigações que ainda eram suas, apesar de toda a ajuda que Mercedes lhe dava. Mas Carlos só chegaria bem mais tarde, e isso era ótimo. Queria um tempo antes de vê-lo de novo. Havia tanto em que pensar. De repente, percebeu que seus sentimentos estavam mudando. A raiva que a atormentara todos aqueles dias perdera sua fúria. Em seu lugar, ficou um vazio, uma saudade do marido, saudade dolorida que agora lhe dava imensa vontade de vê-lo, de abraçá-lo, de sentir o conforto dos braços dele a segurá-la....

-- Coitado do Carlos -- murmurou para si mesma.

\* \* \*

Carlos não voltou aquela noite. Lá pelas nove horas, telefonou da fazenda para avisar que tinha mais serviço do que previra e iria pousar lá, voltando só no dia seguinte. A princípio, Luíza ficou desapontada, mas depois achou que era uma boa coisa. Precisava pensar sobre tudo o que Dona Nenê lhe dissera, e se Carlos tivesse voltado, provavelmente não teria tempo para isso. Queria conversar com Deus antes de conversar com ele.

Mas primeiro, iria seguir o conselho bom de Dona Nenê e conversar com os meninos. Não queria que ficassem sabendo das coisas através de outras pessoas. Dona Nenê tinha toda razão.

Já esperara demais. Como desconfiava, eles estavam percebendo muito coisa mesmo sem ela ter contado detalhes.

Luíza procurou medir as palavras para não deixar que percebessem quanto ela estava magoada com aquela história toda. Lucas ficou calado, segundo seu estilo, e Carlinhos explodiu, como Luíza já esperava.

-- Aquele safado, canalha....!!

-- Calma, Carlinhos. Não adianta ficar xingando. Ele não teve a intenção de lesar seu pai. Teve problemas e ... -- A desculpa de Luíza saiu sem convicção até a seus próprios ouvidos. Assim, obviamente, não convenceu o filho.

-- Não acredito nisso e você também não! -- exclamou furioso o rapazinho.

-- Eu não sei o que pensar. Quero acreditar que ele não fez isso por mal. Quem poderia querer fazer mal a seu pai?

-- Se Papai quer ser trouxa. . .!

-- Cale a boca, Carlinhos! -- A voz ríspida de Lucas surpreendeu Luíza. Ele pareceu tão adulto, tão compenetrado que Luíza resolveu esperar para ver o que ele dizia. -- Papai não é trouxa!

Mas Carlinhos não estava disposto a ouvir:

-- Ah, não? Então como é que foi cair na lábia desse homem?

Luíza resolveu intervir. Erguendo a mão na direção dos filhos, falou:

-- Ei, vamos com calma! Não vai ajudar nada vocês dois ficarem brigando entre si. O que foi feito não tem remédio. Agora precisamos. . .

O toque do telefone a interrompeu e ela ficou aliviada. Não sabia realmente o que ia dizer. Lucas, que estava próximo do aparelho, atendeu.

-- Alô... Boa noite, Tia Joana... Está, sim. Um momento.

Luíza apanhou logo o telefone. Era difícil receber um telefonema interurbano assim no meio da semana. O que seria?

A voz de Joana veio lá de longe, tensa, chorosa.

-- Luíza, Papai está muito mal. Nato o internou, mas acha que ele não vive até amanhã. Você pode vir o mais rápido possível?

*Até Quando, Senhor?*

O zumbido do ventilador não abafava as vozes que vinham pelo longo corredor. As crianças do grupo, em horário de recreio, pareciam bem próximas, embora estivessem confinadas ao pátio. A zoeira, que ela sempre amara, estava deixando Luíza irritada, sem conseguir concentrar-se no trabalho. Errou, apagou, errou de novo. A vontade que tinha era de estar bem longe dali.

"Por que não?" pensou ela subitamente. "E por que não?" Precisava tomar um pouco de ar. Aproveitaria o fato de precisar dar um pulo à papelaria e esticaria um pouco a volta. Quem sabe assim, quando voltasse, conseguiria terminar aquelas páginas do livro-horário!

Ao sair, avisou o porteiro que logo voltaria, e, abrindo a sombrinha, saiu para o sol ardente das duas horas da tarde. Uma onda de ar quente a engolfou, mas ela não parou. Melhor aquele calorão do que o abafamento de sua salinha. Precisava andar, precisava pensar.

Desde que voltara do enterro do pai, não tivera um só momento para si mesma. Fora sozinha a São Paulo, pois Carlos estava ausente da cidade quando ela recebeu a notícia e embarcou no primeiro trem aquela mesma noite. Chegara tarde demais.

Ainda doía muito lembrar a semana que passara com a família. A mãe, acabrunhada, os olhos secos, parecia ter diminuído, envelhecido. As filhas se preocupavam com ela.

-- Mamãe precisa chorar -- falou Joana. -- Isso ainda acaba fazendo mal para ela.

-- Ah, Joana, você conhece a Mamãe -- retrucou Alice. -- Duração. Ela não vai mudar de uma hora para a outra.

Luíza concordava com as duas. Mamãe precisava chorar. Devia ser horrível perder alguém que fora parte tão grande da sua vida por tanto tempo. Mas também era certo que ninguém podia ser forçado a externar sua tristeza. Quem sabe ela chorava sozinha no seu quarto? Seria bom.

Foram dias tristonhos, cinzentos. As rotinas da vida continuavam - preparar comida e comer, tomar banho, escovar os dentes, arrumar a casa, ligar para Carlos e ver se estava tudo bem. Mercedes, a santa Mercedes, ficou tomando conta da casa. Por isso, Luíza sabia que não tinha com que se preocupar. Ligava só por ligar, para ouvir a voz do marido e dos filhos. Os problemas que tanto a preocupavam antes foram empurrados determinadamente para o fundo do pensamento.

Sentia falta do pai. Lógico que já fazia tempo que morava longe dele, e de certa forma estava acostumada à sua ausência, mas sempre soubera que ele estava ali, que podia contar com ele, com seu amor, sua compreensão, sua ajuda, seus conselhos. Ao pensar que nunca mais o veria, sentia um buraco no coração, a garganta se apertando e lágrimas subindo aos olhos.

Durante a longa e sombria viagem de volta para casa, ela tivera um pouco de tempo para pensar direito sobre as coisas que Dona Nenê havia dito. Ainda lhe doía demais ter de vender a casa que o pai ajudara a comprar, especialmente agora que ele se fora. Era uma lembrança viva do amor e do cuidado com que sempre pudera contar. Mas toda a raiva e o ressentimento que sentira antes ela havia entregue a Deus. Não queria mais viver como vivera aquelas últimas semanas, zangada com Carlos e com todos, exigindo que alguém fizesse alguma coisa para mudar as circunstâncias, e brava com Deus porque Ele, que podia, não as mudava. E agora podia enfrentar as dificuldades com uma serenidade que não conhecera antes.

Fizera as pazes com Carlos depois que voltara do enterro do pai. Carlos amava e respeitava muito o pai de Luíza, e a tristeza, a perda comum varreu os sentimentos negativos que ainda perduravam entre os dois. Luíza sentiu grande consolo quando Carlos a esperou na estação de trem e abriu os braços para acolhê-la quando ela desembarcou. Choraram juntos, abraçados ali mesmo, em público. E, naquela noite, sua intimidade foi restaurada numa celebração do amor conjugal e da vida, que continuava apesar do luto e das lágrimas.

Entretanto, agora os problemas que haviam deixado de lado estavam se impondo de novo. Luíza não podia mais ignorá-los. Havia recebido uma oferta pela casa, e embora não fosse tudo o que achavam que ela valia, provavelmente teriam de aceitá-la, pois o prazo das promissórias já estava vencido e não podiam adiar mais o pagamento se não quisessem ficar com o nome sujo na praça. A oferta incluía, como parte do pagamento, uma casa menor, mais afastada do centro. Eles a tinham ido ver e concordaram que daria para morarem ali, pelo menos temporariamente. Foi um alívio saber que teriam para onde ir quando o negócio fosse concluído. Luíza não queria nem pensar em mudança, em ter de arrumar a outra casa, bem menor, bem mais feia. E teria de deixar suas roseiras para trás, agora que estavam no auge da florada. Mais uma vez, teve de engulir as lágrimas. "Ainda bem que Papai não viveu para ter de presenciar a gente passar por isto", pensou ela.

Distraída com seus pensamentos, Luíza passou sem ver pela papelaria, e continuou caminhando, abrigando-se à sombra das árvores, desviando a sombrinha dos galhos mais baixos. Quando percebeu, estava diante da sorveteria do Seu Josias, o superintendente da escola dominical. *ótimo*, pensou ela. *Vou entrar e tomar um sorvete bem gostoso.*

Nadir, em ótima forma, atendia aos fregueses atrás do balcão. Estava muito magra, mas sempre fora assim. Luíza comentou:

-- Puxa vida, Nadir. Ninguém diria que você esteve doente!

A outra fez uma careta engraçada e respondeu:

-- Nem me fale, D. Luíza. Até já esqueci. Só que preciso agradecer mais uma vez a assistência que seu irmão nos deu. Não sei o que teria sido de nós lá em São Paulo sem a ajuda dele.

-- O Nato é assim mesmo, Nadir. Tem prazer em ajudar as pessoas. Fico contente por poder contar com ele quando preciso.

Luíza fez menção de pegar das mãos de Nadir a taça do delicioso sorvete de limão que escolhera, mas a outra indicou uma mesinha com a mão e falou:

-- Nada disso, Dona Luíza. Pode sentar-se ali que vou servi-la na mesa.

Luíza ia protestar que não precisava, mas Seu Josias já havia puxado a cadeira para ela. Não teve jeito senão sentar-se, não antes de ter visto uma troca significativa de olhar entre o casal.

Por isso, não estranhou tanto quando Nadir trouxe o sorvete e os dois se sentaram com ela à mesinha. Não havia outros fregueses por ali. Luíza percebeu que eles tinham alguma coisa para dizer. Foi Nadir que começou:

-- Dona Luíza, precisamos contar uma coisa à senhora, mas antes queremos que saiba que só estamos falando no assunto porque queremos muito bem a senhora e o pastor.

Luíza quis protestar. De repente, voltou com toda a força aquela antiga inquietação que ficara esquecida no meio dos outros acontecimentos. Além do mais, sentia que eles iriam falar de algo que não queria ouvir. Se não fosse, por que os dois estavam arrodando em vez de ir direto ao assunto?

-- Tudo bem, Nadir. Mas o que é? Diga logo porque já está me deixando nervosa.

A mulher olhou para o marido. Seu Josias pigarreou. *A coisa é pior do que imaginei*, pensou Luíza. Se pudesse, fugiria dali. Não tinha condições de enfrentar mais um problema. Mas continuou sentada, a colher suspense no ar, olhando de um para o outro. Finalmente, Seu Josias pigarreou de novo e falou:

-- Dona Luíza, vou direto ao assunto. Eu e a Nadir temos conversado muito sobre algumas coisas que temos notado na igreja, e já havíamos decidido falar com a senhora e o pastor. Aí, quando a senhora entrou aqui, vimos que seria melhor conversar primeiro com a senhora e . . .

Para quem ia direto ao assunto, Seu Josias estava dando umas boas voltas. Mas Luíza deixou que ele continuasse, temendo o momento em que ele de fato tocasse no assunto que obviamente o preocupava tanto.

Nadir, porém, interveio:

-- Fale logo, Josias.

O homem respirou fundo.

-- Dona Luíza, temos ouvidos umas conversas muito esquisitas na igreja. Tem gente dizendo que andou sumindo dinheiro do fundo de construção e que vai haver uma assembléia para o Pastor explicar onde esse dinheiro foi parar.

Luíza sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Sua palidez assustou Nadir.

-- Ai, Josias, também não precisava falar assim de sopetão, homem!

Luíza, engolindo em seco, a voz irreconhecível, só conseguiu perguntar:

-- O quê?!

-- É isso mesmo, Dona Luíza. Não sei o que deu naquela gente. Acreditar numa mentira dessas!

-- Que mentira, Nadir? O que é que estão dizendo?

-- Estão dizendo. . . -- Nadir parou, sem conseguir continuar. Seu Josias falou por ela:

-- Estão dizendo que o Pastor andou recebendo umas ofertas grandes para a construção. Só que nada disso aparece nos livros da tesouraria, Dona Luíza. Todo aquele dinheiro que ele falou que viria dos Estados Unidos. . .

Luíza não sabia se ria ou se chorava. Que alívio! Bem que avisara Carlos para não ficar falando em pedir ajuda das igrejas americanas como se isso fosse algo que acontecesse todos os dias.

O casal ficou olhando para ela, sem entender. Luíza procurou explicar:

-- Ah, Seu Josias, aquilo foi só conversa fiada do Carlos. Ele escreveu mesmo para um milionário americano, mas o homem nem deu resposta. Nunca pensei que alguém fosse achar que veio dinheiro de lá. Nem eu nem o Carlos. -- A essa altura, Luíza estava rindo. Mas Seu Josias não.

-- A coisa é séria, Dona Luíza. Uma pessoa mal intencionada começa a falar bobagem, bobagem em que as pessoas às vezes querem acreditar.

Luíza já não ria mais.

-- Por quê, Seu Josias? Por que as pessoas iriam querer acreditar numa coisa dessas com relação ao Carlos?

-- Quase ninguém sabe dos negócios do Pastor, Dona Luíza. Poucos sabem quanto ele trabalha para o banco para poder ter tudo o que tem.

Luíza sentiu que precisava esclarecer.

-- Ele trabalha, eu trabalho, meu pai sempre nos ajudou. É por isso que podemos ter. . . -- aqui Luíza se lembrou que já não podiam ter -- . . . aquela casa boa. Que vamos ter de vender -- completou ela baixinho. Se Seu Josias ouviu, não prestou atenção.

-- *Eu e a Nadir* sabemos tudo isso, Dona Luíza. Mas tem muita gente na igreja que acha que o pastor vive - bem, num nível de rico.

Luíza ergueu a mão para interromper mas Seu Josias continuou.

-- Se souberem que ele nunca recebeu o salário da igreja, então. . .

-- Isso não é coisa que a gente vá ficar falando por aí, Seu Josias. O Carlos sempre fez tudo quietinho. Nem o José sabe que foi sustentado no seminário por ele.

-- E é assim que deve ser mesmo. É o que Jesus ensinou.

-- Então me explique se puder, Seu Josias. Por que, se o Carlos fez exatamente o que Jesus ensinou, está sendo acusado de ladrão?

-- Ladrão eu não diria, Dona Luíza. É uma palavra muito forte.

-- Mas é o que estão dizendo que ele é, não adianta negar. E um ladrão da pior espécie, que rouba as ofertas feitas para Deus! -- A indignação de Luíza que fora crescendo durante a conversa, atingiu um pico agora e ela explodiu: -- Depois de tudo o que ele tem feito por essa igreja, por essas pessoas!

Seu Josias ficou sem saber o que dizer.

-- Ainda estou achando difícil acreditar nisso tudo, Seu Josias. -- Luíza procurou se acalmar, franzindo a testa como se quisesse esclarecer seus pensamentos. -- Vocês devem ter entendido mal. . .

Mas Seu Josias meneou a cabeça.

-- A senhora acha que eu iria lhe contar um simples boato, Dona Luíza? Não sou disso. Estou só avisando a senhora primeiro porque não pude falar ainda com o Pastor, e quando a senhora apareceu aqui, resolvemos aproveitar a oportunidade. Além disso, acho que se ele ouvir através da senhora, não se magoará tanto -- concluiu ele, como que a desculpar-se. Voltando-se para a mulher em busca de apoio, Seu Josias a viu assentir com a cabeça. Nadir se mantivera calada enquanto o marido falava, a mão dobrando e desdobrando nervosamente um pedacinho de papel.

-- Dona Luíza -- falou ela, -- o Josias está certo. Não falamos nada enquanto parecia apenas conversa mole. Se fosse só isso, não precisaríamos nem incomodar vocês. Mas agora a coisa está piorando. Precisávamos contar.

Luíza sentiu a seriedade por trás daquelas palavras. Os dois amigos estavam angustiados. Uma veiazinha saltava na têmpora do Seu Josias. Naquele momento, entraram dois rapazinhos e Nadir se levantou para ir servi-los. Luíza aproveitou a deixa.

-- Já estou indo, Seu Josias. Vou conversar com o Carlos assim que chegar em casa hoje à tarde. -- Ela se levantou devagarinho, sem saber se as pernas a sustentariam, apanhando a sombrinha e a bolsa com gesto distraído. O que foi mesmo que saíra do grupo para fazer?

-- Dona Luíza, a senhora está bem? -- perguntou Seu Josias. -- Acho melhor a Nadir acompanhá-la.

Luíza voltou-se para sair.

-- Nem pense nisso, Seu Josias. Claro que estou bem! Isso é tudo um mal-entendido que Carlos resolve num instante! -- Acenando para Nadir, ela falou: -- Obrigada pelo sorvete, Nadir. Estava uma delícia, como sempre.

A outra retribuiu ao aceno e ficou olhando enquanto Luíza se afastava pela calçada.

\* \* \*

Luíza nem saberia dizer como chegara ao fim daquele dia. Era como se tivesse mergulhado num túnel escuro, sem fim. Vez após vez remoía o que ficara sabendo. Tentou entregar aquele fardo a Deus, como aprendera a fazer, mas, quando via, já o pegara de volta. Pensamentos conflitantes, ora de horror, ora de incredulidade lhe repassavam pela mente sem que ela pudesse detê-los. Infelizmente, conhecendo bem Seu Josias e Nadir, não dava para duvidar de que a coisa fosse mesmo séria. Se não, eles jamais teriam aberto a boca.

Luíza mandou os meninos deitarem cedo, e, naquele dia, incrivelmente, eles foram sem grandes protestos. Assim, ela e Carlos ficaram a sós na sala. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Carlos falou:

-- Foi bom os meninos terem ido deitar, Luíza. Preciso muito conversar com você. Estive orando hoje a tarde toda. . .

-- Então você já sabe -- interrompeu ela.

-- Dos problemas na igreja? -- Ele assentiu com a cabeça e esperou. -- Já faz uns dois dias que o Leonardo me contou. Acho que você percebeu antes de mim que havia alguma coisa perturbando a paz da igreja, não é mesmo? Lembra-se daquela nossa conversa?

Luíza assentiu com a cabeça, sentindo que uma tenaz de ferro lhe comprimia o coração. De que adiantava ter percebido antes? Não podiam fazer nada enquanto as acusações não viessem a público. Mas, se Carlos já sabia. . .

-- Por que você não me disse nada? -- perguntou ela meio agastada, mas tentando acalmar-se. -- Precisei ficar sabendo através do Seu Josias e da Nadir!

-- Desculpe, meu bem, mas eu precisava descobrir direito o que estava acontecendo antes de dizer alguma coisa a respeito. Você sabe como um falatório pode dividir a igreja. Isso é obra do inimigo e não vou lhe dar uma mãozinha.

Luíza demonstrou seu assentimento com um gesto de cabeça e perguntou, um pouco mais calma:

-- E agora, você já sabe ao certo o que aconteceu?

Carlos não pôde evitar um suspiro. Passando a mão pelos cabelos num gesto inconsciente, respondeu:

-- Mais ou menos. Você se lembra do Acácio?

Luíza não teve dificuldade em se lembrar do homem que ocupara seu quarto de hóspedes por duas semanas na mesma época em que o José Costa estivera com eles. Os dois se haviam dado bem, e continuado amigos mesmo depois de cada um deles ter ido morar em outro lugar. Só que o Acácio vivia de cara sempre fechada, ia sozinho à igreja, sentava-se na última fileira, e saía muitas vezes sem cumprimentar ninguém, nem mesmo o pastor ou sua família.

-- Ele continua esquisito, não é?

Carlos fez que sim com a cabeça.

-- Ele nunca participa de nada, mas é membro e sempre vota nas assembleias. Nunca consegui arrancar mais do que meia dúzia de palavras dele. Mas de repente ele ficou muito amigo do Pedro.

-- Ô-ô -- fez Luíza com ar de espanto.

-- Isso mesmo. Enquanto estávamos fora nas férias, o Acácio começou a visitar alguns membros da igreja. O Leonardo me disse que depois dessas visitas foi que o boato começou. É que o Acácio, instruído pelo Pedro, estava aproveitando as visitas para esparramar essas mentiras todas, para semear a desconfiança. E escolheu as pessoas certas. -- Carlos se deteve, e passou mais uma vez a mão pelos cabelos.

Luíza não estava conseguindo acompanhar a história que o marido contava.

-- Mas, Carlos.... -- Ela ficou indecisa por um momento, nem sabendo direito o que perguntar, o que não tinha sentido em tudo aquilo. -- Por que o Pedro iria querer fazer isso com você? Depois que você pagou as dívidas dele!

-- Acho que por isso mesmo, meu bem. Ele agiu de má fé, sabendo que aquela fazenda de Mato Grosso que deu como garantia estava na mão de posseiros, e que ninguém iria querer comprá-la nem ficar com ela. E para se justificar consigo mesmo, está querendo dizer que também sou desonesto. Ladrão que rouba de ladrão...

-- Parece esquisito, mas.....

Carlos acrescentou com um suspiro.

-- O pior é que parece que até o próprio José está passando para o lado do Pedro. Como ele quer entrar para a família, não pode admitir que o futuro sogro esteja por trás de toda essa sujeira.

Agora Luíza se sentiu frontalmente atingida.

-- Não pode ser, Carlos!

-- Mas parece que sim, Luíza. Ele sempre brincava comigo que eu era rico! -  
- Aquela palavra de novo, pensou Luíza. -- Muita gente acha que vivo bem demais para um pastor. E agora que estão sabendo que vamos nos mudar para uma casa mais simples, acham que gastei as ofertas da construção e que, como o dinheiro acabou, vamos ter de viver de acordo com as nossas posses.

-- Carlos não conseguiu evitar que a amargura transparecesse em sua voz. Pedira a Deus que o livrasse desse sentimento horrível, mas a decepção estava sendo grande demais.

Ao ouvir aquilo, Luíza ergueu-se de chofre.

-- O quê?! Como é que alguém que conheça você pode acreditar nisso? E eu? É isso o que eles pensam de mim também?

Luíza sentiu-se desfeiteada, julgada e condenada por pessoas em quem confiara! Até o José estava duvidando do Carlos, dela? Como era possível? Lembrava-se de quando Carlos trouxera aquele homem para morar com eles. Comera à sua mesa, ela lavara as roupas dele junto com as da família, cuidara dele da melhor maneira possível até ele arrumar um lugar próprio para morar. E era assim que ele pagava! Pensando mal deles. Fazendo o marido ficar tão esmagado, tão amargurado. Se o homem estivesse ali, ela o estrangularia na certa. Pelo menos naquele momento, sim.

Carlos percebeu que ela estava concentrando numa única pessoa a culpa de tudo o que estava acontecendo, e seu senso de justiça prevaleceu.

-- Não é culpa só do José, Luíza. Ele está se deixando levar por pessoas que considera sérias. Nunca chegou a saber que fui eu que custeei seus estudos dele no seminário. Eu nunca quis que ele soubesse desse fato, para não ficar achando que me devia alguma coisa. -- Aqui Carlos se deteve e falou, enfatizando suas palavras com um gesto decisivo das mãos: -- Porque não deve. O que fiz foi um negócio entre mim e Deus. Mas justamente por não saber dos meus negócios, ele pode ter tirado conclusões. . .

Mas Luíza não estava disposta a ouvir desculpas.

-- Mas será que você é bobo, Carlos? O homem que devia estar defendendo você, que você tem ajudado de todas as formas, se põe de conluio com gente que nem participa quase da igreja, e você ainda quer desculpá-lo? Para mim, não adianta você falar mais nada! -- A raiva cegava Luíza e ela não percebeu a transformação na postura do marido.

De repente Carlos estava à sua frente, o rosto contorcido refletindo sua própria expressão de raiva. A voz reprimida tremia de indignação quando ele explodiu num sussurro furioso:

-- Pelo menos agora sei o que pensa de mim como marido, Luíza! Já fiz muita coisa de que me arrependo, mas sempre achei que, apesar de tudo, você estava do meu lado. Como disse, sou um bobo. Acredito nas pessoas. Acreditei que, nesta sujeira toda, pelo menos minha esposa ficasse a meu favor, que me defendesse! Sou mais bobo do que imaginava!

Rodando nos calcanhares, Carlos deixou o aposento, fechando com força a porta atrás de si. Luíza ficou sozinha, aturdida, os olhos fixos na maçaneta da porta que se fechara entre ela e Carlos -- mais uma vez.

\* \* \*

*Preciso conversar com alguém*, pensou Luíza, pela milésima vez. Fora o último pensamento que tivera antes de dormir, e o primeiro que lhe vinha à mente ao acordar. Pudéra. Não agüentava mais a tormenta de seus próprios pensamentos rodopiando na cabeça, cada vez mais embaralhados, cada vez mais confusos. Precisava achar o fio da meada, algo sólido que pudesse agarrar, que pudesse seguir, que tivesse sentido. Tentava orar mas não sentia que Deus a ouvia. Ele parecia tão remoto, santo demais para tomar conhecimento de coisas tão mesquinhas quanto as que estavam acontecendo ali naquele fim de mundo. Apesar dos muitos progressos da região noroeste do estado naqueles últimos anos, para Luíza eles ainda moravam no cafundó-do-judas.

Até as verdades que Luíza conhecia de coração e que diziam que onde dois ou três dos filhos de Deus estivessem reunidos, Ele estaria em seu meio, pareciam irrealistas. Se Deus estivesse realmente ali, por que estava permitindo que um ungido seu fosse caluniado, maltratado pelo próprio rebanho que servira com tanto carinho, com tanto empenho? Qual o motivo daquele sofrimento, daquela perseguição?

Luíza sabia que sua amargura a estava fazendo exagerar. Na realidade, boa parte do rebanho estava do lado do pastor, e o defendia de unhas e dentes. Era o próprio Carlos que impedia que as coisas esquentassem mais, para não causar uma divisão na congregação. Já havia sido marcada uma assembléia para tratar do assunto, mas ainda faltava uma semana. Enquanto isso, muita água podia rolar por baixo da ponte. E rolaria, disse Luíza estava certa.

Ai, lá ia ela de novo, dando voltas que não levavam a nada. Deus não a ouvia, Carlos não estava quase falando com ela. Só com Enedina ela falava, e falava, e falava. Mas sentia que a amiga também estava tão confusa quanto ela. Eram duas dando voltas no mesmo lugar. Enedina já sugerira que voltassem a conversar com sua mãe, mas Luíza relutava. De que forma uma velha senhora que vivia para o seu crochê poderia ajudá-la? Tudo bem que da última vez em que estivera com ela fora desafiada a pensar em muitas coisas que nunca lhe haviam ocorrido antes, mas agora de novo? O que Dona Nenê poderia dizer que não dissera antes? Não, não adiantava.

Luíza se alternava entre sentir pena de si mesma, raiva de diversas pessoas, dó de Carlos, raiva dele, frustração com ele, amargura, uma amargura que tocava e coloria de tons sombrios tudo ao seu redor. Sentia-se sozinha, presa num lugar sufocante, sem luz, sem paz. Toda a serenidade que sentira antes ao enfrentar o problema da venda da casa se fora. Agora um medo angustiante lhe retorcia as entranhas, fustigando-a até enquanto dormia. Ela acordava e o outro lado da cama já estava vazio. A que horas Carlos andava se levantando? Apesar do sono inquieto, apesar de sentir que não pregara o olho a noite inteira, quase não o via ao seu lado naqueles dias, embora o travesseiro afundando e as rugas nos lençóis provassem que ele havia pelo menos estado ali por algumas horas.

Ainda era muito cedo, mas Luíza sabia que não adiantava continuar deitada ali. Com um suspiro, ela jogou as pernas pelo lado da cama, caçando os chinelos com a ponta dos pés. Só então ela se sentou, bocejando violentamente para aliviar um pouco a tensão do pescoço e dos ombros. Puxando o roupão dos pés da cama, ela enfiou os braços nas amplas mangas e, segurando as pontas da faixa, fechou-o com um nó solto e foi ao banheiro lavar o rosto. Onde estaria Carlos?

Os olhos de Luíza passaram do espelho para o mármore rosado da pia, sobre o qual se alinhavam alguns frascos de perfume, o aparelho de barbear de Carlos, a saboneteira de cristal, o vasinho de violeta africana com suas flores cor de anil. Tudo tão bonito, tão limpo, tão caprichado. Ela nem podia pensar que brevemente outras pessoas estariam usando o *seu* banheiro. Cada objeto ali fora presente de alguém. Seus alunos mais ricos faziam questão de presenteá-la com perfumes importados. Entretanto, sua colônia favorita era uma que ela comprava na farmácia da esquina. Daí o fato de ter todos aqueles perfumes chiques enfeitando seu toucador. Quase nunca os usava. *Mas quem vir isto aqui, vai pensar que gasto uma fortuna com bobagens*, pensou Luíza com aquele gostinho amargo na boca.

Será que não conseguia mais livrar-se da sensação de que tudo e todos apontavam um dedo para ela? Queria gritar, defender-se, fazer as pessoas entenderem quanto se sacrificava pelo bem de sua família, da igreja! Ah, mas o que adiantaria? As pessoas acreditavam o que queriam acreditar. E no momento, pareciam querer acreditar coisas ruins a respeito dela e de Carlos. Como isso doía! Era como uma espada enterrada em seu coração, sendo torcida para cá e para lá a cada novo pensamento.

Saindo do banheiro, Luíza passou pelo quarto e dirigiu-se à cozinha. A rotina dos trabalhos diários já não a acalmava. Antes, era um lembrete de que todas as coisas que ela tanto amava lhe estavam sendo tiradas. Lógico que levaria a mobília para a outra casa, mas os cômodos lá eram menores e ficaria tudo adaptado, apertado... Teria de se desfazer de algumas peças que realmente não fariam falta, mas ser obrigada a isso deixava Luíza mais aborrecida ainda.

Quase morrera de tristeza ao ver os olhos cobiçosos da mulher do comprador analisando tudo, escolhendo o que era do seu agrado. A cristaleira fora a primeira peça que a mulher cobiçara, mas embora Luíza não soubesse onde a colocaria na outra casa, recusou-se a vendê-la. *Ela vai comigo nem que eu tenha de usar feito chapéu!* pensou indignada, erguendo o queixo num gesto de desafio. Até quando teria de deixar que as coisas que outras pessoas faziam, sem querer ou por pura maldade, determinassem o que acontecia em sua vida? Até quando? Sentia-se amarrada, impotente. Não havia nada, nada que pudesse fazer. Só Deus podia fazer alguma coisa, mas Ele não parecia interessado.

### *De Onde Vem o Meu Socorro*

*Me ajude, Senhor!*

Luíza não saberia dizer de onde irrompera aquele brado mudo. Em pé à frente do fogão, esperando a água do café ferver, ela se via agora sacudida por soluços sufocados que desaguaram num lamento audível, doloroso, como o som de um gemido saído do mais profundo do seu coração. Luíza tentou contê-los, mas eles a sacudiam com força. Erguendo o braço para enxugar as lágrimas que a cegavam com a manga do roupão, Luíza ouviu-se repetindo baixinho: *Socooooorro, Senhor. Por favor, me ajude. Eu não agüento mais. Não agüento mais viver assim!*

A água borbulhava furiosamente na chaleira. Mal enxergando o que fazia, Luíza apanhou um pano para segurar o cabo quente da chaleira e despejou o líquido escaldante sobre o pó escuro que cobria o fundo do coador. O aroma de café fresco, aquele cheirinho inconfundível de amanhecer, de novo dia, de novas oportunidades, encheu o ar. Um versículo que decorara muitos anos antes brotou do coração de Luíza, como se uma voz mansa e suave lhe falasse em tom quase audível: "As misericórdias do Senhor não têm fim. Renovam-se a cada manhã". "Elas são a causa de não sermos consumidos", completou Luíza em voz alta. Embora a ordem do versículo estivesse trocada, a mensagem era clara. *Clamei por socorro*, pensou Luíza maravilhada, *e o Senhor me respondeu*. Sentiu-se reanimada antes mesmo de tomar o primeiro gole de café.

Num impulso que não conseguiria explicar, ela apanhou a pequena bandeja que reservava para as visitas importantes, forrou-a com uma toalhinha de crochê alva e durinha de goma, apanhou duas xícarazinhas do seu jogo de porcelana inglesa e as arrumou ao lado do açucareiro. Seguindo ainda o mesmo impulso que a movia, saiu para o jardim, o seu jardim, e apanhou um botão orvalhado de sua roseira favorita.

O delicado tom róseo da flor parecia um reflexo do rosa-avermelhado do céu para o lado do nascente. Luíza se deteve ali por uns momentos, aspirando o ar fresco da manhã. Estavam em abril e logo mais o sol esbrasearia o céu em outro dia de calor intenso. Mas, naquele momento, o frescor orvalhado era como uma bênção sobre sua cabeça.

*Ainda estamos em abril!* admirou-se Luíza em silêncio. A impressão que tinha era a de que um ano se havia passado desde as férias de janeiro.

Voltando depressa para a cozinha, antes que o café esfriasse, Luíza colocou o botão de rosa entre as duas xícaras e, tirando o bule de baixo do coador, fechou-o, acrescentou-o à bandeja. Segurando-a cuidadosamente com as duas mãos, saiu à procura do marido.

Seus passos eram firmes. Luíza nem podia acreditar que menos de meia hora antes estivera soluçando, como se não valesse a pena viver. As palavras de Dona Nenê, ditas naquela tarde em que haviam conversado, ecoavam em seus ouvidos. "Se Deus não está mudando as circunstâncias, talvez queira mudar você." Luíza não se lembrava das palavras exatas de Dona Nenê, mas se lembrava do sentido claro do que ela falara. Parecia que, durante todas aquelas semanas cinzentas, sombrias, ela sabia que teria de mudar. Pensava que já tinha mudado bastante, mas agora percebia que talvez não o suficiente. Aquela briga com Carlos mostrava que havia sentimentos no fundo do coração que ainda não haviam sido resolvidos.

Mas agora alguma coisa mais forte do que ela mesma a movia. Não ia deixar que a situação continuasse como estava. Ela e Carlos não deviam enfrentar as dificuldades desunidos, ressentidos, quase sem se falar. Como será que Carlos veria sua tentativa de fazer as pazes? Os passos de Luíza esmoreceram. Parecia tão comprido aquele corredor! E se o marido, ainda zangado, a rejeitasse, zombasse dos seus esforços?

Luíza se deteve um instante e orou: *Senhor, se esta é a sua resposta ao meu pedido, por favor, faça com que o Carlos entenda e aceite o que estou fazendo.*

Carlos estava sentado no sofá da sala, a Bíblia aberta sobre o colo, os olhos fechados. Luíza entrou silenciosamente e sentou-se ao lado dele. As xicarazinhas retiniram delicadamente contra os pires. Ou Carlos fez que não percebeu a presença dela, ou sentiu que não podia interromper sua oração. Luíza esperou. Estudando o rosto abatido do marido, seu coração se confrangeu.

Finalmente ele abriu os olhos e a fitou com uma expressão indecifrável. Luíza desviou logo os olhos do rosto dele, um acanhamento estranho tolhendo sua língua, apagando de sua mente o que ela pretendia dizer. Em vez disso, falou:

-- Achei que você gostaria de um cafezinho.

Ele assentiu com a cabeça, enquanto seus olhos notavam a bandeja caprichada, a rosa, o olhar baixo e as mãos trêmulas da esposa. Entretanto, continuou em silêncio.

Luíza serviu o café, adoçou-o com uma colher bem cheia de açúcar, como sabia que ele gostava, e estendeu-lhe a xícara. Carlos a tomou da mão dela sem que seu olhar deixasse a face da esposa.

Para disfarçar o constrangimento, Luíza serviu-se de café e sorveu um gole. A careta que se seguiu trouxe um leve sorriso ao rosto de Carlos.

-- É, percebi que você se esqueceu do açúcar -- comentou ele, o sorriso se desvanecendo.

Luíza colocou deliberadamente a xícara na bandeja, e, pondo a bandeja sobre a mesinha, voltou-se no sofá para ficar bem de frente para o marido, as mãos entrelaçadas sobre o colo.

-- Carlos, preciso falar de uma vez o que estou sentindo, senão perco a coragem.

Os olhos dele continuavam enigmáticos. O que estaria pensando? Sem ter outra alternativa, Luíza prosseguiu:

-- Estas últimas semanas foram as mais miseráveis da minha vida. Nunca me senti tão sozinha, tão amargurada, tão infeliz. Tentei fazer tudo o que sabia para mudar as coisas, mas não cheguei a parte alguma. Parece que tudo foi ficando cada vez mais enrolado. Mas Deus tem falado de maneira muito forte ao meu coração. Ele usou umas palavras que Dona Nenê me disse um dia quando conversávamos. Ela falou que, quando enfrentamos dificuldades, Deus está querendo mudar a gente. -- Aqui Luíza se deteve, à procura de palavras que expressassem o que queria dizer. Aliás, o que *não* queria ter de dizer. Mas já havia começado. Era melhor ir agora até o fim. Enchendo-se de coragem, ela admitiu: -- Acho que tenho sido um tanto teimosa.

Um repuxado suspeito ergueu os cantos da boca de Carlos, mas ele continuou quieto. Luíza se acomodou contra o encosto do sofá, suspirando. Sentindo que o marido a escutava com atenção, ela voltou os pensamentos para o que ocorria dentro de si a fim de se explicar melhor.

-- Eu sei que você me acha teimosa. -- A curva dos lábios do marido se acentuou e seus olhos brilharam. -- Talvez, -- continuou Luíza, -- talvez eu tenha de aprender alguma coisa importante em toda esta situação. Já aprendi algumas -- concluiu ela enfaticamente.

-- E o que você aprendeu? -- Os olhos do marido a sondavam, questionavam, com interesse e compreensão. E então ela viu lágrimas brilhando neles. Suas mãos se estenderam automaticamente e seguraram as dele, que logo envolveram e apertaram as suas. -- Eu estava orando neste instante, Luíza, e pedindo que Deus me mostrasse o que deseja que eu aprenda no meio de toda esta confusão. Quem sabe se o que você já aprendeu pode me ajudar . . . -- concluiu ele com humildade.

Luíza não resistiu. Atirou-se sobre o marido e o abraçou, a cabeça contra seu ombro, os braços enlaçando o peito dele.

-- Ah, querido!

Permaneceram uns momentos assim, abraçados, os corações batendo uníssonos, uma doçura suave e tranqüila lavando suas almas depois de tantos dias de aflição. Seria tão bom se esse momento nunca terminasse. . .

O som de talheres e louças na cozinha anunciou que Mercedes já chegara e que não estavam mais a sós. Luíza se afastou um pouco, mas suas mãos continuaram presas nas de Carlos.

-- Dona Nenê me falou, Carlos, que quando Deus não muda uma circunstância difícil na vida da gente, está querendo mudar alguma coisa na gente. Tenho pensado muito sobre isso. Sei que muita gente me considera teimosa - você inclusive - mas sempre achei que era exagero. Só porque sempre cuido de tudo, faço tudo o que tenho de fazer, não desisto quando a coisa fica difícil, nunca deixo a peteca cair do meu lado se puder fazer alguma coisa? Isso é ser teimosa?

Luíza sentiu que estava esquentando por dentro de novo e respirou fundo. Como aquilo tudo mexia com ela!

-- Não sou assim porque quero, sabia? Por mim, muitas vezes preferia cruzar os braços e ver o que acontece. Não gosto de depender dos outros. Acho difícil ver coisas por fazer e esperar que outra pessoa as faça. Talvez seja essa a minha maior frustração agora - não haver nada que eu possa fazer. Não posso mudar as pessoas. Elas vão pensar e falar de nós o que quiserem. Não posso mudar a situação. Apesar de injustamente, vamos perder a casa. Nunca me senti tão de mãos atadas quanto estou agora. Não - posso - fazer - nada! -- concluiu ela lenta e deliberadamente.

-- E as coisas estão fervendo ao nosso redor -- falou Carlos.

Então ele também estava sentindo a mesma coisa? Isso foi como um bálsamo sobre a ferida de Luíza. Já não se sentia sozinha. Percebeu que, na realidade, nunca estivera sozinha. Ela é que se isolara de Carlos. *Que perda de tempo!* pensou.

-- Dona Nenê falou uma coisa que na hora não entendi. Ela disse que aceitar o que Deus está fazendo nas circunstâncias é como se a gente estivesse morrendo um pouco. E é mesmo. Lutei o quanto pude para não ceder, para admitir que Ele é quem manda, e admitir isso com alegria, sem resmungar. -- Carlos assentia com a cabeça a cada coisa que ouvia. Por isso Luíza se apressou em acrescentar: -- Oh, não pense que já não resmunguei bastante. Acho que nisso fui mesmo teimosa. Eu não *queria* ceder! Mesmo sabendo que Deus é bom, sábio e tudo o mais, tem sido uma briga feia. Mas Ele foi me mostrando uma a uma as coisas que eu tinha de Lhe entregar -- a casa, a mudança, o nosso nome. . .

Carlos puxou de novo a esposa contra si. Ela não resistiu, apesar de saber que Mercedes já se movimentava pela casa, cuidando das tarefas do dia.

-- Luíza, agora sou eu que preciso falar. Tive uma atitude muito infantil para com você. Eu estava frustrado, amargurado e joguei tudo isso sobre você aquele dia. Lógico que você tinha razão de estar nervosa. Tanta coisa tem acontecido! E eu tenho falhado muito --

Luíza ergueu a mão e colocou sobre os lábios do marido para detê-lo, mas ele a retirou e, segurando-a firmemente na sua, continuou:

-- Sim, fiz muita bobagem, e agora você e os meninos terão de pagar pelo que fiz. E nunca pedi que me perdoassem. -- Aqui ele se deteve e levou as mãos de Luíza aos lábios, num beijo demorado. Uma ternura enorme invadiu o coração dela.

Entretanto, ele ainda não havia terminado: -- Há coisas que eu não mudaria nunca. Jamais deixarei de acudir alguém que tenha uma necessidade real, mesmo que para isso tenha de sacrificar muita coisa. Mas terei de ser mais cauteloso sobre essa ajuda. As pessoas sabem se aproveitar da boa vontade da gente. Eu devia ter prestado atenção ao que você me disse.

Agora Carlos fitava a esposa nos olhos e perguntou, com voz sumida:

-- Luíza, você me perdoa? Fiz você perder esta casa que seu pai nos ajudou a comprar e que talvez nunca mais possamos ter igual.

Luíza deixou que as palavras do marido penetrassem até o fundo do seu ser, medindo-as bem. Não ofereceria um perdão barato. Tinha de estar bem consciente de tudo o que ele incluía, porque, uma vez perdoada, a dívida deixaria de existir. *Talvez nunca mais eu possa ter uma casa tão bonita quanto esta*, avaliou ela, olhando ao seu redor e namorando a sala ampla, o assoalho escuro e brilhante, a janelona que dava para o jardim de rosas. *Mas quanto vale tudo isto se não houver amor e harmonia entre nós?*

A decisão estava tomada.

Com voz firme, as costas da mão roçando o queixo dele, ela disse:

-- Já está tudo perdoado, Carlos. Sério mesmo. Vamos tocar as coisas daqui para a frente, sem olhar para trás.

Ao dizer de coração aquelas palavras, Luíza percebeu que, literalmente, um peso foi tirado de seus ombros. Sentiu-se leve, alegre, animada. A nuvem escura sumiu e o sol voltou a brilhar. Agora ela enxergava claramente. E gostava do que via. Seria mesmo uma nova vida. Tudo o que era mais precioso estava intacto. Tinha Carlos, os meninos, até a Mercedes, que já se dispusera a ir com ela, embora a outra casa ficasse bem mais longe do bairro onde ela morava. Tinha bons amigos, como dissera a Enedina, alguns mais chegados que irmãos. Tinha seu trabalho. Só o trabalho de Carlos parecia perigar. Mas Carlos não trabalhava para a igreja, e sim para Deus. E Deus não o despedira nem dissera que não precisava mais dele.

Como pudera deixar de ver tanta coisa boa, tanta bênção que gozava todos os dias sem se lembrar de agradecer a Deus de verdade? Seus pensamentos, agora direcionados e claros, já disparavam em mil questões práticas. Precisava começar a limpar a casa nova e ver o que caberia lá, dar ou vender o resto, aprontar umas mudas das suas roseiras . . .

-- Esta casa só é bonita porque cuidamos bem dela. Lógico que é grande, mas não precisamos realmente de todo este espaço. Os meninos estão crescendo depressa e quase nem param em casa! Podemos nos acomodar muito bem na outra casa. E pode crer que logo plantarei algumas roseiras lá também.

Olhando o marido que sorria, Luíza sentiu de repente que algo estava faltando. Ele lhe pedira perdão e agora parecia aliviado, feliz. Mas ela também falhara. E muito. Na hora em que ele mais precisara dela, brigara, reivindicara seus direitos, e depois ficara fechada em sua mágoa e raiva, deixando-o enfrentar sozinho todas aquelas dificuldades. Não, a coisa não podia ficar só na parte dele. Continuava sentindo aquele impulso que a impelira da cozinha para a sala, mais forte agora. E não resistiu.

-- Carlos, eu também preciso pedir perdão. -- Embora o marido meneasse a cabeça, ela ficou firme. -- Preciso, sim. Não sei como pude ser tão cega. Na hora em que você mais precisava de mim, falhei. Não o apoiei. -- Pareceu a Luíza que naquele momento seus olhos estavam sendo abertos e ela, revendo aquela cena dolorosa quando havia acusado Carlos de ser bobo, percebia claramente quanto o havia magoado. Justo ele, que nunca levantava a voz, havia quase gritado com ela! Isso devia ter-lhe mostrado quanto o marido estava machucado. E ela, considerando-se totalmente justificada em sua zanga, deixara que o silêncio se instalasse entre os dois, uma muralha invisível mas palpável, que o toque doce do perdão pusera agora por terra. -- Você me perdoa? -- concluiu ela.

Carlos, a cabeça inclinada para o lado, a fitava agora com uma expressão brejeira. Seu rosto rejuvenecera. Ele também parecia aliviado e alegre.

-- Claro que sim, meu bem -- respondeu ele. O sorriso se acentuou. -- Temos de amar até os nossos inimigos! E uma inimiga simpática como você não é difícil . . . -- Ele se interrompeu ao ver a expressão no rosto de Luíza. Não era hora para brincadeiras ainda. Seu rosto ficou sério. -- Não tenho nada para perdoar, Luíza. De verdade. Vamos esquecer tudo isso.

Aprumando-se, Luíza apanhou a rosa que estava na bandeja e a estendeu ao marido pela haste. Ele a apanhou e levou às narinas, aspirando o perfume suave.

-- Estou sentindo o bom perfume de Cristo, Luíza. E não está vindo da rosa.

Emocionada, Luíza deixou-se abraçar de novo. Um longo beijo, saudoso, anelante, selou aquele momento.

Não importava o que ainda tivessem de enfrentar, estariam unidos.

Por fim, Luíza levantou-se e, apanhando a bandeja, levou-a para a cozinha. Já estava ficando tarde e ainda havia muita coisa para fazer. Mas seus passos mal tocavam o chão, seu coração transbordava de alegria. Uma paz e um gozo incompreensíveis lhe inundavam todo o ser.

Passando pelo quarto dos meninos, agora rapazinhos, Luíza escancarou a porta e declarou:

-- Hora de levantar, meus amores! E tratem de correr porque já estão atrasados!

Ignorando os resmungos, Luíza continuou rumo à cozinha, cantarolando.

\* \* \*

-- Luíza, Mamãe mandou convidar você para um cafezinho hoje à tarde. Que tal? -- perguntou Enedina, enfiando a cabeça pela porta da salinha onde Luíza trabalhava. -- Credo, como você consegue trabalhar com tanto barulho?

Realmente, o velho ventilador estava dando o prego. Rangia, zunia, e rangia de novo a cada volta das pás de ferro esmaltado. Também, pudéra, Luíza o fazia trabalhar o tempo todo!

-- Sem o pouco vento desse ventilador é que eu não conseguiria trabalhar -- retrucou Luíza, enfiando a cara no ventinho tênue que a máquina produzia. Aí, respondeu à pergunta da amiga com outra pergunta: -- Por que esse convite?

Enedina sentou-se na única cadeira disponível e falou em tom confidencial:

-- Conte para ela que você e Carlos fizeram as pazes, e que estão tranquilos mesmo no meio desta aflição e ela quer saber o que aconteceu. É melhor ir lá e contar você mesma. Eu também quero saber os detalhes! -- concluiu ela chegando mais perto de Luíza.

-- Aqui não! -- falou Luíza, rindo.

Enedina meneou a cabeça, entre desapontada e surpresa.

-- Você está rindo! Aconteceu um milagre.

-- Foi mesmo, amiga. Um milagre. A situação não mudou nada. Mas estou em paz.

-- Um suspiro elevou os ombros de Luíza e ela sentiu de novo a boa sensação de leveza. O fardo realmente se fora. -- E aí, você vai à assembléia amanhã à noite?

-- Claro que vou. Acha que eu iria perder? Quero estar lá para ver quem vai dizer o quê. Você não vai?

-- Não, não! -- exclamou Luíza enfaticamente. -- Eu e Carlos estamos fora dessa. Se querem discutir a nossa vida, a nossa presença inibiria as pessoas. O conselho pediu que nem eu fosse. O Carlos, então, nem se fala!

A sensação de frio no estômago voltou ao pensar no que estaria sendo discutido na assembléia. O rosto do Acácio, com aquele bigodão e a testa sempre enrugada lhe aflorou à mente. Luíza afastou deliberadamente aquelas imagens dos pensamentos, concentrando-se nas palavras do Salmo 121, que tanto lhe haviam falado no outro dia.

-- "Elevo os meus olhos para os montes" -- começou ela a repetir em voz alta. Enedina entendeu o que a amiga fazia e fez coro com ela. -- "De onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. . ."

A entrada da servente que fazia a limpeza as interrompeu, mas a tranqüilidade já havia voltado ao coração de Luíza. Foi com um tom leve e alegre que ela se despediu de Enedina:

-- Vou dar uma chegadinha à casa de sua mãe esta tarde. Você vai comigo?

-- Claro! Você acha que eu perderia . . . o bolo de fubá da Mamãe? -- respondeu Enedina já de saída, com uma risada.

\* \* \*

Dona Nenê esperava as duas com a mesa posta. Embora ambas protestassem que não tinham ido lá para comer, não podiam desfeitear a boa senhora, e acabaram se empanturrando de bolo de fubá, pão caseiro e uns sequilhos deliciosos, regados a limonada bem geladinha.

Enquanto comiam, falaram de assuntos gerais. Mas quando empurraram o prato, Dona Nenê foi direto ao assunto.

-- Vamos passar à sala, meninas, que ali poderemos conversar mais à vontade.

Enedina gemeu.

-- Ai, Mamãe, preciso soltar o cinto. Comi demais.

-- Coisa feia! -- ralhou a mãe com um sorriso que desmentia as palavras.

-- Eu também, Dona Nenê -- falou Luíza, solidarizando-se com a amiga. -- Desse jeito a senhora acaba fazendo a gente engordar.

-- Que nada! Vocês duas mais parecem um saco de ossos!

As duas caíram na risada.

-- Mamãe -- perguntou Enedina apontando um dedo para a senhora, -- quanto tempo faz que a senhora não vai ao oculista?

-- Não há nada errado com a minha vista -- retrucou Dona Nenê. -- Mas chega de conversa fiada. Sente-se aqui, Luíza. Quero poder olhar para você enquanto conversamos -- falou a dona da casa, apontando a poltrona que ficava em frente ao sofá. Luíza sentou-se nela e Enedina sentou-se ao lado da mãe.

Dona Nenê falou primeiro, inclinando-se de leve para a frente:

-- Luíza, pedi que viesse aqui porque sei que você e o Carlos estão atravessando dias difíceis e quero saber o que está acontecendo. Não pense que é xeretice. É interesse, e é também um pouquinho de ansiedade. Tenho orado por vocês estes dias, mas gosto de orar especificamente, e não estou podendo fazer isso porque não sei muita coisa. Gostaria que me contasse o que achar que pode contar.

Luíza suspirou fundo. Quanta coisa se havia passado desde a última vez em que estivera naquela casa! Como explicar às duas amigas tudo que estava aprendendo, tudo que estava vivendo?

-- Bom, Dona Nenê, a história é longa, mas posso dizer que a parte boa dela começou aqui, naquele dia em que conversamos e a senhora me falou de como Deus, que podia, mas não estava mudando as circunstâncias, talvez quisesse *me* mudar.

-- Sim, eu me lembro disso -- comentou Dona Nenê. Enedina também assentiu com a cabeça.

-- Só que eu não *queria* mudar, essa é que é a verdade. Fui lutando e resmungando, reclamando, azeda, triste, tudo o que a senhora possa imaginar. Fiquei uns dias sem falar quase nada com o Carlos. Para falar a verdade, eu nem olhava para ele! -- Agora que estava pondo em palavras tudo o que havia acontecido, a própria Luíza se surpreendia com a feiúra da realidade.

-- Por que não veio conversar um pouco, Luíza? -- inquiriu Dona Nenê. -- Às vezes, ajuda bastante, nem que a gente não resolva nada. Só botar tudo para fora...

-- Ah, eu sei, Dona Nenê -- acudiu Luíza. -- Bem que pensei nisso diversas vezes. Mas no fim foi bom eu não ter vindo. Nem com a Enedina eu podia me abrir mais. Já tínhamos falado de tudo tantas vezes que a deixei tão confusa quanto eu. Por isso, sem ter a quem recorrer, corri para Deus mais depressa.

Os olhos de Dona Nenê e de Enedina estavam cravados no rosto de Luíza.

-- E daí? -- incitou Enedina.

-- Daí, antes de ontem, levantei e percebi que não agüentava mais. Não agüentava nem eu mesma. Quando vi, berrei por socorro. E apelei para a Pessoa certa. Sabe, Dona Nenê, Deus falou ao meu coração e me mandou resolver a situação entre mim e o Carlos, pois a nossa desavença não era do Seu agrado. Eu estava esperando que Carlos, tão espiritual, sendo pastor e tudo o mais, fizesse alguma coisa, que desse o primeiro passo. Por isso passamos tantos dias assim. Ceder foi realmente muito duro para mim. Mas foi comigo que Deus falou. Para dizer bem a verdade, não falou. Empurrou. Quando dei de mim, estava indo falar com o Carlos. E levando um cafezinho para o marido que tanto me havia magoado, com rosa e tudo!

Dona Nenê e Enedina tinham uma expressão idêntica de surpresa no rosto. Enedina repetiu, como quem não consegue acreditar:

-- Com rosa e tudo?

Luíza, um enorme sorriso iluminando o rosto, repetiu:

-- Com rosa e tudo.

-- Louvado seja Deus!

Dona Nenê se erguera de chofre, e agora se agarrava ao pescoço de Luíza, fungando um pouco.

-- Deus seja louvado, minha filha! -- exclamou de novo a velha senhora. -- Não é à toa que você está com esse sorriso todo. Ah, que bom, Luíza!

Enedina olhava a cena sem entender direito.

-- Fico contente por eles terem feito as pazes, Mamãe, mas por que esse barulho? O que estou deixando de ver aqui?

Sentando-se novamente, Dona Nenê voltou-se para a filha:

-- Dina, fazer as pazes, como você diz, é sinal de que o amor de Deus está mandando em nós. Tomar a iniciativa de fazer as pazes é sinal de que estamos obedecendo a Deus e fazendo uma coisa difícil. A rosa que Luíza ofereceu foi o toque da graça. É assim que Deus faz conosco. Ele não só nos perdoa, mas joga as nossas transgressões no fundo do mar. E nos abençoa. Ninguém pode fazer o que Luíza fez se não por Deus. Foi esse o motivo de eu ter ficado tão feliz.

-- E o melhor de tudo, Dona Nenê, é que Deus tirou a minha raiva e a minha amargura quando perdoei o Carlos. E ele também me perdoou. Agora, estamos unidos para o que der e vier. E em paz, porque sabemos que tudo que nos acontecer será transformado em bem para nós, pois amamos a Deus. -- Lembrando-se da história de José, Luíza continuou: -- Só espero que não precise chegar ao ponto de termos de ir parar na cadeia.

-- Luíza! -- exclamou Enedina horrorizada. -- Nem fale uma coisa dessas!

Pelo tom da amiga, Luíza deduziu que a idéia já lhe passara pela cabeça.

Dona Nenê interveio:

-- Calma, Dina. Se Deus quiser, nada vai acontecer com o Carlos. Acho que o povo da igreja, mesmo sendo atizado, ainda tem o coração no lugar certo. E a verdade de Deus prevalecerá! -- concluiu ela energicamente.

-- Amém! -- disseram em coro as duas mulheres mais jovens.

-- Então, por que não concordamos com Deus a respeito disso agora mesmo? -- sugeriu Dona Nenê. Cabeças baixas, olhos fechados, mãos entrelaçadas, as três mulheres derramaram seus corações diante de Deus, em louvor, súplica e ações de graça

*Aqueles Que Esperam no Senhor*

-- Luíza, Luíza -- chamou Carlos da porta do gabinete.

Luíza, que se aprontava para ir trabalhar, jogou o roupão sobre a combinação, e foi correndo, assustada com o tom de voz urgente do marido.

Carlos já se encontrava sentado em sua cadeira atrás da escrivaninha. Luíza entrou esbaforida, esperando alguma desgraça, e deu de cara com um rosto radiante. O choque a desnorteou, e ela ficou parada no meio do cômodo, olhando para o marido, esperando alguma explicação.

Carlos levantou-se, levou-a até a cadeira com uma gentileza exagerada, fazendo graça.

-- Sente-se, meu bem, senão você vai cair de susto.

Luíza sentou-se à força. Queria ficar em pé. Sentia que, se fosse alguma coisa ruim, preferia estar em posição de luta, não por baixo.

Carlos sentou-se à sua frente, tentando, sem grande sucesso, esconder o sorriso largo que ia de orelha a orelha.

-- O que é, Carlos? Fale logo, homem! Está me matando de curiosidade.

-- Luíza, adivinhe quem me telefonou agora cedo?

Luíza não fazia a menor idéia.

-- Foi o Rev. Enéias de São Paulo. Você se lembra dele? Ele veio aqui há uns três anos e ficou conosco.

Não, Luíza não se lembrava desse pastor em particular. Tantos pastores já haviam passado por sua vida e por sua casa!

-- Pois bem -- continuou Carlos, vendo que a esposa nada dizia, -- ele está precisando de alguém para pastorear uma nova igreja que está sendo formada, e se lembrou que talvez eu quisesse ir para São Paulo. Por isso, telefonou me convidando.

Luíza ficou sentada ali, mil pensamentos rodopiando em sua cabeça. Ir para São Paulo? Morar perto da mãe e das irmãs? Ai, como seria bom! Mas, e Carlos? Era isso o que queria? Ele parecia bem feliz.

-- Nem sei o que dizer, Carlos. Acho que a idéia de sair daqui não me passava pela cabeça -- falou Luíza, a voz estrangulada pela emoção.

-- Pela minha, então, nunca! -- continuou Carlos. -- Mas de onde você acha que saiu esse convite, neste dia exato?

-- Quer dizer que Deus vai nos tirar daqui? -- perguntou Luíza.

-- Não sei se vai. Mas o que Ele está mostrando é que pode fazer qualquer coisa, a qualquer momento. Você não está vendo? Eu não sabia de nada, e meu nome estava sendo indicado para uma boa igreja em São Paulo.

Agora Luíza estava confusa.

-- Não estou entendendo, Carlos. Você está dizendo que Deus abriu uma porta para nós, mas que talvez não seja para usarmos essa porta?

-- Bem, primeiro que o Rev. Enéias só ligou para saber se eu estaria interessado. Se estiver, eles vão apresentar meu nome, mas quem escolhe é o presbitério. É que, com a apresentação dele, o lugar está quase garantido.

-- Você contou a ele o que está acontecendo aqui? -- perguntou Luíza, receosa de ver a porta maravilhosa fechar-se.

-- Conteí um pouco. Ele não pareceu nada surpreso. E sabe o que me falou? Que nenhum pastor pode se considerar pastor de fato enquanto não tiver enfrentado algo parecido. Disse também que estará orando por nós esta noite.

O coração de Luíza se distendeu em seu peito, e ela suspirou aliviada.

Carlos, mais sério agora, segurou as mãos dela, e olhando-a com firmeza, falou:

-- Meu bem, independente do que aconteça esta noite, este foi um sinal que Deus me deu de que está cuidando de mim, de nós. Colocamos no Senhor a nossa confiança, e Ele nos defenderá. No tempo certo. Podemos ficar tranquilos.

Luíza levantou-se.

-- Aonde você vai? -- perguntou Carlos, erguendo-se também.

Ela fez um gesto para detê-lo.

-- Espere um pouco. Quero lhe mostrar uma coisa. Já volto.

Correndo ao quarto, Luíza tomou sua Bíblia, que ainda estava aberta sobre o cama, e levou-a ao marido.

-- Queria que você visse o que eu estava lendo agora cedo -- disse ela, apontando.

-- Salmo 25?

-- Isso. Leia o versículo 3.

Carlos correu rapidamente os olhos pelos três primeiros versículos e, com uma expressão pensativa devolveu a Bíblia à esposa, repetindo lentamente: -- "Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado."

-- Já começou, querido. Você pode esperar de cabeça erguida o resultado da assembléia. Não será envergonhado. Há pessoas que reconhecem seu valor, e não duvidam da sua honestidade.

-- Eu sei. Mas não é só em São Paulo, não. Muita gente tem vindo falar comigo, oferecendo seu apoio. Estou tranquilo. O que diz o resto do versículo 3? "Envergonhados serão os que, sem causa, procedem traiçoeiramente." -- Abraçando a esposa, ele concluiu: -- Deus é quem sabe.

-- Estou pensando uma coisa! -- exclamou Luíza, inspirada. -- Vou fazer um banquete hoje no almoço. Vamos celebrar já, antes de sabermos o resultado da assembléia.

-- Com bolinho de batata?

-- Bolinho de batata e frango frito.

-- Hummmm -- fez Carlos, o nariz espetado no ar como se já aspirasse o cheiro de sua comida favorita. -- Maravilha! Já estou babando!

Agarrando a cintura da esposa, ele se pôs a rodopiar com ela pelo espaço exíguo do gabinete.

-- Reverendo, olhe a dignidade! -- caçou Luíza, adorando a brincadeira.

-- Que dignidade pode competir com bolinho de batata e frango frito?

Desvencilhando-se do marido com um beijo rápido, Luíza saiu depressa antes que ele a agarrasse de novo. Se ficassem em beijos e rodopios, não haveria nem frango frito nem bolinho de batata para o almoço!

\* \* \*

A refeição, preparada com capricho, foi muito apreciada. O ambiente alegre contribuiu para que os meninos desfiassem as últimas piadas aprendidas na escola, a ponto de Carlos perguntar:

-- O que mais vocês fazem por lá além de contar piada?

-- Ah, Paizinho, jogamos futebol! -- foi a resposta matreira de Carlinhos.

-- Só na hora do recreio, espero -- interveio Luíza.

-- Mãe, sabe o que a Dona Maria me disse hoje? -- foi a vez de Lucas se manifestar.

Sem esperar resposta, ele fez uma cara azeda que fazia lembrar bastante a da professora de Português, e arremedando o timbre carregado da mestra, falou:

-- Moço, sua redação está muito prolixa, por isso vai p'ro lixo.

Carlos e Luíza caíram na risada. Carlinhos falou:

-- Não entendi.

-- É um trocadilho -- explicou o pai. -- Prolixa significa extensa demais. E redação assim só serve para o lixo.

-- E foi mesmo p'ro lixo? -- quis saber Carlinhos.

-- Foi -- admitiu Lucas. -- Da próxima vez, não passo de dez linhas. Quero ver o que ela vai dizer!

Servindo-se de mais um bolinho, Carlos falou:

-- Vamos mudar de assunto um pouco. Vocês estão sabendo que vai haver uma assembléia muito importante na igreja hoje à noite. Já oramos por ela quando demos graças, mas eu gostaria que vocês dois orassem em particular por todos nós da igreja.

-- Eles 'tão brigando com você, Pai? -- perguntou Carlinhos.

-- Sim e não, filho. Está havendo um mal-entendido e estamos pedindo que Deus esclareça tudo. Por isso estou pedindo que orem a respeito.

Os dois garotos, com a boca cheia de bolinho, apenas acenaram afirmativamente com a cabeça. A atitude calma dos pais tranqüilizou suas dúvidas.

\* \* \*

Luíza saiu para o Grupo com preguiça. Ia sempre animada, fazendo planos de trabalho, mas naquele dia sua mente não conseguia se desligar da grande preocupação que envolvia toda a família. Agora até os meninos davam mostras de apreensão, embora tivessem prometido orar pela reunião da noite. Luíza se preocupava com o impacto que todas aquelas coisas desagradáveis pudessem ter sobre a fé juvenil dos dois filhos. E se ficassem arrepiados com a igreja? Quanto filho de pastor ela já ouvira dizer que se havia afastado por causa dos problemas que o pai sofreu na igreja! *Tenho de falar com o Carlos sobre isso, pensou Luíza. É melhor ele ter uma boa conversa com os dois, saber o que estão pensando, cortar o mal pela raiz.*

Imersa em seus pensamentos, Luíza quase deu de encontro com uma senhora que saía da mercearia, protegida por uma sombrinha espalhafatosa. Pedindo desculpas, Luíza se afastava um pouco para deixar a mulher passar primeiro quando ouviu seu nome:

-- Luíza! Nossa, quanto tempo!

Luíza estava diante de Dona Geni. A mulher não mudara quase nada: voz ardida, ar severo, nariz espetado no ar, pele ainda esticada mas com uns sulcos profundos ao lado da boca, cabelo preso em coque na nuca, roupa surrada embora muito limpa.

Luíza não estava disposta a esticar a conversa, mas Dona Geni parecia não ter pressa.

-- Faz tempo mesmo, Dona Geni. Como a senhora tem passado?

-- Não muito bem, Luíza. Tenho lá os meus problemas. Mas, com a graça de Deus, a gente vai vivendo. E vocês, como vão? Como está o Reverendo?

Era uma indireta ou uma pergunta amável, interessada? Pelo ar da interlocutora, Luíza não poderia dizer. Aquele impulso que a movera antes a buscar a reconciliação com Carlos pressionou-a de novo, e ela se viu dizendo algo que jamais pensaria em dizer àquela mulher.

-- Ele está bem, graças a Deus, mas também temos tido diversos problemas, Dona Geni. Gostaria de pedir que orasse por nós. A senhora faria isso? Especialmente hoje.

O olhar da mulher era enigmático.

-- Por que hoje, Luíza? Alguma coisa está acontecendo?

Luíza realmente não queria contar nada. Nem deveria. Aquele era um problema da igreja deles, e não havia necessidade de ninguém mais ficar sabendo. Mesmo assim, agora precisava responder à pergunta de Dona Geni.

-- Sim, Dona Geni. Teremos uma assembléia muito importante esta noite e estamos pedindo que Deus esteja presente, orientando toda a reunião. E precisamos das orações de todos os nossos irmãos.

Agora Luíza viu uma mudança no semblante de Dona Geni. Sua expressão suavizou-se, e sua voz foi um pouco menos ardida quando ela falou:

-- Claro que estarei orando, Luíza. Vou convidar algumas senhoras para irem à minha casa esta noite, e faremos uma vigília de oração. Todos da nossa igreja devem muito ao Reverendo -- aqui Dona Geni fez uma pausa quase imperceptível - e a você.

-- Não nos devem nada, Dona Geni. O trabalho é de Deus. Mas agradeço muito suas orações por nós. Vou contar ao Carlos e ele também vai ficar muito feliz.

Quando as duas se despediram, Luíza sentiu uma grande paz. Toda a má vontade que tivera para com Dona Geni se fora. *Por que?* perguntou-se ela. *Será que Dona Geni mudou tanto assim? Ou fui eu que mudei?*

Deus estava operando muitos milagres aquele dia!

Luíza apressou o passo. Apesar do calor ter-se abatido um pouco, ela ainda chegou suando ao grupo. Mas o encontro com Dona Geni valeu o atraso e a corrida posterior. Mais uma vez, Luíza teve a sensação de que um bálsamo perfumado e refrescante fora derramado sobre sua cabeça, abençoando-a e confirmando a sensação de paz que a inundara desde que fizera as pazes com Carlos.

*Senhor, como é bom andar nos Teus caminhos!* pensava ela enquanto guardava a bolsa e a sombrinha no armário e puxava a cadeira de trás da sua mesa. Ainda bem que tinha bastante trabalho para fazer. Do contrário, como poderia suportar as horas que se passariam até que soubessem o resultado da reunião?

Abrindo o caderno de anotações à sua frente, ela tomou a caneta e pôs-se deliberadamente a escrever.

\* \* \*

Enedina esperava por ela na saída.

-- Vamos tomar um sorvete! -- exclamou enfaticamente.

-- Nada disso -- retrucou Luíza, com igual ênfase. -- Estou de regime!

A amiga caiu na risada.

-- Desde quando?

-- Desde. . . desde . . . agorinha mesmo. Não, sério, desde que Dona Dalila teve de me medir e esconder de mim quanto minha cintura havia aumentado tenho tomado cuidado com o regime. Não quero engordar mais.

-- Você não está gorda -- protestou a amiga.

-- E nem quero ficar. Uma sílfide não serei jamais, mas pelo menos quero ser uma senhora elegante.

-- Está bem. Não vou tentá-la. Mas, então, como vamos conversar um pouquinho?

-- Vamos lá em casa -- convidou Luíza.

A outra fez ar de dúvida.

-- Não posso demorar. Tenho de dar o jantar do Olívio antes de irmos para a igreja.

-- Ai, Enedina, você tinha de mencionar isso. Lá vem a minha dor de barriga de novo.

A amiga abraçou-a carinhosamente.

-- Fique tranqüila, Luíza. Estamos todos orando há dias por essa reunião. Sei que a verdade prevalecerá e este aborrecimento será enterrado bem depressa.

-- Deus te ouça.

As duas continuaram andando, falando sobre coisas corriqueiras, tentando ignorar a pontinha de medo que as fustigava por dentro.

Enedina tinha um propósito bem específico para a visita - uma mensagem de Deus para eles.

Um frescor delicioso as acolheu quando chegaram à casa de Luíza. Não havia mais ninguém por ali e as duas sentaram-se à mesinha da copa. Luíza trouxe uma jarra de limonada e dois copos, que colocou entre elas sobre a mesa. Com um gesto decidido, Enedina afastou a jarra para o lado e tomou as mãos de Luíza nas suas.

-- Luíza, vim aqui porque Deus me falou muito fortemente hoje algo que quero partilhar com você.

Luíza esperou em silêncio.

-- Eu estava lendo o Salmo 25 hoje de manhã e diz ali que aqueles que esperam em Deus não serão envergonhados.

Um arrepio subiu pelas costas de Luíza até a nuca, e desceu pelos braços.

-- Olhe como estou arrepiada, Enedina.

A amiga olhou e confirmou com a cabeça.

-- Sabe que foi a mesma mensagem que li para o Carlos hoje de manhã? E sabe que ele recebeu hoje um convite para pastorear uma igreja em São Paulo?

O rosto de Enedina ia se iluminando à medida que Luíza falava.

-- E você nem me disse nada, sua poaia!

-- Carlos disse que o convite é uma confirmação de que Deus está cuidando de nós, e que mesmo que a reunião de hoje não saia como gostaríamos, não ficaremos na mão.

Enedina fez uma careta.

-- Nem fale nisso. Vai dar certo, sim. Ainda precisamos muito de vocês aqui. E o fato de nós duas termos recebido a mesma mensagem, o que me diz disso?

-- Fico arrepiada!

As duas bebericaram a limonada gelada em silêncio. De repente, o que estava por acontecer aquela noite adquirira um significado muito maior do que elas haviam imaginado. A "coincidência" da mensagem que as duas haviam recebido as impressionou.

Enedina despediu-se logo e Luíza a acompanhou até a calçada, onde ficou vendo a amiga afastar-se.

\* \* \*

Ninguém poderia dizer ao certo como transcorreu o jantar daquela noite. Falaram de muitas coisas, oraram e os meninos foram para o quarto, deixando Carlos e Luíza a sós.

Carlos tentava se concentrar na leitura de um livro, mas Luíza sentia na pele a inquietação do marido. As horas custavam a passar. Lá pelas dez horas, Luíza não agüentou mais.

-- Sabe de uma coisa? Vou tomar um bom banho e vou me deitar.

Carlos olhou o relógio e perguntou:

-- Enedina disse que telefonaria?

-- Disse. Mas se ficar muito tarde, pode ser que ela deixe para amanhã.

Carlos deu um leve gemido.

-- Venha, meu bem -- intimou Luíza. -- Vamos deitar. Se o telefone tocar a gente corre atender. Se não, aproveitamos para dormir mais cedo hoje.

Dormir. Será que conseguiriam dormir?

Carlos acedeu à sugestão de Luíza.

-- É melhor mesmo. Já li este parágrafo dez vezes e não tenho a menor idéia do que diz. Vamos deitar -- disse ele, fechando o livro.

Luíza permitiu-se o luxo de ficar uns bons dez minutos debaixo do chuveiro. A água morna lhe lavava o corpo, da cabeça aos pés, e ajudava a relaxar os músculos tensos, enquanto ela tentava não pensar em nada.

Enfiando-se sob o lençol fino, Luíza percebeu que a temperatura estava agradável. Teriam uma noite fresca.

Carlos dirigiu-se ao banheiro e logo Luíza ouviu o barulho do chuveiro. Quando ele voltou ao quarto abotoando o paletó do pijama, os cabelos úmidos, os olhos muito azuis, Luíza teve de admitir para si que ainda era apaixonada pelo homem com quem se casara. Uma grande ternura invadiu seu coração ao notar quanto havia aumentado o número de fios prateados nos cabelos loiros desde a última vez que os notara. As rugas também marcavam mais acentuadamente a pele muito clara, tostada pelo sol forte do sertão. Apesar de não ser mais um mocinho, Carlos ainda era um belo homem.

E ela era dele, pensou Luíza com gratidão. Lutaria pelo bem dele com todas as suas forças. E naquela noite, em que tanta coisa pendia na balança, queria amá-lo como esposa amante e apaixonada. Como uma noiva tímida e anelante em sua noite de núpcias, ela afastou o lençol para ele se deitar.

\* \* \*

O toque estridente do telefone, mesmo abafado pela distância, fez Luíza, que mal acabara de adormecer, sentar-se de chofre na cama, o coração aos pulos. Carlos já não estava ao seu lado. No silêncio da casa, a voz dele ecoava como que vindo de muito longe.

Meu Deus, quem poderia ser? Seria Enedina? Acendendo a luz da cabeceira, Luíza consultou o despertador. Quase meia-noite! Só podia ser Enedina. Ou então, alguma emergência desagradável.

Luíza resolveu acabar com a agonia da dúvida. Procurando com os pés os chinelos no tapetinho ao lado da cama, ela nem se preocupou em colocar o roupão, e saiu pisando leve rumo ao gabinete. No escuro, deu de encontro com Carlos, que já voltava para o quarto na ponta dos pés. Luíza quase soltou um berro. Segurando-lhe firmemente o braço, Carlos conduziu-a de volta ao quarto, puxando a porta atrás de si.

-- Quem era, Carlos? -- perguntou Luíza mesmo antes de a porta se fechar.

Ele recostou-se contra a folha da porta sem nada dizer. Luíza tremeu. O que poderia ter acontecido?

-- Era Enedina -- falou ele.

-- E?

-- E a assembléia terminou agora pouco. Ela acabou de chegar em casa. Disse que conta os detalhes amanhã, mas que já ficou tudo explicado, e meu nome está limpo.

Luíza sentiu uma fraqueza súbita nos joelhos e teve de sentar-se na beira da cama. Só então percebeu quanto aquele resultado significava para ela.

-- Deus seja louvado -- falou ela com voz sumida.

-- Amém -- respondeu o marido, sentando-se ao lado dela e tomando-lhe a mão. -- Vamos agradecer? -- perguntou.

-- Sim, sim -- disse Luíza com fervor.

O que estaria sentindo se o resultado tivesse sido diferente? Mas não precisava pensar nisso agora. Só precisava se lembrar de que Deus estava no controle de *todas* as coisas.

Uma oração tocante e comovida da parte de Carlos e um amém vigoroso da parte de Luíza encerraram aquela noite.

O que o amanhã traria? *Basta a cada dia o seu mal*, pensou Luíza agradecida.

\* \* \*

Enedina passou pela casa do pastor logo de manhãzinha. Queria inteirar o casal dos detalhes da reunião.

-- Gente, vocês nem imaginam como a igreja estava cheia! Todos queriam falar. E sabem o mais interessante? O Pedro nem apareceu por lá. Mandou o Acácio fazer o trabalhinho sujo dele. Quando o Acácio começou a falar de dinheiro sumido e tal, mas Seu Josias pediu a palavra e contou algumas coisas que ninguém na igreja sabia, inclusive que você nunca ficou com o salário que a igreja lhe paga, Carlos.

Ao notar o ar de contrariedade de Carlos, Enedina explicou depressa:

-- Pode ficar tranqüilo que não foi revelado como você emprega esse dinheiro. Algumas pessoas podem ter desconfiado, mas nada foi falado claramente. Tiveram de acreditar no que seu Josias falou. Ele disse que tem provas e que quem duvidasse de sua palavra, podia procurá-lo para ver por si mesmo.

Enedina se deteve um pouco para recobrar o fôlego pois estivera falando qual matraca.

A essa altura, Luíza e Carlos estavam sorrindo, e achando uma graça enorme na aflição da amiga em dar todos os detalhes da reunião.

-- Ah, e vocês nem acreditam quem também estava lá, embora já não seja da nossa igreja há algum tempo.

Antes que qualquer um dos dois tivesse tempo de questionar ou aventar um palpite, Enedina continuou:

-- Você se lembra da Dona Rosa?

-- Não acredito! -- exclamou Luíza.

-- Pois pode acreditar. Ela pediu a palavra e passou uma descompostura no pessoal. Disse que isso não era coisa que se fizesse com um servo do Senhor que vinha servindo com tanta dedicação à congregação, etc..etc.. Falou que, embora tenha ido para outra igreja, jamais teria uma palavra que fosse para dizer sobre o Carlos a não ser que ele é um verdadeiro pastor, sempre preocupado com suas ovelhas. Carlos pigarreou para disfarçar a emoção que estava sentindo. Luíza o fitou, viu os olhos úmidos e foi sentar-se ao seu lado, segurando-lhe a mão.

-- Vocês precisavam ter visto. Os que quiseram falar mal do Carlos foram logo silenciados pela maioria e acabaram indo embora antes de a reunião terminar. Aí ficamos lá mais um pouco, fazendo alguns planos. Saímos quase à meia-noite.

-- Que planos? -- perguntou Carlos.

Enedina desconversou.

-- Ah, conversa mole de fim de reunião. O finalmente disso tudo é que vocês nem imaginam como são estimados. Luíza -- falou ela voltando-se para a amiga, -- você se lembra daquela filha da Dona Dalila que você foi visitar no hospital quando ela teve nenê?

-- Vagamente -- respondeu Luíza. -- Por quê?

-- A mãe e a filha fizeram questão de falar da assistência que você lhes deu quando morreu o marido de Dona Dalila, de como você encaminhou os meninos no grupo, e do cobertorzinho que levou para o nenê, e que serviu para todos os nenês da família que vieram depois.

-- É verdade? -- retorquiu Luíza admirada. -- Mal me lembro de tudo isso. Lembro-me de quanta pena senti de Dona Dalila, que ficou viúva tão moça.

- Pois é, mas ela se lembra muito bem. Eu sei que vocês não poderiam estar lá, mas ficariam emocionados com o testemunho bonito que deram sobre vocês dois. Eu sei que eu fiquei. E muito orgulhosa de poder ser chamada de amiga, além de irmã.

Agora as lágrimas corriam livres pelo rosto de Carlos e Luíza. Senhor, como era bom poder chorar de alegria! Abraçaram-se os três ao mesmo tempo.

Quando Enedina saiu, Carlos falou:

-- Agora precisamos contar aos meninos.

-- Vamos aproveitar o horário do almoço -- respondeu Luíza.

-- Ótimo.

Luíza já ia voltar ao quarto para arrumar a cama quando ouviu passos na varanda. Espiando pela janela, falou baixinho:

-- Tem um grupo grande de gente da igreja aí fora, Carlos. Vou acabar de me aprontar. Você atende?

Fazendo que sim com a cabeça, Carlos dirigiu-se à porta, enquanto Luíza escapulia para dentro da casa. *Acho melhor eu me aprontar logo. Carlos pode precisar de mim lá no gabinete. Acho que vamos ter um dia movimentado hoje,* pensou ela apressando-se.

\* \* \*

Durante o almoço Carlos contou tudo aos garotos, inclusive a visita que recebeu de uma comissão da igreja.

-- Eles tiveram a cara dura de vir aqui depois do que fizeram? -- perguntou Carlinhos ainda indignado com toda a situação.

-- Filho, houve um mal-entendido, instigado por uma pessoa maldosa, que levou alguns irmãos nossos na conversa. Mas já foi tudo esclarecido. Não há mágoa nem rancor.

-- Mas, Paizinho, o Pedro e o Acácio também não são crentes? -- perguntou Carlinhos ainda inconformado.

-- Pode ser que sim, mas pode ser que não, filho. Há muitas pessoas que freqüentam a igreja apenas. Você se lembra de quando Jesus falou do joio que é semeado no meio do trigo? -- O ar de dúvida do filho o levou a explicar melhor. -- Isso quer dizer que há pessoas que estão na igreja, mas não são seguidoras de Jesus. E pode até ser que o Acácio tenha realmente pensado que estava certo e que devia esclarecer a coisa.

-- Ah, Pai! -- exclamaram os dois filhos em uníssono.

-- Pode ser -- teimou Carlos. -- Nós não podemos conhecer o coração das pessoas, meninos. Só Deus pode. Por isso é que Ele nos diz que não devemos julgar os outros. E só Ele sabe de verdade quem são os Seus filhos. -- Carlos fez uma pausa, esperando que tudo aquilo entrasse na cabeça dos filhos. -- Em todo caso -- continuou depois de algum tempo, -- Deus permitiu que toda essa confusão acontecesse para pôr em pratos limpos muita coisa que precisava ser dita. A comissão que veio aqui trouxe um pedido formal de desculpas da assembléia. E um pedido encarecido para que eu continue como pastor.

-- Ah, é? -- fez Luíza. Com o coração aos pulos, ela continuou: -- E você já resolveu?

O marido meneou lentamente a cabeça, enquanto fisgava um pedaço de melancia no prato, dizendo:

-- Ainda precisamos conversar sobre isso. Como família. Afinal, o Lucas e o Carlinhos já estão grandes, e devem participar das nossas decisões.

Os dois garotos se empertigaram na cadeira, com ar de importância, e ficaram olhado do pai para a mãe.

-- E não quero mais resolver nada importante sem primeiro ouvir o que *você* pensa a respeito -- concluiu Carlos, fitando intensamente a esposa.

Luíza falou com entusiasmo:

-- Então, está bem. Esta noite. Vou mandar a Mercedes fazer um bolo de fubá para comermos com chá, nem que o meu regime vá para o bebeléu. Será uma grande celebração!

\* \* \*

Carlos esperava Luíza quando ela chegou da escola.

-- Venha aqui um pouco, meu bem. Preciso contar-lhe uma coisa.

Depois que ela estava sentada na poltrona, Carlos recostou-se contra a escrivaninha à frente dela. Luíza aguardou com tranqüilidade que ele falasse.

-- Depois que você saiu hoje, o Zé Costa veio me procurar.

-- Ah, é? E por quê, posso saber?

-- Veio pedir perdão, meu bem. Ele me contou quanto tem sido influenciado pelo Pedro. Parece que o nosso homem é mesmo um espertalhão e soube jogar direitinho o Zé contra mim, sempre apoiando o Zé nas coisas em que divergimos, fazendo com que ele pensasse que eu estava prejudicando a igreja por causa de certas decisões que tive de tomar. Acho que o Pedro pensava que me tiraria do pastorado, e o Zé ficaria no meu lugar. Então ele poderia controlar as coisas a seu gosto, pois comigo nunca conseguiu muita coisa.

O ar de incredulidade de Luíza fez Carlos cair na risada, uma risada alegre, aliviada.

-- Sei o que está pensando, meu bem, mas só caí na conversa dele no que dizia respeito à nossa vida particular. Nos negócios da igreja, nunca cedi naquilo em que eu discordava dele. Por isso ele preferia ver o Zé no meu lugar. O Zé ele podia controlar.

Luíza ficou pensativa por uns momentos. Depois, ergueu-se e caminhou deliberadamente até o marido e, segurando o rosto dele com as duas mãos, beijou-o com ternura.

-- Por que isso? -- perguntou Carlos, segurando-a contra si.

-- Por você ser como é -- respondeu ela.

Depois de alguns momentos, ela perguntou:

-- E, afinal, você perdoou o Zé?

-- Claro que sim, meu bem. Se eu fui perdoado, como podia deixar de perdoá-lo? Mas parece que o pessoal daqui está muito agastado com ele. Na reunião, eles o encostaram contra a parede e ele não pôde se defender.

Pusemos tudo em pratos limpos, mas achei melhor ele sair daqui por uns tempos. Ele concordou, e disse que sempre quis começar um trabalho do nada, como eu fazia quando cheguei aqui. Assim, vamos estudar um campo novo para ele abrir.

-- Deus permita que a experiência o tenha tornado mais sábio -- disse Luíza, dando por encerrada a conversa e todo aquele episódio.

\* \* \*

Eram nove horas da noite. A temperatura, mais amena, refrescava a copa onde a família estava reunida em torno da mesa. O bolo da Mercedes estava no centro, e um bule de chá, sobre a bandeja, soltava uma fumacinha pelo bico, inundando o ar com o cheiro suave de erva cidreira.

Os olhos de Luíza correram de um para o outro dos seus, e uma alegria e uma paz indescritíveis inundaram seu coração. *Este é meu lar*, pensou ela. *Não a casa, não as coisas materiais, mas uma família amorosa, reunida, conversando. E isto eu terei mesmo que perca todas as coisas materiais.*

Os meninos iniciaram a conversa com as piadas que sempre traziam de um dia na escola enquanto Luíza servia o chá e cortava o bolo. Lucas levantou-se e foi buscar a jarra de limonada, sempre pronta na geladeira, e um copo.

-- Alguém mais quer? -- perguntou ele.

-- Traga um copo para mim também -- pediu Carlinhos.

-- E aí, Paizinho? -- inquiriu Lucas enquanto dispunha os copos e a jarra sobre a mesa.

-- Aí, filho, é que precisamos conversar. Temos uma proposta daquela igreja de São Paulo. Se quisermos ir embora, temos para onde ir. Se quisermos ficar, a igreja aqui quer que continuemos. Estive orando a respeito disso, mas não tenho ainda nenhuma boa indicação do que Deus quer que eu faça. Alguma idéia?

Carlos olhou para Luíza. Ela ia dizer alguma coisa quando o telefone tocou.

-- Lucas, você pode atender? -- perguntou ela ao filho.

Lucas levantou-se da mesa e saiu em direção ao corredor.

Carlos aproveitou para concentrar a atenção em Carlinhos.

-- Filho, se ficasse por sua conta resolver, o que faria?

-- Não sei, Paizinho. Gosto daqui. Todos os meus amigos estão aqui.

-- Mas em São Paulo temos a vovó e os tios -- interveio Luíza.

A expressão de Carlinhos não mudou. Para um adolescente, os amigos eram mais importantes do que parentes mais velhos.

Lucas, que voltava à copa, ouvira a observação da mãe.

-- Por falar em tios -- observou ele, -- era o Tio Silas. Ele quer falar com você, Mãezinha.

Luíza se admirou.

-- O Silas?! Ele falou o que queria?

-- Falou sobre uns papéis que você precisa assinar, mas não entendi direito.

-- Ah! -- lembrou-se Luíza. -- Já sei. São os papéis do inventário de Papai. Até que não demorou muito para aprontarem tudo.

Enquanto ela atendia ao telefone, Carlos e os meninos deram conta de metade do bolo e quase acabaram com a limonada.

Luíza voltou alguns minutos depois, com uma expressão espantada no rosto que logo chamou a atenção dos outros três.

-- O que foi, Mãezinha? -- perguntou logo o Lucas, temendo uma notícia desagradável.

Luíza sentou-se antes de responder. Três pares de olhos estavam cravados nela.

-- Vocês não vão acreditar! O Silas ligou e disse que o inventário realmente ficou pronto e cada um de nós vai receber uma parte da herança que Papai deixou.

-- Oba! -- exclamou Carlinhos. -- Não sabia que Vovô era rico!

-- Ele não era rico, filho. Era um homem trabalhador, que fez bons negócios e sempre cuidou bem do que Deus lhe deu. E por isso agora pôde deixar um dinheirinho para cada filho. -- Mal as palavras lhe saíram dos lábios e Luíza queria morder a língua. Será que Carlos pensaria que estava dando uma indireta? Mas ele não falou nada.

-- Quanto? -- perguntou de novo Carlinhos.

Luíza leu a mesma pergunta no rosto de Lucas e Carlos.

-- Vai dar uns cem contos de réis para cada um. Além de uma casa daquele conjunto de sobrados geminados que ele construiu na rua Nilo.

Carlinhos assobiou baixinho.

-- Nada mau, ein?

Mas o pensamento de Luíza estava em outro número.

-- Carlos, você notou que é quase o total da nossa dívida? Se apertarmos um pouquinho, podemos pagá-la sem ter de vender a casa.

Fitando o marido, Luíza percebeu que a expressão de Carlos não era de alegria. Ele se levantou, dando por encerrada a reunião de família.

-- Amanhã conversamos mais. Estou bem cansando. Acho que vou me deitar.

Luíza lançou um olhar para os filhos, que estavam com cara de quem não entendiam nada.

-- Vou com seu pai. Guardem o bolo e a limonada e levem as coisas sujas e coloquem na pia, meninos. E não se esqueçam de apagar a luz.

\* \* \*

Carlos já estava no banheiro quando Luíza chegou ao quarto. *O que deu nele?* pensou ela, inquieta. *Pensei que ia ficar louco de alegria! Realmente não entendo esse homem.*

Talvez a sua desconfiança quando falara em o pai ter cuidado bem do que Deus lhe havia dado não fosse infundada e Carlos realmente tivesse achado que era uma indireta. O que não era verdade. Lembrando-se da expressão que sempre ouvira da mãe quando ficava frustrada, ela soltou em voz alta: -- Ô, homem!

Luíza arrumou a cama para a noite, dobrando com cuidado a colcha de crochê e colocando sobre a poltroninha que ficava diante da penteadeira. Esticou com capricho o lençol de baixo, que já estava meio enrugado e jogou sobre a cama o lençol de cima. De repente, diante da possibilidade de não ter de se mudar, cada objeto ali, cada ação que envolvesse as suas coisas ficavam muito preciosos, muito especiais. Luíza tinha de admitir que cerrara o coração para tudo aquilo a fim de não sentir muita dor quanto deixasse para trás o ninho que construía com tanto amor.

Apesar de esticar ao máximo as atividades de aprontar o quarto para a noite, ela acabou sem ter o que fazer. E Carlos ainda não saía do banheiro.

Impaciente, Luíza aproximou-se da porta. Não havia barulho de água correndo, nem o som de qualquer movimento. Assustada, ela ergueu a mão e deu duas pancadas secas enquanto chamava:

-- Carlos! Você está bem?

O trinco da porta girou e Carlos saiu do banheiro, enxugando o rosto que não lavara e os olhos avermelhados. Luíza viu que ele estivera chorando.

Consternada, sem saber o que pensar, ela só pôde exclamar:

-- Carlos! O que foi, meu bem?

Ele dirigiu-se à cama e sentou-se pesadamente, sem nada dizer.

-- Foi alguma coisa que eu disse? -- continuou Luíza, vendo que ele não parecia disposto a conversar. Ela não podia suportar a idéia de serem separados pelo silêncio de novo.

-- Você estava tão alegre, conversando. . . -- Agora Luíza estava raciocinando em voz alta, tentando entender sozinha o motivo do comportamento do marido. -- Foi depois que eu falei no dinheiro que vou receber e . . . É o dinheiro, não é?

Puxando a cadeira, ela sentou-se bem de frente para Carlos, esperando uma resposta.

-- É . . . é e não é -- respondeu ele, hesitando.

Resistindo à vontade de apressá-lo, ela nada disse. Carlos passou a mão pelos cabelos, abriu a boca para dizer alguma coisa, depois mudou de idéia e quis levantar-se para ir apanhar o pijama. Luíza o empurrou de volta para a cama.

-- Carlos, vamos conversar!

-- Ah, Luíza, o que adianta? O que eu fiz não pode ser desfeito.

-- Do que você está falando?

-- Do dinheiro, mulher, do dinheiro!

-- Ahn? -- Luíza realmente não estava entendendo nada. E Carlos não estava ajudando.

Ele fitou-a deliberadamente, e falou palavra por palavra.

-- Luíza, foi seu pai quem nos ajudou a comprar esta casa. Para falar a verdade, ele praticamente a comprou sozinho. Eu não cuidei do meu patrimônio como devia, como você falou que ele sempre fez. Por causa disso, íamos perder nossa casa. E agora, mais uma vez seu pai vem em nosso socorro. Mesmo depois de morto. É o dinheiro dele que nos permitirá continuar nesta casa que você tanto ama.

Os olhos de Luíza se arredondaram de compreensão.

-- Ah, então é isso! Carlos, eu não quis dizer. . . É por isso que você não está feliz com o presente que *Deus* nos está dando?

Carlos abanou a cabeça sem nada dizer. Luíza continuou:

-- Nas outras coisas que aconteceram, você viu a mão de Deus. E agora você não acha que esse é mais um sinal de que Deus está cuidando de nós?

A voz de Carlos, impaciente, interrompeu-a:

-- Luíza, esse dinheiro não deveria ir para pagar a *minha* dívida!

-- *Sua dívida?* Achei que já havia sido perdoada.

-- Sim, foi. -- Compreendendo o que a esposa dizia, Carlos falou com voz mais calma: -- Mas isso não anula as conseqüências.

-- Sabe, Carlos, está-me ocorrendo neste momento que  *você*  não pode anular as conseqüências do que fez, mas  *Deus* , sim. E é o que Ele está fazendo. Íamos perder a casa. Ele mandou os recursos para resgatá-la. O que mais podemos querer? Talvez Ele quisesse que eu aprendesse a ver o que é realmente importante: a casa ou a família. Logo antes de receber a notícia do dinheiro, eu já havia chegado à conclusão de que, enquanto estivermos juntos, unidos, em harmonia, não preciso de mais nada. Gosto da casa, quero conservá-la se possível, mas não preciso dela para ser feliz. E sei que você também não -- concluiu ela, sentando-se ao lado do marido e passando o braço em torno dele.

-- Você tem razão -- anuiu Carlos, a voz ainda incerta.

-- Sabe o que mais? Acho que você precisa  *se*  perdoar.

Agora Luíza tomou o rosto do marido nas mãos e obrigou-o a olhar de frente para ela.

-- Querido, passamos por muitas coisas que precisam ser deixadas para trás. Deus fez uma grande obra em nossas vidas. Eu não queria ter passado por tudo isso, mas agora que já foi, não queria  *não*  ter passado por elas. Foi uma caminhada difícil, mas aprendi muito. Vamos olhar para a frente, e para tudo de bom que Deus nos está dando. Que é o mesmo que tínhamos antes, só que agora aprecio muito mais o que tenho: nossa casa, o seu ministério nesta igreja . . .

-- Então você acha que devemos continuar aqui?

-- Sei que você é a pessoa ideal para curar as feridas que ficaram de toda essa confusão. E não se esqueça de que temos o velho sonho de construir o templo. -- Aqui Luíza se deteve, medindo bem o que ia dizer. -- Acho que temos de ficar pelo menos mais uns tempos, até chegarmos a um ponto concreto da construção, algo que marque o seu sonho, que não permita que ele seja enterrado. Não sei quando isso acontecerá, mas estou certa de que saberemos quando o momento chegar.

Carlos levantou-se solenemente, puxou Luíza para também ficar em pé, e com um quê de reverência, beijou-lhe a fronte, as faces e finalmente os lábios numa carícia prolongada que selou o novo começo de suas vidas.